



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO

CRISTIANE FERREIRA DE SÁ

A MULHER NA ORDEM DO DIA:
ESTUDO DE TEMAS EM *MALU MULHER* (1979\80)
E *MULHER* (1998\1999)

SALVADOR
2011

CRISTIANE FERREIRA DE SÁ

**A MULHER NA ORDEM DO DIA:
ESTUDO DE TEMAS EM *MALU MULHER* (1979\80)
E *MULHER* (1998\1999)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.

Orientadora: Profa. Dra. Ivira Iracema Alves

SALVADOR
2011

Revisão e Formatação: Vanda Bastos

S111 Sá, Cristiane Ferreira de
A mulher na ordem do dia: estudo de temas em Malu Mulher (1979/80) e
mulher (1998/1999) / Cristiane Ferreira de Sá. – Salvador, 2011.
239 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivira Iracema Alves
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas, 2011.

1. Mulheres. 2. Feminismo. 3. Indústria cultural. 4. Televisão. 5. Seriados.
6. Relação homem - mulher. I. Alves, Ivira Iracema. II. Universidade Federal da Bahia,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 305.42

CRISTIANE FERREIRA DE SÁ

**A MULHER NA ORDEM DO DIA:
ESTUDO DE TEMAS EM *MALU MULHER* (1979\80)
E *MULHER* (1998\1999)**

Dissertação aprovada no Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ivira Iracema Alves (NEIM/UFBA)

Profa. Dr^a Lindinalva Rubim (UFBA)

Profa. Dr^a Alvanita Almeida Santos (UFBA)

Salvador, 7 de julho de 2011

*Dedico este trabalho, com muito carinho,
ao marido e companheiro, Cristiano, por
me incentivar à busca de meus objetivos,
e a minha filha, Gabriele.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa caminhada;

A minha orientadora, Profa. Ivia Alves, pelo incentivo e questionamentos constantes;

A toda a minha família, pela paciência e por ter suportado as minhas ausências durante esses dois anos em que estive envolvida nesse processo;

Ao senhor Givaldo, pelas viagens diárias;

Às participantes dos grupos, pela presteza;

A Heloisa Buarque de Almeida, pela gentileza em ceder seus textos;

A uma força positiva e sobrenatural que eu chamo de Deus.

Ao CNPq e à Capes, pelo apoio financeiro;

A todos, muito obrigada.

*“Que nada nos defina. Que nada nos
sujeite. Que a liberdade seja a nossa
própria substância”.*
(Simone de Beauvoir)

RESUMO

A partir de uma visão crítica feminista e sob uma perspectiva de gênero, o presente trabalho tem como objetivo analisar os temas e discursos/imagens que envolvem os personagens principais dos seriados produzidos pela TV Globo, *Malu Mulher* (1979\80) e *Mulher* (1998\99). Busca-se, neste trabalho, aliar aos estudos críticos feministas, a Análise de Discurso Crítica (ADC), que dará suporte para identificar a ideologia presente nos discursos, e a análise das relações de gênero, que permitirá perceber as relações de poder que cercam as relações entre homens e mulheres. Faz-se uma comparação entre os dois tempos, em relação ao comportamento das mulheres entre as décadas de 1970 e 1990, aos avanços e os retrocessos, ao que os meios de comunicações de massa como revistas, jornais e televisão falavam sobre as mulheres. Conclui-se que, ao final dos vinte anos que separam os dois seriados houve um retrocesso, não só no comportamento das mulheres como, também, em suas representações na mídia.

Palavras-chave: Televisão. Seriados. Indústria cultural. Gênero. Feminismo.

ABSTRACT

From a critical feminist and a perspective on gender, this study aims to analyze the issues and speeches/images involving the main characters of the series produced by TV Globo *Malu Mulher* (1979/80) and *Mulher* (1998/99). Search, in this work, join the feminist critical studies, the Critical Discourse Analysis (CDA), which will permit to identify the ideology present in the speeches, and analysis of gender relations, which will permit to realize the power relations that surround relations between men and women. Makes a comparison between the two times, the behavior of women between the 1970s and 1990s, advances and backspaces, which means of mass communications such as magazines, newspapers and television were talking about women and concluded that at the end of the twenty years between the two series, there was a backspace, not only in the behavior of women as well as their representations in the media.

Key words: TV. Series. Cultural industry. Gender. Feminism.

LISTA DE SIGLAS

AA	Alcoólicos Anônimos
ADC	Análise de Discurso Crítica
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CFC	Conselho Federal de Cultura
CIM	Centro de Informação da Mulher
CNRC	Centro Nacional de Referência Cultural
CNT	Conselho Nacional de Turismo
Concine	Conselho Nacional de Cinema
DST	Doença Sexualmente Transmissível
Embrafilme	Empresa Brasileira de Filmes
Embratel	Empresa Brasileira de Telecomunicações
Embratur	Empresa Brasileira de Turismo
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
Funarte	Fundação Nacional das Artes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social
INC	Instituto Nacional de Cinema
MFA	Movimento Feminino pela Anistia
ONG	Organização Não-governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
Radiobrás	Empresa Brasileira de Radiodifusão
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
1 A TV COMO MEIO DE DISSEMINAÇÃO DO DISCURSO (DOMINANTE)	23
1.1 A TELEVISÃO ENQUANTO INDÚSTRIA CULTURAL	25
1.2 DISCURSO E IDEOLOGIA	28
1.3 OS DISCURSOS MUDIÁTICOS	31
1.4 A REDE GLOBO	33
1.4.1 Diferença entre Telenovelas, Minisséries e Seriados	38
1.4.1.1 <i>As Telenovelas</i>	39
1.4.1.2 <i>As Minisséries</i>	41
1.4.1.3 <i>Os Seriados</i>	42
2 UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE OS SERIADOS <i>MALU MULHER</i> E <i>MULHER</i>	46
2.1 O SERIADO <i>MALU MULHER</i> (1979/1980)	47
2.1.1 A Produção e seu Contexto Cultural	49
2.1.2 O Feminismo no Brasil na Década de 1970	50
2.1.3 Malu: A Personagem	59
2.1.4 Temas e Abordagens	66
2.1.5 A Música de Abertura	67
2.2 O SERIADO <i>MULHER</i> (1998/1999)	69
2.2.1 A Produção e seu Contexto Cultural	72
2.2.2 O Feminismo no Brasil na Década de 1990	77
2.2.3 As Personagens Principais	84
2.2.4 Temas e Abordagens	86
2.2.5 Música	88
3 <i>MALU MULHER</i>: AS QUESTÕES DA MULHER NOS ANOS SETENTA	90
3.1 <i>MALU MULHER</i> : ALGUNS EPISÓDIOS	91
3.1.1 “Acabou-se o que era Doce” (Episódio 01; 1ª temporada)	91
3.1.2 “Ainda não é Hora” (Episódio 4; 1ª Temporada)	99
3.1.3 “Até Sangrar” (Episódio 14; 1ª Temporada)	109
3.1.4 “Duas Vezes Mulher” (Episódio 39; 2ª Temporada)	112

3.1.5 “Em Legítima Defesa da Honra e Outras Loucuras...” (Episódio 36; 2ª Temporada)	116
3.2 MULHER: ALGUNS EPISÓDIOS	125
3.2.1 “O Princípio de Tudo” (Episódio 1 – 1ª Temporada)	126
3.2.2 “Ninho Vazio” (Episódio 3 – Disco nº 1)	135
3.2.3 “Maternidade” (Episódio 4 – Disco nº 3)	141
3.2.4 “Grávidas” (Episódio 3 – Disco nº 4)	145
3.2.5 “Mãe” (Episódio 4: final – Disco 4)	151
4 DIFERENÇAS DE DISCURSOS/COMPORTEMENTOS (1979 A 1999)	154
4.1 A COMPARAÇÃO ENTRE OS DOIS TEMPOS, COM UM ESPAÇO DE 20 ANOS: O QUE DIZEM OS FEMINISMOS SOBRE AS QUESTÕES RELACIONADAS AOS TEMAS	154
CONFIRMANDO MINHA HIPÓTESE.....	175
CONSIDERAÇÕES	184
FINAIS.....	
REFERÊNCIAS	188
APÊNDICES	197
ANEXOS	230

INTRODUÇÃO

As décadas de 60 e 70 do século passado, aqui no Brasil, presenciaram um período de intenso movimento político, histórico e cultural, no qual o país passou por um Golpe Militar, ocorrido em 1964, que iniciou um período de intensa censura. Paralelo a esse momento, acontecia, em todo o Ocidente, uma efervescência política e cultural que fez emergir diversos questionamentos sobre a estrutura social e sobre os movimentos de minorias, como o movimento de mulheres, que, em outros países, já estavam a todo vapor e que no Brasil, apesar da censura, também ganharam força.

Nesse contexto de intenso desafio, em que a liberdade de expressão havia sido tolhida e o movimento feminista tentava se estruturar e reivindicar as questões e os direitos das mulheres, estas, mesmo sob a intensa censura da época, conseguiram se reunir em grupos de discussão e produzir boletins e jornais que serviram de espaço para expor suas reflexões e reivindicações. Foi graças a essa mobilização das mulheres que o movimento feminista não passou despercebido no país, avançando sobre as principais capitais e, finalmente, chegando às produções ficcionais midiáticas. Em finais da década de 1970 e início dos anos 1980, foram produzidas séries (*Malu Mulher-1979/80*) e outros programas televisivos (*TV Mulher-1982*) que abordaram questões sobre o cotidiano das mulheres assim como revistas trataram da mesma temática, e essas produções foram bastante significativas para a divulgação das discussões levantadas pelo movimento feminista.

Porém, quando assistimos a seriados e minisséries produzidos posteriormente, já não se percebe aquele desejo de mudança social ou de preocupação com temas relacionados às mulheres; apenas o seriado *Mulher* (Globo – 1998/99), produzido vinte anos depois do *Malu Mulher* (Globo – 1979/80), chama a atenção por tratar dos problemas cotidianos das mulheres e trazer alguns temas

semelhantes. Mas, cabe ressaltar, o tratamento dado a esses temas bem como o comportamento das protagonistas e os discursos proferidos pelas personagens se revelam totalmente diferentes, havendo uma tendência ao conformismo ou uma passividade, como se os temas, praticamente, divergissem das propostas feministas ou as reivindicações já tivessem sido alcançadas.

No caso do seriado *Mulher*, protagonizado por duas médicas ginecologistas, os assuntos foram direcionados principalmente para a saúde reprodutiva, talvez em função da incorporação dos temas pelo Estado (políticas públicas), e a linguagem utilizada é completamente diferente daquela do *Malu Mulher*, trazendo uma conotação de verdade absoluta, como se as protagonistas fossem vozes incontestáveis e autorizadas para falar sobre as mulheres.

Uma vez que os dois seriados têm o mesmo diretor e falam sobre as mulheres em momentos distintos, a proposta desta dissertação é fazer uma comparação entre os dois tempos em que foram produzidas as séries, com base na análise dos seus contextos históricos e culturais, bem como perceber de que maneira o comportamento das mulheres foi representado na televisão nesses dois momentos e como as questões que as envolviam foram discutidas.

Partindo da hipótese de que os comportamentos e as discussões sobre os temas que envolvem as mulheres sofreram modificações na televisão nos vinte anos que separam os dois seriados e tendo conhecimento de que a mídia é um instrumento poderoso para disseminar a ideologia das classes dominantes, pretendemos compreender, também, como a mídia enquanto indústria cultural contribuiu para disseminar os discursos que influenciaram/influenciam no comportamento dos indivíduos, principalmente das mulheres, uma vez que as séries discutiam ou tinham como eixo temático as mulheres.

O interesse pessoal pelo feminismo surgiu, em parte, pelo inconformismo de ver o tratamento dado às mulheres dentro das relações sociais e do desejo de luta pelos direitos iguais entre homens e mulheres. Enquanto ainda cursava a Graduação em História (2000-2004), sentia muita curiosidade sobre o movimento feminista, que esperava fosse contemplado em alguma disciplina durante o curso, o que não ocorreu. A participação em alguns simpósios e seminários sobre feminismo, gênero e diversidade aguçaram ainda mais a vontade de conhecer o tema e, ao concluir a Graduação, procurei uma Especialização sobre feminismo que, depois, me levou ao Mestrado.

Por outro lado, sendo fruto de uma geração que cresceu vendo televisão, principalmente os seriados norte-americanos, como *Barrados no Baile* (Beverly Hills 90210, exibido entre 1990 e 2000), que traziam uma realidade bem distante da minha, que morava no interior da Bahia, na adolescência, era com aquelas moças que eu queria parecer e era aquela vida de beleza, riquezas, futilidades e festas que eu queria ter.

Depois de um bom tempo, fui amadurecendo as ideias e percebendo que as coisas eram diferentes, principalmente para as mulheres e, observando o comportamento das garotas da minha idade, que, como eu, tinham como referências as mesmas personagens norte-americanas, percebi que eu poderia ir muito mais além e que somente aquilo não me satisfazia. Por fim, na Especialização, trabalhei com música nordestina (tão comum no interior da Bahia), chegando a me interessar e entender como a mídia e a ficção televisiva, inclusive os seriados, eram tão persuasivos. Tudo isso, além do desejo de falar sobre a história do Brasil, sobre a trajetória do país nesses últimos trinta anos, fatos que, de certa forma, balançam a gente, me levou a ter como objeto de pesquisa seriados brasileiros e eu acabei juntando a teoria com um pouco de minha história.

A relevância desse trabalho resulta da importância de se analisar as produções midiáticas sob uma perspectiva de gênero, o que, academicamente, contribui para a ampliação da historiografia sobre o tema, uma vez que, embora a temática venha ganhando espaço “dentro das universidades brasileiras, os vínculos entre a pesquisa de comunicação e os estudos de gênero são ainda pouco explorados” (MESSA, 2006, p. 37), principalmente em meios de comunicação como a televisão; e, socialmente, por analisar como os meios de comunicação constroem as representações sociais das mulheres.

A partir de uma visão crítica feminista, que tem como objetivo desconstruir uma história baseada em conceitos androcêntricos há tempos consagrados e nos quais as mulheres são vistas como submetidas aos modelos masculinos propostos por uma sociedade burguesa capitalista, buscamos, neste trabalho, aliar aos estudos críticos feministas, a Análise de Discurso Crítica (ADC), que dará suporte para identificar a ideologia presente nos discursos, e a análise das relações de gênero, que permitirá perceber as relações de poder que cercam as relações entre homens e mulheres. Portanto, a interação de todos esses elementos é que servirá de base para analisar os discursos inseridos nos seriados.

A ADC é uma abordagem teórico-metodológica para o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas que tem, cada vez mais, atraído pesquisadores das Ciências Sociais, principalmente porque, segundo Teun A. Van Dijk, não é um saber “neutro, mas se compromete com um engajamento em favor dos grupos dominados na sociedade” (2008, p. 15); e é aí que se encontra um ponto de convergência com a teoria feminista, que tenta desconstruir o androcentrismo da ciência e luta pela emancipação das mulheres na sociedade.

O maior teórico da ADC, Norman Fairclough¹, desenvolveu uma abordagem, a Teoria Social do Discurso, que “se baseia em uma percepção da linguagem como parte irreduzível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais” (2003 apud RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 11). Esse modelo teórico, transdisciplinar, porque se agrega a várias outras áreas de conhecimento, se revelou um importante instrumento teórico-metodológico que pode ser utilizado em diversas práticas discursivas em nossa sociedade, uma vez que compreende o discurso como prática social, como um modo de ação historicamente situado que tanto se constitui socialmente como também constitui identidades e relações sociais.

Aqui se concentra a dialética entre discurso e sociedade pois, segundo Viviane Resende e Viviane Ramalho, “o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social” (2006, p. 26-27) e é pensando dessa forma que N. Fairclough refuta outras concepções lingüísticas que considera limitadas porque enxergam a fala como atividade individual ou não consideram a contribuição do discurso para a constituição, a reprodução e a mudança de estruturas sociais.

Com o objetivo de analisar o discurso como uma prática social tanto política quanto ideológica, N. Fairclough (2001, p. 100) sugere um modo de análise tridimensional pautado nas seguintes dimensões:

1) *análise textual* (texto, imagem, etc.) – verifica fatores como a estrutura do texto, coesão e vocabulário;

2) *análise discursiva* (prática discursiva) – foca na análise da produção, da distribuição e do consumo do texto, assim como das condições das práticas discursivas; e

¹ O termo “Análise de Discurso Crítica” foi formulado em um artigo publicado em 1985, no periódico *Journal of Pragmatics*.

3) *análise social* (prática social) – cuja preocupação está diretamente relacionada à ideologia, em verificar a matriz social e as ordens do discurso, seja pela sua ordem, condição ou pelos seus efeitos ideológicos e políticos.

A ADC é considerada neste trabalho como o modelo mais abrangente de análise linguística, uma vez que se preocupa não somente com o textual e o discursivo, mas também com o social, tornando-se um instrumento imprescindível na análise dos discursos dos meios de comunicação de massa. Além disso, percebemos que existem muitos pontos de convergência entre a ADC e as teorias feministas, pois, assim como a linguagem é uma construção cultural, gênero também é historicamente construído, e é nesses instrumentos que este trabalho se apoia para desconstruir os discursos visíveis e também invisíveis nos seriados escolhidos.

Avançando para as teorias feministas, observamos que existem algumas estratégias teórico-epistemológicas de análise, como a empirista, perspectivista e a corrente feminista contemporânea (muitas vezes designada de pós-moderna)² em que se inscrevem os estudos de gênero (HARDING, 1993, p. 8; NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649). Apesar da importância das outras correntes, aqui se pretende tratar da análise feminista contemporânea, na qual, segundo Michèle Barrett (1999, p. 109), atualmente, algumas feministas têm investido fortemente.

Na análise feminista contemporânea, há uma tendência de valorização das linguagens e dos discursos agregados a outras áreas de conhecimento, pois esta questiona proposições baseadas em análises do patriarcado ou marxistas e parte para uma análise desconstrutivista da perspectiva de *gênero*, termo que gera confusões com sexo e, ainda, no campo da gramática, o que pode ser efeito da popularização das teorias denominadas pós-estruturalistas cujos pensadores-chave como Derrida, Foucault e Lacan, segundo M. Barrett:

[...] montaram juntos, assim como individualmente, uma crítica devastadora dos principais pressupostos em que se baseava a maior parte das teorias social e feminista [essencialista], da qual nenhuma das duas saiu ileso. (1999, p. 109).

² Prefiro usar o termo *contemporâneo*, visto que *pós-moderno* tem implicações com duas correntes ideológicas que se contrapõem (Vide Habermas e Lyotard). Também *pós-feminismo*, muitas vezes traz a conotação de término, de fim do movimento, e não é isso o que se propõe aqui.

A partir desse momento, nas Ciências Sociais, conceitos que se pretendiam totalizantes e inquestionáveis, principalmente a partir dos pressupostos marxistas, como “estrutura social, papel, indivíduo ou mercado de trabalho” (BARRETT, 1999, p. 109), se tornaram discutíveis em relação à totalidade social ou aos atores sociais envolvidos e, conseqüentemente, muitas posições tiveram que ser revistas. Para a autora, um dos elementos mais importantes do pós-estruturalismo na relação entre palavras e coisas é a ênfase dada à linguagem, pois, se, antes, a linguagem era somente um veículo para expressar ideias, agora, esses teóricos reforçam que a linguagem tem o poder de construir ideias, conceitos, atitudes, comportamentos e identidades fixas no plano do simbólico de cada cultura.

Afirma M. Barrett (1999) que, desde o início da década de noventa do século XX, tem se percebido uma grande “virada cultural” no feminismo cujas conseqüências foram a mudança nos seus focos de análises e o abandono das formas de análises deterministas optando pela análise de processos de simbolização e representação, mais ligados ao campo da cultura. Sinaliza, ainda, que existe uma tendência de os comentários e discussões feministas se inspirarem nos prazeres da ficção, uma vez que o público se interessa mais por romances, crimes e melodrama.

Com base em tais considerações, partimos, neste trabalho, da visão crítica feminista contemporânea para analisar a narrativa ficcionalizada televisiva dos dois seriados citados, a fim de deixar à vista os discursos estereotipados que neles são veiculados.

Outro ponto importante na análise feminista contemporânea é o fato de que o conceito de gênero passou a ser estudado como uma categoria relacional e política (SCOTT, 1991, p. 1-2). “Não mais baseado nas diferenças biológicas ou ‘naturais’, diz-se que o gênero foi (des)naturalizado”, conforme Martha Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006, p. 650), passando a ser concebido como um “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (e como) um primeiro modo de dar significado às relações de poder”, como define Joan Scott (1991, p. 14). Assim, não podemos simplesmente falar de homens e mulheres, sem analisar, *a priori*, o contexto sócio-histórico em que estão inseridos, pois uma análise mais aprofundada vai além das diferenças biológicas, bem como a percepção sobre novas categorias tais como classe e raça.

Afirma Lourdes Bandeira que o conceito de gênero como aporte teórico-metodológico acabou se consolidando

[...] como uma categoria analítica, cuja densidade conceitual tem sido fundamental não apenas para uma nova/outra prática de produzir ciência, mas, sobretudo para as transformações das estruturas sociais. (2008, p. 211).

Concordando com a estudiosa, cremos que as análises baseadas no conceito de gênero como categoria relacional responde a muitas questões sobre a submissão das mulheres, por tornar possível perceber as relações de poder que cercam as relações entre homens e mulheres.

A elaboração do conceito de gênero dentro do feminismo surgiu de um contexto em que evidenciar a condição e posição das mulheres na sociedade não mais era suficiente para responder aos desafios feministas – não significava mais que apontar o que já havia sido exposto por muitas feministas, correndo o risco de se tornar repetitivo e descritivo –, sendo, portanto, necessário construir uma categoria de análise com maior rigor científico.³

Essa diferença entre o conceito de gênero e a política de inclusão das mulheres como também o questionamento sobre se o conceito de gênero se constitui ou não em um novo paradigma vêm causando uma grande agitação nos encontros de pesquisadoras/es relacionados aos temas, a partir da década de 1990, segundo Lia Zanotta Machado que, por sua vez, dá grande credibilidade a tais discussões afirmando que é possível “falar da construção de um novo paradigma metodológico pelas análises de gênero” (1998, p. 107).

Concordamos com a autora quando afirma que os estudos realizados a partir da categoria de gênero permitem algum distanciamento do uso do conceito de *mulher* “e de um processo da radicalização da pergunta sobre as relações entre sexo e gênero”, porém, mesmo segundo a autora, é preciso ter muita cautela, principalmente as acadêmicas, para não se deixar deslumbrar pela teoria e esquecer que de nada adianta desconstruir uma ciência androcêntrica se não se tiver uma

³ No entanto, apesar da relevância deste conceito para a teoria, há de se levar em consideração o objetivo primeiro que originou a teoria feminista que foi o de incluir as mulheres na história e nas ciências, e não devemos esquecer que esses anseios nasceram de uma práxis política.

inserção política, pois a teoria deve sempre estar aliada à prática. (MACHADO, 1998, p. 108)⁴.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na pesquisa bibliográfica realizada para a contextualização aqui pretendida foram utilizados diversos artigos encontrados em revistas como *Labrys*, *Estudos Feministas*, *Pagu*, boa parte dos quais eram relatos de experiência das próprias feministas que participaram do movimento na década de 1970. Foi realizada uma consulta rápida a jornais e revistas, inclusive um número especial da Revista *Realidade*. E ainda dissertações e teses sobre o tema, que tratam dos principais jornais da década de 1970, a exemplo do *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres*, os quais, operando como imprensa alternativa, circulavam no país durante a ditadura militar. Elaborados, principalmente, por mulheres que faziam parte do movimento feminista, traziam discussões sobre cidadania e direito das mulheres, tratavam de reivindicações diretamente relacionadas à condição das mulheres, como violência doméstica, condições de trabalho, direitos reprodutivos, aborto, sexualidade, entre outros temas contemplados nos roteiros dos dois seriados. Foi possível, assim, perceber que o seriado *Malu Mulher* tanto foi influenciado pelas reivindicações como também serviu de base para disseminar pelas demais regiões do país a agenda defendida pelo movimento.

E para adquirir confiança sobre a forma de abordagem dos temas, principalmente as contestações sociais, tratados no seriado *Malu Mulher*, foram pesquisados e assistidos filmes importantes, desde a década de 60, a exemplo de “Através de um Espelho”⁵, “Jesus Cristo Superstar”⁶, “Hair”⁷, entre outros, o que permitiu perceber que muitas dessas reivindicações, que eram inéditas na TV brasileira, em outros países já eram abordadas desde a década de 1960.

⁴ Considero relevante tal reflexão para mim que pretendo desconstruir os discursos dos seriados, porque como professora, posso, em uma sala de aula (onde será o espaço de minha inserção política), tentar mostrar aos jovens o quanto os discursos dominantes aparecem e permanecem nos meios de comunicação de massa e como, na maioria das vezes, são tendenciosos e impregnados de estereótipos.

⁵ Filme sueco de 1961, escrito e dirigido por Ingmar Bergman.

⁶ Filme norte americano de 1973, dirigido por Norman Jewison, baseado no roteiro ópera rock de Tim Rice e Andrew Lloyd Webber.

⁷ Filme norte americano de 1979. Roteiro de Michael Weller e dirigido por Milos Forman.

Com o mesmo intuito, mas tendo como foco o seriado *Mulher*, foram selecionados e assistidos alguns filmes da década de 1990, a exemplo de “Thelma e Louise”⁸ e “Anna e o Rei”⁹, procurando evidenciar o que o feminismo defende, para entender o motivo do aparente antifeminismo ali apresentado, também visando a contextualização do seriado, sua produção, o trabalho de equipe, o cenário onde atuavam as duas médicas ginecologistas, suas principais personagens.

Após a discussão dos temas e selecionadas as cenas, estas foram analisadas a partir das teorias feministas, com o auxílio da Análise de Discurso Crítica, linha de Norman Fairclough, que privilegia como análise não só os discursos, mas, também, as imagens, procurando desvelar, nas entrelinhas, o discurso dominante, a ideologia, aliado ao contexto histórico de cada episódio, a partir das leituras feitas para fundamentar teoricamente este trabalho.

Buscando a comprovação da hipótese levantada neste trabalho foi realizada uma pesquisa de campo qualitativa através de quatro encontros com dois grupos focais compostos por mulheres de diferentes gerações: o primeiro com mulheres jovens (25-30 anos) e o segundo com mulheres maduras (45-55 anos), que assistiram os episódios selecionados dos seriados. Os grupos de discussão, ou seja, os comentários feitos (em grupos separados) sobre os fatos e os discursos de cada episódio assistido, revelaram uma tendência “antifeminista”, conservadora e passiva, na geração mais jovem, que se identificou com a produção mais recente, o seriado *Mulher*, enquanto as de quarenta e cinco a cinquenta e cinco, falavam com ânimo e entusiasmo sobre a produção e do que se tratava em *Malu Mulher*.

É importante assinalar que a realização de grupos focais é uma ferramenta metodológica muito eficiente, no que se refere a análise qualitativa e a estudos de recepção, como meio de avaliação da audiência em relação às mensagens da mídia (MORGAN, 1997; VEIGA; GONDIM, 2001 apud GONDIM, 2002), para a confirmação ou não das possíveis hipóteses. Como aqui se trabalhará com Análise do Discurso Crítica (ADC), é válido observar que o foco do trabalho não tem por base a análise dos conteúdos que permeiam os grupos, mas sim os

⁸ Filme norte-americano de 1991, concebido e escrito por Callie Khouri, co-produzido e dirigido por Ridley Scott.

⁹ Refilmagem de 1999, de “Ana e o Rei do Sião”, de 1946, baseado no diário da viúva inglesa Anna Leonowens, escrito em 1860. O filme, que é comparado ao musical “O rei e eu”, dos anos 1970, porque produzidos a partir do mesmo livro foi dirigido por Jodie Foster.

discursos explanados que possam refletir o sentido oculto e a ideologia vinculados ao tema investigado.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos:

O primeiro discorre sobre o crescimento e a difusão dos meios de comunicação de massa, a importância de serem analisados a partir de uma visão crítica e, particularmente, a televisão, por ser um dos meios mais difundidos e acessíveis ao público em geral e, também, enquanto indústria cultural para investigar como ela, como meio de comunicação de massa, é utilizada, visto que seus financiadores principais são as propagandas, para disseminar a ideologia dominante, sustentando e estabelecendo estereótipos.

O segundo capítulo trata do contexto histórico, político e cultural dos dois seriados *Malu Mulher*, de 1979/80 e *Mulher* (1998\1999). Buscando mostrar de que forma o movimento feminista, como cenário e contexto histórico da década de 70 do século passado, pode ter contribuído para a produção do seriado *Malu Mulher*, a ponto de ter em seus episódios temas recorrentes aos pontos de pauta e nas discussões do movimento feminista.

Contextualiza, também, a regulamentação da Rede Globo para operar como TV, a exigência e a censura aplicada pelo governo militar em relação aos programas, os investimentos da emissora em alta tecnologia para oferecer uma melhor qualidade de serviços e a preocupação com a produção dos programas de acordo com a exigência de cada classe social.

Até chegar à produção do *Malu Mulher*, com direção geral de Daniel Filho que, por sua vez, pensou no seriado a partir de um filme denominado *Uma mulher descasada* (*Unmarried Woman*, de Paul Mazursky), um programa voltado para as mulheres de classe média (de formação universitária e classe alta), bem como à caracterização da personagem, formada em Sociologia, o que evidencia a clara intenção de se falar sobre a vida das mulheres naquele momento.

Sobre o seriado *Mulher* (1998\1999), traz a contextualização do momento político de abertura para a democracia em que o Brasil se encontrava, a forte influência da mídia (como indústria cultural televisiva e impressa) sobre os acontecimentos e, principalmente, como as diversas formas de mídia estavam se modificando, e ainda se reporta ao movimento feminista e ao “refluxo antifeminista” que começou a se exprair a partir dos anos 90 do século passado, nos Estados Unidos, através de uma tentativa de mostrar que as mulheres já haviam conseguido

o que queriam e que o feminismo acabara (termo confundido com pós-feminismo), enquanto na prática se enxergava o inverso.

O capítulo três trata da análise dos episódios selecionados, cinco de cada seriado, tanto no *Malu Mulher* como no seriado *Mulher* foram escolhidos a partir de temas relevantes para o movimento feminista e que estavam presentes nos seriados.

Enfim, o quarto e último capítulo, traz uma comparação entre os dois tempos, o comportamento das mulheres entre as décadas de 1970 e 1990, os avanços e os retrocessos, o que os meios de comunicações de massa como as revistas, jornais e televisão falavam sobre as mulheres e conclui que ao final dos vinte anos que separam os dois seriados, houve um retrocesso, não só no comportamento das mulheres como também em suas representações na mídia. Por fim as considerações finais, onde utilizamos os grupos focais para a comprovação da hipótese.

1 A TV COMO MEIO DE DISSEMINAÇÃO DO DISCURSO (DOMINANTE)

Os meios de comunicação de massa foram, com o passar dos anos, pelo advento das novas tecnologias, adquirindo uma importância significativa em nossa sociedade, porque, cada vez mais, é através deles que as pessoas se mantêm informadas sobre o que acontece não só ao seu redor, mas em todo o mundo.

Compreendemos a mídia, também, como um importante espaço de disseminação de ideologias, como um meio de grande influência sobre os indivíduos e que possui o poder de orientar comportamentos e construir subjetividades. Uma vez que a produção e a circulação das diversas formas de mídias são tão intensas e atingem públicos os mais diferenciados, que não há como passarem despercebidas, ocorre a necessidade de se estar atento às mensagens que transmitem.

Sobre o papel da mídia na sociedade atual, afirma John B. Thompson:

O papel das instituições da mídia é tão fundamental, e seus produtos se constituem em traços tão onipresentes da vida cotidiana, que é difícil, hoje, imaginar o que seria viver num mundo sem livro e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós. (2007, p. 219).

Não obstante, nem sempre as indústrias da mídia¹⁰ desempenharam um papel tão importante. Esse tipo de indústria, que se desenvolveu acompanhando o surgimento das sociedades modernas, desempenha, atualmente, um papel fundamental em nosso cotidiano, visto que precisamos estar atentos diariamente ao que acontece ao nosso redor. Porém, ao mesmo tempo em que a mídia é algo imprescindível, ela se torna um instrumento poderoso de veiculação de ideologias, através de formas simbólicas, que tendem a reforçar e sustentar relações de

¹⁰ Para uma melhor compreensão da história dos meios de comunicação de massa, ler THOMPSON, J. B., 1998.

dominação e estereótipos preconceituosos em nossa sociedade, conforme J. B. Thompson (2007, p. 219)¹¹.

O crescimento dos meios de comunicação de massa tem ocorrido de forma intensa e rápida e isso tem modificado o cotidiano dos indivíduos que a eles têm acesso, pois o seu desenvolvimento acaba criando novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais, “formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana [fazendo] surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do tempo” (THOMPSON, 1998, p. 77). Assim, cremos que, como consequência da crescente difusão desses tipos de meios de comunicação, temos as mudanças nos comportamentos de alguns indivíduos que passam a seguir os modelos e padrões por ele divulgados.

De acordo com as “modalidades específicas de transmissão cultural” (mídias) – maneira como J. B. Thompson (2007, p. 221) se refere aos meios de comunicação de massa –, meio pelo qual uma forma simbólica é produzida e transmitida, consideramos a televisão como um dos mais importantes de serem analisados, e são múltiplos os fatores que contribuem para isso, pois o acesso às mensagens mediadas é relativamente irrestrito (ao menos para os canais abertos) e para obter a recepção basta que o indivíduo adquira um aparelho televisor. Por esse motivo, se comparada a outros meios, como livros, revistas ou jornais, a televisão atinge uma audiência maior e mais abrangente, pois ela domina a fala, como o rádio, e a reforça com as imagens, sem que sejam necessários maiores conhecimentos por parte do receptor.

Como consequência dessa popularidade, em sua programação, há sempre programas de narrativas ficcionais e “os personagens que se apresentam nos filmes, séries, seriados, comédias e novelas, tornam-se pontos de referência comuns para milhões de indivíduos que podem nunca interagir um com o outro, mas que partilham de uma experiência comum”, segundo J. B. Thompson (2007, p. 219), que chama a atenção, ainda, para o fato de que a televisão ocupa sempre uma posição de destaque na casa, local onde, por esse fator, se dá muita interação

¹¹ Cabe lembrar que esses tipos de discursos discriminatórios não estão circunscritos somente ao espaço midiático, que eles estão presentes em diversos contextos em nossa sociedade; mas reconhecemos, com J. B. Thompson (2007, p. 343), os meios de comunicação de massa como os principais veículos para a produção e circulação da ideologia.

social. Assim, além da facilidade de decodificar as mensagens recebidas pela televisão, que são menos sofisticadas do que as emitidas por outros meios como, por exemplo, as mídias impressas, não há como deixar de ouvir seus discursos, mesmo que não se esteja assistindo.

Segundo Arlindo Machado (2005, p. 9), é um equívoco afirmar que na televisão só existe banalidade, pois existem muitos programas que são necessários e de qualidade, como determinados telejornais, filmes e outros tipos de programas considerados de entretenimento, além de seriados e telenovelas que, de alguma forma, são espelhos da nossa realidade e que, na televisão, se mostram através de músicas, discursos e imagens. Embora concordando com o autor sob esse ponto de vista, consideramos que o grande problema está na maneira como esses discursos e imagens são recebidos pelos receptores, principalmente depois da apropriação industrial da cultura que acabou por convertê-la em mercadoria, de forma que esses programas devem ser vistos com um olhar crítico para que se possa perceber que objetivos os produtores e/ou patrocinadores estão querendo atingir.

Na televisão, nada é exibido de forma aleatória, suas produções são feitas já direcionadas ao público que se pretende atingir. As mídias, geralmente são instrumentos que contribuem para a disseminação de estereótipos, para a manutenção e a sustentação das relações de poder, do *status quo*, na medida em que trabalham em função da ideologia das classes dominantes e seus financiadores, a partir das propagandas veiculadas.

1.1 A TELEVISÃO ENQUANTO INDÚSTRIA CULTURAL

Deve-se destacar a importância da Escola de Frankfurt¹² para a criação do conceito de indústria cultural, pensado pelos filósofos alemães Max Horkheimer e Theodor Adorno, entre as décadas de 1930 e 1940 (THOMPSON, 2007, p. 131), que buscaram analisar o caráter ideológico dos produtos da mídia. Ao utilizarem o termo “indústria cultural” para se referirem à comercialização da cultura, criaram um novo

¹² Fundada em 1924 por Félix Weil, inicialmente com o nome de Instituto para a Pesquisa Social, estudava a sociedade através do pensamento marxista. A partir de 1931, o Instituto começou a ser dirigido por Max Horkheimer, associado à Universidade de Frankfurt, e passou a incorporar, em suas análises, o pensamento filosófico, colocando-o em tensão com o mundo presente.

conceito, enriquecendo a pesquisa de comunicação com a inauguração de uma abordagem sociológica para os fenômenos da comunicação de massa.

A ciência, o saber, a técnica passam a ser considerados como instrumentos de manipulação e degeneração da cultura, e não como instrumentos de autodeterminação e emancipação do homem. Nesse sentido, o saber que livraria o mundo do mito, da superstição, conduzindo à ruptura da sujeição da natureza sobre o homem, tornou-se, com a instrumentalização da técnica pelo capital, mecanismo de dominação de classe, numa sociedade industrial e massificada. (ARAÚJO; UTTA, 2010, p. 84).

Esses filósofos discutiram sobre os diversos meios de comunicação de massa, como a televisão, o cinema, os periódicos – jornais e revistas – e o rádio e refletiram sobre a maneira como esses meios foram padronizados e pensados, cumprindo ressaltar que o conceito não se refere aos meios técnicos (veículos), mas à forma como essas tecnologias são manipuladas pela classe dominante, concluindo que esses meios de comunicação possuem a capacidade de afetar, em homens e mulheres, a maneira de pensar e agir criticamente, fazendo com que o indivíduo se torne um ser sem autonomia (THOMPSON, 2007, p. 132). T. Adorno, tendo como base de sua análise os instrumentais modernos, embora tenha vivido no início dessas mídias, mesmo sendo um intelectual de “esquerda” coloca a questão da seguinte maneira:

Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia. [...] Desvendar as teias do deslumbramento implicaria um doloroso esforço de conhecimento que é travado pela própria situação da vida, com destaque para a indústria cultural intumescida como totalidade. A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário. (1995, p. 43).

Essa reflexão merece ser aprofundada atualmente, visto que muitas pessoas se sentem compelidas a seguir aquele determinado modelo como se não existisse outra alternativa e, assim, abrem mão das suas subjetividades tornando-se pessoas sem personalidades, introjetando comportamentos, formas de vida e pensamentos adquiridos nessa relação com os meios de comunicação, como a televisão, com seus comerciais, seus programas, sem perceber que o que é

produzido implica a ideologia das classes dominantes, que a cultura fica sujeita àqueles que detêm o poder os quais, para atingir seus objetivos, precisam de uma sociedade alienada¹³ ou acrítica. Sobre isso, dizem Raffaele Araújo e Bergson Utta: “o ser é manipulado e ideologizado por meio dessa racionalidade técnica que prepara as mentes para um esquematismo que não precisa se dar ao trabalho de pensar; basta consumir” (ARAÚJO; UTTA, 2010, p. 88).

Concordando em parte, com M. Horkheimer e T. Adorno, quando entendem que pensar dessa forma, que as pessoas são completamente moldadas pelos produtos da indústria cultural, é generalizar demais, J. B. Thompson pondera que deve ser levada em consideração a forma como os indivíduos são integrados na ordem social existente, pois, pode-se estar correndo o risco de simplificar demais a recepção e a apropriação desses produtos pelos indivíduos. Diz, ainda, que não é absolutamente claro que isso atinja a todos os indivíduos nem “que suas faculdades intelectuais estejam tão profundamente embotadas a tal ponto que eles não sejam mais capazes de ter um pensamento crítico e independente” (2007, p. 143), mas, por outro lado, não abre mão da ideia de que as imagens repetitivas e estereotipadas dos produtos culturais contribuem para a socialização e a formação da identidade dos indivíduos.

Douglas Kellner (2001, p. 44-45) também considera questionáveis as ideias de T. Adorno e M. Horkheimer, sugerindo que alguns acréscimos devem ser feitos como, por exemplo, uma investigação mais empírica e histórica da construção da indústria da mídia e de sua interação com outras instituições sociais, bem como mais estudos de recepção por parte do público e dos efeitos da mídia. Reconhece, ainda, que, embora seja parcial e unilateral a abordagem feita pela Escola de Frankfurt, ela fornece instrumentos para criticar as formas ideológicas e aviltadas da cultura da mídia, assim como denuncia as formas de opressão.

Que uma interação com o público é fundamental para diagnosticar como ele está reagindo a determinados produtos da mídia, até para que não se tire conclusões precipitadas, estamos de acordo com o autor, porque acreditamos que, nas análises sociais não existem fórmulas pré-estabelecidas, que, pelo contrário, essa interação com o público é o que as diferencia das ciências naturais e exatas,

¹³ Existem vários conceitos para a palavra *alienação*, mas aqui se refere ao significado etimológico do termo, do latim *alienare*, *alienus*, que significa “que pertence a um outro”. Sob determinado aspecto, alienar é “tornar alheio, transferir para outrem o que é seu”.

muito embora a construção e a aplicação do processo metodológico sejam mais difíceis. Um desses exemplos é a utilização de grupos focais, como técnica de investigação qualitativa, que coleta dados por interações grupais e que tem tido um crescimento expressivo a partir da década de 1980, inclusive para avaliar a interpretação da audiência em relação às mensagens da mídia (MORGAN, 1997; VEIGA; GONDIM, 2001 apud GONDIM, 2002).

Acreditamos, ainda, que a revisão crítica das análises da Escola de Frankfurt continuam válidas, pois, na sociedade moderna, os bens culturais são produzidos e multiplicados à exaustão, de acordo com uma lógica de mercado, a do consumismo, e as pessoas estão à mercê de representações que eternizam comportamentos estereotipados, como é o caso da televisão. No entanto, é preciso concordar com J. B. Thompson quando chama a atenção para o fato de que não é possível saber ao certo se esses produtos da mídia atingem todos os indivíduos da mesma forma, homens, mulheres e crianças, por se encontrarem inseridos em contextos sociais distintos, em diferentes níveis de instrução, geração, etnias, diferentes classes sociais e diferentes culturas, de forma que a apropriação de sentidos pode não ser interpretada da mesma forma. Mas esses indivíduos estão, sim, inseridos em um contexto no qual,

A maioria dos produtos da indústria cultural, (todavia), não tem mais pretensão de serem obras de arte. Na maioria das vezes, eles são construtos simbólicos que são moldados de acordo com certas fórmulas preestabelecidas e impregnados de locais, caracteres e temas estereotipados. Não desafiam ou divergem das normas sociais existentes; ao contrário, reafirmam essas normas e censuram toda ação que delas se desvia. (THOMPSON, 2007, p. 133).

Certamente, as produções da mídia contribuem para a internalização de determinados comportamentos por uma parcela dos indivíduos que a esses meios têm acesso, tornando-os passivos consumidores de determinados modelos que atendem aos interesses de uma classe dominante.

1.2 DISCURSO E IDEOLOGIA

Além de pensar sobre a influência dos meios de comunicação na sociedade moderna, os teóricos da Escola de Frankfurt também buscaram repensar

a natureza do papel da ideologia em relação ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa nas sociedades modernas. J. B. Thompson refere que M. Horkheimer e T. Adorno defendem a ideia de que “a análise da ideologia não pode mais se limitar ao estudo das doutrinas políticas, porém deve ser ampliada para abranger as diferentes formas simbólicas que circulam no mundo social” (2007, p. 138) e, ainda que, para esses estudiosos, a ideologia, nas sociedades modernas, é compreendida, essencialmente, como um tipo de “cimento social” que circula através dos produtos das indústrias da mídia e que integra e incorpora os indivíduos à ordem social, reproduzindo dessa forma, o *status quo*.

“Diferentemente das formas anteriores da ideologia, cujo caráter ideológico consistia em sua pretensa, mas ilusória, independência da realidade social, essa nova ideologia da indústria cultural reside na própria ausência dessa independência”, diz J. B. Thompson (2007, p. 133), e nesse ponto ele concorda com T. Adorno e M. Horkheimer. Entretanto, o problema do conceito desses pensadores, tal como o conceito de indústria cultural, é a concepção totalizante das coisas, o que consideramos uma característica típica das análises marxistas. Ainda para o mesmo autor, como a ideologia não é o único fator implicado na reprodução das relações de dominação, ao utilizarem a ideologia como cimento social, T. Adorno e M. Horkheimer oferecem uma visão claramente restrita, muitas vezes, pessimista, da maneira como a ideologia opera nas sociedades modernas.

No que diz respeito aos vários conceitos de ideologia, o primeiro deles tem origem no início do século XIX, quando o filósofo francês Antoine Destutt de Tracy publicou *Eléments d'Idéologie* (1801), baseado no materialismo francês do século XVIII, em que postula a fundação de um original campo de estudos destinado a formar a base de todas as ciências: a “ciência das ideias”. Ao colocar a noção de ideologia no centro das suas reflexões, observa tratar-se de um “termo genérico”, referente a uma parte da “ciência das ideias”, e não à sua totalidade, segundo Aluizio Alves Filho (2000, p. 87), afirmando, ainda, que seu estudo possibilitaria o conhecimento da verdadeira natureza humana e permitiria colocá-la a serviço da educação.

Alguns anos após a publicação do livro de A. D. Tracy, o imperador Napoleão Bonaparte deu ao termo “ideologia” outra conotação, atribuindo um significado pejorativo ao termo, e chegou a proibir o ensino da disciplina “Ciência Moral e Política”, ministrada por Tracy, no *Institut de France*. Em 1812, acusou-o e

outros professores da disciplina, de estarem se opondo ao seu governo, de “fazer ideologia, no sentido de especulação abstrata, falsa e irresponsável” (WOLKMER, 1995, p. 93 apud ALVES FILHO, 2000, p. 88). Esse sentido pejorativo dado por Napoleão ao termo ideologia foi popularizado por outros autores. Anos mais tarde, Karl Marx e Friedrich Engels ao escreverem *A ideologia alemã*, dão novo sentido ao termo:

Se Marx e Engels, por um lado, ao relacionarem ideologia às condições materiais de existência, davam um novo significado ao termo, rompendo tanto com o sensismo de Destutt de Tracy quanto com a oposição entre ‘ideologia’ a ‘realismo político’ (no sentido dado à palavra ideologia por Bonaparte), por outro, mantinham a ambigüidade inerente ao campo semântico no qual o conceito floresceu: ideologia como ‘estudo das ideias’ e ideologia como ‘ilusão’. Indicativo do fato é que no livro *A ideologia alemã*, tanto apontam a ‘ideologia’ como ‘ilusão’ como insinuam que a ‘ideologia’ é um fértil campo de estudos. (ALVES FILHO, 2000, p. 91-92).

Mas nem todos compartilhavam da mesma ideia: autores como Antônio Gramsci, Louis Althusser e Nicos Poulantzas rompem com as abordagens ortodoxas e mecanicistas sobre ideologia, inspiradas em K. Marx, e compartilham da ideia de que a “ideologia” não deve ser compreendida como um compartimento fechado que se encerra na superestrutura, que apenas reflete no cérebro dos homens, nas condições materiais de existência. Aqui ela é entendida como um elemento que dá coesão aos papéis sociais como caracteriza Aluizio Alves Filho:

a ‘ideologia’ funciona como algo análogo ao ‘cimento’ em uma construção, ou seja, a ideologia não é apenas um conjunto de ideias, mas também de práticas, presentes em todas as partes e atravessando a estrutura social, assegurando sua coesão. (2000, p. 99).

O inglês Terry Eagleton, ao delinear o conceito de ideologia, discute a existência de vários significados históricos e que acabam gerando confusões teóricas. Se, por um lado, ideologia pode se referir “aos modos como os signos, significados e valores ajudam a reproduzir um poder social dominante, pode também denotar qualquer conjuntura significativa entre discurso e interesses políticos” (1997, p. 193). Assim, ao revelar sua própria visão sobre o conceito, afirma que considera a primeira afirmação pejorativa e a segunda mais neutra, mas, no entanto, acha

coerente o emprego dos dois conceitos, ponderando que a forma de interpretá-los é que os torna confusos.

A ideologia enquanto “cimento social”, como compreendido por T. Adorno e M. Horkheimer (estudiosos do pensamento marxista) significa que, nas sociedades modernas, não mais se pode restringir esse conceito ao estudo das doutrinas políticas, sendo necessário ampliá-lo para que possa abranger as mudanças referentes ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, ou seja, atingir as diferentes formas simbólicas que circulam no mundo social, segundo Thompson (2007, p. 138), que julga correta a defesa desse ponto de vista, pois o desenvolvimento da comunicação de massa teve um impacto fundamental nas sociedades modernas. Mas, considera o autor que pensar a ideologia como “cimento social” traz sérias limitações e, ainda, do mesmo modo que discorda de algumas análises dos autores sobre indústria cultural, adverte que não necessariamente os indivíduos serão impelidos a aderir à ordem social pelo fato de se identificarem (ou não) com as imagens projetadas.

Entendendo que, em diferentes contextos históricos e culturais, as apropriações podem ocorrer de maneira diferente, na medida em que alguns podem perceber de maneira crítica e outros não, acreditamos ser necessário que se leve em consideração todas as condições de produção dos bens culturais produzidos pela sociedade e as ideologias que perpassam através deles.

1.3 OS DISCURSOS MIDIÁTICOS

Os discursos midiáticos influenciam os modos de pensar, de ser e agir das pessoas, através de falas, músicas e imagens, na medida em que a mídia capta e transmite momentos que fazem com que os telespectadores se identifiquem, conforme diz Maria do Rosário Gregolin:

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os vários formatos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. (2007, p. 16).

Ao mostrar cenas ou fatos que se assemelham à realidade, as produções televisivas conduzem aos caminhos que melhor convierem à classe dominante, modificando comportamentos e promovendo a introjeção de modelos.

A linguagem não é pura, ela adquire historicidade e é por isso que os discursos midiáticos devem ser vistos com um olhar crítico; e não só os telejornais, mas, principalmente, os programas considerados de entretenimento, por estarem carregados de preconceitos, julgamentos e estereótipos que, muitas vezes, passam despercebidos pelos telespectadores, que acabam por reproduzi-los ou, muitas vezes, deles se tornam alvo. Logo, há que se ter muita cautela:

[...] porque nunca se diz nada por dizer, porque o simples fato de dizer já insere o dito no fluxo da história e dos poderes imersos nessas mensagens (e a mídia é delas uma fonte inesgotável) que repete certas idéias e o leitor é instado a concordar com aquilo que é dito e a acatar o aparente consenso instaurado pelo riso. (GREGOLIN, 2007, p. 22-23).

Estamos inseridos em um contexto em que os meios de comunicação de massa se desenvolveram a tal ponto que é praticamente na mídia televisiva que boa parte dos jovens encontra referências para constituir suas personalidades e suas subjetividades, porque, na sociedade moderna,

a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma 'história do presente' como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (GREGOLIN, 2007, p. 16).

Portanto, acreditamos que os discursos e também as imagens midiáticas não só reproduzem modelos, como também constroem e propõem novos. É interessante observar, como afirma M. R. Gregolin (2007, p. 23), que, nessa apreensão de novos modelos só perceptível nos receptores na realidade social, há uma tensão entre a subjetividade do indivíduo e o que é modelado, e essa tensão é responsável por criar novas maneiras de ser, porque, se só houvesse submissão, não haveria produção de sentidos. É ao que J. B. Thompson se refere quando diz que o indivíduo não é completamente sem autonomia, que as apropriações se dão de diversas maneiras em diferentes contextos sociais e históricos. Assim, na

sociedade contemporânea, a mídia é uma inexaurível e influente fonte de produção e reprodução de representações que, através da inserção de discursos e imagens constrói e modela os comportamentos dos indivíduos “modificando também a história presente”, como diz Rosa Maria B. Fischer (1996, p. 16). E a televisão, por ser um meio bastante acessível e por estar presente no cotidiano das pessoas, é uma das principais disseminadoras da ideologia dominante, pois,

ela domestica, pacifica e narcotiza a massa que se vicia em sua atração, pela forma, cores, e brilhos das imagens em movimento rápido – rapidez que caracteriza a própria semiótica televisiva. Estar toda uma população em frente da televisão já é o ganho da classe dominante. (MORAIS, 2006, p. 2).

1.4 A REDE GLOBO

A televisão surgiu no Brasil em 1950, trazida por Assis Chateaubriand¹⁴, com a inauguração da TV Tupi-Difusora, a primeira emissora de TV da América Latina. Começou transmitindo para cerca de quinhentos aparelhos receptores na cidade de São Paulo e, três meses depois, já eram dois mil aparelhos funcionando. No ano seguinte, foi a vez do Rio de Janeiro e, nos anos que se seguiram, outras emissoras foram surgindo: em 1959, o país já contava com “seis emissoras de TV e cerca de 80 mil aparelhos receptores instalados”, segundo Sérgio Capparelli (1982, p. 23 apud JAMBEIRO, 2001, p. 52).

Nesse início, devido ao fato de ser, o aparelho televisor, um produto importado, os primeiros canais eram vistos, principalmente, por um público proveniente das classes econômicas mais abastadas e as programações seguiam também o mesmo estilo, sendo exibidos filmes e musicais clássicos. Foi, somente a partir de meados dos anos 1950 que as programações começaram a mudar, passando a ser mais diversificadas, com programas de auditório, teleteatro, entrevistas, incentivo à música popular brasileira trazendo as imagens de seus

¹⁴ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô (Umuzeiro, 4 de outubro de 1892 – São Paulo, 4 de abril de 1968) foi um dos homens públicos mais influentes do Brasil nas décadas de 1940 e 1960, destacando-se como jornalista, empresário, mecenas e político. Devido ao fato de a televisão ter sido trazida por ele, Jambeiro (2001, p. 51) considera que a televisão tenha surgido no Brasil sob o domínio do sistema empresarial, com a missão de incrementar o comércio de bens e serviços, divertir e emocionar o público consumidor.

intérpretes. Para Othon Jambeyro, as transmissões televisivas seguiram os mesmos caminhos das programações do rádio, abrindo caminhos para as novelas, inclusive experimentais, como *Beto Rockefeller* (telenovela exibida em 1968 pela TV Tupi), que “inicialmente visava à alta sociedade e depois mudou sua programação para atingir a massa de consumidores” (2001, p. 52).

No final dos anos 1950, como as empresas estrangeiras que fabricavam aparelhos televisores já começavam a se instalar no Brasil, o produto foi se tornando mais barato e começou a se popularizar, mas é somente a partir da década de sessenta, que “esse novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir os contornos de indústria”. A partir desse momento, a televisão vai trilhar os próprios caminhos e se tornar um poderoso veículo de transmissão e de divulgação de produtos, através das propagandas. (JAMBEIRO, 2001, p. 53).

Em 1964, após o Golpe, o governo militar instalado no país, enxergando na televisão um instrumento importante para promover suas ideias sobre segurança nacional¹⁵ e modernização das estruturas econômicas e sociais, pois era de seu interesse não somente desenvolver economicamente e promover a rápida industrialização do país, mas, também, controlar a população, continuou incentivando a indústria televisiva, por ser um meio que, além de permitir a disseminação de sua visão de mundo, era passível de controle e censura. Nasce, então, a Rede Globo, e foi dessa maneira que a indústria televisiva adotou um papel de legitimação para as ideias sobre política, economia e sobre a cultura brasileira “propostas” pelo governo militar à nação brasileira.

Com essa intervenção na produção cultural brasileira, o governo militar atingiu seu mais profundo nível de interferência na sociedade, alegando estimular a produção cultural como um meio de integração nacional, mas, concomitantemente, procurando manter essa produção sob seu controle. Para auxiliar o governo nessa empreitada, foram criados diversos órgãos estatais, como a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), o Conselho Federal de Cultura (CFC), o Conselho Nacional de Turismo (CNT), a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), o Instituto

¹⁵ Segundo Jambeyro, a mídia teria um papel fundamental neste processo, pois a Doutrina de Segurança Nacional exigia que a conquista das aspirações de interesse vital para o país constituíssem, tanto na esfera interna como externa, um dever explícito do Estado. Então, a mídia deveria seguir políticas que apoiassem o conjunto dessas aspirações e as linhas mestras de ação da Nação deveriam ser orientadas na mesma direção, em todos os setores da vida no país (2001, p. 77) objetivando o total controle da situação, postura típica de governos ditatoriais.

Nacional de Cinema (INC), o Ministério das Comunicações, a Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme), a Fundação Nacional das Artes (Funarte), o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), a Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobrás), o Conselho Nacional de Cinema (Concine), a Secretaria para a Memória Nacional, a Fundação Pró-Memória... (JOHNSONS, 1988, p. 7 apud JAMBEIRO, 2001, p. 79), todos esses órgãos visando o “controle social”.

O governo militar ofereceu diversas formas de apoio aos meios de comunicação, com o objetivo de acelerar a ampliação da radiodifusão da TV pelo país, a exemplo de apoio técnico para a elaboração de projetos de pretendentes a concessões de TV, fortalecimento do setor ministerial designado para planejar e implementar as concessões¹⁶, revisão permanente do planejamento técnico para permitir que mais canais fossem concedidos, estimulação da produção nacional de aparelhos de TV, além de tornar disponíveis empréstimos a juros baixos para a população poder comprar os aparelhos (JAMBEIRO, 2001, p. 80). Todas essas medidas tinham como meta não somente o desenvolvimento da radiodifusão, mas, também, o crescimento econômico e a modernização do país.

A partir de 1965, surgem vários decretos visando supervisionar e censurar o conteúdo das programações da TV, configurando a primeira expressão dos valores morais da ditadura militar relacionados com a radiodifusão, sob a alegação de que, sendo a radiodifusão um serviço de interesse público, a sua exploração comercial só fazia sentido se subordinada ao “fortalecimento da moral nacional”, que pregava ser um dos seus objetivos. Assim, nos primeiros anos, todas as programações, tanto de rádio como de TV, deveriam se moldar aos padrões culturais e educacionais considerados de acordo com os valores morais e ideológicos dos governos militares, de tal forma que, programas que abordassem assuntos, tais como

sensualidade; vulgaridade; problemas familiares e religiosos; falta de espírito cívico, que apresentassem uma mentira bem sucedida; prêmio à preguiça e à desonestidade; não cumprimento dos deveres; desencorajamento do amor à terra natal e ao povo brasileiro; estímulo aos sentimentos de rivalidade, vingança e luta de classes; encorajamento das lutas sobre questões raciais e de nacionalidade... (JAMBEIRO, 2001, p. 83).

¹⁶ Às empresas é dado o direito de exploração dos canais; elas não são donas.

ou seja, temas que faziam parte da vida cotidiana dos indivíduos e que necessitavam ser discutidos, deveriam ser postos de lado em prol do reverenciamento aos altos sentimentos cívicos e morais – e tudo sob o pretexto de colaborar na preservação da ordem pública.

Nesse contexto, nasce a Rede Globo¹⁷ que, apesar de ter sido inaugurada em 26 de abril de 1965, surgiu a partir de uma concessão à Rádio Globo, por meio do Decreto nº 42.946, de 12 de dezembro de 1957, assinado pelo então presidente Juscelino Kubitschek, que deu início à história de uma das mais bem sucedidas empresas de comunicação do Brasil.

Segundo O. Jambeiro (2001, p. 95), a Rede Globo cresceu à sombra da ditadura militar e seu desenvolvimento ocorreu em paralelo à expansão do capital internacional na economia brasileira favorecendo a entrada de alta tecnologia para o processo de industrialização no país, o que lhe conferiu a possibilidade de oferecer padrões de alta qualidade aos serviços prestados e se tornar, no final do século XX, “uma das redes comerciais assistidas com maior regularidade no mundo, dominando as transmissões no Brasil: é vista em todos os recantos do país, através de 84 estações de TV, 74 das quais sob contrato como afiliadas” (JAMBEIRO, 2001, p. 95). Aos poucos, ela foi adquirindo um caráter empresarial e, ao seu sucesso, deve ser acrescentada a parceria e a transferência de capital e *know-how* do grupo americano *Time-Life*, através de dois contratos assinados entre os dois grupos nos anos 60, que se transformaram em instrumentos fundamentais para a empresa brasileira, porque lhe garantiam financiamento e acesso a informação privilegiada.

Através da Rede Globo, as emissões deixaram de ser estaduais para se tornar nacionais e, como todas as afiliadas queriam transmitir as programações “globais”, ela se tornou a primeira a conquistar hegemonia nacional, em rede. A partir desse momento, outras emissoras começaram a fechar, pois boa parte dos seus profissionais migrava para a Globo, diz Daniel Filho (2001, p. 34)¹⁸ em seu livro *O circo eletrônico: fazendo TV no Brasil*, para quem, o segredo do sucesso da emissora se deve aos investimentos feitos em noticiários e telenovelas, além de ser o resultado da relação que a Rede Globo procurou manter com o seu público

¹⁷ Fundada pelo jornalista Roberto Marinho.

¹⁸ (Rio de Janeiro – 30/09/1937). Ator, diretor, produtor de televisão e de cinema brasileiro.

(classes médias e abastadas)¹⁹, que “começava a querer assistir na televisão coisas mais próximas da sua realidade” (FILHO, 2001, p. 35). Afirma, ainda, que a Rede Globo entendeu isso muito bem, mesmo que, para isso, seus contratados tivessem que fazer os mais variados papéis: de diretor, ator, apresentador:

a gente fazia de tudo na TV e o negócio era ‘segurar a peteca’ diante da câmera, houvesse o que houvesse. Até porque a televisão já estava inaugurada, a emissora toda funcionando, e os telespectadores esperando: alguma coisa a gente tinha que botar no ar. (2001, p. 17).

A televisão se expandiu a tal ponto que se tornou o meio de comunicação de massa de maior penetração no Brasil, embora exista um silenciamento no que diz respeito a estudos e pesquisas, pois, conforme Linda Rubim e Antonio Albino Canelas Rubim (2008, p. 3), ao se estudar a cultura poucos estudos levam em consideração a televisão. Para Maria Cristina P. Mungiolli, apesar de que o “uso crescente da *internet* como fonte de informação e entretenimento venha ocorrendo de forma crescente, é ainda por meio da programação de televisão aberta que a imensa maioria dos brasileiros se informa” (2009, p. 3) ou tem seu principal lazer.

A confirmação dessa primazia pode ser verificada em dados estatísticos obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2003, que concluiu que 90% dos lares brasileiros tinham televisão, enquanto a geladeira estava presente apenas em 87,3% dos domicílios, o rádio em 87,8%, o microcomputador em 15,3% e apenas 11,4% destes tinham acesso à internet (GOMIDE, 2006, p. 18). Na comparação com o censo feito em 2010, vamos perceber que esses índices aumentaram e a televisão já chega a 95% dos lares brasileiros, enquanto a geladeira alcança apenas 91%. (BRASIL, 2010).

Assim, como diz Almeida (2003, p. 24 apud MUNGIOLI, 2009), sendo a “televisão a maior mídia do país” há a necessidade de se analisar de forma crítica o seu conteúdo, a programação por ela veiculada, observando, como afirma J. B.

¹⁹ Observe, através dos slogans, como a Rede Globo procurou parecer estar sempre perto do telespectador: “O que é bom está na Globo” (anos 1970); “O que pinta de novo, pinta na tela da Globo” (1985); “Pegue essa onda, essa onda pega” (1987); “A Globo 90 é nota 100” (1990); “Globo e você: tudo a ver” (anos 1990); “Quem tem Globo, tem tudo” (1997); “Uma nova emoção a cada dia” (1999); “Globo: a gente se vê por aqui” (desde 2000). Disponível em: <www.telehistoria.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2010.

Thompson, “como as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas” (2007, p. 18), pois a ideologia dominante não está circunscrita apenas aos territórios ou organizações políticas do Estado, mas, principalmente, na vida cotidiana das pessoas. Dessa forma, a Rede Globo encontrou a fórmula ideal para permanecer no ar com altos índices de audiência, porque “foi criada com uma cabeça desse tipo”, segundo D. Filho, referindo-se à interação com o público que a emissora procura manter sempre em todas as suas programações:

E, por conta dessa cabeça, foi juntando os melhores profissionais da praça. Juntou o pessoal do teatro, do cinema, de tudo. Abriu-se para procurar os profissionais de que precisava pelo Brasil todo. E em todos os lugares, sem distinção, formando uma televisão ímpar no Brasil – e, sem dúvida nenhuma, no mundo todo. (2001, p. 37).

Tentando oferecer o máximo de programas diversificados para atender às demandas de uma população segmentada por classe, instrução e interesses, a união desses telespectadores foi encontrada através das narrativas ficcionais, as novelas. Mas, à medida que as novelas passavam a ter variados interesses e, também, para atender a uma população mais exigente, de classe média e alta, a Rede Globo começou a produzir novelas mais instruídas, seriados e minisséries (às 22 horas) que acabaram se tornando produtos diferenciados no contexto televisual brasileiro, devido ao tratamento temático e discursivo.

1.4.1 Diferença entre Telenovelas, Minisséries e Seriados

Através do seu padrão de qualidade, a Rede Globo procurou diversificar sempre a grade de programação, em sua maior parte, periodicamente, para agradar ao público, embora algumas programações nunca tenham se modificado desde a sua fundação, como, por exemplo, a exibição de um telejornal entre duas telenovelas, como o “Jornal Nacional” que é exibido entre as denominadas “novelas das sete” e “novela das oito”, o que pode ser considerado um método estratégico para conquistar mais audiência, conforme chamam a atenção Silvia Helena Simões Borelli e Gabriel Priolli:

Cria-se o hábito de ver TV, em família, com programações e horários reforçando-se mutuamente e garantindo uma fidelidade de público e um aumento vertiginoso dos índices de audiência nos vinte anos subsequentes [1960 a 1980]: alguns acompanham a primeira telenovela, enquanto esperam o telejornal e outros assistem ao telejornal enquanto aguardam a próxima telenovela. (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 19).

Segundo os autores, a definição de uma grade de programação horizontal e vertical – base do padrão de organização da emissora e que se tornou viável através da entrada do *videotape* aliado ao projeto *prime-time*, ou seja, considerando o “horário nobre”, o horário de melhor captação de recursos publicitários –, foi fundamental para a emissora manter o monopólio da audiência até os anos oitenta, quando começou a perder pontos, por dividir sua audiência entre os segmentos menos abastados, com outras emissoras que também vinham crescendo muito no Brasil. Mas, para além das questões de horário, a Globo procurou enfatizar bastante os seus produtos culturais como as telenovelas, para depois investir em outros programas como os seriados e as minisséries (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 19).

1.4.1.1 *As Telenovelas*

As telenovelas, que começaram no Brasil como uma produção de grande êxito, surgiram dos folhetins do século XIX, veiculados nos jornais e semanários, que passaram para o rádio, onde fizeram muito sucesso, até, finalmente, serem adaptados ao formato televisivo atual.

Segundo Esther Hamburguer (2007, p. 159), as telenovelas encabeçam a lista dos programas mais populares da televisão brasileira constituindo um artefato cultural capaz de mobilizar a audiência nacional e que, até o início da década de 1990, se conservou em patamares superiores a 50% de audiência. Como formato habitual, conta uma história contínua com desdobramentos em três ou mais tramas, pode ter uma média de 180 capítulos ou mais, dos quais é exibido um capítulo todos os dias da semana, exceto aos domingos, e é uma “obra aberta”, visto que pode sofrer alguma alteração em seu roteiro original ao longo da exibição, em função do “lbope”²⁰ ou pelas opiniões dos telespectadores através de cartas, e-mails, etc.

²⁰ Segundo o iDicionário Aulete: (i.bo.pe) [ó] a. 1. Sigla de *Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística*. sm. 2. Bras. Rád.Telv. Designa genericamente índice de audiência

Beatriz Caliman de Castro assim as descreve:

As telenovelas têm tramas que retratam o cotidiano da sociedade brasileira, são próximas da realidade do público, sendo por isso, consideradas por muitos verdadeiros retratos da sociedade brasileira e possuem um formato audiovisual de fácil compreensão, com linguagem simples e acessível a maior parte da população. Além disso, o gênero é uma forma de lazer barata, cômoda e prática, uma vez que vai até a casa do telespectador (2007, p. 67).

O público receptor da telenovela, um dos produtos televisivos brasileiros que, talvez graças a sua grande audiência e, também, a ser um produto de exportação, são estudados, se torna passível de alienação e de ser corrompido pela ordem da ideologia mercadológica, tendendo a se moldar de acordo com os interesses da classe dominante, por ser este um tipo de entretenimento que não exige ou não instiga o pensamento crítico.

Sem dúvida, existem visões que contrapõem esse pensamento, como a de Jesús Martín-Barbero²¹ que não concebe a audiência como passiva e vazia, acreditando que cada indivíduo possui um conjunto de informações adquiridas através de experiências sociais e individuais que o distinguem dos outros e como consequência a mensagem recebida será interpretada de acordo com sua visão de mundo (apud CASTRO, 2007, p. 69), um pensamento que se aproxima do de J. B. Thompson que vê os indivíduos com autonomia e, mesmo que possam ser influenciados nas suas identidades e comportamentos, nem sempre as apropriações se darão da mesma forma por toda a audiência.

Para Esther Hamburger, alguns pesquisadores de mercado que se especializam em sondar audiência e opinião pública afirmam que as mulheres constituem o público básico das telenovelas. Ela observa que, antes da década de 1970, os temas mais abordados nas novelas eram elementos da história e da cultura do Brasil, que eram a marca registrada do gênero. Depois da década de 1970, as

obtido por pesquisas de opinião pública a fim de obter sondagens sobre preferências do público: *O programa deu um bom ibope*. 3. Fig. Prestígio pessoal, reconhecimento: *O ibope do bombeiro subiu depois que salvou as crianças*. [F.: Sigla substv. de *Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística*].

²¹ Trata-se de um teórico colombiano, pesquisador da Comunicação e Cultura e um dos expoentes nos Estudos Culturais contemporâneos. Representante Latino americano do estudo dos meios de comunicação de massa. Ver MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

novelas foram, aos poucos, se tornando “vitrinas privilegiadas do que significa ser ‘moderno’, em uma versão despolitizada e diluída do conceito: estar sintonizado com a moda e comportamentos contemporâneos” (2007, p. 160), daí porque é preciso se ter muita cautela, pois as telenovelas influenciam nos comportamentos dos indivíduos mais do que se pode imaginar, além de reforçarem as desigualdades nas relações de gênero.

Mas isso não é de se surpreender vendo como D. Filho, que, há anos, trabalha na televisão como ator, diretor e produtor, concebe as mulheres. Em seu livro, ele faz uma observação sobre a natureza da telenovela:

Ela é basicamente feminina. Suas histórias são, acima de tudo, história de mulheres; a heroína é a principal protagonista. São sempre histórias românticas, dirigidas às telespectadoras, que são seu grande público. Por que isso acontece?

Acho que as mulheres são naturalmente apaixonadas, tendo a generosidade de abrir o coração de uma maneira que, em geral, os homens não se permitem. As atrizes têm maior facilidade para mostrar todas as gamas da sensualidade do amor, do afeto ou da fraqueza; dada a sua condição feminina, conseguem transitar pelas emoções com mais tranquilidade do que os atores. Ponto para as mulheres! (2001, p. 70).

Se um produtor visualiza as mulheres dessa maneira, mesmo após todas as suas reivindicações e a luta feminista, as telenovelas, em sua grande maioria escritas por homens, realmente serão produtos de reprodução de preconceitos, de uma representação estereotipada das mulheres de forma diferenciada da do homem e nos quais perdura a visão patriarcal bem como as “qualidades” que compreendem as mulheres como um sexo frágil e com uma visão de mundo romântica, uma representação que deveria ser desconstruída, mas que, no entanto é reforçada.

1.4.1.2 *As Minisséries*

São séries de ficção curtas, bem menores que as novelas, cujo número de capítulos varia muito, em geral, de 5 a 40, já tendo havido minisséries até com 60 capítulos, mas sempre exibidas em horário além das 22 horas, geralmente depois da última novela do horário nobre, um horário, segundo M. C. P. Mungiolli, que “já era destinado (por causa dos seriados) a um público pretensamente mais bem

informado e exigente que, por isso, aceitaria melhor produções de caráter inovador, crítico ou desafiador” (MUNGIOLI, 2009, p. 10).

A Rede Globo produziu a minissérie “Lampião e Maria Bonita”²², a primeira nesse formato, em abril de 1982. Segundo Michelli Machado, de 1982 em diante, muitas minisséries com diferentes temas, enredos e quantidade de capítulos, já foram exibidas, boa parte delas históricas (releituras históricas de determinados acontecimentos ou a partir de roteiros de livros), cujo desenvolvimento se dá a partir de um acontecimento importante da história. Algumas foram baseadas em um determinado período, como a vida diária antes da ditadura ou mesmo no tempo da ditadura ou enfocaram uma figura de destaque na história nacional. Esses temas históricos renderam uma alta audiência, o que fez crescer o número de produções televisivas desse gênero. Até 2009, 63 minisséries foram exibidas e destas 1/3 eram históricas. (2009, p. 2).

De certa forma, diz M. C. P. Mungoli (2009, p. 11), em matéria de temas e de tratamento discursivo ficcional, as minisséries brasileiras “herdaram” as características de um horário destinado às grandes novidades e discussões, que visava a uma classe mais instruída, muito embora as discussões de temas importantes para a história e que deixaram marcas na sociedade brasileira, como a ditadura, por exemplo, de problemas sociais e econômicos que afligiam (e afligem) a população não tenham ficado e nem fiquem restritas somente aos programas exibidos nesse horário, pois as telenovelas também abordam temas desse tipo. Mas as características e o enfoque dados aos temas pelas minisséries são diferenciados tanto em termos de tratamento temático, estético e discursivo quanto em termos de orçamentos de produção: elas mostram mais as contradições da vida cotidiana ou procuram desmontar a história oficial.

1.4.1.3 Os *Seriados*

Essa é uma produção com formato fechado, isto é, cada episódio é independente do outro, podendo um episódio ter relação com o anterior, porém sem impedir que o telespectador compreenda do que se trata; é exibida por temporadas, uma vez por semana, e têm duração de 40 a 45 minutos. Em sua produção há uma

²² Direção: Paulo Afonso Grisolli; Roteiro: Aguinaldo Silva e Doc Comparato Foi exibida em abril de 1982 e transmitida às 22h10min e teve ao todo oito capítulos.

aproximação com o discurso cinematográfico (SANTOS, 2003, p. 1-2), dando mais espaço à experimentação.

Os primeiros seriados produzidos e exibidos pela Globo foram *Plantão de Polícia* (1979/1981), *Carga Pesada* (1979/1981), *Malu Mulher* (1979/1980), e *O Bem Amado* (1980/1984), que eram exibidos semanalmente. E até hoje o formato é explorado mantendo seriados como *A Grande Família*, *Minha Nada Mole Vida* e o mais recente *Toma Lá Dá Cá*.

As chamadas *Séries Brasileiras*, que quase sempre seguiam os gêneros dos seriados da televisão norte-americana e que marcavam presença na Rede Globo, no horário nobre, durante a década de 1970, foram criadas para substituir os “enlatados” norte-americanos que, desde a década de cinquenta, já eram veiculados no Brasil. Essas produções permaneceram na grade da emissora entre 1979 e 1981, ou seja, conviveram com as telenovelas das 22 horas produzidas pela Globo durante um bom tempo e foram abandonadas pela impossibilidade de concorrência com os estrangeiros (MÜLLER, 2008, p. 3), como adiante será comentado.

Assim como as telenovelas ou os *sitcom*²³, os seriados constituem um gênero televisivo de entretenimento, porém, com uma linha dramática ou cômica mais complexa, podendo discutir o mesmo assunto durante vários episódios, segundo Márcia Rejane Messa (2006, p. 3), que ressalta que esses também possuem um forte apelo mercadológico, “ditam regras de comportamento e podem alterar, remodelar ou reafirmar identidades” e, citando Martín-Barbero (2004, p. 355), alterando ou “desconfigurando o habitat natural” como se pode verificar pela influência de *Sex and the city* aqui no Brasil.

O fenômeno *Sex and the City*, uma *sitcom* que abre espaço para a questão da mulher contemporânea – e solteira -, pode ser ilustrativo: o tema da ‘mulher solteira com mais de trinta anos’ passou a ser debatido com maior intensidade na mídia depois de seu surgimento; os estilistas usados por Carrie Bradshaw, personagem principal da *sitcom*, antes desconhecidos, viraram ícones; os sapatos Manolo Blahnik, sua grande paixão, idem; além disso, uma jornalista brasileira lançou um livro com um roteiro de Nova Iorque de acordo com os locais visitados pelas personagens. (MESSA, 2006, p. 3).

²³ *Situation comedy* (comédias de situação), termo em inglês para designar séries de televisão com histórias de humor.

A forma como são manipulados pela mídia torna claro como os seriados, longe de “puro entretenimento” (o que não existe), se transformam em apelo mercadológico para influenciar as pessoas a consumirem os produtos que fazem o sucesso dos personagens principais, certamente moldando os comportamentos de alguns indivíduos que têm nesse tipo de produto um lazer.

Por outro lado, a produção dos seriados brasileiros, segundo Luciene Santos (2003, p. 5-6), foi imprescindível para abordar os problemas sociais que faziam parte do cotidiano dos brasileiros, como o analfabetismo, as condições da miséria e da seca nordestina, a violência e, ainda, para se mostrar um Brasil real, pluralizado, com suas diversas culturas e regionalismos assim como a nova condição das mulheres se emancipando e se tornando independentes econômica e socialmente, comentário que se adequa ao seriado *Malu Mulher*. Márcia Coelho Flausino chama a atenção que o horário de exibição de uma programação ficcional após as 22 horas, quando nem toda a família pode ver o seriado, serve de “espaço de discussão de temas atuais, que mobilizam a sociedade, mas que devem ser vistos pelos adultos da casa, os que teoricamente têm mais poder de decisão em relação aos valores morais a serem adotados pelo grupo”. (2001, p. 6).

Nos últimos anos, embora a Rede Globo tenha continuado a investir na produção de seriados, devido à alta tecnologia disponível para inovar em suas produções, pode-se perceber que se tem buscado o formato já cristalizado dos seriados norte-americanos, como aconteceu com *A justiceira* (1997), um seriado policial, com recursos técnicos próprios de cinema e inspirado em filmes de ação norte-americanos. Também o seriado *Mulher* (1998/9) foi produzido sob a supervisão de uma roteirista norte-americana, o que certamente contribuiu para influenciar toda uma geração de mulheres quanto ao comportamento e à relação com a cultura do país, uma vez que os jovens tendem a assimilar os modelos que elegem como referência.²⁴

Todas essas produções televisivas – telenovelas, seriados e minisséries –, são gêneros ricos para se estudar as relações de gênero, pois, em sua grande maioria, as mulheres são representadas de forma estereotipada e seguindo determinados valores patriarcais. Entretanto, de acordo com L. Santos (2003, p. 1),

²⁴ As informações sobre os produtos foram retiradas da página “Memória Globo”. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo>>. Acesso em: 21 dez. 2010.

através de um levantamento bibliográfico realizado nas bibliotecas das principais universidades brasileiras, *sites*, bancos de dados de artigos dos principais jornais do país e catálogos de editoras e livrarias, a produção analítica sobre tais programas é muito rara, principalmente, se comparadas aos gêneros novela e minissérie.

Acredito que toda a teledramaturgia brasileira tenha que ser analisada, não só pelo elevado índice de audiência que atinge, mas, principalmente, porque são produções que trazem, muitas vezes, a ideologia dominante, mesmo que se proponham a discutir temas relevantes dentro da sociedade ou disseminar as diferentes práticas culturais do país. E mesmo que a audiência não seja passiva, ela merece ser analisada, até mesmo porque, “a ideia que predomina, hoje, é de que a televisão é a grande responsável pelo comportamento das novas gerações”, segundo Ivá Alves (2005, p. 38).

2 UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE OS SERIADOS *MALU MULHER* E *MULHER*

Cientes da influência que a mídia exerce sobre as pessoas, e, em especial, a mídia televisiva, formando opiniões, adequando modelos, reiterando atitudes e comportamentos, a análise que se pretende realizar aqui das representações dos personagens, abarcando também seus comportamentos e seus discursos, possibilitará perceber, nos episódios escolhidos dos seriados *Malu Mulher* (1979-80) e *Mulher* (1998-99)²⁵, como os temas que nos parecem relevantes, inclusive para a sociedade e sua democratização, foram tratados ou abordados e, posteriormente, na comparação entre os dois seriados, como as mulheres foram representadas em cada um desses momentos.

Criados e veiculados com a diferença de vinte anos entre eles, logo, pertencentes a contextos históricos diferentes, os dois seriados abordam, em vários de seus episódios, questões semelhantes da agenda feminista e que permeiam o cotidiano das mulheres, como trabalho, relações afetivas, filhos, aborto, divórcio, estupros, menopausa, questões, em sua maioria, circunscritas a um ambiente familiar.

Como objeto desta dissertação foram selecionadas as representações das mulheres, mas, também, as questões importantes para o feminismo tratadas nos dois seriados, em cuja análise é indispensável observar como essas mulheres são representadas nos dois contextos históricos e culturais em que as séries foram

²⁵ Os seriados estão disponibilizados em DVD, mas os episódios ali veiculados foram selecionados: assim, *Malu Mulher*, com duas temporadas e cerca de 76 episódios, ficou reduzido a 10 episódios (talvez, em função do tipo precário de gravação da época, tenha ficado em estado de degradação); e *Mulher*, também com duas temporadas e cerca de 60 episódios, a 20 episódios, em sua maioria escritos por Manoel Carlos.

produzidas, bem como se as questões estão ou não articuladas às reivindicações do feminismo que, de alguma forma, emergem na mídia televisiva.

2.1 O SERIADO *MALU MULHER* (1979/1980)

Como toda criação televisiva, o seriado é um programa de equipe, mas pode-se dizer que tanto a criação quanto a supervisão e a direção geral são de Daniel Filho, podendo ser considerada uma criação quase especificamente dele²⁶, que, atento às sutis mudanças da sociedade, como diz, em seu livro *Circo eletrônico* (2001, p. 91), sempre procurou programas inovadores e mesmo seriados experimentais para a televisão aberta. Apesar do contexto de severa censura da ditadura militar, ele conseguiu criar espaços e colocar no ar temas e tramas da vida social e política brasileiras, como em *Malu Mulher*, uma das primeiras experiências de seriado brasileiro que, mantendo o formato das séries norte-americanas de estrutura fechada, acompanha o percurso das experiências vivenciadas pela protagonista, Malu.

Surgiu no contexto de uma severa ditadura militar que prezava pelos direitos da instituição familiar, com uma censura que cerceava e limitava a criação artística e qualquer tipo de experiência que extrapolasse uma visão conservadora de mundo, mas que, porém, não conseguia mais abafar os movimentos populares, tais como os movimentos contra a própria ditadura, que tomavam quase toda a cena, esmaecendo outras lutas como a feminista e a dos negros, e as mudanças que estavam ocorrendo, nitidamente, nos costumes da sociedade: a escolarização das mulheres das classes médias, que chegavam em bloco nas universidades; a sua entrada no espaço público através do emprego; a própria visão feminista sobre a mulher e o casamento; e, finalmente, a visibilidade das separações e divórcios.

Nesse contexto cultural é que vai repercutir o lançamento de *Malu Mulher*, produção muito bem cuidada e bem sucedida, com alto índice de audiência registrado que atingia, segundo informações pesquisadas em textos da época, uma

²⁶ Além do diretor geral Daniel Filho, a série teve mais dois diretores, Paulo Afonso Grisolli e Dênis Carvalho. Já os roteiros dos episódios são de vários autores: Armando Costa, Lenita Plonczynski, Renata Palottini, Doc Comparato, Manoel Carlos e Euclides Marinho.

média de cinquenta e dois pontos. Também a música tema, *Começar de novo*²⁷, que foi escrita especialmente para o seriado, foi um sucesso de venda.²⁸

Ao todo, *Malu Mulher* teve 76 episódios, que foram exibidos entre 24 de maio de 1979 a 22 de dezembro de 1980 tendo ido ao ar os seguintes episódios, segundo informações constantes da página “Memória Globo” (GLOBO.COM).

1979	1980
“Acabou-se o que era doce”*	“Com que roupa?”
“Bendito o fruto”	“Elisa mulher”
“De repente, tudo novamente”	“O melhor tempo de amar”
“Ainda não é hora”*	“Romeu, Julieta e suas mães”
“Muitos anos de minha vida”	“Sentindo na própria pele”
“A subversiva”	“Parada obrigatória”
“Hospício geral”	“Crescendo em guerra e paz”
“O silêncio de Deus”	“Filhos, melhor não tê-los”*
“Com unhas e dentes”*	“Patinho feio, de repente é cisne”
“Pesadelo”	“Nossos casamentos, hoje”
“Em terra de cego, quem tem um olho é expulso”	“Em legítima defesa da honra e outras loucuras”*
“Solidão, Feminino Plural”	“Animais de sangue quente”
“O doce inferno da Burguesia”	“Jovem, você tem que ser alguma coisa na vida”
“Até sangrar”*	“Duas vezes mulher”*
“O último lance”	“Uma coisa que não deu certo”
“Futura madrasta”	“A trambiqueira”
“A amiga”*	“Simplicidade voluntária”
“Histórias nada românticas”	“O príncipe encantado”
“Felicidade”	“Crônica de Natal”
“Gabriel não é arcanjo”	
“Antes dos quarenta, depois dos trinta”*	
“Bill Cuba Libre não morreu”	
“Infidelidade”*	
“O reencontro”	
“Exige-se boa aparência”	

* Episódios que constam no DVD produzido pela Som Livre, em 2006.

²⁷ Autoria: Ivan Lins e Vítor Martins.

²⁸ Certamente, pelo sucesso que obteve e por ter sido uma inovação em seu tempo, a Som Livre, em 2006, recuperou cerca de dez episódios e reuniu em dois DVDs para não deixar no esquecimento um seriado de tanta repercussão entre as camadas médias brasileiras. Infelizmente, o contato feito com a área de divulgação da Rede Globo no intuito de conhecer as razões para a seleção dos dez episódios, entre outros itens, não foi respondido. Assim, acreditamos que, talvez por ser outro o contexto, tenha-se tido a intenção de deixar de fora alguns temas.

O seriado *Malu Mulher* foi o mais bem sucedido em termos de audiência e a mais polêmica das *Séries Brasileiras*. Foi vendido para 52 canais de televisão no mundo (mesmo após seu término) e conquistou os seguintes prêmios no exterior: 1979 – Prêmio Ondas, da Sociedade Espanhola de Radiodifusão e da Rádio Barcelona; 1980 – Prêmio Íris de Melhor Produção Estrangeira, pela televisão, nos EEUU; além disso, foi exibido em horário nobre, na Suécia, superou em audiência vários programas da BBC, na Inglaterra, e em 1982, foi considerado o Melhor Programa de Televisão do ano, em Portugal e na Grécia. (GLOBO.COM).

Aqui no Brasil, em decorrência do grande sucesso do seriado – com ótimos índices de audiência no Rio de Janeiro e em São Paulo e uma trajetória no exterior que foi notícia em muitos jornais brasileiros –, a Rede Globo lançou, ainda em 1979, o programa *Mulher 80*, um especial musical que investigava o papel das mulheres na Música Popular Brasileira (MPB), a partir de depoimentos e apresentações de Maria Bethânia, Gal Costa, Fafá de Belém, Rita Lee, Elis Regina, Zezé Motta, Simone, Quarteto em Cy, Marina e Joanna, também dirigido por Daniel Filho e apresentado por Regina Duarte, a atriz que protagonizou o seriado.

2.1.1 A Produção e seu Contexto Cultural

A série produzida em 1979 buscou fundar suas bases na realidade histórica da época: a ditadura militar, o feminismo e a ruptura com antigos padrões da família. Para se ter uma idéia do contexto, a revista *Veja*, de 26 de dezembro de 1979, fez um panorama geral do que significou a década de 1970, não só no Brasil, trazendo todos os acontecimentos internacionais que, de certa forma, influenciaram a sociedade brasileira. Mapeando as regiões, constatou que o país começara a década mergulhado em repressão, censura, sequestros, prisões, torturas e mortes e, apesar da preocupação com a industrialização, a tecnologia, a economia, em algumas regiões, como o Nordeste, a fome e a miséria assolavam a população pobre e a violência no Rio de Janeiro atingia seu ápice, a ponto de a Baixada Fluminense se tornar o lugar mais violento do mundo. (OS ANOS..., 1979c, p. 34).

Mas esses acontecimentos não abateram os grupos de resistência; ao contrário, serviram para encorajar as pessoas a se mobilizarem mais e começarem a mudar o rumo da história. A morte do jornalista Wladimir Herzog é um desses casos, pois, segundo a revista *Veja*:

Uma semana depois do aparecimento do seu cadáver, num culto ecumênico em sua memória, na Catedral da Sé, **8.000** pessoas faziam em São Paulo, a primeira manifestação pública desde que as ruas haviam sido varridas pelo AI-5 em dezembro de 1968. (OS ANOS..., 1979c, p. 29, grifo nosso).²⁹

Após essa manifestação, seguiu-se uma onda de demissões entre os comandantes do Exército ligados à tortura. A economia não estava bem, a seca castigava grande parte do Nordeste, que não recebia assistência do governo, a inflação estava cada vez mais alta e a população reclamava de que nunca a moeda brasileira havia desvalorizado tanto desde que tinha virado cruzeiro³⁰.

2.1.2 O Feminismo no Brasil na Década de 1970

Foi, também, na década de 1970 que o movimento feminista, a chamada “segunda onda”³¹, teve sua maior expressão no Brasil, de acordo com Mariza Corrêa (2001), articulado a outros movimentos sociais da época, inclusive, movimentos populares (compostos por mães e donas-de-casa) que lutavam, principalmente, por melhoria nas condições de vida, como água, luz e transporte, além de reivindicar criação de creches nas fábricas e nas universidades, uma lei já existente, mas não cumprida. Acrescentando-se, a isso, a sua articulação ao Movimento pela Anistia³² e lembrando que os anos 1970 foram os piores da Ditadura Militar no Brasil, percebe-se que o movimento feminista se encontrava envolvido em um duplo desafio: lutar pela emancipação das mulheres e contra a repressão do regime ditatorial.

²⁹ O Ato Institucional nº 5 ou AI-5, quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro, dava poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais. “[...] promulgado em 13 de dezembro de 1968, instaurou a ditadura deslavada no Brasil, embora a situação anterior ao ato estivesse longe de ser democrática. A história da repressão (e da liberdade de imprensa) divide-se claramente em três períodos: antes do AI-5, entre o AI-5 e o início do governo Geisel, e de então até a restauração da democracia. Antes do AI-5, a censura estava incluída entre as medidas que poderiam ser adotadas se ‘necessárias para a defesa [do regime]’, assim como em caso de estado de sítio” (SOARES, 1989).

³⁰ Moeda brasileira na década de 1970.

³¹ A segunda fase do feminismo (segunda geração) surge nas décadas de 1960 e 1970, em especial nos Estados Unidos e na França, propagando-se para todo o Ocidente.

³² “O Movimento Feminino pela Anistia foi criado em 1975 sob a liderança de Terezinha Zerbini, com o objetivo de articular as lutas e mobilizações em defesa dos presos políticos, pelo retorno dos banidos, por uma anistia ampla, geral e irrestrita. O MFA foi a primeira estruturação pública e oficial de questionamento da ditadura militar” (COSTA, 2005).

O período de grande repressão aos partidos políticos, aos movimentos de esquerda e a qualquer tipo de movimento popular do início da década fora seguido de uma intensa censura às manifestações culturais: imprensa, teatro, cinema e música popular. Assim, através da censura, a ditadura proibia qualquer articulação mais profunda de membros da sociedade e, segundo M. Corrêa:

No caso do movimento feminista não foi diferente: várias das iniciativas mais organizadas do movimento estavam vinculadas à Igreja ou ao Partido – embora houvesse um permanente ponto de fricção nessa aliança com a Igreja, que era a defesa do aborto feita pelas feministas. Também havia fricções com os militantes comunistas, mas por outras razões: no caso deles tratava-se de dar prioridade à ‘luta mais ampla’ em detrimento das reivindicações feministas e o ataque à participação de lésbicas no movimento foi uma das táticas utilizadas para tentar impedir a realização de um congresso feminista, por exemplo. (CORRÊA, 2001, p. 14-15).³³

Para que essa aliança estabelecida com a Igreja Católica contra o regime ditatorial pudesse continuar, as mulheres tiveram que abrir mão, naquele momento, de várias reivindicações importantes para a sua emancipação, como a liberdade sexual e as discussões sobre divórcio e aborto, priorizando questões mais amplas como a defesa dos direitos civis, a liberdade política e a melhoria das condições de vida. Mas o fato é que conseguiram se utilizar dessas alianças, porque elas consolidavam uma articulação nacional cujos resultados foram a ampliação dos espaços políticos das feministas e de seu poder reivindicatório. Mas, afirma Cynthia Sarti (1988, p. 40) que, enquanto instituição, os interesses da Igreja Católica acabavam se sobrepondo aos das mulheres, pois, se, por um lado, ela promovia a participação das mulheres na vida comunitária, por outro, reforçava sua permanência nos papéis familiares tradicionais, a exemplo do Clube das Mães³⁴.

³³ Não se pode deixar de referir o grande incentivo aos movimentos sociais e ao movimento feminista, por parte do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, até mesmo, por setores progressistas da Igreja Católica, adeptos da Teologia da Libertação que, segundo Cynthia Sarti (1988, p. 40), através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que desenvolviam um trabalho junto às populações de baixa renda, constituíam um relevante foco de resistência ao regime autoritário vigente, ainda que, para o movimento feminista, essa relação se desse de uma forma conturbada, por causa da questão do aborto.

³⁴ “[...] grupo de mulheres que contava com o apoio da Igreja Católica e lutava por melhores condições de vida, reivindicando transporte, saneamento básico, habitação, atendimento à saúde e educação, denunciando as carências e desigualdades do espaço brasileiro” (MANINI, 1995/1996, p. 54) e que, durante a ditadura militar, aderiu ao movimento feminista e contou com o apoio da Igreja Católica.

Também não é o caso de afirmar que todo o movimento feminista estivesse ligado à Igreja Católica, porque, entre as décadas de 1960 e 1970, muitas feministas de classe média, militantes políticas e intelectuais se juntaram a sindicalistas de vários setores para lutar contra a ditadura militar. Segundo Eva Blay,

certamente, unia-as uma visão democrática e igualitária dos direitos da mulher que suplantava diferenças partidárias e ideológicas. Formou-se um vasto movimento unido de mulheres, se considerarmos que o inimigo era comum. (É claro que, em contrapartida, o movimento feminino conservador, ligado especialmente à igreja católica e ao movimento militar, também se organizou). Ao movimento feminista se aglutinou uma série de grupos que atuaram cotidianamente a favor dos direitos a melhores condições de vida, pela anistia, pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. (2003, p. 91).

O ano de 1975 foi um marco na história do feminismo, que crescia e se tornava cada vez mais visível, no Ocidente, e de grande contribuição para o avanço das discussões relativas à emancipação das mulheres graças à instituição do “Ano Internacional da Mulher”, pela Organização das Nações Unidas (ONU) que, a partir desse ano, organizou conferências, que foram realizadas em vários países, para discutir as questões das mulheres. Esse fato foi de grande relevância para o movimento feminista no Brasil, que dava seus primeiros passos, porque serviu de motivo de convergência para discussões e para a organização das mulheres, visto que o fato de atuar sob ditadura, se refletia e dificultava o avanço do movimento no Brasil. C. Sarti comenta a respeito:

As comemorações do Ano [Internacional da Mulher] abriram caminho para os primeiros agrupamentos coletivos femininos, vinculados em sua grande parte aos partidos e organizações de esquerda (clandestinos nessa época). Deram origem ao Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira (São Paulo) e ao Centro da Mulher Brasileira (Rio de Janeiro), que reuniram basicamente mulheres profissionais. (1988, p. 41).

Também começaram a ser editados jornais que discutiam questões relacionadas à condição das mulheres, pelo abrandamento da censura em relação à sociedade – talvez mesmo em função das demandas –, embora continuasse muito forte em relação à cultura em geral (revistas, TV, teatro, literatura e rádio). Começaram a circular pelo país, mesmo precariamente, os jornais *Brasil Mulher*

(1975-1980) e o *Nós Mulheres* (1976-1978), feitos por mulheres e a elas dirigidos com o compromisso de difundir as reivindicações e propostas diretamente relacionadas à condição das mulheres, como a violência doméstica, as condições de trabalho, os direitos reprodutivos, o aborto e a sexualidade. Segundo Rosalina de S. Cruz Leite³⁵ (2003, p. 234), a comercialização desse tipo de imprensa, considerada alternativa³⁶ por ter como característica a oposição ao regime, era feita de mão em mão, nas sedes das organizações, ou vendido em determinadas bancas de jornal, por serem frutos de discussões de coletivos de mulheres organizadas, em sua maioria, militantes de esquerda.

As pautas feministas começaram a enfatizar assuntos ligados à subjetividade e ao indivíduo, além de ampliar os temas em favor da emancipação das mulheres, que eram constantes nos jornais citados, relacionados aos direitos reprodutivos desde o uso de pílulas anticoncepcionais e o planejamento familiar até o direito a creches. Na área do trabalho, os grupos reiteravam a luta por salários iguais, pelo fim da discriminação no cotidiano do trabalho, pelos direitos trabalhistas e pela profissionalização das mulheres que, estavam, também, preocupadas com o seu corpo e sua sexualidade. Conforme Rachel Soihet,

as reivindicações manifestavam-se em favor dos direitos de reprodução, as mulheres buscavam a plena assunção do seu corpo e de sua sexualidade (aborto, prazer, contracepção) e insurgiam-se contra a violência sexual, não mais admitindo que esta fosse uma questão restrita ao privado, cabendo a sua extensão ao público. (2006, p. 3-4).

Mesmo com todas as questões que uniam as mulheres em favor da sua emancipação, havia vários feminismos, pois o movimento feminista estava longe de ser homogêneo, em função de divergências entre os grupos de militantes e entre militantes e acadêmicas e, ainda, em relação à orientação do PCB. Segundo M. Corrêa (2001, p. 17), o confronto entre militantes e pesquisadoras era constante em seus encontros, o que pode ter sido um dos motivos de não ter existido uma imprensa feminista unificada. Essas diferenças entre as militantes se davam em

³⁵ Foi membro do Conselho Editorial do *Brasil Mulher* a partir da 6ª edição (foram 16 edições), em 1976, até o último número em 1980.

³⁶ Existiam outros jornais não feministas e alternativos como o *Pasquim*, *Opinião*, *Movimento* e *Em Tempo*, com posições e informações fundamentalmente políticas, e *Versus*, *Ovelha Negra*, *Lampião* e *De Fato*, com orientação cultural, sexual e ideológica.

parte, também, por causa do retorno ao Brasil de feministas exiladas procedentes de várias partes do Ocidente, onde começaram suas trajetórias de ativistas. Assim R. de S. Cruz Leite comenta:

As militantes que vão compor o coletivo do jornal *Nós Mulheres*, que voltam ao Brasil em meados de 1976, bem antes da Anistia, vinham decididas a editar um jornal feminista, de oposição, e que veiculasse as lutas sociais das mulheres. Preferiram garantir sua 'autonomia', fundando um jornal próprio, o *Nós Mulheres*, a se integrar no já existente *Brasil Mulher*, reproduzindo, desse modo, a heterodoxia tão presente nas organizações de esquerda. O *Brasil Mulher*, por sua vez, temia as feministas que chegavam com muitas críticas à linha que havia adotado. (2003, p. 236).

Com desavenças ou não, o fato é que, em 1978, o movimento feminista no Brasil já se encontra consolidado e o momento de "abertura política", no final da década de 1980, vai permitir novos caminhos e novas discussões e, assim, apesar das diferenças evidentes dentro do próprio movimento, as feministas se unem em prol das demandas das mulheres.

É válido salientar que, ao longo das lutas dos movimentos feministas, assistiu-se à passagem da categoria analítica *mulher* para *mulheres*, evidenciando que qualquer posição essencialista deveria ser contestada, uma vez que o conceito *mulher* implicava todas as mulheres, sem reconhecimento das diferenças dentro da categoria. A necessidade de levar em consideração outras diferenças como classe e raça/etnia, por exemplo, levou à passagem para *mulheres*.

Já na década de 1980, principalmente pela entrada maciça das mulheres no seio da Academia, as teóricas começaram a usar o termo *gênero*, um conceito que foi fundamental para o movimento feminista, por ter servido como categoria de análise e não somente para auxiliar em uma nova prática de fazer ciência, como também possibilitando as relações assimétricas e que, tendo sido adotada de maneira generalizada no país, a partir de 1990, na Academia, permitiu uma reflexão maior. Para Cláudia de Lima Costa,

Um dos principais ganhos que o conceito de gênero trouxe, quando aliado às correntes estruturalistas e pós-estruturalistas, foi a negação epistemológica de qualquer essência à mulher... Mais que tudo o conceito de gênero nos permitiu teorizar com mais destreza as complexas e fluidas relações e tecnologias do poder. (1998, p. 134).

Ocorre, também, a consolidação do Movimento através da fundação de vários núcleos feministas: em São Paulo, a Associação de Mulheres que, posteriormente, passou a ser denominada “Sexualidade e Política”, o SOS Violência, o Centro de Informação da Mulher (CIM), fundado em 1981; no Rio de Janeiro, o Centro Brasileiro da Mulher e o Coletivo Feminista; em Campinas, o SOS e o Coletivo Feminista (1978); e mais o SOS Corpo, no Recife (1981), o Maria Mulher, em João Pessoa, o Brasília Mulher, o Brasil Mulher, o Grupo Sexo Finalmente Explícito, entre outros³⁷. (RAGO, 2003).

Ainda nessa década, “os meios de comunicação abriram espaço para as questões das mulheres, atribuindo, ainda que indiretamente, maior visibilidade e credibilidade ao movimento social” (SARTI, 1988, p. 43) cujas ideias começam a ser disseminadas pelo país e, dessa forma, os debates sobre a autonomia e a emancipação das mulheres ganham espaço na mídia impressa, bem como televisiva, em programas direcionados para o público feminino (de classe média)

Ainda em pleno regime militar e em uma sociedade ainda dominada pelo conservadorismo, surge o *TV Mulher*³⁸ (07/04/1980 a 27/06/1986), apresentado por Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias, com roteiro, direção e edição de Rose Nogueira, exibido pela Rede Globo, um programa feminino, diferente dos formatos tradicionais, que ia ao ar de segunda a sexta às 9 hs e tinha a duração de três horas.

TV Mulher era dividido em sessões curtas de até cinco minutos, nas quais se abordavam assuntos variados, que incluíam o comportamento sexual e os direitos da mulher, temas até então considerados tabus. Cada sessão tinha vinheta própria e apresentador.

A abertura do *TV Mulher* mostrava uma emissora de televisão operada apenas por mulheres. A música-tema, *Cor de rosa choque*, foi composta por Rita Lee e Roberto de Carvalho especialmente para o programa.³⁹

³⁷ Sobre os demais centros e coletivos feministas, não foram encontradas as datas de suas fundações, mas pelo avanço das discussões sobre o movimento feminista, supõe-se que tenham sido originados em datas semelhantes aos demais.

³⁸ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249786,00.html>>. Acesso em:

³⁹ A sexóloga Marta Suplicy apresentava o quadro *Comportamento sexual*, em que tratava, pela primeira vez na televisão brasileira, de questões como menstruação, orgasmo, impotência etc. e recebeu muitos protestos por falar, em pleno dia, sobre orgasmo feminino e por repetir palavras consideradas tabu para a época, como a palavra *vagina*.

Traçar um perfil das feministas da década de 1970 não é uma tarefa fácil, pois ainda se tem pouca documentação, porém, sabe-se que eram mulheres provenientes de profissões diferentes, atrizes de teatro, professoras e estudantes universitárias, jornalistas, mulheres provenientes de sindicatos e ativistas oriundas de vários movimentos populares. Segundo M. Corrêa (2001), entre o eixo Rio–São Paulo, onde a pesquisadora mais circulou durante aquela época, havia algo em comum entre elas: eram mulheres de esquerda, já profissionais ou próximo a se tornarem, todas movidas por uma visão igualitária, por perceberem a que papel as mulheres eram destinadas na sociedade tradicional.

É na esteira desse contexto que vai ser produzido o *Malu Mulher* (1979/80), que abordava o cotidiano de uma mulher separada e sua inserção no ambiente público e que se passava na cosmopolita e diversificada cidade de São Paulo, uma escolha feita talvez porque nesta cidade e no Rio de Janeiro, a partir de 1975, já eram visíveis os novos comportamentos das mulheres. Foi também nesta cidade que surgiram os primeiros Centros de Desenvolvimento da Mulher Brasileira que, posteriormente, aparecem em outras capitais do país, e, entre 1978 e 1982, inúmeros eventos para discutir as questões das mulheres como: o primeiro e o segundo Congresso da Mulher Paulista; a criação do Centro de Informação (CIM) que servia para informar todas as organizações e movimentos de mulheres pelo resto do país; o Tribunal Bertha Lutz, que discutia as discriminações sofridas pelas mulheres no trabalho; e o Festival Nacional das Mulheres nas Artes, evento que trouxe delegações de mulheres de várias partes do mundo. (SARTI, 1988, p. 44).

Pode-se considerar também fator relevante para a concentração da produção do seriado neste Estado, o fato de que, segundo O. Jambeiro (2001, p. 75), os serviços de TV que, desde 1959, vinham se expandindo pelo Sul e pelo Nordeste, encontraram, em meados da década de 1960, as condições ideais para, sob a forma de redes nacionais, se consolidarem como indústria, em função do avanço tecnológico que contribuiu para fazer emissoras e produtores atuarem em escala nacional e da Regulamentação dos Serviços de Radiodifusão que deram à indústria de TV uma base legal. Esses estúdios se centralizaram nessas duas cidades nas quais se concentravam a maior parte das atividades econômicas do país, os maiores orçamentos de publicidade, além de serem, esses dois espaços, os centros de tomada de decisão da política e cultura nacionais.

Como já referido, era objetivo do governo militar o desenvolvimento industrial brasileiro e, assim, o governo mudou a base do processo de industrialização para a produção de bens de consumo sofisticados e a Rede Globo procurou acompanhar esse processo, sofisticando igualmente sua programação, passando a investir em programas de entretenimento de maior qualidade no horário nobre, como as telenovelas, que, junto com os noticiários, serão os seus produtos mais sofisticados financiados pelas propagandas. Esses investimentos em alta tecnologia feitos em conjunto, na época da ditadura e da redemocratização, conferiram à Rede Globo a posição hegemônica que ocupa até hoje.

Acredita-se que o seu sucesso se deve à interação que mantém com o público, pois, como afirma O. Jambeiro, “ela aprendeu cedo que devia manter fortes laços com a cultura brasileira e busca expressar isso em sua programação” (2001, p. 99) e, através de uma pesquisa de mercado, descobriu que a maior parte da audiência preferia produções nacionais a produtos importados, musicais, comédias e telenovelas. Assim, os conteúdos se tornaram mais nacionais e populares e, para abarcar um público mais exigente, a partir de 1979, a emissora partiu para a produção dos seriados e minisséries brasileiras, pois o crescimento das relações capitalistas no Brasil acabou criando uma classe média com uma preferência cultural mais exigente. Sobre a sociedade da época, diz O. Jambeiro:

A sociedade brasileira tinha se modernizado, com um forte desenvolvimento dos setores industrial e de serviços, em detrimento do tradicional setor agrário. A estratificação social mudou, com o crescimento das classes média e operária, com a introdução de novos métodos de controle de gerenciamento, novos estilos de vida, novas profissões e novos padrões de consumo. Novos elementos, caracteres e idéias começaram a agir e desempenhar papéis significativos na construção de uma dimensão pública da sociedade, nos eventos artísticos e esportivos, na mídia, no turismo, bem como na ampliação da participação popular nos aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos da sociedade. (JAMBEIRO, 2001, p. 104).

Com todas essas mudanças que vinham ocorrendo em todos os setores econômicos e sociais e com o abrandamento da censura, era natural que a TV correspondesse aos anseios de uma classe média elitizada e politizada e se modificasse também no aspecto cultural. A ditadura se esfacelava e, cada vez mais, as pessoas começavam a expressar os anseios e angústias dos últimos anos vividos e a criar bases sólidas para os movimentos provenientes de outros países,

como as manifestações em defesa dos direitos humanos e dos movimentos de gays e lésbicas, nos Estados Unidos, a luta contra a poluição e em defesa da natureza e da vida e aquelas iniciadas uma década antes, que continuavam com as suas reivindicações, como as minorias de negros/as, mulheres e índios/as, nas quais, internacionalmente, entravam remanescentes do movimento *hippie* dos anos anteriores.

A influência dessas mudanças na cultura era, em grande parte, difundida pela TV, pois muitas questões discutidas no seriado *Malu Mulher* eram inéditas na TV brasileira, embora já existissem em outros países, inclusive, eram temas recorrentes de muitos filmes, desde a década de 1960, como: *Através de um espelho*, filme sueco, de 1961, de Ingmar Bergman⁴⁰ que, com sutileza, leva as pessoas à reflexão sobre o casamento, o sexo, desejos e a fé em Deus, em uma sociedade tradicional e protestante; *Viridiana*⁴¹, de 1961, filme espanhol produzido e dirigido por Luis Buñuel, que, através da história da vida de uma noviça, questiona a fé e a sociedade de classes, discute temas como religião, desejos, incesto, culpa, caridade e valores do campo x valores da cidade; e, seguindo, ainda, na linha de contestação às questões que envolvem a religião cristã, o filme *Jesus Cristo Superstar*⁴² que, tornando Cristo mais humano, traz os últimos dias da vida de Jesus desde a chegada a Jerusalém até a crucificação, em uma versão musical com linguagem moderna, evidenciando os conflitos políticos e pessoais entre Judas Iscariotes e Jesus, tratando a religião de forma política e comparando os acontecimentos da vida de Jesus – que para a religião são divinos – com a realidade, além de questionar algumas atitudes de Jesus.

Ou, ainda, peças como *Hair*, musical de grande sucesso no final da década de 1960 e ao longo da década de 1970, transportada para o cinema em 1979⁴³, que conta a história de um jovem que parte do interior dos EUA para Nova Iorque, um dia antes de se alistar para a Guerra do Vietnã e conhece um grupo de

⁴⁰ Escritor e diretor conhecido por trabalhar com temas ligados à Psicologia como as angústias do casamento, e de uma forma geral, temas relacionados a crises existenciais.

⁴¹ Condenado pelo Papa João XXIII por indecência e blasfêmia (*Viridiana* é o nome de uma santa católica do séc. XIII) e banido por Francisco Franco, que o acusou de anticlerical, da Espanha, onde só foi exibido em 1977, dois anos após a morte do ditador.

⁴² EUA. Peça musical que virou filme, em 1973, dirigido por Norman Jewison, baseado no roteiro da ópera rock de Tim Rice e Andrew Lloyd Webber, que leva o mesmo nome.

⁴³ EUA. Roteiro; Michael Weller. Direção: Milos Forman. Versão cinematográfica baseada no espetáculo teatral homônimo da Broadway, escrito por Gerome Ragni e James Rado.

hippies, com os quais passa a conviver, aprendendo a ver o outro lado de uma guerra, e expõe, de forma clara, seus conflitos, desejos, questionamentos, temas que eram discussões recorrentes na época, como: liberdade de pensamento, paz (manifestações contra a guerra do Vietnã), choque de culturas entre campo x cidade, o movimento hippie, minorias negras, pessoas despossuídas, ceticismo religioso, diferenças entre as classes, homossexualismo e, até mesmo, crítica à massificação da era da eletrônica.

Todo esse contexto de produções cinematográficas estrangeiras que antecederam a produção do seriado *Malu Mulher*, vai, de certa forma, habituar o público brasileiro de classe média aos temas a serem abordados, à maneira como eles serão desenvolvidos, daí porque somente a análise em conjunto de todos esses assuntos pode evidenciar o cenário de efervescência cultural em que se encontrava o Brasil naquele momento peculiar.

A música popular brasileira (MPB) da época refletia essa efervescência, com a entrada em cena das letras do ex-diplomata e poeta Vinícius de Moraes e de jovens compositores provenientes das camadas médias do Brasil como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Holanda, Tom Zé, Edu Lobo e muitos outros que dividiam o espaço com o rock brasileiro de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, ou mesmo com Raul Seixas e, não se pode esquecer, os festivais da TV Record (depois os da Rede Globo), que abalaram os alicerces de uma sociedade tradicional.

Do outro lado, o teatro que, tendo sofrido a maior parte da censura, se tornou, junto com a música, o espaço de escape, com a encenação de peças contestatórias escritas por brasileiros ou mesmo textos estrangeiros e até antigos, mas todos focados na reivindicação.⁴⁴

2.1.3 Malu: A Personagem

Como reflexo de todas as discussões que permeavam o cotidiano das mulheres, o seriado *Malu Mulher* (1979-1980), com a utilização de uma linguagem acessível, levou para a televisão a discussão de várias dessas questões, através da protagonista Malu (apelido de Maria Lúcia Fonseca) que, vivendo em seu

⁴⁴ Não foi possível por falta de acesso e de tempo, pesquisar em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, os títulos das peças teatrais bem como dos filmes nacionais.

casamento as mesmas situações típicas do cotidiano das mulheres de classe média brasileiras – problemas conjugais, criação dos filhos, etc. –, pede a separação.

De acordo com informações retiradas do *site* da Rede Globo (Memória Globo), a ideia do seriado surgiu depois que Daniel Filho assistiu ao filme *An unmarried woman*, de Paul Mazursky, uma comédia americana produzida em 1978, lançada no Brasil em 1979, com o nome de *Uma mulher descasada*. No filme, a separação do casal ocorre porque o homem decide abandonar a esposa para ficar com outra mulher e, ela, transtornada e por conselho de amigos, resolve procurar um terapeuta que a ajuda a superar a situação.⁴⁵

Já no caso do seriado *Malu Mulher* é a mulher (Malu) que toma a decisão de se separar, ao perceber que a vida que estava levando não a satisfazia. As fontes da Globo revelam ainda que, nesse seriado, foram levantadas questões sobre as relações entre homem e mulher que até então eram inéditas na televisão brasileira, como as dificuldades da vida conjugal e da vida profissional, a educação dos filhos e o conflito de gerações.

Na reportagem de divulgação intitulada “Mulher na vida: uma socióloga combativa depois do desquite”, veiculada pela revista *Veja*, a atriz Regina Duarte descreve a sua personagem: “Malu é uma mulher de 32 anos, de classe média, vivendo em São Paulo, com uma renda que varia de 20.000 a 40.000 mil cruzeiros, somando a pensão que recebe de seu ex-marido e seus próprios rendimentos” (1979a, p. 68)⁴⁶. E como se isso não bastasse, havia ainda a preocupação com a sua profissão que, na época, não era regulamentada pelo regime autoritário.

A profissão de sociólogo tem a função de convocatória diante da sociedade, justamente por estudar as unidades que a formam, analisando os indivíduos em sua relação de interdependência, atrelados ao contexto social, político e econômico, e os resultados desses estudos levam as pessoas à reflexão. Héctor Ricardo Leis (2000), em artigo intitulado “A tristeza de ser sociólogo no século XXI”, relembra que, entre as décadas de 1960 e 1970, o curso de Sociologia, apesar da censura e da precária regulamentação da profissão, era procurado como

⁴⁵ Infelizmente, não foi possível encontrar uma cópia do filme para ver os pontos de convergências e as divergências.

⁴⁶ O salário mínimo vigente na época, no Brasil, era, em Cruzeiros (Cr\$): até abril 1979, 1560,00; de maio a outubro, 2.268,00; de outubro 1979 a abril 1980, 2.932,80; de maio a outubro, 1.149,60; em novembro de 1980 passou a 5.778,80. Disponível em: <<http://www.uel.br/proaf/informacoes/indices/salminimo.htm>>.

primeira opção por uma quantidade consideravelmente expressiva de jovens, em muitos casos, os melhores representantes de sua geração tanto em relação à preocupação altruísta com o bem comum quanto em relação à capacidade intelectual e a tantos outros atributos. Mas as reflexões e os questionamentos que a Sociologia trazia para os estudos da sociedade não agradavam ao governo autoritário da época, tanto que, segundo a revista *Veja* (1979, p. 68), alguns episódios do seriado não foram ao ar, mesmo tendo sido produzidos em um contexto de abrandamento da censura, porque foram censurados.

O fato de o sociólogo não ter registro profissional foi o motivo da escolha dessa profissão (melhor dizendo, não profissão), para Malu, como uma forma de denunciar o momento em que o Brasil se encontrava. A construção da personagem, do ponto de vista profissional, recebeu a colaboração da antropóloga Ruth Cardoso⁴⁷ que sugeriu que se fizesse uma pesquisa com estudantes de Sociologia e, então, Cristina Médicis, encarregada da pesquisa para o seriado, fez entrevistas com estudantes do curso da Unicamp. A criação da personagem gerou muita polêmica, como informa a reportagem de estréia do seriado, publicada pela *Veja*:

[...] a equipe de produção do programa, dividida numa corrente machista (Armando Costa e Euclides Marinho) e numa outra, feminista, ([composta] por Lenita Plonczinska e Renata Pallotini), não chegavam a um acordo sobre a linha que a personagem tomaria. (1979a, p. 68).

Só após longas discussões, finalmente, chegou-se a um consenso em relação aos temas que deveriam ser abordados, privilegiando, segundo Armando Costa, discussões que, devido à intensa censura da ditadura militar, seis meses antes da estreia do seriado não podiam ser aprofundados, como o aborto, a liberdade sexual e o mercado de trabalho, por considerarem que esse era o momento para discuti-los. A equipe de roteiristas, então, decidiu construir a

⁴⁷ Ruth Correia Leite Cardoso, (Araraquara, 19/09/1930 – São Paulo, 24/06/2008). Antropóloga brasileira, professora da Universidade de São Paulo, “foi um dos primeiros acadêmicos brasileiros a perceber a emergência dos movimentos sociais que abrigavam diversidades - como os feministas, étnico-raciais e de orientação sexual. Até a década de 70, a academia considerava que esses movimentos não tinham status para merecer a atenção da universidade, mas Ruth já os chamava de ‘novos movimentos sociais’, conta a antropóloga Jacira Melo, aluna dela na USP nos anos 70”. (MARCHI, Carlos. Ruth Cardoso teve carreira marcante na academia. *O Estado de São Paulo*, 25 jun. 2008). Foi casada desde 1953, com Fernando Henrique Cardoso, também professor da USP e ex-presidente do Brasil.

personagem no momento final de seu casamento, sem que para isso houvesse um “motivo sólido” – como uma traição, por exemplo –, mas por ela ter chegado à conclusão de que a relação simplesmente havia se desgastado, um motivo inusitado para o país daquela época.

O episódio piloto é estruturado de forma a mostrar a separação do casal e os desabafos de Malu e Pedro Henrique diante da relação desgastada e sem diálogos. Os episódios seguintes mostram a relação amigável que mantém com o ex-marido e o cotidiano da nova vida de Malu, que gira em torno da filha Elisa, de 12 anos, da luta para conseguir um emprego, e as dificuldades que encontra para a entrada no espaço público com seus trabalhos de pesquisa que a aproximam e a conscientizam mais em relação à sociedade, às classes sociais.

Malu procura ser justa – o que se pode notar em suas falas acerca das desigualdades sociais e do seu desejo de mudanças no país – e se mostra sempre solícita e pronta a ajudar, principalmente, aos seus vizinhos. Moradora de um bairro de classe média, Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, a decoração do seu apartamento, composta por enfeites indígenas e peças folclóricas, evidencia sua “preocupação com a antropologia de seu povo”, conforme declaração da atriz Regina Duarte à revista *Veja* (1979a, p. 68) cuja reportagem informa que essa decoração se baseou em visitas feitas a casas de sociólogos com o objetivo de caracterizar a casa de acordo com a profissão da personagem.

Muito embora ela nunca tivesse perdido totalmente o contato com o trabalho, datilografando teses e dissertações em sua área ou participando de algumas pesquisas, mesmo quando, ainda casada, o marido sustentava a casa, enfrentou vários obstáculos e dificuldades logo após a separação, sendo o principal deles o financeiro, pois teve que ir buscar um emprego fixo o que a fez perceber os preconceitos, inclusive pelo fato de ser separada. Na esfera doméstica, sofria recriminações dos pais (que eram conservadores, a ponto de ela ter sido convidada para uma festa de toda a família e os pais terem lhe pedido para não comentar que estava separada do marido⁴⁸), pois achavam que ela não tinha feito a escolha certa.

Por outro lado, Malu tinha que enfrentar os encargos do trabalho profissional, os trabalhos domésticos e os cuidados com sua filha, submetendo-se assim à dupla ou tripla jornada. Apesar de ter sido preparada para o casamento e

⁴⁸ Ver análise do Episódio 14 “Até sangrar”, com roteiro de Manoel Carlos e direção de Dênis Carvalho.

para assumir o papel de dona-de-casa – o casamento de Malu se deu enquanto ainda estudante, por ter ficado grávida – sua geração já concluía o ensino superior, tendo, portanto, maior chance de se tornar independente, por ter uma profissão. Assim, pode-se dizer que a personagem representava a transição de um modelo no qual a mãe estava submetida para um modelo de mulher livre.

O espaço entre as duas temporadas marca o tempo cronológico e, assim, a segunda temporada já encontrará Malu estabilizada no trabalho e no segundo ano após a separação, já tendo superado os problemas de emprego e os financeiros, pois, em alguns episódios é possível observar que ela já tinha empregada doméstica, o que facilitava a sua labuta com as tarefas domésticas, embora continuasse suas obrigações com os estudos e o acompanhamento da filha adolescente.

Segundo Maria Ângela d’Incao, em *Mulher e família burguesa* (2000, p. 223), com a implantação ainda precária da cidade e dos fundamentos capitalistas, durante o século XIX, ocorreu uma série de transformações na sociedade brasileira, como a consolidação do capitalismo, fato que ocasionou o desenvolvimento de uma vida urbana com um leque de possibilidades de convivência em sociedade e que foi favorecido pela ascensão da classe burguesa e do surgimento de uma nova mentalidade cujas características fundamentais eram a reorganização das vivências familiares e domésticas bem como das atividades femininas. Veja o que diz a autora sobre as mulheres pertencentes à família burguesa do século XIX:

Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. (2000, p. 223).

Comparando esse modelo de mulher burguesa com a vida que a personagem Malu levava antes da separação, percebe-se, ainda, alguns resquícios daquela mulher que vive para o marido e para os filhos, o que a deixava inconformada.

Para a superação desse modelo, é preciso levar em conta as mudanças que ocorreram ao longo dos anos na primeira metade do século XX e que foram

intensificadas após a Segunda Guerra Mundial, acarretando a virada, principalmente, das mulheres, na década de 1960-70, momento que o movimento feminista da “segunda onda”, proveniente, inicialmente dos Estados Unidos, luta pelos direitos legais das mulheres incluindo as reivindicações em prol da sua emancipação, da sua autonomia, à integridade de seu corpo, pelos direitos ao aborto e pelos direitos reprodutivos, como o acesso à contracepção e aos cuidados pré-natais de qualidade, pela proteção de mulheres contra a violência doméstica, o assédio sexual e o estupro, pelos direitos trabalhistas, incluindo a licença-maternidade e salários iguais, e contra todas as outras formas de discriminação.

Influenciado pelo feminismo da “segunda onda”, o movimento no Brasil também segue essas reivindicações que, conseqüentemente, influenciam a produção do seriado nos fins dos anos setenta. Dessa forma, a personagem Malu vai representar a “nova mulher” que o Brasil vê surgir na década de 1970, essa mulher inconformada com os papéis que a ela vêm sendo destinados.⁴⁹

Sobre a repercussão do seriado na Academia, provavelmente porque ainda nesse tempo as produções culturais televisivas não chamassem a sua atenção, bem como, muitas vezes, fosse a própria televisão considerada um subproduto que não devesse ser analisado criticamente pelas altas esferas da arte⁵⁰, não se encontra muito material sobre o seriado. Algumas pesquisadoras que estudaram, depois, o seriado *Mulher* com foco na representação das mulheres fazem a comparação com o *Malu Mulher*, mas apenas brevemente.

Encontra-se, nessa perspectiva, a Tese de Doutorado em História de Márcia Coelho Flausino (2001), que estuda *A construção do feminino: representações do feminino no seriado Mulher (1998-99)* na qual, percebe-se que ela se acerca das teorias de gênero, mas o seu foco principal é analisar, através dos discursos das personagens, quais representações do feminino foram atribuídas a cada personagem do seriado *Mulher*. Como seu objetivo não é a comparação, há apenas uma citação de memória do seriado *Malu Mulher*, porque, inclusive, ainda não havia nenhuma gravação do mesmo, visto que os episódios que constam do

⁴⁹ Na época, saiu uma revista dentro desse modelo, intitulada *NOVA*.

⁵⁰ Vale ressaltar que os suportes dessas produções não perduravam, embora já existisse TVs nos anos setenta, ainda não havia sido aberto o campo do consumo e preservação de séries ou novelas para um longo prazo de tempo. Elas eram efêmeras e eram guardadas no acervo das emissoras, quando não foram imediatamente descartadas. Os primeiros produtos dentro dessa mesma linha que foram trabalhados aparecem no final da década de oitenta e na Inglaterra.

álbum só foram veiculados em 2006, e apenas em uma página, em que ela questiona de que maneira um seriado continua o outro, sobre o que argumenta: “se *Mulher* continua *Malu Mulher* é porque permanecem traços das representações do antecessor. Pensa-se que analisando *Mulher* trazem-se à tona representações do feminino que legitimam o passado recente” (2001, p. 65). Ao analisar em cada uma das personagens principais dos episódios que ela elege que tipo de mulher estão representadas naqueles modelos, conclui que os papéis das mulheres no seriado *Mulher* são biologicamente naturalizados com o papel de mãe, e assinala a grande preocupação dos jovens com o casamento e filhos.

Ainda em 2001, temos o artigo de Linda Rubim, publicado na Itália, intitulado “De Malu a Mulher: a representação feminina na TV brasileira” cuja proposta também é trabalhar a representação das mulheres no seriado *Mulher*, mas acaba trazendo à memória quão diferente elas foram representadas no seriado *Malu Mulher*, mostrando que, naquele momento, “a televisão trouxe para a cena, as ‘novas caras’ da mulher brasileira”, uma mulher que “reivindicava (re)começar” (RUBIM, 2001, p. 11). E, mais uma vez, ela adverte que o seriado *Mulher* tende a representar as mulheres em papéis que as identifiquem como cuidadoras, enfatizando a maternidade.

O artigo de Heloisa Buarque de Almeida, “Gênero e sexualidade na mídia: de ‘Malu’ a ‘Mulher’”, que é mais recente (2007), compara os dois seriados analisando de que forma os temas da pauta feminista foram incorporados à produção do seriado *Mulher*, e como a questão da sexualidade foi tratada, chegando à constatação de que em *Malu Mulher* fica explícito que a “noção de que a realização da sexualidade é complemento do amor e de uma vida feliz” enquanto no seriado *Mulher*, “a noção de que a sexualidade livre é uma prerrogativa feminina, já está dada e não precisa ser tão verbalizada” (2007, p. 1). O seriado *Mulher* traz o discurso de que as mulheres nada mais têm a conquistar, que elas já têm a sua sexualidade livre, o que as torna emancipadas e, assim, os temas da pauta feminista foram relegados a segundo plano ou foram esquecidos.

Como se vê, pouca ou quase nenhuma atenção para um estudo mais acurado foi dada a esses dois seriados, embora não se possa dizer o mesmo sobre as telenovelas. Elas encontram espaço nos estudos acadêmicos, talvez pela força que elas têm diante do público.

2.1.4 Temas, Abordagens

Grande parte dos temas abordados no seriado eram muito relevantes para a emancipação das mulheres e recorrentes nas pautas do movimento feminista da época de setenta. Talvez por não abarcar toda a sociedade brasileira, visto que a escolarização média das mulheres ainda era recente e o modelo patriarcal ainda muito arraigado em estados menos urbanos, houve uma espécie de choque quando da veiculação da série. Além de afrontar os costumes da época, principalmente porque passa a ser mostrado como fato comum a existência da mulher separada (descasada), essa nova forma de atitude social vai se debater com uma tradição de séculos.

Em cada episódio há um tema central e dentro deste tema vários subtemas são explorados, inclusive pelo fato de Malu ser socióloga e conhecer algumas estatísticas que geram mais discussões a respeito do tema. Nas falas de Malu, predomina um tom de denúncia de situações sociais (misturada à perplexidade de ter sido criada dentro de “certas verdades” que agora eram desnudadas) e que atingem principalmente as classes pobres, que deveriam ser mudadas no Brasil como um todo.

Os episódios abordam temas como problemas no casamento, o divórcio (tão combatido pela sociedade), o aborto (favorável à legalização), a virgindade, solteirice x casamento, assédio sexual, homossexualismo, sexualidade, violação dos direitos humanos, menopausa (prazer x reprodução), dinheiro x felicidade, trabalho e violência doméstica, bem como a desnaturalização de situações e comportamentos das mulheres.

Os temas e discussões da série não atingiram todas as mulheres, provavelmente porque tais assuntos estavam associados à classe média urbana e, assim, deve ter surtido um efeito maior nas mulheres pertencentes a esta classe, como afirma Heloisa Buarque de Almeida, em um *blog*⁵¹ que discute “a virada da mulher nos anos 70”,

bem, Malu não atinge diretamente todas as mulheres, nem todas as camadas sociais tinham TV nos anos 1979-80, e Malu era exibido às 22hs – horário em que as camadas trabalhadoras não assistem à TV,

⁵¹ Disponível em: <<http://www.blogger.com/feeds/1447537611601366527/posts/default>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

porque quem acorda às 5 da manhã, precisa dormir mais cedo. Era um seriado dirigido às mulheres de camadas médias mais ou menos ‘parecidas’ com Malu – mulheres por volta dos 30 e poucos anos, com filhos, que trabalhavam (ou queriam trabalhar) fora, e que estariam incorporando também os valores do feminismo. Mas a Globo nunca usa o termo ‘feminismo’ para falar do seriado – usavam o termo ‘emancipação’.

Apesar do tom de denúncia nas falas de Malu e, às vezes, nas de outras personagens, percebe-se, nos episódios, que existe um discurso alternativo, na medida em que se fala sobre o tema a partir de duas visões.

Como foi afirmado anteriormente, o seriado tratou de temas que nunca haviam sido tratados na televisão brasileira, tais como divórcio, aborto, violência doméstica e homossexualidade e, certamente, outros temas importantes também foram abordados nos outros episódios aos quais não tivemos acesso. Segundo H. B. de Almeida (cita no mesmo blog) as novelas daquela época não abordavam temas desse teor, que só vieram a ser abordados nos anos subseqüentes.

Acreditamos tal como a autora, que o seriado *Malu Mulher* foi resultado do feminismo, assim como também promoveu os temas da pauta feminista.

2.1.5 A Música de Abertura

A trilha sonora do seriado foi produzida por Guto Graça Melo⁵², com pesquisa de repertório de Arnaldo Schneider. O disco lançado na época possuía ao todo onze faixas todas interpretadas por mulheres. Mas o grande destaque é a música que serviu de tema de abertura, intitulada “Começar de novo” e escrita especialmente para o seriado, por Ivan Lins e Vítor Martins⁵³, e interpretada pela cantora Simone⁵⁴.

A letra da música trata de reconstrução, de ter força para enfrentar os obstáculos, mesmo que seja sozinha, evidenciando, de certa forma, a reconstrução da vida de Malu após a separação. Observe:

⁵² Guto Graça Melo é um compositor e produtor musical brasileiro.

⁵³ Filho do militar Geraldo Lins, foi muito influenciado por diversos gêneros musicais como *jazz*, *bossa nova* e *soul* e tem como principal instrumento o piano, que toca desde os dezoito anos. Formou-se em engenharia química no final dos anos 60, quando iniciou a carreira musical em festivais. Teve inúmeros sucessos como cantor: *Abre Alas*, *Somos todos iguais nesta noite* e *Começar de novo*, todas em parceria com Vítor Martins.

⁵⁴ Simone Bittencourt de Oliveira, conhecida simplesmente como Simone (Salvador, 25 de dezembro de 1949), é uma cantora brasileira.

Começar de Novo

(Composição: Ivan Lins e Vítor Martins)

*Começar de novo e contar comigo
Vai valer a pena ter amanhecido
Ter me rebelado, ter me debatido
Ter me machucado, ter sobrevivido
Ter virado a mesa, ter me conhecido
Ter virado o barco, ter me socorrido
Começar de novo e só contar comigo
Vai valer a pena ter amanhecido
Sem as tuas garras sempre tão seguras
Sem o teu fantasma, sem tua moldura
Sem tuas escoras, sem o teu domínio
Sem tuas esporas, sem o teu fascínio
Começar de novo e só contar comigo
Vai valer a pena já ter te esquecido
Começar de novo...*

Decompondo a música, temos:

“*Começar de novo e contar comigo*”, que sugere uma pessoa que vai recomeçar de uma tábula rasa, refazer a vida e só tem para contar, proteger e cuidar a si própria, até mesmo porque uma mulher descasada, na década de 1970, não era bem vista na sociedade além de ser discriminada, muitas vezes, pela própria família, mas, que diz: “*vai valer a pena ter amanhecido, ter me rebelado, ter me debatido, ter me machucado, ter sobrevivido, ter virado a mesa, ter me conhecido, ter virado o barco, ter me socorrido*”. Esses versos indicam facetas diversas de uma mesma situação: sair de uma posição (talvez confortável) para outra nova e imprevisível, mas encontrar-se inteira, conhecendo mais a sua capacidade; que será recompensador ter feito tudo isso, mesmo que tenha sido difícil, que tenha se machucado, porque permitiu o conhecimento e a valorização de si mesma como capaz de virar o jogo e salvar a si própria.

“*Vai valer a pena ter amanhecido, Sem as tuas garras sempre tão seguras, Sem o teu fantasma, sem tua moldura*”, mostram o quanto vai valer lutar sozinha, sem a proteção de outros, saber que terá forças para se renovar e dessa aprendizagem sair mais confiante em si e em suas habilidades e capacidades de sobreviver no mundo; que vai valer a pena se libertar das garras do outro, sair da sombra do marido e viver sua própria vida sem ser moldada por alguém. “*Sem tuas escoras*” mostra que vai valer a pena amanhecer, sem a presença dele, mas vai valer a pena.

“Sem o teu domínio, sem tuas esporas, sem o teu fascínio. Começar de novo e só contar comigo, Vai valer a pena já ter te esquecido” e vai ser bom também amanhecer e saber que só pode contar com ela mesma, mas também vai tê-lo esquecido. A importância maior está nos dois versos “Começar de novo” e “Vai valer a pena ter amanhecido”, pois o último verso representa uma metáfora que passa pela noite (um momento de escuridão ou de um conhecimento interior) que levará no ciclo de noite e dia a um novo caminho.

A música adquire um sentido ainda maior aliada ao seriado e ao seu contexto, pois a música, como um indicador cultural, mensura os valores culturais e reflete as experiências que estão sendo vivenciadas no momento de suas produções. Nesse caso, a música *Começar de Novo* traduz a vida de Malu de forma subjetiva, introspectivamente, ou seja, seus sentimentos, sua garra, seus desejos de liberdade e superação.

A letra marcou uma geração com versos que falavam sobre reconstruir a vida sozinha após a decisão da separação. Tornou-se um hino para as mulheres que experimentaram um casamento frustrado e tomaram a decisão de sair da relação, incentivando e sinalizando que o “começar de novo” contando consigo mesma, vai valer a pena.

Assim, à medida que a mulher não se submete e sai da relação, ela vai ter de se re-contruir buscando outros valores para si mesma e para o mundo, independentemente da família; vai ter de investir na profissão, porque nem tudo é coberto pela pensão alimentícia paga pelo marido, além de procurar experimentar outras relações afetivas.

Caem, assim, os mitos do primeiro amor, do único amor, da metade da maçã, da própria concepção de amor e mostra o que representa um casamento: mais parceria, mais diálogo, mais trocas.

2.2 O SERIADO MULHER (1998\99)

Com o mesmo formato de *Malu Mulher*, o seriado *Mulher* foi exibido pela Rede Globo, de 2 de abril de 1998 a 7 de dezembro de 1999, às dez horas da noite, com 62 episódios produzidos, divididos em duas temporadas; a primeira, exibida às quintas-feiras, contendo 26 episódios, e a segunda, às terças-feiras, com 36. O

seriado, um trabalho de equipe, foi criado por Daniel Filho, Antonio Calmon e Elizabeth Jhin, com autoria/roteiro de Álvaro Ramos, Euclides Marinho e Doc Comparato e a direção geral de episódios de Daniel Filho e mais, José Alvarenga Júnior, Mário Márcio Bandarra, José Carlos Pieri e Cininha de Paula. Com o formato de série fechada, em cada situação foi construído um núcleo dramático dominante e mais dois subtemas, que se encerravam em cada episódio, e cuja ligação girava em torno da vida das duas médicas, da advogada e do administrador do hospital.

Em 2007, foi lançado um álbum de DVD do seriado, contendo dezenove episódios selecionados dentre os sessenta e dois que foram produzidos. O DVD, em nenhum espaço explica a razão dessa seleção abrupta, de só gravar um terço do seriado. Sobre essa seleção, pode-se levantar hipóteses, mas não se pode ter certeza dos critérios que levaram a ela que, porém, parece privilegiar a continuidade da história das protagonistas, que existia entremeada com os núcleos dramáticos principais, além de ter como temas principais mais frequentes a instituição familiar, seja pela saída dos pais, seja por um filho indesejado, e permeando todos os episódios a explicitação de como tratar a saúde da mulher.

O seriado trata do cotidiano de duas médicas ginecologistas Dra Martha Correia Lopes e Dra Cristina Brandão (Cris) que trabalham em uma clínica situada em um bairro da zona sul (não citado) da cidade do Rio de Janeiro⁵⁵, a Clínica Machado de Alencar, que será o espaço de conflitos das relações de poder profissionais, de gênero, de classes, de etnias. Dra. Martha e Dra. Cristina, já são configuradas como mulheres independentes. Martha, a mais velha, tem cerca de 60 anos, é casada e tem sua carreira consolidada; a mais moça, Cristina, na faixa dos 30 anos, vai para o Rio de Janeiro trabalhar com a Dra. Martha e começa a consolidar sua profissão. A advogada Shirley, também com 30 anos, tem plena liberdade sexual. Cris e Shirley são independentes economicamente, moram fora de suas famílias e são solteiras.

As histórias se centram em um tripé: a clínica é dirigida por um administrador (Afrânio), que está sempre em conflito entre o econômico e a visão idealista das duas médicas. A trama se desenvolve a partir dos problemas de seus

⁵⁵ O seriado tem como recorte espacial o Rio de Janeiro, cidade bastante desenvolvida, localizada no sudeste brasileiro onde a Rede Globo tem seu estúdio central e onde foi utilizada a mais alta tecnologia para a produção do seriado que foi o pioneiro no Brasil na linha de produção de programas feitos em película, ou seja, com câmaras de cinema e processo de filmagem diferente do utilizado normalmente em TV.

pacientes, do ambiente de trabalho e dos problemas pessoais de cada uma das protagonistas.

O formato é similar aos seriados exibidos nos Estados Unidos, que já vinham se impondo nas madrugadas das televisões abertas, como forma alternativa de narrativa seriada. Para fazê-lo nesse formato, a Rede Globo contratou uma roteirista norte-americana, Lynn Mamet, com experiência em escrever seriados, a partir de uma sugestão de Daniel Filho e de Boni (equipe de produção de programas da Rede Globo), que, junto com a equipe de criação brasileira, desenvolveu a história interna para o seriado e planejou todos os episódios do primeiro ano. Toda a criação foi feita um ano antes de o primeiro capítulo ser levado ao ar.

A liberação da mulher já vinha sendo explorada sob vários aspectos em diversas novelas e, assim, nada demais ter uma médica protagonista com quase trinta anos sem uma vida afetiva estabilizada. Porém, como o lado afetivo já começava a aparecer como um forte elemento, o foco dessa narrativa, agregou a vida afetiva dessas profissionais já independentes financeiramente e mulheres liberadas sexualmente. Daí vários subtemas afetivos preencherem as relações de todos os personagens principais.

Outro ponto a ser observado no seriado *Mulher* é que houve uma virada para as questões médicas, ou seja, todos os problemas que envolvem o cotidiano profissional das mulheres foram direcionados para as questões de saúde, a sexualidade e a reprodução sugerindo que, assim, deslocavam-se, para as políticas públicas, as questões ou os problemas das mulheres, deixando de lado questões mais amplas que envolvem a cidadania das mesmas.

A Clínica Machado de Alencar, cenário principal do seriado *Mulher*, era um hospital particular, mas atendia pelo SUS, um fato que causa vários problemas para o administrador, que quer lucros. Composta por vários funcionários administrativos, enfermeiros, médicas e médicos, o olhar focava principalmente as duas médicas, de duas gerações distintas, que são conduzidas pelo mesmo amor pelo trabalho e pelo compromisso ético que a profissão exige. Por outro lado, investidas da missão de salvar e proteger a vida de suas pacientes, muitas vezes, elas privilegiam o trabalho, deixando de lado a sua vida pessoal e mesmo a afetiva, mas nem tanto assim, como se vai observar no desenrolar do seriado.

2.2.1 A Produção e seu Contexto Cultural

O seriado *Mulher* (1998\99), do mesmo produtor e diretor de *Malu Mulher*⁵⁶, escrito vinte anos depois, está inserido em outro momento político, um momento de estabilidade no país, que já se encontrava em estado de democracia plena, com eleições, mas em termos de avanço dos direitos da mulher, ainda por caminhos enviesados.

Nos primeiros anos da década de noventa, com muitos problemas em seu governo – o confisco das poupanças dos brasileiros e a visibilidade de falcatruas com o dinheiro público – o presidente Fernando Collor de Mello⁵⁷ foi o primeiro presidente a sofrer um *impeachment*⁵⁸, como resultado da mobilização, graças a uma forte campanha da mídia, de milhares de jovens, apoiados pela classe média que havia tido grande perda econômica, que criaram o movimento dos “caras pintadas” e forçaram a saída do presidente. Em setembro de 1992, Collor foi afastado do cargo e em dezembro do mesmo ano, ao perceber que seria destituído do cargo, renunciou. O Senado condenou Collor, que teve seus direitos políticos suspensos por oito anos. No mesmo dia, o Congresso Nacional empossou o então vice-presidente, Itamar Franco, como Presidente da República.

Em maio de 1993, o presidente Itamar Franco, com o objetivo de conter a inflação e reorganizar a economia, nomeou Ministro da Fazenda o sociólogo Fernando Henrique Cardoso que reuniu um grupo de economistas com a finalidade de elaborar um plano gradual de estabilização decidindo pela introdução de uma nova moeda, o Real. O resultado foi a redução da inflação a níveis mínimos, que trouxe um grande prestígio a FHC, que viria a se tornar candidato dos partidos do governo às eleições presidenciais de 1994.

⁵⁶ Tanto o seriado *Malu Mulher*, como o *Mulher*, tiveram contribuições de diversos roteiristas, mas a direção geral dos programas é de Daniel Filho.

⁵⁷ Fernando Affonso Collor de Mello (Rio de Janeiro, 12/08/1949) é um empresário e político brasileiro, atualmente filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Foi o trigésimo segundo presidente da República Federativa do Brasil, cargo que exerceu de 15 de março de 1990 a 29 de dezembro de 1992, tendo sido o primeiro presidente eleito por voto direto após o Regime Militar, em 1989.

⁵⁸ É um termo do inglês que denomina o processo de cassação de mandato do chefe do Poder Executivo, pelo Congresso Nacional, assembleias estaduais e câmaras municipais para países presidencialistas. A punição varia de país para país. No Brasil, o período de cassação dos direitos políticos é de oito anos.

Nas eleições presidenciais de 1994 os candidatos mais votados foram Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos trabalhadores (PT), partido de esquerda, e Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), mais ligado aos grupos de direita. Baseando sua campanha no êxito do Plano Real, FHC venceu as eleições no primeiro turno e assumiu o cargo em 1º de janeiro de 1995, para cumprir um mandato de quatro anos.

Foi nesse cenário de estabilidade e consolidação da liberdade de expressão, de forte influência midiática, a partir do estado de democracia, que se desenvolveu e foi veiculado o seriado *Mulher*. Entretanto, ele não retoma o que falta ser conquistado na agenda feminista. As inúmeras pesquisas feitas ao longo da década de 1990 nos EUA, segundo Susan Faludi, indicaram uma quantidade considerável de mulheres reivindicando, ainda,

[...] igualdade de salários e oportunidades de emprego, uma emenda pela igualdade de direitos, direito de aborto sem interferência do Estado, uma lei federal garantindo a licença-maternidade, um sistema assistencial decente para as suas crianças. (2001, p. 14).

A ocorrência dessas reivindicações mostra que a luta continuava ainda nessa década. No Brasil, o movimento feminista, mesmo com algumas dificuldades, se expandiu em instituições, continuou suas reivindicações em Organizações Não-governamentais (ONGs) e também nas universidades, com a entrada de muitas mulheres. Essa independência das mulheres tem incomodado muito, porque muitos fatos tiveram de ser revistos, desde acontecimentos históricos a relações afetivas e posturas de homens e mulheres. No entanto, apesar da violência contra as mulheres continuar a se acirrar, o seriado vai destacar as demandas e soluções na saúde e na vida reprodutora das mulheres.

Há, porém, nesse seriado, uma atmosfera, como se as mulheres do fim da década de 1990 já tivessem atingido o ápice de suas conquistas, como se todas as dificuldades tivessem se dirimido ou estivessem sob controle, as reivindicações já estivessem resolvidas graças às políticas públicas, às políticas da saúde, não se observando que, nessas, foram agregadas a família e a maternidade. E nós sabemos que não é bem assim, que há muito a ser conquistado, ainda, na esfera pública e na privada e, principalmente, nas relações de trabalho, campo em que as mulheres continuam lutando por seus direitos.

Por se tratar de uma época de maior avanço da tecnologia em aparelhos e ferramentas, na cultura de massa, já havia outras formas de gravação, e os estudiosos puderam se debruçar mais detalhadamente sobre as narrativas do seriado *Mulher*. Assim, além dos já citados trabalhos que fazem a comparação com o *Malu Mulher*⁵⁹, há o artigo de Graciela Natansohn (2000), “Medicina, gênero e mídia”, que analisa como o seriado, que condensou os imaginários sobre a medicina e a saúde femininas, do campo da disciplina médica, mesmo tendo que submeter-se às regras do discurso televisivo, foi concebido com uma função pedagógica.

A autora faz uma análise de como a intervenção médica representada trabalha o lugar da mulher no mundo social, concluindo que o seriado resumiu bem o imaginário sobre a medicina e a saúde femininas que permeia o “senso comum” e, mais grave ainda, por ter como protagonistas duas médicas, isto é, vozes autorizadas para falar sobre o assunto, representando a ciência – o que certamente deu mais credibilidade às ações e discursos. O uso do melodrama típico das narrativas televisivas unia os episódios fazendo com que os receptores sentissem afinidade pelos personagens que representam as situações. Para a estudiosa, o seriado amplia os limites do que pode ser mostrado e falado publicamente, como a iniciação sexual adolescente, os métodos anticoncepcionais, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), porém, com esse discurso, que parece audacioso, também impõe “os limites para essa nova mulher, que deve ser heterossexual e reprodutiva, planejar sua fertilidade (não ter nem muitos filhos nem ficar sem filhos) e descartar a possibilidade do aborto” (NATANSOHN, 2000, p. 60).

O artigo de H. B. Almeida (2009), intitulado “Educação do corpo: o seriado *Mulher* e a promoção de mensagens médico-preventivas na tela da Globo”, trata do contexto social e da emissora em que o seriado foi produzido e como as questões médicas e da tecnologia são apresentadas, procurando ressaltar uma interpretação do conteúdo do seriado tanto na chave do *merchandising* como na estrutura do melodrama. No entanto, para ela, se concentrava, especificamente, em uma intensa programação do chamado “merchandising social”⁶⁰ voltado para temas médicos e preventivos e seus possíveis procedimentos.

⁵⁹ Cf. ALMEIDA, 2007; FLAUSINO, 2001; RUBIM, 2002.

⁶⁰ Para a autora, “merchandising” é o termo usado no Brasil para a colocação de anúncios comerciais em meio à narrativa ou ao programa, ressaltando que “merchandising social” se refere à promoção de “valores sociais” considerados informativos e educativos.

Ao analisar o contexto social, a autora sustenta a ideia de que pesou muito nas abordagens do seriado *Mulher* o fato de, durante a década de 1990, o Ministério da Saúde ter alertado para o aumento das taxas de partos cesarianos no país enquanto, no contexto da emissora, se tratava de um processo crescente de construção de imagem da Rede Globo através do marketing social, que acontecia justamente no momento em que

[...] os profissionais da mídia reconhecem que há uma ‘influência’ da TV em termos de práticas e comportamentos que a emissora passa a promover – em diversas estratégias – tanto a imagem da emissora, como mensagens sócio-educativas nas narrativas melodramáticas. (ALMEIDA, 2009, p. 2).

Ao analisar o seriado, H. B. de Almeida percebeu o seu papel “civilizatório” (2009, p. 3), no que diz respeito a uma educação social do corpo, que permeia grande parte das narrativas, ressaltando, ainda, o tom melodramático, o que faz com que as tramas tenham uma “mensagem” final sobre como agir “corretamente” e ao lado do “bem”, e é justamente neste sentido que se torna mais perceptível o seu caráter pedagógico. O gênero suporte escolhido foi a vida diária das personagens (melodrama), que agia para o telespectador como elo de ligação da estória.

É nesta combinação de *merchandising* com melodrama que se evidencia, nas narrativas, a ênfase atribuída à importância de se valorizar e aderir aos tratamentos médicos preventivos, bem como à legitimidade da medicina “moderna” e de seus representantes. Os personagens explicitam, em suas falas e em seu comportamento, valores e atitudes que o *merchandising social* quer promover o que, a nosso ver, vai influenciar o comportamento dos indivíduos, que irão receber essas mensagens, certamente, sustentando e estabelecendo imaginários sobre a medicina e a saúde das mulheres como afirma G. Natansohn (2000).

Outro artigo que trata do seriado *Mulher* é o texto de R. M. B. Fischer, “Mídia e educação da mulher”, no qual a autora analisa como a mídia expõe a subjetividade das mulheres, seus problemas e, ao mesmo tempo, se utiliza de uma pedagogia para informá-las, de acordo com seus preceitos, sempre apontando uma solução para elas. Para isso, a autora se utiliza de conceitos-chave de três autores, como os conceitos de poder de Foucault, de subjetivação e anormalidade, de Homi

Bhabha, e a discussão sobre diferença e cultura de Maria Rita Kehl sobre o problema da enunciação do feminino na TV (2001, p. 586).

A estudiosa tem percebido que vários programas televisivos, não só programas de entrevistas e de auditórios, como também os telejornais e, mais ainda, os programas ficcionais, buscam publicizar a intimidade sexual e amorosa das pessoas, principalmente das mulheres, por ser boa parte desses programas direcionada ao público feminino. R. M. B. Fischer notou que as mulheres estão mais presentes na TV como “sujeitos falantes, ‘confessantes’ mas contraditoriamente como sujeitos a serem formados, educados, ou seja, como sujeitos cada vez mais necessitados de normas e procedimentos para permanentemente ‘cuidarem de si’” (2001, p. 587-588). Como afirma,

é como se ouvíssemos este apelo: ‘exponha sua doença, exponha sua dor, exponha seu erro, exponha seu sonho, exponha seu corpo... em suma, a sua ‘verdade’ – que ‘nós’ (a TV e seus especialistas) acolheremos você, ofereceremos todas as explicações e lhe devolveremos novas verdades, que logo serão suas (2001, p. 10).

Percebeu, ainda a autora, que o seriado *Mulher* se encaixa muito nesse ponto, apontando que tanto homens, quanto, principalmente as mulheres, têm sua privacidade “debulhada” diante do grande público, expõem seus problemas, suas doenças e escutam as vozes autorizadas para falar sobre o assunto, os médicos, a ciência. Assim, o seriado, através de um processo pedagógico, vai ditando regras e verdades absolutas que tendem a uma normatização. Percebemos que existe uma convergência de pensamento das autoras, pois essa presença sócio-educativa aliada às questões da medicina são muito enfáticas no seriado e, principalmente, no que concerne as mulheres, o que certamente vai interferir ou influenciar no comportamento das que o assistem.

Esse seriado foi escolhido para este trabalho por ser um dos programas que falam de mulheres, mas ele enfatiza as suas vidas em carreiras consolidadas. D. Filho em seu livro afirma que “o seriado *Mulher* nada mais é do que uma revisão ou continuação do Malu” (2001, p. 93) e, se é assim, significa que a vida da personagem Malu, com todas as suas transformações, teria o fim que foi reservado à Dra. Martha do seriado *Mulher* – uma vida cheia de frustrações e cobranças. Discordamos, fortemente, pois não é o que se observa na prática, uma vez que as mulheres atualmente continuam em busca de sua emancipação. Por outro lado,

houve uma grande mudança na forma de ver a mulher, pois elas vivem em constantes conflitos em sua vida afetiva ou no fracasso com a criação dos filhos, porque continua concernindo à mãe a atribuição da responsabilidade e dos cuidados com a casa e a prole, o que configura que o viés pedagógico e a trama melodramática não fazem do seriado Mulher um avanço, mas, um retrocesso, dentro de minha hipótese de análise.

2.2.2 O Feminismo no Brasil na Década de 1990

A autora Simone P. Schmidt em artigo intitulado “O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 aos 90” faz uma análise da produção e da recepção dos discursos sobre o feminismo no Brasil, e para isso enfoca dois suplementos culturais da *Folha de São Paulo*, o “Folhetim” e o “Mais”, observando as transformações que os discursos foram sofrendo e sua relação com o contexto político brasileiro. Para essa autora, da década de 80 para a década de 90 do século passado, houve mais do que uma simples passagem de tempo, houve um choque, uma mudança de cultura e de comportamentos, em que foram deixados para trás os movimentos sociais, tornando-se visível uma aparente guerra surda contra o feminismo e suas conquistas e isto é percebido de forma explícita nas manchetes desses cadernos. Schmidt escreve:

Se agora saltarmos do 8 de Março de 81 para o 8 de Março de 92, temos mais que um recorte temporal. Temos, se nos guiarmos exclusivamente pelas páginas do caderno – já reformulado e com outro nome, o *Mais!* – temos, eu dizia, um choque, uma outra cultura. Um outro país? O país da era Collor em busca de uma decantada ‘modernização’, que promove, embalado pelos ventos que arrasaram o muro de Berlin, o bota abaixo da cultura de esquerda, dos movimentos sociais, suas lutas e conquistas. Enfim, o sonho (aquele, o dos anos 70) acabou. A capa do *Mais!* de 8 de Março de 92, provocativamente avisa: ‘O feminismo abre as pernas’, numa grosseira metáfora de rendição do movimento. Onde estão as feministas? Desapareceram do jornal. Ironicamente, no período em que o feminismo conquista um espaço institucional inédito no país, tanto em termos de entidades governamentais e não governamentais... justamente nesse momento o suplemento cultural de maior poder no país decreta a morte do feminismo, confundindo a crise das esquerdas e o esgotamento das palavras de ordem feministas dos anos 70 com a morte do próprio feminismo. (SCHMIDT, 2000, p. 80).

No texto de S. P. Schmidt vemos o quanto o jornal é incisivo em mostrar que o feminismo acabou, quando, na prática, o que vemos é o inverso: ele cresce em instituições, em ONGs e na Academia. Agora, não somente a mídia impressa, como também a mídia televisiva começa a atacar o movimento feminista, às vezes de forma direta e irônica, às vezes de forma indireta e sutil, mas bastante presente no cotidiano da programação. E são, preferencialmente, os homens que vão cuidar de elaborar as representações sobre as feministas, com mensagens extremamente negativas e procurando difundi-las no senso comum, obtendo, com eficiência, uma certa rejeição da sociedade com relação ao movimento. A mídia, por sua vez, se apropria dessa ideia que, assim utilizada, atinge principalmente o público comum. Inclusive, em um dos episódios do seriado *Mulher*, uma das personagens cita o feminismo como se fosse algo do passado e negativo.

Na década de 1990, no Governo Collor, o contexto sociocultural também mudara, pois o capitalismo de consumo, que já vinha dando seus acenos, iria entrar completamente, trazendo consigo o individualismo que esboroava uma visão mais social. Sempre tomando a frente, as classes médias assumiam novos comportamentos, mesmo que esses representassem um retrocesso. Esse capitalismo de consumo, no qual prevalece a hegemonia da cultura norte-americana cuja mídia, há mais de uma década, já vinha empenhada em atacar as ideias feministas, acirrou a emergência de um mundo global e o resultado de tudo isso foi uma inevitável uniformização dos padrões culturais, gostos e valores sociais.

Existe ainda o fato de as representações das mulheres que faziam parte do movimento feminista terem sempre sido as de feias, mal-amadas e masculinizadas, estereótipos que eram atribuídos às feministas, às vezes, pelas próprias mulheres do mundo real que, assim, reafirmavam os estigmas. A mídia soube muito bem se apropriar disso a fim de disseminar ideias pejorativas sobre as feministas, estimulando as mulheres, de alguma forma, a repudiar o movimento. Além do mais, muitas mulheres na atualidade não reconhecem que as conquistas de hoje são resultado de muitas décadas de lutas do movimento feminista.

Porém, enquanto a sociedade (principalmente, as classes médias) tinha essa reação contra o feminismo, o movimento aprofundava seus espaços na Academia e entrava pelas malhas das instituições, através das políticas públicas. Aparentemente invisível, ele ganhava espaços mais amplos em outros meios. Assim, já agora como categoria de relações de gênero, o feminismo revolvia o passado, a

história e procurava resgatar a memória da qual muitas mulheres também fizeram parte, mas foram esquecidas ou simplesmente postas de lado por uma história androcêntrica e misógina. Como afirma M. Rago,

Certamente, o feminismo coloca o dedo nesta ferida, mostrando que as mulheres foram e ainda têm sido esquecidas não só em suas reivindicações, em suas lutas, em seus direitos, mas em suas ações. Suprimidas da História, foram alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado. O feminismo aponta para a crítica da grande narrativa da História, mostrando as malhas de poder que sustentam as redes discursivas universalizantes. O feminismo denuncia e critica. Logo, deve ser pensado e lembrado. (RAGO, 1995/1996, p. 15).

Assim se constrói a crítica feminista à história tradicional que, como já foi mencionada, era androcêntrica e somente valorizava os atos dos homens, deixando as mulheres relegadas aos espaços privados do lar, aos afazeres domésticos e aos cuidados com os filhos e marido⁶¹.

Era, portanto, uma questão urgente desmontar essa visão androcêntrica de escrita e investigação histórica, era necessária e ainda é, uma revisão historiográfica que evidenciasse a participação das mulheres para que essas aparecessem como sujeitos da história, embora a sociedade não se mostrasse interessada em torná-las sujeitos históricos, pois não era conveniente. Mas o fato é que existia uma história em que as mulheres foram sujeitos e que precisava ser trazida à tona, talvez pelas próprias mulheres.

Vale ressaltar a importância da historiadora Michelle Perrot como uma das grandes pioneiras em pesquisar (a partir da década de 1970) a história das mulheres⁶² e que afirma que, se, atualmente, essa participação feminina na história parece óbvia, nem sempre foi assim, pois o que se percebe é um longo período em que as mulheres foram silenciadas. Colocando-se como parte da história, a autora questiona: “Por que esse silêncio? E por que esse silêncio foi quebrado?” (PERROT, 2007, p. 13).

⁶¹ Acho que não será relevante trazer aqui toda a discussão sobre espaço público e privado, pois existe uma grande bibliografia a respeito, nem sobre como esses dois espaços de ação, por julgamento de valores, ficaram desiguais, sendo desvalorizado o espaço privado (doméstico).

⁶² DUBY; PERROT, 1990. O silêncio sobre as mulheres na historiografia impulsionou essa produção que partiu das academias. Esse livro serviu de subsídios para se construir a História das Mulheres, no campo da História, apesar de muitas mulheres anteriormente terem escrito sobre a opressão da mulher.

E assim, muitas pesquisadoras demonstraram interesse pela história das mulheres, como a autora Ana Aguado (2004, p. 57-58), por exemplo, que evidencia a necessidade e a importância de se edificar uma história sob um novo olhar, o das mulheres, porque, no momento em que foi constatada a sua invisibilidade na história, começou-se a perceber a superficialidade androcêntrica das explicações históricas vistas como universais. E, a partir desse novo olhar histórico, a dimensão do cotidiano, do privado, do individual e das chamadas minorias, invadiu o campo de discussão e, interrelacionando-se com outras disciplinas como a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia, ampliou os referenciais teóricos e metodológicos de boa parte da História Social e Cultural.

O feminino e o masculino são definidos e entendidos como categorias reelaboradas continuamente em um dado espaço, tempo histórico, sociedade e cultura específica. Para trazer as mulheres como sujeitos da história foi necessário não só construir uma História das Mulheres, mas voltar ao passado e desconstruir o que a História oficial havia escrito, de forma a tornar visíveis as mulheres que dela fizeram parte e tinham sido postas de lado. Esse desejo pela desconstrução do conhecimento produzido até então veio a aproximar as feministas de teóricos conhecidos como “filósofos da diferença” – Foucault, Deleuze, Lyotard, Derrida, dentre outros.

É através dessas discussões que se constrói o campo feminista do conhecimento e, envolvidas nessa perspectiva, as mulheres entram no espaço público, procuram romper com os conceitos normativos da sociedade e da ciência e se busca uma nova ideia de conhecimento envolvendo a teoria e a prática. Então, a história passa a ser revista através de um novo agente de conhecimento que agora se insere no mundo, evidenciando suas características: a teoria feminista.

Esta, por sua vez, trouxe novos questionamentos como os pautados nas relações de gênero, em que o sujeito não mais era tomado como ponto de partida, mas considerado como fruto de determinações culturais e mergulhado em um complicado campo de relações sociais. Nessa questão, o papel dos chamados “filósofos da diferença” foi extremamente importante, pois, como afirma M. Rago: “[...] a categoria do gênero encontrou aqui um terreno absolutamente favorável para ser abrigada, já que desnaturaliza as identidades sexuais e postula a dimensão relacional do movimento constitutivo das diferenças sexuais” (1998, p. 27).

A importância da formulação do conceito de gênero por Scott é apontada, com muita propriedade, por Carmem Ramos Escandón, em “Historiografía: apuntes para um debate en feminino”, que se constitui em um novo aporte teórico mais abrangente, que envolve a mulher e o homem em todas as suas relações sociais, auxiliando na compreensão de como o homem e a mulher são representados social e culturalmente, marca que cada um transporta em seu corpo perante a sociedade.

Este concepto sin duda es la aportación más original que la historiografía feminista anglosajona ha hecho al conocimiento de la historia de la mujer, sino que incluye también una crítica conceptual a lo que ha sido la historia tradicional y señala los aportes de la historiografía feminista, no solo a la historia de la mujer, sino al conocimiento histórico en un sentido más amplio. (1999, p. 134).

Escandón aponta a importância, mas, também, sinaliza o perigo de se usar esse termo, pois o gênero trata de compreender como o poder relativo de cada sexo, em uma determinada sociedade, pode mudar em relação com os conjuntos opostos de valores culturais e fronteiras socialmente preestabelecidas, que são relações de poder e que estão inseridas em um conjunto bem amplo de relações sociais. E corre-se o risco de se mergulhar nessa teia de relações e esquecer-se do objetivo primeiro que originou a teoria feminista, que é fazer a História das mulheres. Essa diferença entre o conceito de gênero e a política de inclusão da mulher na história levou muitos historiadores a questionar a importância desse conceito, que nasce de uma luta política, mas, para atender a necessidades teóricas pode acabar se transformando em uma forma superficial de enxergar a história.

Com toda essa preocupação do feminismo com o que disseram sobre as mulheres ao longo da história, sobre como elas foram representadas nas artes, na literatura, nos discursos científicos, sobre o que se falou dos seus corpos, de sua sexualidade, com todos esses questionamentos, o feminismo cresce de tal forma que, chegando à Academia, confere maior visibilidade às mulheres, além de atingir vários campos de conhecimento, como o campo da linguagem, por exemplo, que vai permitir a análise dos discursos veiculados pela mídia, principalmente através de programas televisivos, de como tais discursos tentam conter e abafar o avanço das ideias feministas.

Esse refluxo antifeminista, que vai ser detectado na mídia e na sociedade, não é algo tão recente nem se originou no Brasil. Segundo Susan Faludi em

Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres, é a partir da década de 1980, nos EUA⁶³, que ela detecta um implacável contra-ataque às conquistas feministas em uma tentativa de convencer as mulheres de que o seu processo de independência pode ser a causa de muitos problemas que vêm enfrentando na família e esse discurso antifeminista, S. Faludi denomina de *backlash*, tem estado presente em diversos setores da sociedade, principalmente nas representações das mulheres na TV e no cinema, como afirma a autora:

Da ‘falta de homens’ à ‘epidemia de infertilidade’, do ‘estresse feminino’ à ‘prejudicial dupla jornada de trabalho’, estas pretensas crises femininas tiveram sua origem não nas condições reais da vida das mulheres mas sim num sistema fechado que começa e termina na mídia, na cultura popular e na publicidade – um contínuo feedback que perpetua e exagera a sua própria imagem fictícia da feminilidade. (2001, p. 14).

O que se percebe é que as propagandas e os programas televisivos vêm reacendendo as relações desiguais entre homens e mulheres: as desigualdades continuam e esse contra-ataque, essa volta ao passado (*backlash*) tenta estancar a luta feminista a partir da desigualdade. Como afirma Suely G. Costa em “Movimentos feministas, feminismos”: “reconhecer as peculiaridades desse movimento nos EUA serve para perceber as formas de propagação de imagens femininas reinventadas nas tradições dos padrões de domesticidade” (2004, p. 23).

No contexto da década de 1990, as mulheres já haviam angariado muitas conquistas, principalmente, no mercado de trabalho. Cristina Bruschini (1996), em estudos realizados antes do ano de 1998, percebeu que havia um grande número de mulheres no espaço público, que, aproximadamente, 40% da força de trabalho já era feminina, mas evidenciou que a maioria ocupava posições desfavoráveis e em empregos sem regulamentações trabalhistas, ocupavam profissões tradicionais como empregada doméstica, artesãs e em profissões sem remuneração, mas eram também numerosas no magistério, enfermagem, dentre outras. A partir da década de 1990, já se percebe mudanças consideráveis em relação às ocupações das

⁶³ É importante lembrar que, na década de 60 do século passado, emergira nos Estados Unidos uma nova onda (a segunda onda) feminista, em meio à rebelião contracultural caracterizada pela contestação aos valores tradicionais e à sociedade de consumo, propondo uma série de mudanças em termos de comportamento, acompanhada por outras lutas como o movimento dos negros em busca dos direitos civis e pelos protestos contra a guerra do Vietnã.

mulheres, que procuram não somente o nível superior, como também estão migrando para as profissões de prestígio como Medicina, Engenharia, Arquitetura e Direito. Assim, as mulheres conquistaram visibilidade não só nas profissões de prestígio, como também em outros campos sociais como na representatividade política. Já se pode detectar uma grande quantidade de mulheres em cargos políticos importantes, muitas das quais são provenientes ou possuem alguma articulação com o movimento feminista, o que facilita a implementação de políticas públicas em benefício das mulheres.⁶⁴

Apesar de todas essas conquistas, que foram alcançadas com muita dificuldade pelo movimento feminista, as mulheres ainda enfrentavam muito preconceito em seu cotidiano, principalmente por parte dos homens. Observe-se o que escreve Rago sobre essas “novas mulheres” que agora encaram o mercado de trabalho:

[...] não há como negar o fato de que todas as conquistas arduamente ganhas ao longo dessas últimas décadas pelos feminismos não estão consolidadas. Ao contrário, são continuamente ameaçadas por pressões machistas as mais conservadoras. Uma das principais queixas das ‘novas mulheres’, em geral, é a dupla jornada do trabalho e o acirramento da competição no mundo masculino. As duas questões não podem ser dissociadas, se considerarmos que a exigência da qualidade do trabalho feminino ainda é muito maior do que a que se dá em relação aos homens. As mulheres ainda pagam um alto preço por participarem da vida pública, como continuam a denunciar as feministas. Na verdade, a libertação feminina acarretou um aumento muito grande do trabalho feminino, especialmente para as casadas ou com filhos. A guerra entre os sexos não terminou e, aliás, se acentua nos novos *fronts*: o profissional e o afetivo. (2003, p. 9-10).

O que se percebe é o quanto é difícil desconstruir o que há tempos foi estabelecido, os papéis atribuídos aos homens, como provedores do lar, e às mulheres, como donas de casa. Mesmo que ambos trabalhem, a mulher é sempre aquela que deve ser a responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos. O tempo mostrou que os problemas que o feminismo deveria enfrentar não se concentravam apenas no campo da política, mas eram também de ordem emocional, e o feminismo fez isso.

⁶⁴ É válido salientar que as mulheres ao longo da década de noventa foram angariando conquistas e continuou nos anos seguintes, pois atualmente temos pela primeira vez na história do Brasil uma mulher (Dilma Rousseff) ocupando a Presidência da República.

[...] com muita resistência, abrindo o espaço para se trabalhar com o que Bourdieu denomina ‘violência simbólica’, ou seja, a internalização do discurso do dominador pelo dominado, o que o faz agente e cúmplice de sua própria dominação. (SARTI, 2001, p. 1).

Nos anos seguintes, as telenovelas continuaram insistindo em colocar as mulheres em situações embaraçosas e conflituosas sempre envolvendo trabalho e vida afetiva, uma questão que não é especificamente brasileira; se observarmos filmes norte-americanos nos quais as mulheres são protagonistas vamos perceber que elas são representadas também dessa forma.

2.2.3 As Personagens Principais

Sendo duas gerações, a mais velha segue mais a representação de um ambiente construído pelas lutas feministas; ela tem uma profissão consolidada e que a satisfaz. No entanto, sendo casada, e estando na faixa etária dos 60 anos, seu marido já aposentado, vive atormentando-a para que ela deixe a profissão e lhe faça companhia, pois ele tem projetos de viajar no seu iate. Ademais, pelo menos nos episódios selecionados⁶⁵, ele mantém uma queixa da mulher com relação ao filho, pois em vários momentos, principalmente, de conflito, afirma que ele sempre estava presente na vida da criança enquanto ela trabalhava.

A doutora Cristina, mulher na faixa dos trinta anos, já tem outra visão de mundo e tenta combinar a trajetória profissional com a trajetória afetiva. Inclusive, se não fica evidentemente explicitada a sua forma de ver a vida, sua amiga Shirley, da mesma idade, advogada e sua colega de apartamento tem como função mostrar essa nova visão de mulher.

O primeiro episódio intitulado “O princípio de tudo” mostra o encontro das duas médicas, em um voo para o Rio de Janeiro, quando uma jovem entra em trabalho de parto e elas assumem fazer o parto de emergência. No momento, a Dra. Martha percebe a boa atuação de Dra. Chris e, ao saber que ela estava à procura de emprego convida-a para trabalhar na Clínica Machado de Alencar, especializada em doenças da mulher, local onde Dra. Martha trabalha e é diretora da equipe médica há quase trinta anos.

⁶⁵ Episódios: “Princípio de tudo”, “Ninho vazio”, “Maternidade”, “Grávidas” e “Mãe”.

O cotidiano do trabalho na Clínica não é fácil, pois precisam lidar com o diretor geral e proprietário da clínica, o senhor Afrânio Machado de Alencar, interpretado por Cássio Gabus Mendes, que evidencia, em suas falas e ações, estar mais interessado nos lucros do que na saúde dos pacientes. Dra. Martha procura exercer sua atividade sempre de forma correta, para servir de exemplo para os demais, o que a faz entrar sempre em confronto com o dono da clínica. Fez do trabalho a sua vida, talvez privilegiando-o mais que a sua própria família, pela qual é constantemente cobrada. Já a Dra. Christina Brandão é uma médica jovem, dedicada e idealista, filha de uma tradicional família mineira, e que sempre lutou, por conta própria, para realizar seus sonhos. Ela quer ter uma vida profissional estável, daí, talvez não ter conseguido ainda manter uma relação afetiva duradoura. Ao longo do seriado, as duas personagens alternam a competência de suas vidas profissionais com os conflitos da vida pessoal.

Além das personagens citadas acima, existem outras que também faziam parte do elenco fixo (que permeava boa parte das tramas do seriado), como o marido da Dra. Martha, Otávio, interpretado pelo ator Carlos Zara, um engenheiro naval aposentado que constantemente cobrava da Dra. Martha sua presença, já que, segundo ele, ela havia estado ausente, durante toda sua vida, em relação à família que, além dele, era formada pelo filho do casal, Carlos, interpretado por Maurício Mattar.

Outra personagem que será trabalhada, pela importância de seus discursos sobre o corpo, a sensualidade e a idealização do amor, é Shirley, interpretada por Carla Daniel, profissional formada em Direito e companheira de apartamento de Dra. Christina (ao longo do seriado é chamada pelo apelido de Cris).

A narrativa desse seriado não mais coloca as mulheres à procura de sua emancipação e reivindicações, pois elas já lá estão, nos espaços públicos, em profissões de prestígio, ocupando posições de destaque, com suas carreiras já consolidadas, sem nenhuma sombra de preconceitos ou assimetrias de gênero. Por outro lado, elas são representadas de tal forma que essa total independência e emancipação dificilmente poderá ser equilibrada com sua vida afetiva e a prova disso está nos seus discursos e nas consequências que são atribuídas a essa independência, a essa ausência das mulheres de seus lares. Logo, as formas de realização desta ocupação do espaço público é uma questão a ser observada, pois a relação que a Dra. Martha mantém com seus pacientes, como afirma Linda Rubim

(2002), representa o deslocamento de um relacionamento maternal, próprio da vida privada, para a esfera pública, na medida em que Dra. Martha age na vida pública como uma supermãe, inclusive, em sua relação com a colega, a Dra. Chris.

2.2.4 Temas e Abordagens

Os temas do seriado são abordados de forma bastante didática e pedagógica, segundo Rosa Maria Bueno Fischer (2001, p. 597), que destaca que a partir da década de noventa vem sendo muito comum a mídia apresentar programas em que as subjetividades das mulheres são expostas em suas diferenças – de gênero, geração, etnia, condição econômica, social e cultural – e, ao mesmo tempo em que a define como um “diferente” que deve ser tornado público mostra como pode ser controlado.

As questões que permeiam o cotidiano das mulheres na narrativa em análise, além de sua apresentação didática, estão todas voltadas para a saúde da mulher, tais como aborto, Aids, estupro, violência doméstica, gravidez na adolescência, menopausa, DSTs, entre outros e com a utilização de uma linguagem simples e de fácil acesso ensina ao telespectador a se prevenir, a ter os devidos cuidados com a saúde. Segundo Graciela Natanshon (2000, p. 48): “os aspectos técnicos (médicos) do roteiro se baseiam nos livros *Mulher, o negro do mundo*⁶⁶, de Malcolm Montgomery (1997); *Menstruação, a sangria inútil*, de Elsimar Coutinho (1996); e *Só para mulheres*, de Sônia Hirsch (1995)”.

Em cada episódio existe um tema central que é utilizado para desencadear alguma discussão que, na maioria das vezes, está relacionada à saúde da mulher. O tratamento dado aos temas pouco leva em consideração a situação das mulheres na sociedade ou questões levantadas pelo feminismo em relação à saúde das mulheres; independentemente de geração, classe, etnia, eles vão ser ilustrações exemplares para informar uma grande audiência. Por causa disso

⁶⁶ O livro aborda todas as fases da vida da mulher, da infância ao climatério, e discute temas polêmicos como masturbação, maternidade, aborto, Aids e doenças sexualmente transmissíveis. Escrito por um ginecologista que considera a relação médico-paciente primordial no tratamento terapêutico, fala também de anticoncepcionais, mutilações cirúrgicas, parto normal e cesariana, depressão e estados de pânico que atingem a mulher neste fim de século.

mesmo, são utilizados termos técnicos relacionados à área de medicina com uma linguagem bem simples.

Em paralelo ao tema central são desenvolvidas mais duas histórias, uma que leva um tom de comédia (em geral, este contraponto é feito por duas personagens, a advogada, amiga de Cris, ou o dono da clínica, na sua ânsia de lucro ou na sua inabilidade com as mulheres) e uma outra mais séria que envolve o elenco fixo, onde geralmente são discutidos os conflitos da vida pessoal dos protagonistas. Para Daniel Filho (2007, p. 107), esse tom de comédia era essencial, e a personagem Shirley era fundamental para esse tipo de papel, pois seus diálogos com Cris, suas lamentações sobre sua vida amorosa eram sempre cômicos, de forma que o personagem tinha a função de fazer com que a juventude pudesse se identificar e os diálogos não parecessem velhos.

A Clínica, que tinha uma parte do atendimento particular, atendia também pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), um atendimento feito no Ambulatório da Clínica, indicando que esta não se sustentava apenas com os serviços pagos pelas classes médias e altas, mas que o SUS lhe dava suporte financeiro para o equilíbrio das contas, despesas e lucros. Para as duas médicas, esse é o espaço do idealismo, o lugar que garante acesso aos cuidados médicos para quem não tem convênio ou seguro médico, onde se cumpre uma “missão social” no seio da medicina privada.

Essas situações são vistas em vários episódios, embora não façam parte da trama central, e não só esclarecem como se dá a sustentação da Clínica, como, também, é uma linha narrativa do conflito entre as médicas e o Diretor da Clínica, que pretende por fim ao Ambulatório, porque, segundo ele, não gera lucro. Nesses momentos, os médicos discutem o problema da saúde pública, de uma maneira geral, não tratando das questões sociais em que as pacientes estão envolvidas ou dos possíveis motivos que as levaram à Clínica.

Resta evidente que, no seriado, existem muitos motivos e muitos momentos em que os problemas sociais envolvendo as mulheres poderiam ser discutidos, mas essa discussão é descartada, pois, no momento em que as mulheres chegam à Clínica as questões sociais e/ou psicológicas que as levaram até ali são lançadas, mas o seu aprofundamento é descartado, sendo direcionadas, exclusivamente para o campo da medicina.

Assim, as questões relativas às reivindicações das mulheres nesse seriado ficaram esquecidas, como se fosse algo do passado longínquo e deixando transparecer que, atualmente, as mulheres não têm mais pelo que lutar, que não há mais nada a conquistar, parecendo evidenciar que às mulheres resta somente sofrer as consequências de sua emancipação.

2.2.5 Música

A trilha sonora de *Mulher* reunia músicas como “Fala baixinho”, interpretada por Maria Bethânia, “Amor e amizade”, pelo grupo Exalta Samba, “Alento”, por Paulinho da Viola, e “Os passistas”, por Caetano Veloso. Mas a música tema de abertura do seriado era *Mulher* (o mesmo nome do seriado), composta por Custódio Mesquita e Sadi Cabral e interpretada por Emílio Santiago.⁶⁷ Chama-nos a atenção o fato de que os seriados brasileiros produzidos pela Rede Globo sempre tiveram músicas de abertura inéditas produzidas para a própria narrativa e de alguma forma descrevendo as situações e, assim, a escolha de uma música de 1940 parece nos impor uma pergunta: essa letra não nos traz para o presente e sim para um passado em que a mulher era a musa, aquela que fazia o homem sofrer. Será que essa seria a posição dos criadores do seriado?

Mulher

(Composição: Custódio Mesquita/Sady Cabral)

Não sei
 Que intensa magia
 Teu corpo irradia
 Que me deixa louco assim
 Mulher
 Não sei
 Teus olhos castanhos
 Profundos, estranhos

⁶⁷ Gravada originalmente em 1940, por Sílvio Caldas, foi um dos maiores sucessos do compositor Custódio Mesquita de Pinheiro (Rio de Janeiro, 25/04/1910 – 13/03/1945), um dos precursores da moderna música popular brasileira, compositor, pianista, regente e ator. De família de classe média alta, iniciou seus estudos musicais com seu pai. É chamado por vários críticos musicais de Tom Jobim dos anos 30 e 40. Sadi Cabral (Maceió/AL, 10/09/1909 – Rio de Janeiro, 23/11/1986), foi um ator de sucesso.

O intérprete Emílio Santiago nasceu em 6/12/1946 no Rio de Janeiro. Formado em Direito, já na faculdade cantava com sucesso em festivais universitários. Gravou seu primeiro LP em 1975. Em 1982, venceu o Festival MPB Shell da TV Globo com a música “Pelo amor de Deus” de Paulo Debétio e Paulinho Resende.

Que mistério ocultarão
 Mulher
 Não sei dizer
 Mulher
 Só sei que sem alma
 Roubaste-me a calma
 E a teus pés eu fico a implorar
 O teu amor tem um gosto amargo
 E eu fico sempre a chorar nesta dor
 Por teu amor
 Por teu amor
 Mulher

A letra da música parece valorizar a mulher por seus atributos físicos, no momento em que fala do corpo da mulher – “Não sei / que intensa magia / Teu corpo irradia [...] / Teus olhos castanhos [...]” –, além de compará-la a algo misterioso – “[...] Profundos, estranhos / Que mistério ocultarão, mulher [...]” –, causando dor e sofrimento à figura masculina. Em “Roubaste-me a calma / E a teus pés eu fico a implorar / O teu amor tem um gosto amargo / e eu fico sempre a chorar nesta dor [...]” fica claro que o outro foi despertado pela beleza de uma mulher que não lhe corresponde e por isso ele sofre, fazendo lembrar a mulher idealizada na Segunda Geração do Romantismo⁶⁸, no século XIX, que eram belas e inatingíveis, os amores eram impossíveis e o sentimentalismo exagerado do homem poderia até levá-lo à morte. Essa mulher, além de ser vista como uma vilã, parece não ser uma mulher real que trabalha e tem seus problemas como todas as outras mulheres.

Comparando com a música do seriado *Malu Mulher*, existe uma grande diferença, pois, enquanto a música “Começar de novo” mostra um resumo do que aconteceu com Malu e os seus passos daquele momento em diante, a música do seriado *Mulher*, fala de uma mulher abstrata, inatingível, como se a ela fosse atribuído o poder de jogar com os sentimentos alheios, confirmando a impressão de que os assuntos relacionados ao cotidiano das mulheres haviam perdido a importância ou não interessavam mais naquele momento, restando apenas a preocupação com a afetividade.

⁶⁸ Ultra-Romântica ou Mal do Século.

3 ***MALU MULHER (1979\80): AS QUESTÕES DA MULHER NOS ANOS SETENTA***

O seriado *Malu Mulher*, produzido no final da década de 1970, está em pronta sintonia com as questões do movimento feminista, que teve sua maior expressão no Brasil nas décadas de 1970-80, momento singular que o Brasil passava, com a ditadura militar instalada desde 1964, cuja efervescência política quase suplantou as reivindicações dos movimentos das minorias e do movimento feminista. Mesmo assim, o feminismo foi capaz de influenciar essa produção televisiva, que tinha como personagem principal Malu, uma mulher formada em Sociologia e aberta a conhecer o mundo e seus problemas, cuja profissão servia como uma luva para a personagem por permitir que, durante todo o seriado, ela discutisse, de forma séria, vários temas sociais que preocupavam as pessoas, a sociedade e, principalmente, as mulheres enquanto cidadãs.

Ao longo dos dois anos de duração do seriado – cerca de 76 episódios –, Malu toma decisões, busca sua independência e enfrenta os preconceitos da sociedade em relação à mulher descasada, percebendo-se que o seriado não só mostra o aparecimento de uma nova mulher, menos condicionada a viver em função do lar e da família, mas, agora, em busca dos seus ideais, como também promove as discussões necessárias para que se concretize a sua independência.

Dada a importância da linguagem, pois é na linguagem que está a ordem dominante institucionalizada, na medida em que é utilizada como prática social e os discursos presentes nos textos tendem a expressar a ideologia das classes dominantes⁶⁹ há sempre a necessidade de analisá-los criticamente. E é com o

⁶⁹ Nesse caso será um discurso alternativo que vai concorrer com o discurso dominante burguês, tradicional.

auxílio da Análise do Discurso Crítica (ADC), como metodologia, seguindo a linha de Norman Fairclough, que se assenta “primeiro em uma visão científica de crítica social, segundo, no campo da pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia e, terceiro, na teoria e na análise linguística e semiótica” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 23), que ela será utilizada como instrumento adequado para detectar a representação dessas personagens (mulheres) em suas ações, gestos, vestuário, comportamentos, expressão corporal, pensamentos e no modo de lidar com os outros.

Para essa análise, foram selecionados cinco episódios do seriado *Malu Mulher*:

- × três, da primeira temporada, que foram ao ar em 1979: o Episódio Piloto “Acabou-se o que era doce”, e mais, o quarto, “Ainda não é hora”, e o décimo quarto, “Até sangrar”; e
- × dois da segunda temporada, divulgada em 1980: o trigésimo sexto, “Em legítima defesa da honra e outras loucuras”, e o trigésimo nono, “Duas vezes mulher”.

Esses episódios foram selecionados a partir de temas considerados relevantes e que ainda são recorrentes nas discussões sobre as questões relacionadas às mulheres, atualmente, como separação, aborto, menopausa, prazer e reprodução, violência doméstica, “solteirice” e casamento.

3.1 *MALU MULHER: ALGUNS EPISÓDIOS*

3.1.1 **“Acabou-se O Que Era Doce” –(Episódio 1 – 1ª Temporada)⁷⁰**

Roteiro: Euclides Marinho

Direção: Daniel Filho

O primeiro episódio aborda a separação de Malu e Pedro Henrique, casados há treze anos, que têm uma filha com doze anos. A insatisfação com a relação dentro do casamento leva Malu a pedir a separação de Pedro Henrique. Malu acusa Pedro Henrique de se preocupar apenas com dinheiro, deixando de lado

⁷⁰ A TV Globo reapresentou o primeiro episódio de *Malu Mulher* em junho de 1985, como parte da programação especial de comemoração dos 20 anos da emissora. Em março de 1995, outros episódios do seriado foram reprisados no *Festival 30 Anos*.

a vida pessoal do casal, e reclama das muitas obrigações dela que, apesar de casada, graduou-se em Sociologia, mas não exercia a profissão. As queixas dele vão surgindo ao longo da narrativa: ele lamenta ter casado, ter largado a Faculdade de Economia sem se formar e também ter sido pai muito cedo. Viviam, nos últimos tempos, em brigas constantes porque Malu queria discutir a relação e Pedro Henrique, sempre focado em seu trabalho, se desviava de qualquer conversa séria.

As primeiras cenas já definem o clímax da situação que desencadeará o tema principal, com Malu em casa datilografando algo, quando pára para consultar sua agenda e circula o que havia escrito com letras maiúsculas: FALAR COM PEDRO HENRIQUE – TUDO.

A cena seguinte focaliza Pedro Henrique, do outro lado da cidade, voltando do trabalho. O trânsito está lento, ele fuma um cigarro e buzina várias vezes, demonstrando sinais de impaciência. Ao chegar em casa, Malu quer discutir o casamento, a relação entre eles, e eles travam o seguinte diálogo⁷¹:

PAULO HENRIQUE – *Você não vai querer falar sobre casamento agora, não é Malu? A essa hora, de novo? Você não se cansa, não?*

MALU – *Eu não estou falando de uma coisa abstrata, estou falando do nosso casamento.*

PH – *Casamento é tudo igual.*

M – *Isso te satisfaz? Tão pouco? É pra isso que a gente está casado há mais de treze anos? Era isso que você queria pr'a tua vida? Ler jornal, vender apartamento, ganhar dinheiro? Era tão pequeno o teu sonho?*⁷²

Malu desabafa e vai além, ao questionar Pedro Henrique se o que ele havia conquistado ao longo dos treze anos de casamento era o bastante para satisfazê-lo, deixando evidente, em seu discurso, que ela almejava mais, enquanto ele, fazendo pouco caso, não diz nada e continua lendo jornal. Malu, irritada, arranca o jornal da sua mão e tenta, mais uma vez, conversar com ele, que a ignora e chega a aconselhá-la a procurar um psicanalista ou psicólogo, em uma tentativa de apontá-la como uma mulher problemática.

⁷¹ Como irei trabalhar com os diálogos do seriado, resolvi criar a convenção de colocar toda e qualquer transcrição do diálogo dos seriados em itálico a fim de diferenciar esse tipo de texto do texto de análise, comentário e das citações.

⁷² A partir deste ponto, esses protagonistas nos diálogos serão identificados como: PH – Paulo Henrique e M – Malu.

Analisando essas cenas iniciais dentro de um viés crítico e feminista chega-se à conclusão de que Pedro Henrique parece ter se acomodado ao modelo de casamento burguês que surgiu no século XIX – “um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho [considerado] produtivo representavam o ideal de retidão... um tesouro social imprescindível” (D’INCAO, 2000, p. 223) – no qual as mulheres não têm o direito de questionar a divisão de papéis preestabelecida. Mas Malu vem, justamente, questionar e romper com esse modelo, pedindo a separação.

Eles continuam discutindo, quando entra Elisa, a filha adolescente do casal que, observando tudo, vai para o quarto, demonstrando sinais de medo em seu rosto, que é focalizado em *close*. Pedro Henrique também vai para o quarto, mas Malu, resolvida a ter uma solução, está mesmo disposta a falar tudo que pretendia.

Ela continua tentando e mostra uns textos que escreveu e ele, fazendo pouco caso, bastante irritado, pega os textos, dá uma olhada rápida, diz que aquilo para ele não significa nada, é apenas “sociologia barata”, e joga em cima da cama. A reação inicial de Malu é chorar e falar que está cansada do descaso dele, que ela se deu conta de que o tempo todo ela só se preocupou com ele, deixando de lado os seus próprios desejos, mas os dois, irritados, começam a discutir em tom cada vez mais alto e agressivo, culminando com ele jogando os textos dela pela janela do apartamento. Malu desce e tenta recuperar as páginas soltas pelo chão.

Em seguida, Pedro Henrique, parecendo estar arrependido de sua atitude explosiva, desce e vai ajudá-la a recolher as folhas soltas, ao mesmo tempo em que pede desculpas; ela diz que não tem importância: a voz dela é de desolação e é, nesse momento, que ela pede a separação. Eles, então sobem e continuam brigando até que Pedro Henrique levanta a mão para bater nela, mas o gesto fica no ar, não concluído.

M – *Você se considera um exemplo de virilidade, é? Você acha mesmo que eu me satisfaço com o pouco que você me dá? Não é na rua que você tem que mostrar que é homem não, seu tonto, é aqui na tua casa, com a tua mulher, comigo, que sou tua esposa, sou tua amiga, com tua filha... Mas não... é claro que é mais fácil transar com a secretariuzinha na rua.*

PH – *E daí? Isso é normal, é biológico, qualquer homem faz isso.*

M – *Eu não casei com qualquer homem, eu casei com você porque eu achava que você era diferente, especial, mas não, eu tô enganada, eu sempre estive enganada, você é normal, medíocre e vulgar.*

Nesse teor de conversa, ambos choram e se decidem pela separação. Do seu quarto, a filha ouve tudo e parece sentir muito medo. O gesto congelado de bater em Malu mostra que o casal não tem como voltar atrás, pelo menos, por parte de Malu, e Pedro Henrique, com sua fala, demonstra, de fato, a concepção que ele tem sobre o papel que um homem deve desempenhar dentro de uma relação, de que um homem pode viver sua sexualidade dentro e fora do casamento, o que não é permitido às mulheres, que basta sustentar a família, sem necessitar de realizar mais nenhuma atividade. Em seu discurso, evidencia-se o que grande parte dos homens pensava, o discurso dominante, com o qual Malu não concorda.

Em seguida, Pedro Henrique arruma algumas roupas na mala e vai embora. Naquele momento, Malu se dá conta de que viveu todo o seu casamento para satisfazer os desejos do marido e que havia se esquecido de si mesma, pois ele nunca dera importância nem incentivo à profissão que ela havia escolhido, sequer percebia que Malu também contribuía com o orçamento doméstico, uma vez que datilografava, em sua casa, dissertações e teses de pessoas conhecidas com a finalidade de ganhar um dinheiro extra. Era dessa forma também que Malu se mantinha informada sobre as discussões atuais, principalmente sobre as mulheres, como no caso do aborto.

Alguns dias depois, Malu recebe a visita de uma amiga e conta como tudo aconteceu; diz sentir-se melhor agora e que Pedro Henrique não esperava por isso. Ela agora tem novas perspectivas para a sua vida:

AMIGA – *Me diz, Malu, me conta tudo.*

M – *Menina, foram mais de dois anos de horror, tentando tomar coragem, o medo de não conseguir viver sozinha, de não conseguir viver sem ele.*

AMIGA – *E ele, Malu, como está encarando essa separação?*

M – *Um choque, ele jamais esperava que eu fosse reagir do jeito que eu reagi, levar a coisa do jeito que eu levei. Que é que você queria que eu fizesse? Ficar alimentando um casamento em função do que, de um falso lar? Eu não, eu quero mais é viver com quem está junto comigo.*

AMIGA – *Mas ele te deixou em paz?*

M – Paz? Você esquece que tem a Elisa ligando a gente? Daqui a pouco ele está aí, vem buscar ela pr'a passar uns tempos com ele. Fica me insinuando que vai me tirar ela; tô louca pra ver essa experiência, p'ra ele ver bem o que é que é ser mãe e parar de frescura.

AMIGA – Malu, você não acha que isso pode ser um risco?

M – Com o Pedro Henrique? Não sabe cuidar nem dele, quanto mais da filha. E hoje ele vai ter uma outra surpresa... quando eu falar no desquite.

AMIGA – Sabe Malu, acho que nunca te vi tão bem, sabe, parece assim... mais bonita.

M – É, tenho me sentido mais bonita.

AMIGA – Então, qualquer dia... né?

M – ...Deus me livre! Não quero saber de homem tão cedo... tenho tanta coisa pr'a fazer, tenho uma vida pr'a retomar, minha filha, minha pós-graduação...

Esse diálogo entre Malu e a amiga explicita que a atitude de se separar que ela tomou não foi momentânea ou emocional, que ela já vinha pensando nisso, razão pela qual ela não se mostrava abatida, pois tinha novas metas. A rejeição de Malu ao dizer *Não quero saber de homem tão cedo...*, indica seu interesse em querer se conhecer, apesar das consequências (que ela ainda não conhece), e procura forças em si mesma. A questão para ela não era estar mal com Pedro Henrique e buscar outro parceiro, mas saber que todos eles, dentro de sua visão, estariam na mesma situação, deixando a mulher apenas como dona-de-casa, mesmo que tivesse uma profissão, como é o seu caso, que tem formação em Sociologia.

Toda essa insatisfação com o casamento, esse desejo de discutir o que era mais conveniente para os dois só ocorria por parte de Malu, pois, Pedro Henrique, seguindo o papel que lhe cabia dentro de uma família tradicional, era apenas o provedor e nunca estava disposto nem tinha tempo, para dar atenção ao que vinha acontecendo com Malu. Além do mais, a falta de comunicação entre os dois impedia que ele soubesse quais as expectativas dela, se ela estava feliz com a relação, ou apoiá-la em suas decisões. Pedro Henrique nem sequer desabafava com Malu; somente no momento da separação, ele demonstra suas frustrações:

PH – *A Elisa nunca podia ter nascido naquela época, assim, eu não precisava largar meu diploma de Economia e ir vender apartamento por aí, aos vinte e três anos... Depois você me acusa de frustrado... é claro que eu sou!*

A frustração de Pedro Henrique é clara, mas o comentário feito por ele, sua fisionomia assustada parece ter pegado Malu de surpresa, pois ela diz que aquele não é mais o momento de ter esse tipo de conversa, revelando que durante os treze anos de convivência do casal não houve espaço para evidenciar essas frustrações. Pode-se, ainda, perceber que a filha não foi gerada a partir de um plano de ambos, o que os levou a um casamento rápido que resultou em frustrações e ressentimentos de ambas as partes.

Se Pedro Henrique se sente frustrado por não ter concluído sua faculdade, por não ter concluído o curso de Economia e feito carreira como desejava, por outro lado, Malu também não se sentia realizada por não exercer sua profissão, pois, apesar de toda a dificuldade pelo fato de ter sido mãe muito jovem, ela conseguiu concluir o curso de Sociologia e desejava ser reconhecida como pessoa, independentemente do estado civil, além de gostar de trabalhar na sua especialidade.

O casal estava preso aos papéis sociais da família – e aí já estão postas em questão a virgindade e as relações sexuais antes do casamento, havendo a gravidez, o casamento inesperado, repentino – preso à divisão sexual de trabalho que a sociedade, sendo o casal de classe média, impôs: aos homens, o papel de provedores da família, e à mulher, o de dona-de-casa, aquela que foi criada para cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos. Um exemplo disso está na fala do pai de Malu ao saber da separação do casal: – *A vida de uma esposa é a sua casa, o seu marido, os seus filhos [assim] como sua mãe o fez [finalizou]*.

Malu e Pedro Henrique seguiram o mesmo modelo tradicional dos pais, porém as mudanças do mundo estavam ali presentes, a profissionalização dela não era mais conseguir um casamento estável e dentro da mesma classe social: ela queria trabalhar, criar alguma coisa sua, independente do seu estado civil. E mesmo com a observação do pai sobre a condição da mulher, Malu não muda sua posição, nada a demove de sua decisão, mesmo contrariando seus pais.

O episódio mostra ainda a forma como os casais de classe média se comportavam, ou seja, é sempre a mulher quem primeiro diagnostica que o

casamento vai mal, um fato que pode comprovar com a realização dos grupos focais, talvez porque seja ela, a mulher, a mais prejudicada. Os homens, geralmente não estão dispostos a pensar sobre a relação, pois agem quase sempre sob o modelo que lhes coube, recebido e muito reiterado pelo discurso dominante, preferindo se omitir ou justificar suas ações como “normais”, como um comportamento biológico, a aceitar as regras culturais e, assim, o descompasso no casamento é natural porque “é tudo igual”.

Malu se mostrou uma mulher decidida, sintonizada com as discussões de seu tempo e esse personagem inspirou toda uma geração⁷³ o que pode ser comprovado pelo alto índice de audiência que foi registrado pela Rede Globo (52 pontos)⁷⁴. Esse episódio abriu a discussão sobre o casamento no seriado e foi muito importante por expor na televisão os problemas vivenciados por muitos casais brasileiros, em especial, os de classe média, para a qual era voltado o seriado, pois mostrou os conflitos pelos quais passavam muitas mulheres e, conseqüentemente, as encorajou a rever e refletir sobre suas posições, seus interesses e a enfrentar os preconceitos da sociedade contra as mulheres descasadas, pois boa parte delas se espelharam em Malu, não só na ficção como também na atriz que a interpretava (Regina Duarte), visto que ela também passava em sua vida pelo mesmo drama vivenciado no seriado⁷⁵.

Segundo Ana Maria Goldani (1994, p. 8), as famílias brasileiras chegaram aos anos 1990 com perceptíveis mudanças, pois, com o aumento do número de separações e divórcios⁷⁶, tornaram-se comuns adultos vivendo sós ou famílias monoparentais bem como esposas, e mesmo filhos, participando do mercado de trabalho e compartilhando com o companheiro as responsabilidades do orçamento

⁷³ Em entrevista com uma das professoras do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres da Universidade Federal da Bahia (NEIM/UFBA), ela se pronunciou da seguinte maneira: percebeu a repercussão desse seriado, ela, como feminista e que havia se separado algum tempo antes, disse aguardar ansiosa todos os dias a exibição dos episódios, pois se espelhava na personagem, e lembra-se de que várias vezes ouvira comentários de maridos que não deixavam suas esposas assistir o seriado por medo de serem influenciadas.

⁷⁴ “Na Globo, que pagou pra ver no que ia dar seu projeto mais delicado, o ambiente é de euforia: ‘Malu Mulher’ está em primeiro lugar de audiência no Rio de Janeiro, com 52 pontos, em segundo, em São Paulo, com 49 [...]”. (Fonte: *Veja...*, 18 de Julho de 1979. Edição:567\ p. 45).

⁷⁵ Segundo matéria da Revista *Veja* (ver nota anterior).

⁷⁶ Do latim *divortium*, derivado de *divertĕre*, “separar-se”) -rompimento legal e definitivo do vínculo de casamento civil que foi instituído oficialmente no Brasil através da Emenda Constitucional n° 9, de 28 de junho de 1977, Lei n° 6.515, de 26 de dezembro de 1977.

doméstico. O aumento da participação feminina na força de trabalho remunerada passou de cerca de 16% para 39%, entre 1960 e 1990. Pode-se dizer que as explicações para este fato estão nas discussões e reivindicações do feminismo das décadas anteriores (70/80), na luta pela igualdade e pelos direitos da mulher que acabaram sendo divulgados na mídia.

Todas essas mudanças, com a maior participação das mulheres no mercado de trabalho, refletiram nos padrões de relacionamento entre os membros da família, alterando profundamente a posição relativa das mulheres e, até mesmo, modificando o conceito de família, de “uma concepção legal estreita sobre a família, em que só cabia um modelo de família legitimada pelo casamento com predominância do poder paterno e marital masculino, passando para algo mais próximo das práticas sociais vigentes atuais” (GOLDANI, 1994, p. 10). Também essa práxis introduziu as alterações na Constituição de 1988 sobre o direito de propriedade das mulheres casadas, facilitada pelo divórcio e estabeleceu os direitos e obrigações individuais dos membros da família de acordo com a posição que ocupam.

Este episódio não terá correspondência no seriado posterior, *Mulher*, da década de 1990, pois já estava consolidado o divórcio e eram comuns as famílias separadas. No entanto, vamos observar que, em *Mulher*, existe um episódio chamado “Pai de família” que se refere às consequências da separação para os filhos adolescentes. O episódio mostra uma família que, depois da separação do casal, começou a se desestabilizar: a mãe perdeu completamente o controle, principalmente, sobre a filha que, alegando sentir falta do pai, começou a beber muito e a passar as noites fora de casa, chegando até mesmo a ser estuprada.

É nesse viés de tentativa de levar a mulher à maternidade e ao lar que seguirão boa parte dos episódios do seriado *Mulher* (produzido vinte anos depois), o que fica bastante perceptível na fala das duas médicas e que se torna bastante convincente, principalmente, pelo fato de elas constituírem a voz da ciência, e o “senso comum”⁷⁷ acreditar muito nisso. Em *Mulher*, pelo menos na seleção que consta do álbum duplo, as tramas são desenvolvidas com um tom melodramático,

⁷⁷ O senso comum é visto como a compreensão de todas as coisas por meio do saber social, ou seja, é o saber que se adquire através de experiências vividas ou ouvidas do cotidiano. Engloba costumes, hábitos, tradições, normas, éticas e tudo aquilo que se necessita para viver.

dando a impressão de que se trata de uma novela e que precisa ter um final feliz, como esperado pelo público.

3.1.2 “Ainda Não É Hora” (Episódio 4 – 1ª Temporada)

Roteiro: Armando Costa, Euclides Marinho, Lenita Plonczynski, Renata Pallottini

Diretor: Daniel Filho

Josineide (Jô) é uma moça de dezoito anos de idade, filha de Moacir, nordestino, classe baixa e porteiro do prédio onde mora Malu. É estudante universitária e trabalha ocasionalmente datilografando teses que Malu, no interesse de ajudá-la economicamente, lhe passa. A jovem descobre que está grávida, mas acha que ainda não é hora de ter um filho e não quer casar no momento, pois ela e o namorado ainda estão na faculdade. Decide, então, fazer o aborto, sem consultar o namorado e, para isso, quando conta a Malu, lhe pede ajuda.

Para se ter ideia dos valores rígidos do porteiro, antes mesmo de Malu saber da gravidez de Jô, ela se encontra com o Sr. Moacir, que também faz consertos na sua casa, e é através dele que ela toma conhecimento de que algo de anormal estaria acontecendo com a jovem e ao perguntar o que se passava, ele responde que deve ser coisa com o namorado e diz que não tem um bom pressentimento. Enfim, se lamenta dizendo que, ao invés de filha, Deus lhe deu um problema. Malu o anima dizendo:

M – *Não fala assim, seu Moacir; a Jô é uma menina tão boa! as outras suas filhas eu não conheço, mas tenho certeza que também são.*

SR. MOACIR – *É... mas tão com a cabeça cheia de coisa. A Josineide então... eu juro pr'a senhora, eu me arrependo de ter pelejado tanto pr'a colocar essas meninas pr'a estudar; mulher que pensa muito termina não dando boa esposa.*

O conservadorismo no discurso de Sr. Moacir, que vem de suas origens rurais, é evidente e mostra abertamente o quanto as pessoas com as mesmas concepções que ele tinham certeza do papel reservado às mulheres, o de esposa, e consideravam errado ou culpavam qualquer coisa que as desviasse desse caminho, como os estudos, por exemplo. Ele pede que Malu converse com sua filha, que lhe

dê alguns conselhos, pois ela a ouve muito, ao que Malu lhe pede que fale para Josineide procurá-la à noite.

À noite, toca a campainha no apartamento de Malu, Elisa atende, e é Josineide; elas conversam um pouco e Malu logo percebe que ela não está bem, até que ela acaba confessando para Malu que está grávida do namorado, o Jorginho, mas que não pode ter a criança, porque ela não está preparada. Então pergunta o que deve fazer, mas Malu diz que essa é uma decisão muito pessoal e que só cabe a ela.

Jô – *Sabe o que é, Malu? Eu não posso obrigar o Jorginho a largar o curso de Arquitetura, que é a paixão da vida dele, pr'a arranjar um emprego e amanhã ser um cara infeliz; não, de jeito nenhum.*

(Nesse momento, ambas relembram a vida de Malu e a frustração do casal).

M – *É certo, faz sentido. De qualquer forma é tão complicado...*

(Na cozinha, tomando café, conversam):

Jô – *E depois, não é só o Jorge que não está preparado não, eu também não tô. Eu não quero ser mãe agora. É o que você falou pr'a tua filha: as coisas têm o seu tempo certo.*

M – *Tá, eu concordo, eu concordo. Eu só não entendo como você consegue ser tão objetiva e racional. Não te toca, não? Não te emociona saber que tem uma vida se desenvolvendo dentro de você?*

Jô – *E você pensa que pr'a mim é fácil? Você pensa que eu também não queria ter o meu canto? Ter um cara dividindo a vida comigo, os meus filhotes brincando com as galinhas no quintal, tapetinho no banheiro... só que ainda não é hora, eu sei que não é. Sabe o que é, Malu, a vida já me deu muito cacete, meu pai já me deu muito cacete, tudo que eu consegui foi com muito esforço, eu não quero perder agora...*

Malu fica espantada de como Jô, assim tão jovem, pode ser tão decidida e tão racional, pois consegue, de uma maneira lógica, visualizar que esse não é ainda o momento certo para se tornar mãe: ela havia entrado na faculdade há pouco tempo e ainda não tinha emprego, da mesma forma que o namorado, e como a vida dela havia sido muito difícil, ela não pretende ter o filho. Ela opta por fazer um

aborto, mas como o aborto não é legalizado no Brasil, elas ficam de mãos atadas sem saber que medidas adotar.

Interessante também, aqui, é contrapor a posição de cada uma das personagens, porque ambas engravidaram na mesma idade, embora sejam de gerações diferentes, e, no caso de Malu, ela se casou, enquanto Josineide vê mais longe e opta pelo aborto. Embora essa aproximação não esteja clara na série e as duas mulheres sejam de classes diferentes, sutilmente, aparece um dos pontos da agenda feminista, o de que o corpo da mulher é seu: no tempo de Malu, como a mulher de classe média não tinha consciência de seu corpo, a gravidez gerava um casamento no qual, muitas vezes, ambos se sentiam frustrados; já Josineide, tenta resolver a gravidez a partir de seu ponto de vista, como dona do seu próprio corpo.

Malu, então, propõe que procurem orientação com seu médico ginecologista, o Dr. Pompeu.

(No consultório:)

DR. POMPEU (tira os óculos) – *Malu, eu fico muito lisonjeado com a confiança que você deposita em mim, mas eu vou ter que desapontá-las.*

M – *A gente só queria uma orientação, porque a gente ouviu tantas histórias e a gente fica até com medo de sair por aí, às cegas, assim.*

DR. POMPEU – *Mas é preciso ter medo, essas práticas, em geral, são uma agressão ao organismo da mulher, uma porta aberta para a entrada de micróbios que pode trazer enfermidades, esterilidade e, até mesmo, a morte.*

Jô – *Eu tô disposta a correr esses riscos, o que eu não posso é ter esse filho agora, entenda isso, Doutor.*

DR. POMPEU – *Minha filha, eu não posso fazer nada por você. Aceite o meu conselho, ele é dado de todo o coração, aceite a maternidade, ser mãe é a função psicobiológica da mulher, deixa ele vir.*

O discurso do médico é regido, aparentemente, pela ética médica, embora esteja subsidiado pela cultura e pela religião. Sendo um médico que atende à classe média, ele não abre outra possibilidade nem dá qualquer orientação, provavelmente, porque as regras não o ajudam. Assim, ele contesta, com seu discurso dominante, qualquer posição contrária, acrescentando e incluindo os outros domínios legais que constroem as mulheres e formam as “regras” de aceitar a maternidade (talvez como um castigo?).

DR. POMPEU – *Minha filha, eu entendo o seu drama, mas eu também tenho as minhas convicções, os meus princípios. Minha profissão é regida por uma ética; como católico, eu não posso concordar com isso. A vida é uma dádiva de Deus e dela só ele pode dispor.*

M – *Mas como é que o senhor me receita pílula, Dr. Pompeu? Eu não entendo... porque, pr'a Igreja, todo método anticoncepcional é condenado, quer dizer: aborto e pílula pr'a Igreja é a mesma coisa?*

DR. POMPEU (levanta-se, um pouco nervoso) – *Infelizmente, eu tenho outras pacientes para atender, senão nós poderíamos terminar essa discussão teológica. Quanto a você, minha filha, se decidir, eu terei muito prazer em acompanhar essa gravidez e seu parto; você não vai se arrepender.*

A decisão de Jô logo tropeçou nas convicções do médico de Malu, Dr. Pompeu, que, com o seu discurso de observância às regras dominantes sob a égide da moral e da ética, tentou convencê-la a desistir do aborto, alegando, ainda, ser a maternidade a função psicobiológica da mulher, uma afirmação preconceituosa, que parte de um discurso sobre os papéis destinados às mulheres na sociedade e que necessita ser desconstruído. Além do mais, o médico se contradiz e, evidenciando o peso que a religião tem, em sua concepção de mundo, não soube responder ao questionamento de Malu sobre o uso das pílulas. Mas a visão de Dr. Pompeu não muda a decisão de Jô, que sai do consultório e diz a Malu que está mesmo decidida e que não pretende ter o filho.

O tom do enredo desse episódio é de denúncia, pois, mesmo nesse caso, o de uma mulher que vai em busca de orientação, o discurso institucional lhe veda qualquer possibilidade o que termina por levar essas mulheres para clínicas e médicos que atuam na marginalidade, gerando abortos mal feitos que levam à sua morte ou a seu retorno para os hospitais públicos a fim de reparar tais processos. Essa prática é muito conhecida pelas classes pobres, tanto assim que Josineide tem conhecimento sobre uma dessas clínicas, através de uma prima, e convence Malu a acompanhá-la.

Na clínica, Jô e Malu aguardam. O ambiente é deprimente – as pessoas sabem que estão fora da lei e Jô se assusta um pouco com as conversas, mas está mesmo determinada, até que chega sua vez, o médico a chama e Malu fica na recepção aguardando por ela. Jô fica lá dentro durante um bom tempo, pois outras

mulheres que haviam entrado antes, já haviam saído e Malu já estava preocupada e impaciente quando a enfermeira perguntou se tinha alguém com a moça de número vinte. Imediatamente, Malu vai até o quarto, percebe que Jô não está muito bem; ela questiona o médico que diz, com um tom irônico, que foi obrigado a dar uma dose dupla de anestesia, mas que logo ela vai se recuperar.

Malu se irrita e diz:

M – *Pensava que [es]tava diante de um médico, mas eu vejo que não, embora sua consulta tenha preço de catedrático.*

Médico – *Você é engraçada, veio aqui porque ninguém aí fora quis resolver o teu problema, ninguém quis fazer o serviço sujo. Ok, eu faço, mas as regras do jogo são estas.*

M – *Mas o que é que o senhor está pensando?*

Médico – *Espera aí que eu ainda não acabei: você acha caro? 2.500 cruzeiros pr'a livrar sua amiga de uma situação penosa? Tem gente que cobra menos, tem gente que cobra mais, eu já ouvi falar em 20.000 pr'a moças da nossa sociedade; meu preço é este, é o preço do risco, você pensa que a impunidade me sai de graça?*

M – *Eu deveria chamar a polícia.*

Médico – *Devia, mas não vai, sabe por quê? Porque, perante a lei, a tua amiga é tão culpada quanto eu, de um a três anos de cadeia, só por isso.*

A grande quantidade de mulheres na clínica e até mesmo a forma como elas são enumeradas – “a moça de número vinte”, como a enfermeira denomina Jô –, só evidencia a frequência com que ocorria a prática do aborto assim como a situação em que Jô se encontra logo após a cirurgia mostra o risco que as mulheres corriam em ter de se submeter a essas cirurgias em clínicas clandestinas sem os cuidados que seriam necessários à sua saúde. O episódio expressa o que acontecia naquele momento, que é confirmado pelos números mostrados por Hardy, Rebello e Faúndes:

Os dados do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS) para 1980 mostraram que mais de 200 mil mulheres foram hospitalizadas por complicações de abortos. Considerando-se que nem todos os abortos provocados resultam em hospitalização e que nem sempre os arquivos hospitalares registram o problema, pode-se imaginar que os dados oficiais apresentam-se

defasados em relação à realidade. (HARDY; REBELLO; FAÚNDES, 1993, p. 113).

Os dados servem para confirmar o elevado número de mulheres que se submetiam a riscos por não terem as condições adequadas para exercer seu direito de escolha e o episódio foi incisivo quanto a isso, pois mostra que Jô tem o poder de decidir o que quer para o seu futuro mas, no entanto, não encontra apoio, visto que não existe legislação favorável a essa decisão da mulher, configurando que as mulheres não têm direito sobre o seu próprio corpo.

A edição nº 10 da revista *Realidade* – “A mulher brasileira, hoje” –, de janeiro de 1967⁷⁸, trouxe dados que assustaram os entrevistadores quando questionaram mulheres de classe, instrução e religiões diferentes. Ao perguntar se elas já haviam feito aborto, o resultado foi surpreendente, pois, em cada quatro, uma já havia praticado o aborto e em termos percentuais eles perceberam que não houve diferenças significativas entre as classes sociais:

Nas analfabetas 44% já tinham abortado. Felizmente a incidência desce com a instrução – 30% das com curso primário, 21% das com curso secundário e 11% das universitárias e isso parece ligado ao emprego maior de métodos anticoncepcionais por parte das mulheres mais evoluídas. [...] Finalmente, declararam já ter abortado 3% das solteiras, 35% das casadas e 67% das desquitadas. (REALIDADE, 1967, p. 26).

O mais surpreendente é que, de forma contraditória, percebeu-se pela entrevista que grande parte das que se diziam de alguma religião, como a católica ou protestante, que não admitia o aborto, já o havia praticado e, com certeza, havia procurado as clínicas clandestinas.

Jô e Malu saem da clínica e se dirigem ao apartamento de Malu para que Jô descanse um pouco e esteja pronta para ir para a sua casa. Ao chegar ao

⁷⁸ Para a edição de número 10, de janeiro de 1967, os editores [...] decidiram desenhar o mais completo retrato da mulher brasileira jamais feito. “[...] Foram seis meses de reportagens. Uma pesquisa encomendada ao mais respeitado instituto daquele tempo, o Inese, ouviu 1 200 mulheres para entregar um amplo panorama do país feminino. A principal chamada de capa: “Edição Especial – A mulher brasileira, hoje”. [...] Poucas horas depois da distribuição de metade dos mais de 400 000 exemplares, em 30 de dezembro de 1966, uma sexta-feira, a revista começou a ser recolhida das bancas pelas viaturas do serviço de vigilância e ronda especial da polícia, com apoio da Delegacia de Costumes de São Paulo. Os 231 600 exemplares que ainda estavam empilhados na gráfica também foram confiscados – depois seriam triturados.

apartamento, Malu pede a Eliza que chame Jorginho, o namorado de Jô. Elas contam tudo para ele, que diz que se soubesse antes teria ficado do lado dela, porém, não se incomoda com o que aconteceu. Malu decide chamar seu médico, Dr. Pompeu, para consultar Jô e ver como ela está. Algum tempo depois, chega o Sr. Moacir, que viera pedir algo a Malu, e que, nesse momento, descobre que Jô está passando mal, entra no quarto e Malu deixa escapar que já chamou o médico para ela. Seu Moacir fica sabendo que Jô estava grávida e fizera um aborto e fica transtornado. É quando Eliza entra no quarto, avisa que o Dr. Pompeu chegou e ele fica um pouco a sós com Jô. Em seguida, Malu entra no quarto e diz, brincando:

M – *Quanto tempo de vida?*

DR. POMPEU – *Se continuar se arriscando desta maneira, não posso garantir nada, mas se quiser chega aos cem... Está tudo perfeito, a saúde está ótima... apenas está precisando de um pouco de repouso, afinal, o desgaste emocional foi muito forte, pior que a dose dobrada de anestésico.*

Jô – *Cadê meu pai, foi embora? (Ele entra no quarto). Oi, pai, olha pra mim, vem cá, pai. Olha, pai, eu sei que a gente tem a cabeça diferente, que o senhor acredita em coisa que pr'a mim não tem a menor importância, eu sei também que o senhor está muito magoado com isso tudo, agora olha pr'a mim, pai, o que é que mudou, eu continuo sendo eu, a sua filha Josineide, a mesma de sempre. Pai, quer saber? Eu já não sou mais virgem há dois anos. Por acaso, o senhor notou alguma diferença em mim? Por acaso, eu fiquei mais impura? Esse negócio de pureza e sujeira só existe aqui na cabeça da gente. Eu não gostaria que isso lhe ferisse, mas eu só posso agir de acordo com minha consciência.*

DR. POMPEU – *Minha filha, eu e seu pai viemos de um mundo diferente, de um tempo onde estes valores eram muito importantes, a moral era outra.*

Jô – *Desculpa, doutor, é que a gente não pensa mais assim. Nossos valores são outros, mudaram.*

M – *É acho que tinha que haver uma compreensão mútua.*

DR. POMPEU – *Isso, coexistência pacífica.*

Percebe-se que um grande choque de culturas permeia a geração de Jô e a de seu pai, que ela está vivendo em um contexto de fortes reivindicações do movimento feminista e de luta por várias questões que envolvem a emancipação das mulheres e uma delas é a luta pela legalização do aborto e todos esses são fatores

que influenciaram suas convicções e sua maneira de pensar e agir. Em contrapartida, seu pai e o médico são pessoas extremamente influenciadas pelos ensinamentos e valores da religião católica, que não concordam com o aborto, concebem-no como um crime, pois acreditam na existência da vida a partir da fecundação. Como o próprio Dr. Pompeu afirma, eles são frutos de um tempo onde os valores e a moral eram diferentes, ficando, portanto, difícil compreender ou aceitar todas essas ideias emancipatórias provenientes de movimentos que surgiram no mundo a partir da década de 1960. No caso de Malu, ela recebeu bem a decisão de Jô, não só por estar também inserida em um contexto de emancipação das mulheres, mas por ter vivido, em seu próprio casamento, a dificuldade de uma relação frustrada por terem tido um filho em um momento inoportuno.

(Jô fica no quarto com Jorginho e Malu convida o Dr. Pompeu para tomar um cafezinho. Vão para a cozinha e conversam sobre o que aconteceu com Jô).

DR. POMPEU – *Não foi por falta de aviso; essas clínicas, se é que se pode chamar de clínica, são espeto, um bando de irresponsáveis.*

M – *Mas o que é que se pode fazer? Enquanto não for legalizada, as infelizes das mulheres estão nas mãos deles mesmos. Todo mundo condena, diz que é pecado, mas, na hora, todo mundo fecha os olhos porque um dia pode precisar. Isso chama-se hipocrisia.*

DR. POMPEU – *O chamado mal necessário.*

M – *Mas então... se é necessário, por que não legalizar? Por que não tornar menos sórdido... mais civilizado?*

De fato, é uma hipocrisia, pois a fala do Dr. Pompeu mostra que se tem conhecimento da existência dessas clínicas, que se sabe o mal que fazem às mulheres que precisam delas, e são muitas as que recorrem a essas clínicas, e, como afirma Malu, todo mundo condena mas, na hora, fecha os olhos porque um dia pode precisar. Assim, enquanto o aborto não for legalizado, as mulheres vão mesmo ter que correr o risco.

Em 17 de setembro de 1997, a revista *Veja* publicou uma reportagem intitulada “Nós fizemos aborto”, na qual várias mulheres disseram que já haviam feito aborto, relatam suas experiências, dizem suas razões e seus sentimentos. Entre elas, estão pessoas de classe baixa, como domésticas, faxineiras, mas também pessoas influentes como atrizes, apresentadoras de programa, cantoras e

intelectuais. “Elas falaram de angústia, de culpa, de dor e de solidão, também falaram de clínicas mal equipadas, de médicos sem escrúpulos, de enfermeiras sem preparo, de maridos e namorados ausentes” (BARROS; SANTA CRUZ; SANCHES, p. 29). Embora a reportagem inicialmente pareça tendenciosa ao afirmar que boa parte das mulheres não consegue se lembrar do fato com tranquilidade, sentindo alguma culpa, o fato é que, em algum momento, elas precisaram e tiveram que procurar meios impróprios, correndo riscos, isso quando não as levou à morte, enquanto esse deveria ser um direito seu pois é um direito da mulher decidir o que fazer nessa situação.

Em alguns países, o aborto já é legalizado há algum tempo. Aqui no Brasil, o canal fechado GNT exibiu, no dia 23 de julho de 2010, um documentário que falava sobre o aborto, intitulado “Aborto: uma questão de escolha”⁷⁹ que mostrava que, no Reino Unido, mais de 200.000 mulheres por ano optam pelo aborto e que, mesmo sendo legalizado na região há 40 anos, ainda continua a dividir opiniões, pois enquanto alguns compartilham a ideia de que é um direito da mulher decidir se quer ter o filho ou não, existem aqueles que acreditam que cometer um aborto é um ato criminoso. Através dos depoimentos de cinco mulheres que decidiram levar o aborto adiante, o documentário mostra o outro lado de quem opta por não ter a criança: elas contam que sentem medo, sentem receio e que não é fácil decidir, mas explicam que existem razões muito mais fortes que as levam a optar pelo aborto; algumas se culpam, outras não, um misto de culpa e alívio toma conta dessas mulheres, mas, pelo menos, elas têm o poder e o direito de decidir sobre o seu próprio corpo, de decidir como será o seu futuro e podem fazê-lo de uma forma segura.

Assim, o episódio “Ainda não é hora” foi um avanço, porque discutiu questões fundamentais ligadas à legalização do aborto, desde o problema com as clínicas clandestinas, que ocasionam a morte de muitas mulheres, a questão da mentalidade, a influência de uma cultura baseada nos moldes impostos pela religião, até a questão da escolha, e Jô deixou clara a sua opção. Apesar de o episódio ter deixado um pouco a desejar no que diz respeito à questão do direito, de afirmar que é um direito das mulheres ter a autonomia sobre o seu corpo, consideramos a abordagem um avanço, para a época pois, segundo Lucila Scavone (2008, p. 676),

⁷⁹ Disponível em: <http://gnt.globo.com/gntdoc/Videos/_1305215.shtml>.

desde os “meados da década de 1970, o feminismo brasileiro já tinha uma posição política (favorável à legalização) sobre o aborto, fundamentada no princípio do direito individual”, mesmo que algumas vezes isso tivesse que ser omitido por conta da aliança política com a Igreja Católica e em favor da oposição à ditadura militar.

De certa forma, o episódio tenta mostrar a escolha feita por Jô e questionar porque a mulher não tem o direito de levar adiante a sua escolha de uma forma segura. Afinal, o corpo da mulher pertence a ela e o aborto, muito mais do que um problema de saúde pública, devido à grande quantidade de mulheres que morrem todos os dias ao praticarem o aborto de forma inadequada, essa é uma questão de direito individual, de direito da mulher de “conhecer e decidir sobre seu próprio corpo”. Exibido no final dos anos 70 pela Rede Globo, foi, portanto, um grande aliado da discussão sobre o aborto e os direitos das mulheres propostos pelo movimento feminista, o que não se percebe atualmente, pois, para L. Scavone:

Um dos pontos fracos das políticas feministas do aborto tem sido a impossibilidade material e simbólica de atingir um público maior, já que o filtro dos meios de comunicação e das instituições educacionais e religiosas na maioria das vezes evita ou amaldiçoa o tema. Entretanto, a cada possibilidade de liberação do aborto as forças conservadoras contra-atacam, cada vez com maior agressividade, cooptando a opinião pública favoravelmente. (SCAVONE, 2008, p. 679).

Se outrora a mídia se comportou dessa forma, agora se percebe o inverso, pois o conservadorismo religioso e o discurso dominante estão cada vez mais incisivos ao contra-atacar as ideias feministas. Parece-me que, na década de 70 do século passado, já estivemos mais perto de alcançar nossos direitos enquanto agora estamos cada vez mais distantes, pois, se compararmos essa forma de abordagem do tema com a do seriado *Mulher*, vemos que o tema é tratado de forma secundária em um dos episódios e não se fala no direito das mulheres enquanto cidadãs, apenas no que está previsto em lei, enquanto se devia falar que o aborto é uma questão de liberdade de escolha da mulher. Já no final da década, havia uma tendência ao conformismo, como se fosse algo posto e inquestionável.

3.1.3 “Até Sangrar” (Episódio 14 – 1ª Temporada)

Roteiro: Manoel Carlos

Diretor: Dênis Carvalho

Malu e Eliza, por pedido dos pais de Malu, viajam para o casamento de uma prima em uma fazenda de parentes no interior de Minas Gerais. Trata-se da filha do irmão mais velho do pai de Malu, que tem, ao contrário do pai, uma família rica, tradicional e conservadora. Dessa forma, o pai de Malu pede para que ela não conte que está separada, pois ele sente vergonha, por ser o primeiro caso em toda a família. Malu aceita ir ao casamento, mas comenta com a mãe que não se sente à vontade em esconder que está separada.

Durante a viagem, mãe e filha conversam sobre a juventude de Malu, que passava as férias nessa fazenda, e seu namorinho com um dos primos, Nelson e ficam imaginando como ele deve estar agora, já que não se veem há muito tempo. Ao chegar à fazenda, Malu cumprimenta a todos, alivia as saudades do lugar e das pessoas, explica porque seus pais não puderam vir e logo seu tio pergunta por que seu marido não a acompanhou. Ela não chega a responder, porque é interrompida pelo primo que entra na sala mostrando a irmã que vai se casar.

TIA DE MALU – *Trinta anos... não imaginei que ela ainda se casasse.*

A frase da mãe da noiva, ao se mostrar surpresa que a filha com trinta anos ainda se casasse, mostra o quanto o casamento era a regra para as mulheres e que essas deveriam se apressar para realizá-lo antes dos trinta, caso contrário correriam o risco de ficar solteiras, o que não era bem visto na sociedade dos fins da década de 1970, pois a mulher deveria se casar para se tornar mãe.

No quarto, Malu conversa com a prima:

M – *Tá feliz?*

PRIMA – *Acho que sim... (pensativa).*

M – *Era o que você queria?*

PRIMA – *Era...*

M – *Era quem você queria?*

PRIMA – *Era...*

M – *Ótimo.*

PRIMA – *E você e seu marido?*

M – *Estamos felizes, estamos desquitados.*

PRIMA – *Mesmo!?*

M – *De verdade.*

PRIMA – *Por quê?*

M – *Não éramos mais felizes.*

PRIMA (Sabendo do preconceito da família com mulheres separadas, ele se preocupou) – *Você já falou pra eles?*

M – *Quase...*

PRIMA – *Meu pai costuma dizer que, na família inteira, não existe um só casal separado.*

M – *Nem um separado. Meu pai diz a mesma coisa, quer dizer, dizia.*

PRIMA – *Como é que você se sente, hein?*

M – *Uma pioneira, pessoa comum.*

PRIMA – *E ele, seu marido?*

M – *Continua trabalhando, ganhando dinheiro, me chateando de vez em quando... Bom, mas pelo menos não é mais todo dia, né? (Risos).*

PRIMA (Olha pra Malu e desabafa) – *Que bom que você veio... Eu tô com medo.*

M – *O quê?*

PRIMA – *Medo!*

M – *Medo de que?*

PRIMA – *De amanhã, do casamento, de tudo. Malu, eu ainda tenho vergonha dele!*

O diálogo de Malu com a prima, apesar de ser um diálogo com respostas curtas, deixa clara a realização de um casamento somente para cumprir um ritual, para se adequar às normas, mas pelo tom de incerteza nas respostas da prima não se sabe se era o que realmente ela queria, pois o fato de se preocupar com Malu não ter contado aos tios sobre a separação, evidencia o quanto a prima se preocupa com as tradições familiares. Mas o fato é que Malu avança ao perguntar as palavras certas, se era realmente o que ela queria, o que a deixa em dúvida se estava fazendo a escolha certa, tanto que ela confessa estar com medo; e a pausa para a reflexão deixa a história inconclusa. Nas falas de Malu, a ideia de casamento como uma união feliz para os dois foi, de certa forma, questionada quando ela, com suas perguntas, põe em dúvida a vontade da prima, se era aquilo mesmo que ela queria

ou quando anuncia para a prima que havia se separado e diz que agora os dois estão felizes, pois estão separados.

A conversa é interrompida quando, elas são chamadas para o almoço e todos se reúnem em torno da mesa. Percebe-se aí a importância dos valores para os mais velhos que fazem críticas à ambição e à falta de moralidade dos jovens. A conversa então se dispersa, e é focada a conversa de Malu com o primo Nelson:

M – *Estou tendo a sensação de que estou vendo um desses filmes antigos que passam de madrugada na televisão.*

NELSON – *Eu sei, essas eternas reprises.*

M – *Como é que você aguenta viver aqui?*

NELSON – *Bom, eu gosto do campo, mas eu gosto também da cidade. Não de Belo Horizonte, São Paulo ou Rio de Janeiro, não. Eu gosto de Paris, de Londres, de Roma.*

M – *Você não pensa em se casar?*

NELSON – *Não, não daria certo.*

Essa conversa mostra que existiam outras possibilidades que não o casamento, mas, somente para os homens, pois em nenhum momento se questiona o fato do primo ainda estar solteiro, sendo mais velho que a moça. Por ser homem, ele teve a possibilidade de viajar por vários países enquanto para a filha mulher só resta o casamento como única opção e talvez seja essa a única forma dela sair de casa.

Esse episódio, assim como o primeiro que foi analisado – “Acabou-se o que era doce” –, mostra a concepção que a sociedade da época tinha sobre o casamento como algo concreto, como uma ligação permanente entre o homem e a mulher e que jamais deveria ser quebrada, uma ideia bíblica, religiosa, como se pode ver no seguinte verso: “Deus ordenou: Por isso deixará o homem pai e mãe, e unir-se-á a sua mulher; e serão os dois uma só carne? Assim já não são mais dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus juntou, não o separe o homem” (Mateus, 19:5-6). Em nossa sociedade predominam os valores da religião católica e eles estão arraigados de tal forma a ponto de fazer com que as pessoas permaneçam nos casamentos mesmo que não se sintam realizados, evidenciando a hipocrisia dos valores moralistas que a sociedade insiste em sustentar, visto que muitas outras

mulheres passam por problemas em seus relacionamentos afetivos mas não têm coragem de romper a relação.

Diferentemente, o seriado *Mulher*, privilegia o casamento acima de tudo, principalmente, para as mais jovens. Em um dos episódios analisados, “Ninho vazio” veremos a preocupação da mãe em casar a filha, pois esta já está chegando aos trinta e não tem ainda um pretendente.

Transcorridos vinte anos desde o seriado *Malu Mulher* até o seriado *Mulher*, a discussão acerca da mulher e o casamento parece que retrocedeu: é como se o casamento ainda fosse a única opção ou a regra para as mulheres.

3.1.4 “Duas Vezes Mulher” (Episódio 39 – 2ª Temporada)

Roteiro: Manuel Carlos

Direção: Paulo Afonso Grisolli

Elisa anda um pouco nervosa, brigando muito com Malu, que resolve conversar com Pedro Henrique para combinar a possibilidade de Elisa passar um fim de semana com ele e, mesmo diante do receio dele, de ele achar que não vai dar certo porque acabou de se mudar e por isso alega não ter estrutura para receber a filha, Malu acaba convencendo-o e leva Elisa para o apartamento do pai. Ela volta para casa achando que vai fazer coisas que não faz há séculos, mas é surpreendida pela visita de Elza, sua mãe. Ela e a mãe conversam:

MÃE DE MALU – *Ai, uma quentura na cabeça minha filha. Às vezes parece que vai estourar!... E seu pai lá impaciente, reclama de tudo. Como sempre, né? Sabe o que ele disse? Que eu tô na menopausa.*

M – *E se for, o que é que tem?*

MÃE DE MALU – *Ah, mas claro que não, é cedo né, filha?*

M – *Não sei, depois dos quarenta, quarenta e cinco anos, a mulher vai entrando normalmente na menopausa mesmo.*

MÃE DE MALU – *É, né? Mas eu ouvi num programa de televisão que a mulher pode adiar a sua menopausa até os sessenta anos e eu não tô com sessenta anos, né?*

M – (Risos) – *Tudo bem, que é que você quer? Que eu fale com ele? Eu posso falar, mas não adianta nada, você sabe que não adianta.*

MÃE DE MALU – *Deixa, não é? Eu fico aqui hoje e amanhã e segunda-feira deve tá mais calmo, né?... Eu não vou te atrapalhar ficando aqui, né, filha?*

O desabafo de Elza com Malu demonstra a dificuldade ou resistência que grande parte das mulheres sente diante da perda da reprodução. O medo da menopausa, das conseqüências, é um problema porque a mulher só se considerava mulher e sexualmente ativa enquanto fosse reprodutora. No caso, é a perda consciente da reprodução e, como a sua função na sociedade está diretamente relacionada com a reprodução, a sensação é de inutilidade, de perda do papel sexual e, de alguma forma, de uma assexualidade, uma vez que é nesta fase que as mulheres apresentam os primeiros sinais que estão envelhecendo e não tem mais função pra seus companheiros. Mas Malu, mais esclarecida, continua preocupada com o comportamento da mãe e insiste em que ela desabafe e diga tudo que a perturba.

ELZA – *Seu pai disse que eu tô ficando velha... bem, eu tenho fugido dele sabe... não sei, não tenho vontade, né? Não sei se é uma coisa pr'a sempre... Ai, eu tenho até medo de pensar nessas coisas... É... depois tem feito um calor, né? E suor, cheiro de cerveja, seu pai agora toma cerveja todas as noites... Uma coisa estranha... um cheiro assim doce azedo ao mesmo tempo, como perfume em gente suja... um nojo, eu não quero não, viu? eu não quero mesmo. É mais de um mês que eu tô fugindo dele. No começo eu falei que eu tava com dor de cabeça, depois que eu tava com cólica e depois eu não falei mais nada, só fiquei fugindo. Até que sexta-feira ele tentou mesmo, sabe, assim à força, sabe? Ele queria me violentar, meu Deus!... (chorando). Eu falei pra ele que eu ia gritar se ele tentasse de novo, que eu ia fugir mesmo. Aí ele falou que iria pr'a rua procurar uma outra; eu me senti assim tão humilhada, queria morrer.*

M – *... não sei, me parece que a tua sexualidade está bastante condicionada à tua idéia da procriação, e que você agora não tem mais esse pretexto que te permitia ter mais algum prazer com a relação, aí, de repente, você fica sem saber viver o prazer pelo prazer, só mesmo. E você fica com dificuldade de assumir isso, o prazer, e isso deve tá fundindo tua cabecinha, não?*

...

ELZA – *Eu queria te falar mais uma coisa, que eu... você não comenta com seu pai que eu andei te contando essas coisas, tá?*

M – Tá. (risos) *Se você não quiser, eu não comento. Você é que tem que conversar com ele essas coisas, mamãe, fala com ele, sabe? É um assunto para ser discutido pelo casal, sabe, esse tipo de coisa, o que é menopausa, o que ocorre com a mulher?... quais as dificuldades enfrentadas pela mulher neste período? ...É o mínimo que vocês podem fazer.*

Nesse diálogo entre Malu e a mãe percebe-se, de início, a falta de conversa entre os seus pais, o lugar de mediação que a filha tem entre os dois, além do receio de Elza de falar sobre a menopausa. Demonstra, ela ainda, o quanto tratar desse tema era um tabu para as mulheres mais velhas por partilharem a conotação negativa dada pela sociedade a essa fase da vida, principalmente por se tratar de um período em que elas se encontram fragilizadas, talvez, menos física e mais emocionalmente, devido ao estereótipo que sofriam em uma sociedade que valorizava a maternidade, a reprodução. O episódio é, de fato, esclarecedor e sugere que existe a possibilidade de se pensar a sexualidade de uma forma que não esteja necessariamente condicionada à reprodução, visto que a existência da pílula e que a sexualidade não acaba com o período da reprodução. Esta é uma visão da cultura tradicional introjetada por Elza.

Por outro lado, no apartamento de Pedro Henrique, Elisa tem uma surpresa: descobre que ficou menstruada pela primeira vez. Ao contar para o pai, este fica completamente desconcertado e não sabe como agir diante dessa situação e é a própria Elisa que o acalma dizendo que está tudo bem. No dia seguinte, ele diz para filha que está muito feliz e que, pela primeira vez na vida, se sentiu pai de verdade, por estar participando desse momento; leva café na cama para Elisa e a presenteia com flores. Depois, vão à casa de Malu para comemorarem juntos o que estava acontecendo: nesse caso, o início da reprodução é festejada. À noite, Malu e Elisa conversam sobre o que aconteceu com ela e a avó, achando interessante o fato de como elas duas se encontram na metade do caminho, Elisa tendo a primeira menstruação enquanto sua avó começa a sentir os primeiros sintomas da menopausa.

Nesse episódio se percebe uma discussão muito intensa sobre a sexualidade das mulheres, sobre aquilo que é biológico, relacionado à saúde e o que envolve questões morais, de valores e até mesmo de mentalidade. Na fala de Elza percebe-se a resistência em aceitar que pode estar na menopausa. Por que isso acontece? Segundo Ana Maria Furtado

[...] o corpo feminino foi percebido e significado, ao longo da história, como insuficiente em relação ao masculino. Esta 'insuficiência' teria como contraponto o poder da maternidade, sendo a mulher identificada como geradora de vida e de morte desde os primórdios da civilização. (Eisler, 1997). (2000, p. 28).

Esse discurso ou "tática disciplinadora" como afirma a autora, consistiu na exaltação da maternidade e em sua naturalização, o que faz com que muitas mulheres renunciem à sexualidade quando entram no período da menopausa. Exatamente como afirma a própria Malu ao dizer a sua mãe:

M – *Me parece que a tua sexualidade está bastante condicionada a tua ideia da procriação e que você agora não tem mais esse pretexto que te permitia ter mais algum prazer com a relação. Aí, de repente, você fica sem saber viver o prazer pelo prazer.* (grifos meus)

É como se a sexualidade das mulheres estivesse diretamente relacionada à reprodução e não fizesse mais sentido ter prazer em uma relação que não tem como finalidade gerar uma vida. Esse tipo de discurso gera preconceitos sociais que dificultam a superação das mulheres neste período, visto que a menopausa já é um período que enche as mulheres de medo de perder os atrativos idealizados, isto é, entrada na velhice. Mesmo que esse discurso tenha sido difundido há muito tempo, a menopausa ainda é pensada culturalmente como um momento em que a feminilidade tenderia a desaparecer, na medida em que é o momento em que não há mais a possibilidade reprodutora. Por outro lado, é o momento de maior liberdade da sexualidade da mulher por não ser mais reprodutora, por não engravidar.

A maneira como a primeira menstruação de Elisa é comemorada e, por outro lado, como Elza é tratada e incompreendida pelo marido, confirma o fato de que as mulheres que se encontram na menopausa são discriminadas, pois fica clara a diferença de como as duas são tratadas, evidenciando duas gerações, duas visões de mundo. Aquela que está se despedindo da vida reprodutiva e a outra, que está chegando, são recebidas de maneira distinta. Percebemos, assim, que o episódio mostra com muita propriedade como esses dois períodos que fazem parte da vida das mulheres, a menarca e a menopausa, eram tratados e concebidos pela sociedade. Pode comprovar essa hipótese o seriado *Mulher*, que entre os episódios selecionados não existe nenhum que corresponda especificamente a esse tema, com esse teor.

3.1.5 “Em Legítima Defesa da Honra e Outras Loucuras...” (Episódio 36; – 2ª Temporada)

Roteiro: Armando Costa

Direção: Denis Carvalho

Malu e Elisa escutam barulhos que vêm do apartamento vizinho e, pelo comentário das duas, parece uma situação recorrente: trata-se de uma vizinha sofrendo agressões físicas de seu marido. Malu e Elisa estão aflitas, não suportam mais ouvir o barulho, que acontece com frequência, mas têm receio de interferir porque sabem que “em briga de vizinho não dá para se meter”, como afirma a própria Malu. Nesse momento, alguém bate à porta e é a vizinha que entra na casa de Malu: ela chega muito assustada mas, depois, tenta esconder o que está acontecendo. Logo em seguida, toca a campainha e todas ficam apreensivas, Elisa olhando pelo “olho mágico” percebe que é Duca, o marido agressivo de Clarice, a vizinha, que entra dizendo:

DUCA – *Houve um mal entendido, agora, tá tudo bem. Pôxa! (se dirige à esposa) Houve um acidente, só que agora tá tudo bem, não é, meu amor? Agora, tá tudo bem, não é? Desculpe viu, Malu? Vamos pr’a casa, que a gente está incomodando a Malu.*

M (dirigindo-se a Clarice, diz:) – *Você não está incomodando em nada, já te falei, fica à vontade, o tempo que você quiser Clarice.*

O agressor já chega se explicando e, para disfarçar, acaba criando uma versão falsa para o que aconteceu, contando que a esposa ao trocar uma lâmpada acabou sofrendo um acidente, caindo da escada e se machucando. Malu parece não acreditar na história, Clarice, aparentando sentir medo, acaba confirmando e pedindo para Malu não se preocupar. No entanto, Malu percebe que se tratam de agressões físicas e oferece apoio a Clarice. Mas antes de saírem, Duca tenta intimidar Malu:

DUCA (com um tom ameaçador) – *Malu, eu gosto muito da nossa amizade, mas eu acho que o amigo verdadeiro não se mete na privacidade do outro; pelo menos eu penso assim. O homem é o dono de sua casa, os amigos são*

amigos, então, eu respeito muito você como dona da sua casa. Agora, eu acho que as pessoas cessam quando interferem no direito dos outros.

M – *Certo, é um raciocínio que parece certinho, democrático e coisa e tal, mas eu acho que as pessoas vivem em coletividades, eu acho que é um pensamento que separa as pessoas, porque as pessoas não vivem em compartimentos estanques.*

A fala de Malu é muito significativa, pois dá sinais de que a violência doméstica, as agressões físicas que ocorriam em ambientes privados é um problema de todos e não pode ficar circunscrito apenas ao ambiente doméstico, à vida do casal. Mesmo assim, o casal se despede e vai embora como se nada tivesse acontecido.

No dia seguinte Malu se encontra, no corredor do prédio, com uma outra vizinha, que também tinha ouvido o barulho das agressões, que diz ser membro de uma associação de mulheres que sofrem problemas desse tipo e que orienta as vítimas a denunciar e procurar medidas para solucionar o problema. Ela alerta a Malu que as agressões irão acontecer outras vezes, pois ela conhece muito bem esses casos.

Mais tarde, Malu e Elisa estão na cozinha quando ouvem, novamente, o casal vizinho brigando. A campainha de sua casa toca, é, mais uma vez, Clarice, com cara de assustada. Malu questiona como ela tem coragem de suportar essa situação.

CLARICE – *Você tem razão, eu não aguento mais, eu não aguento mais, eu tenho pavor dele agora. Ai, Malu, porque isso foi acontecer comigo? (ela chora muito). Nós discutimos, ele não me bateu, mas quando ele levantou a mão pra mim hoje, eu vi que não ia aguentar... ele parece outra pessoa... eu não reconheço mais o meu marido nele, é um pesadelo. Eu não saí da casa do meu pai pr'a enfrentar uma coisa dessas, eu não tenho força, não tenho coragem, é demais pra mim. Pô, eu sou uma mulher, eu sou só uma mulher sozinha, sozinha... Ele levantou a mão pr'a mim hoje e eu entendi, eu não posso mais enfrentar. Eu tenho que ir embora daqui Malu, logo ele vem atrás de mim, eu vou embora pr'a casa de meu pai.*

Essa situação mostra o que acontece com as mulheres que, não sendo independentes financeiramente, geralmente, deixam a casa dos pais para se casar e se tornam dependentes de seu marido que as consideram sua propriedade. Elas suportam a situação da contínua agressão, pois não têm coragem de separar

porque não sabem como se manter ou sentem vergonha de ter que voltar a morar na casa dos pais. No diálogo, Clarice se mostra bastante fragilizada e impotente com a situação, mas prefere ir para a casa do pai.

Malu e a filha a acompanham até o elevador. Pouco tempo depois, o marido de Clarice toca a campainha do apartamento de Malu e pergunta por Clarice. Malu diz que ela não está e ele resolve desabafar com Malu sobre o que está acontecendo.

DUCA – *Você sabe onde a Clarice foi?*

M – *Não, não sei, mas se soubesse não diria, porque eu não sou dedo duro... Você é que deveria saber.*

DUCA – *Você não entende Malu! A nossa relação, ela não é... ela ficou ruim, ela ficou péssima... Ela me azucrina a vida, ela não é quem eu [es]tava pensando não; ela mudou, ela ficou uma outra pessoa, sei lá, ou então eu tenha descoberto depois quem realmente ela é, eu não sei...*

M – *Mas o que a Clarice quer que te irrita tanto?*

DUCA – *Você não enxerga, são coisas realmente mesquinhas, são coisas insignificantes, mas que irritam mesmo: ela quer sair sempre por aí, mas, sozinha, não é comigo não, quer comprar carro... quer fumar na rua... não estão fazendo campanha aí pra dizer que a pessoa não deve fumar porque faz mal à saúde? Não, ela quer fumar e na rua, que nem mulher da vida; ela quer usar roupas que eu não admito que mulher minha use, porque isso é uma questão de cultura. Agora, a culpa, sabe de quem é? Sabe de quem é? No fundo, são desses programazinhos de televisão que são metidos a muito gozados sabe? Muito pr'a frente, que querem fazer a cabeça das pessoas, e ela cisma em assistir.*

Certamente influenciada pelas ideias feministas difundidas pelo movimento e “lançadas na defesa dos direitos das mulheres, através dos principais jornais feministas que circularam entre os anos 1970/80 no Brasil” (WOITOWICZ, 2007, p. 4), Clarice quer a liberdade que lhe é de direito, mas sofre com a resistência e o conservadorismo patriarcal do seu marido que diz que não a reconhece mais simplesmente pelo fato de ela querer se tornar uma mulher livre e dona de seus anseios.

M – *Entendo, mulher pr'a você é no meio das tuas propriedades. Tua relação com a mulher é de posse, de poder absoluto.*

DUCA – *Não, não é nada disso, mas que tem coisas que a gente precisa preservar, que a gente precisa respeitar, entende?*

M – *Que coisas? Tradições?*

DUCA – *Sim, certas tradições, sim, e por que não?*

M – *Tradições! Só falta agora você fazer um discurso em defesa de Deus, Pátria e Propriedade.*

DUCA – *Tá me querendo botar bandeira? Que é isso, Malu? Não vem querendo confundir as coisas não, mas esses conceitos são fortes e são respeitáveis mesmo.*

M – *E acha ela chata? Por que ela te obedece e te irrita? Por que ela faz exatamente o que você quer? Tá bom, eu tenho certeza de que você tem a maior tentação, a maior fascinação pelas liberadas que você encontra na rua, nos bares, no teu trabalho, pr'a dar uma possuída assim de contrabando, não é? Agora com a tua mulher não, né? É claro que uma mulher que não tem vontade própria só pode te irritar, é aí a tua contradição.*

DUCA – *Eu não devia deixar você falar assim comigo não, sabe? Mas, viu, sua liberadazinha, você não sabe nada da vida, nós homens é que nos matamos, é que deixamos a saúde, a pele, lá fora, na rua e pr'a quê? Pr'a sustentar vocês e é assim que deve ser; e é por isso que nós temos o direito de mandar em nossa própria casa, tá aí, é por isso que eu discuto com a Clarice, é em relação a isso, o que é que ela quer discutir comigo? Eu pago e ela não pode, mas eu discuto com ela porque... sabe? essa tentativazinha que ela tem, que é ridícula, de ser a liberada, de saber onde tem o seu narizinho próprio, quer dizer, uma fêmea que mal sabe assinar um cheque, ela mal sabe ter uma pequena iniciativa, é uma coisa que a gente precisa proteger sabe? Vigiar... é aquela coisinha, sabe? Meio bichinho mesmo, e ela vai querer discutir comigo?*

Esse longo diálogo entre Duca e Malu serve para mostrar a visão machista, embora ele seja um intelectual, e as assimetrias de gênero. Como ele se sente bem estando na condição de provedor do lar, pois, assim ele pode mandar na mulher e na casa, como suas propriedades; ele reclama, mas o fato de sair de casa todos os dias para trabalhar e sustentar a mulher lhe dá direitos, ele acha que esse é o caminho correto, que é assim que deve ser, pois ele não concorda com a ideia de a mulher trabalhar para ter autonomia e os mesmos direitos que ele.

De repente, Clarice entra no apartamento de Malu. Ela parece ter ouvido toda a conversa entre o marido e Malu e mostra alguma esperança, pois resolve voltar com ele para seu apartamento. Cabe lembrar aqui que a separação também indicava ou era significada na época como um fracasso da mulher em manter laços permanentes.

Alguns dias depois, Malu e Elisa ouvem música (ouvem Elis Regina⁸⁰), quando a campainha toca, e é Clarice que vem convidar Malu e a filha para um jantar em sua casa, afirmando que depois da conversa de Malu com seu marido ele mudou muito, e, por isso, o jantar de comemoração. No jantar, tudo estava ocorrendo muito bem até que Duca começou a beber muito e a se incomodar com a maneira de Clarice se divertir com Elisa: elas estavam dançando e dando risadas. Ele fica olhando, abominando os gestos das duas, até que, incomodado com a alegria da esposa, resolve se pronunciar:

DUCA – *Você sabe Malu? A Clarice, ela voltou com essa mania de querer um carro, porque ela disse que nos tempos modernos é uma coisa muito necessária, o carro, disse que facilita a vida, né? que você disse. Agora, eu quero saber, facilitar pr'a quê? Eu acho que pode facilitar pr'a rodar pela rua assim, sozinha, olhar pr'os homens nos outros carros quando o sinal fecha, né? Dar aqueles sorrisinhos assim muito sutis...*

CLARICE – *É, você conhece, porque faz, agora, eu não faço, mas que hipocrisia geral, né? Malu... Viver assim é um inferno, eu não quero mais, é medo, pânico, terror... eu tenho medo, eu não quero mais.*

DUCA – *Medo é a única linguagem que vocês entendem.*

M – *Vamos acalmar, por favor! Cuidado, Duca, que essa violência dá em coisa irremediável qualquer dia, tá? Dá em crime, [es]tá acontecendo demais por aí: esses maridos selvagens, essas bestas descontroladas, esses assassinos. Cuidado Duca!*

DUCA – *Não, não são selvagens, não senhora, eles têm motivo, essas mulheres galinhas, liberação de que, hein Malu? Liberação da imoralidade? Safadas!*

⁸⁰ A música de fundo é “Maria, Maria”, composição de Milton Nascimento e Fernando Brant.

M – *Liberação da hipocrisia, seu santo barroco vazio. Se todas as mulheres cujos maridos transam fora de casa matassem esses maridos, a humanidade perigava acabar, tá? Vocês gostam é de sangue.*

Essa cena mostra como os homens machistas agiam em relação às mulheres, que queriam, simplesmente, alguns direitos que eles possuíam e estes agiam de forma agressiva para intimidar as companheiras que ousassem desafiá-los. A discussão se acirra ainda mais, Clarice mostra todas as marcas que tem em seu corpo, disse que nunca havia falado para a família por vergonha e que ela e o marido só se relacionam através da violência. Ele começa a agredi-la na frente de Malu e da filha e quando Malu tenta separar, ele pega uma faca. A vizinha do lado chama a polícia...

POLICIAL (pergunta a Clarice) – *A senhora quer dar uma queixa?*

CLARICE – *Não, eu prefiro resolver como gente civilizada.*

POLICIAL – *Se a senhora quer assim, pr'a nós tá tudo bem, sabe como é, briga igual a essa a gente tem mais de vinte toda noite. E se a gente fosse autuar todas elas, não ia haver papel que chegasse na Delegacia.*

Depois de tudo, Clarice fica sozinha com o marido; eles resolvem conversar, ela pede a separação e diz que agora quer voltar a estudar e trabalhar. Novamente, percebe-se, nesse episódio, a denúncia às agressões à mulher e a mensagem de que o estudo para a mulher é um meio de dar a ela independência econômica para sobreviver.

Nesse episódio, assim como no primeiro, percebe-se como, na sociedade patriarcal, as mulheres sem instrução para se manter precisavam de um protetor e eram incapazes de seguirem uma vida independente, tendo, geralmente, que ser amparadas pelos pais e depois pelos maridos, não havendo condições prévias como estudo e profissões que as fizesse sobreviver independente de um casamento, de uma proteção fora de um provedor, seja o marido ou um pai. Não é que elas não tivessem capacidade, é que esses eram os costumes que se prolongaram desde a modernidade. Na fala de Clarice essa situação da mulher fica bastante evidente quando diz:

CLARICE – *Eu não saí da casa do meu pai pr'a enfrentar uma coisa dessa, eu não tenho força, não tenho coragem, é demais pra mim, pô, eu sou uma mulher, eu sou só uma mulher sozinha, sozinha.*

Essa liberdade que Clarice queria há tempos fazia parte das reivindicações feministas: o direito à sexualidade, oportunidades de trabalho, conclusão dos estudos, enfim, mais liberdade e reconhecimento. O seriado da televisão mostrou o que inúmeros jornais e revistas já denunciavam desde a década de sessenta do século passado e que as mulheres vinham lutando para superar para ter mais autonomia.

Um exemplo de resistência à liberdade das mulheres pode ser medido pela censura que foi feita à já citada edição da revista *Realidade* de janeiro de 1967 quando a edição inteira, que trazia como reportagem de capa “A mulher brasileira”, foi censurada e retirada das bancas pelo regime militar, pois mostrava o que elas pensavam e o que elas queriam, através de uma pesquisa de campo realizada em diversas capitais brasileiras, que conseguiu fazer com que as mulheres falassem sobre temas que eram considerados tabus, além de mostrar o crescimento das mulheres em diversos espaços, como a literatura, por exemplo.⁸¹

O marido de Clarice, diante da explicitação do desejo dela, diz:

DUCA – *Eu pago e ela não pode, mas eu discuto com ela porque... sabe essa tentativazinha que ela tem, que é ridícula, de ser a liberada, de saber onde tem o seu narizinho próprio, quer dizer uma fêmea que mal sabe assinar um cheque, ela mal sabe ter uma pequena iniciativa, é uma coisa que a gente precisa proteger sabe, vigiar.*

O discurso do marido de Clarice mostra realmente o que as mulheres precisavam fazer para não mais suportarem as agressões físicas e humilhações dos maridos: tornarem-se independentes financeiramente. Portanto, o episódio impulsiona a mulher a uma tomada de decisão ao mostrar o problema, discutir todos os seus pontos de vistas, o confronto entre a liberdade almejada pelas mulheres e os valores tradicionais e alertar para a ocorrência da violência doméstica e suas consequências.

Para Mirian Grossi (1994, p. 474), 1979 e 1980 foram anos de intenso ativismo na luta contra a violência doméstica contra mulheres, pois foi em 1979 o julgamento de Doca Street, o *playboy* que assassinou sua companheira Ângela Diniz, um crime que repercutiu nacionalmente, pois ele apenas recebeu a pena, dois

⁸¹ Na verdade, o número foi censurado por uma foto que mostrava uma mulher tendo um filho. Como tudo que se relacionava à sexualidade, foi considerada pornográfica e um atentado ao pudor das famílias. Revista *Realidade*, janeiro de 1967, Carta ao leitor e pag. 11, Editora Abril. (Edição especial reeditada no primeiro semestre de 2010).

anos de prisão, sob a alegação de “legítima defesa da honra”. Esse fato indignou, de tal forma, as feministas cariocas que as levou à criação da Comissão da Violência Contra a Mulher e, em 1980, em um evento, e vinte e três grupos feministas instituíram o dia 10 de outubro como o Dia Nacional de Luta contra a Violência Contra a Mulher.

O episódio, a começar pelo título, reflete justamente esse contexto de lutas e indignação pelo que acontecia às mulheres em todo o país, o que se percebe nas falas de Malu, quando ela várias vezes afirma que este tipo de violência está generalizado e que isso não pode continuar. O episódio, embora evite falar em feminismo, está calcado nas reivindicações feministas.

Atualmente, a violência contra as mulheres parece ter tomado uma dimensão maior, pois, nos noticiários da TV, muito se ouve falar sobre os fatos ocorridos e dá para perceber que isso atinge todas as classes sociais e todos os níveis de instrução. Embora acreditando que a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) seja um avanço na luta contra a violência às mulheres, ela não parece suficiente para por fim à situação visto que ela não foi implementada inteiramente e graças a restrições e preconceitos bem como despreparo das próprias instituições envolvidas. É preciso uma mudança de mentalidade, fato que não se observa com tanta frequência atualmente.

Dentre os episódios selecionados para fazer parte da coletânea do DVD do seriado *Mulher* que foi lançado pela Globo Marcas em 2007, nenhum faz referência à violência contra as mulheres, entretanto, no momento em que esta dissertação estava sendo escrita foi lançado no Rio de Janeiro um canal de TV por assinatura denominado Viva, da Globosat, que pretende exibir os grandes sucessos da TV brasileira e foi assim que, em sua estreia, logo começou a exibir o seriado *Mulher* e um dos episódios, o de nº 38, com o título “As três Marias”⁸², tratou sobre a violência doméstica contra as mulheres.

No episódio em questão, a mulher sofre as agressões sempre que seu marido, alcoólatra, bebe, o que, certamente, vincula a agressão à bebida, sem fazer referência a outras causas. Ao procurar atendimento médico, as médicas

⁸² Roteiro de M^a Adelaide Amaral e Direção de José Carlos Pieri. Nesse episódio, a vítima é casada, mas de classe baixa, como se só houvesse violência nas classes populares e que tudo já houvesse sido resolvido nas classes mais abastadas, o que não condiz com o ocorrido com a professora universitária Maria da Penha que foi vítima de violência pelo marido, ainda em 1983.

desconfiam que ela foi agredida, mas não discutem, apenas cuidam dos seus ferimentos, preferindo se omitir. A vítima resolve então sair de casa e procurar o apoio na Delegacia de Mulheres. Dada a queixa, enquanto a Delegacia faz o procedimento necessário, ela resolve voltar para o marido, que promete entrar para o Grupo Alcoólicos Anônimos (AA) e, assim, ela não prossegue na queixa.

O problema não é discutido por nenhum dos personagens principais nem secundários, deslocando o fato para recalques, ressentimentos e recai a responsabilidade na própria mulher sobre a razão de ela retirar a queixa. Assim de um fato geral, o fato é narrado como se aquele fosse um problema apenas do casal, de uma situação individual, já estando resolvido no âmbito das políticas públicas, com a implantação da Delegacia de Mulheres. Não mostra que isso representa, ainda, a permanência de um sistema patriarcal no qual o dominador é o homem e que esse sistema atravessa mais ou menos todas as classes, todos os casamentos, pois, mesmo se não há a violência física, a violência simbólica percorre, através do discurso, a maioria, evidenciando a permanência de uma ideologia conservadora.

Comparando os dois seriados, foi possível observar que, em *Malu Mulher*, havia uma tentativa de desconstrução da ideologia tradicional burguesa que dá legitimidade ao homem para agredir ou mesmo matar “em legítima defesa da honra”⁸³, a começar pelo título, enquanto no seriado *Mulher* não se discute a visão de mundo na perspectiva social, que permeia essas violências. Há, no seriado, uma tendência de amenizar a situação por conta da união do casal, tentando desviar o problema para o alcoolismo, priorizando a reconciliação e a formação do núcleo familiar.

Em *Malu Mulher*, a mulher é vista enquanto mulher, como sujeito, cidadã questiona-se o que ela necessita para ser livre, quais os motivos que podem estar contribuindo para a sua submissão, enquanto, na série *Mulher*, os problemas se resolvem pelos cuidados dos ferimentos da mulher na clínica onde, se os médicos suspeitam da violência, não querem se envolver, e o tema não é tratado com seriedade.

⁸³ É válido lembrar que em 1982, foi exibida pela Rede Globo uma minissérie conhecida como *Quem ama não mata*, ambientada no Rio de Janeiro que abordava o relacionamento amoroso na classe média através da história de cinco casais, cada um com uma visão particular sobre casamento, amor e fidelidade, além de abordar o tema sobre o crime passionai. A minissérie é de autoria de Euclides Marinho com direção de Daniel Filho e Dennis Carvalho.

3.2 MULHER: ALGUNS EPISÓDIOS

Sobre o seriado *Mulher*⁸⁴, não foram encontradas fontes que indicassem a qual temporada pertenciam os episódios escolhidos a partir do DVD⁸⁵, que mostravam a vida das duas médicas, Martha Corrêa Lopes (Eva Wilma) e Cristina Brandão (Patrícia Pillar), ambas motivadas pela mesma paixão pelo trabalho e pela ética, salvando e protegendo vidas e, muitas vezes, deixando de lado a vida pessoal. Abordava questões como gravidez na adolescência, síndrome de Down, frigidez, aborto, eutanásia, violência contra a mulher e câncer⁸⁶.

Mesmo não tendo as datas de lançamento dos episódios da série trabalharemos com os seguintes episódios: “O princípio de tudo” (episódio-piloto, que desencadeia a série), “Ninho vazio”, “Maternidade”, “Grávidas” e “Mãe” (último episódio da série).

Os episódios foram escolhidos observando alguns temas que estão presentes e que foram trabalhados no seriado *Malu Mulher* (Aborto, separação, menopausa, solteirice x casamento) com a intenção de verificar se esses temas ainda estavam presentes e na pauta e que não foram resolvidos ainda nos dias atuais, assim como outros que são recorrentes nos dias de hoje e que não haviam sido detectados na família, como: preocupações com o corpo, solteirice x casamento, ênfase na maternidade e constituição da família.

Diferente do seriado *Malu Mulher*, que discute, durante todo o episódio, o mesmo assunto, ou seja, toda a trama gira em torno de um tema central que é discutido em todos os seus pontos de vista, ou perspectivas, o seriado *Mulher*,

⁸⁴ Segundo Daniel Filho, em seu livro “Circo eletrônico” escrito em 2003 em que ele conta os bastidores da televisão no Brasil, a idéia original do seriado é de Boni (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, diretor geral da TV Globo) com a intenção de criar uma ginecologista que serviria como uma psicóloga. Em seu livro, o autor pouco fala sobre a intenção em se falar de mulheres; diz, apenas, que foi um desafio desenvolver o tema em 45’ e que, achando que não seria interessante desenvolver o mesmo tema durante toda a trama, estruturou o episódio em três histórias.

⁸⁵ Com quatro discos, contabilizando, ao todo, dezenove episódios selecionados, lançado pela Globo Marcas em 2007. Em nenhum lugar foi oferecida a explicação sobre a escolha dos episódios, nem mesmo na coleção. As tentativas feitas de entrar em contato com a Rede Globo para obter as informações necessárias, não lograram êxito, porque não houve resposta da emissora.

⁸⁶ É importante lembrar que os atores Eduardo Galvão e Alexandre Borges, namorados de Shirley e da Dra. Cris, respectivamente, entraram no segundo ano da série.

possui como já me referi um tema central, ligado à saúde das mulheres, que é discutido em paralelo a outras duas histórias que podem estar relacionadas à área de saúde ou tratar da vida pessoal dos médicos ou funcionários da clínica. Portanto, para a análise e para uma possível comparação, este trabalho se prende apenas às falas e comportamentos das duas médicas. O primeiro episódio mostra logo todo o cotidiano da clínica, sua decoração e suas personagens principais, as médicas Dra. Martha e Dra. Cris.

Os episódios que constam no DVD são: “Princípio de Tudo”; “Escolhas”; “Ninho Vazio”; “Dia Quente”; “Desejos incontroláveis”; “Casa de Ferreira”; “A Hora da Verdade”; “Menino ou Menina”; “A Decisão Final”; “A Cerimônia do Adeus”; “Família”; “Pai de Família”; “Maternidade”; “Mães de Família”; “A Bela Adormecida”; “O Acidente”; “Grávidas” e “Mãe”. Foram selecionados para análise: “Princípio de tudo”, “Ninho Vazio”; “Maternidade”; “Grávidas” e “Mãe”.

3.2.1 “O Princípio de Tudo” (Episódio 1 – 1ª Temporada)

Roteiro: Álvaro Ramos e Euclides Marinho

Direção: Daniel Filho

Em um avião que vem do exterior com destino ao Rio de Janeiro, encontra-se uma moça que está entrando em trabalho de parto; ela tenta esconder a gravidez vestindo um sobretudo. No mesmo avião, encontram-se duas médicas ginecologistas, a Dra. Martha Corrêa Lopes e a Dra. Cristina Brandão, que acaba de voltar do mestrado em Barcelona, e que se conhecem ao perceber que a moça precisa de ajuda. As duas realizam, dentro do avião, o parto de Tereza, que dá a luz a uma menina. A Dra. Martha, diretora da Clínica Machado de Alencar, localizada em um bairro de classe média do Rio de Janeiro, pede que a aeromoça solicite à Clínica que mande uma ambulância quando o avião aterrissar.

Simultaneamente, acontece outra situação importante: uma das recepcionistas da Clínica (Liliana) vai do trabalho direto para uma festa, mas seu carro (velho) não dá partida. Um estranho oferece ajuda e quando ela diz que não precisa, o homem rejeitado quebra o vidro do carro do lado do carona, agride-a, estupra-a e vai embora.

(Na ambulância, no trajeto do Aeroporto até a Clínica, Dra. Martha e Dra. Cris conversam:)

DRA. CRIS – *Não é possível que essa criança não tenha um pai.*

(Enquanto Tereza dorme, Cris olha a carteira dela e encontra a foto de um rapaz com o nome de Fernando Antônio Lima e o nº de telefone na agenda.)

DRA. MARTHA – *Quando chegar lá na clínica, pede pr'a ligar pr'a ele.*

DRA. CRIS – *Sem o consentimento dela?*

DRA. MARTHA – *Se ele é o pai, ele tem o direito de saber. Depois, essa menina é uma criança.*

DRA. CRIS – *Ela é uma mulher, tem o direito de decidir.*

DRA. MARTHA – *E eu não sei disso? Como médica, eu dirijo uma clínica que atende exclusivamente mulheres. Pra mim, essa menina é uma criança. Nós precisamos descobrir se ela tem uma família, um apoio; aí é que começa o nosso trabalho.*

Essa conversa dá indícios de como a Dra. Martha costuma conduzir as situações em relação aos seus pacientes: como uma supermãe protetora, que se propõe a resolver todos os problemas e, da mesma forma como age com os pacientes, mais tarde agirá com a Dra. Cris.

Observe-se no diálogo que a médica toma a si direitos que são direitos da jovem. Essa sua intromissão na vida particular a levarão a chamar o pai da criança (sem permissão da jovem) não respeitando a sua privacidade ou decisão. Também, o direito ao seu corpo (da mulher) e a escolher a forma de vida que quer são inteiramente tolhidos. O olhar da médica parece o olhar da lei instituída, embora ela esteja sendo observada pela mais moça, é inteiramente tradicional e voltado para os valores da família: – *Se ele é o pai, ele tem o direito de saber... Depois, essa menina é uma criança.*⁸⁷

Elas chegam à clínica... Enquanto isso, Liliana, a recepcionista que sofreu um estupro na noite anterior, está aterrorizada e calada e seu rosto diferente do normal. Ao chegar, Dra. Martha pede não só que Telma (a enfermeira) ligue para o rapaz (o pai de sua paciente), mas ao perceber que o rosto de Liliana está machucado, ela pergunta o que ocorreu, ao que Liliana, tentando esconder o que acontecera, afirma que caiu da escada. Evidenciando o seu comportamento de proteção, a Dra. Martha diz que ela a procure mais tarde.

⁸⁷ Seria interessante cotejar as atitudes sobre aborto\ maternidade dos episódios de Malu Mulher e Mulher.

(No consultório, a Dra. Cris aguarda Dra. Martha para conversarem com Fernando Antônio Lima, o suposto pai da filha de Tereza).

DRA. CRIS – *Você sabia que ela estava grávida?*

FERNANDO – *Sabia.*

DRA. MARTHA – *Você não queria o filho?*

FERNANDO – *Isso não é verdade, queria, mas é que a...*

DRA. CRIS – *Sua mãe?*

FERNANDO – *Na verdade, ela tem razão, se eu me casasse, eu teria que largar os estudos e nós somos jovens, ela me disse que iria fazer um aborto. Não nos vemos há sete meses.*

DRA. CRIS – *Hoje, no avião, a jovem se comportou como uma mulher.*

FERNANDO – *Posso vê-la?*

DRA. CRIS – *Se a sua mãe deixar, né?*

DRA. MARTHA – *No avião, ela teve muito medo, ficou dividida, é uma criança, né? Só que agora ela tem uma criança para cuidar. Vocês têm uma criança, e ela queria esse filho, queria tanto que eu acho que ela se conforma em abrir mão de você. É nessas horas que a gente vê o caráter de uma pessoa e não quando está tudo resolvido.*

Nesse diálogo, se percebe que o rapaz é tratado como um garoto imaturo que não tem vontades próprias e que é manipulado pela mãe, enquanto Tereza sozinha toma todas as decisões, razão pela qual, para as médicas, ela é considerada uma verdadeira mulher. As razões de Fernando, ou de sua mãe para que ele e Tereza não tenham o filho não são discutidas por nenhuma das médicas. Portanto, já se percebe que está em primeiro lugar a instituição familiar e ela impera sobre desejos e deslizes.

De alguma forma, passados vinte anos entre os dois seriados, a situação em favor da criança, no seriado mais recente, é muito maior. Se compararmos com o episódio “Ainda não é hora” de *Malu Mulher*, vemos uma diferença muito grande na abordagem da discussão sobre a gravidez entre pessoas jovens (sem levar em conta que Tereza estava em um país estrangeiro e, talvez, não pudesse fazer um aborto).

Assim o casal será levado ao casamento, um casamento que, no seriado *Malu Mulher* dentro dessas mesmas condições, tornou ambos ressentidos e

frustrados. Portanto, sente-se, desde o primeiro episódio, que a ideologia mudou em vinte anos. Por outro lado, percebe-se que a figura do médico/médica vai ter um respaldo valorativo dentro da sociedade, e, no caso, sendo uma médica ginecologista, ela tem acesso a questões bastante íntimas das clientes o que lhe permite introduzir-se na sua vontade, mesmo sem saber as razões individuais.

Mais tarde, em casa, Dra. Martha conversa com seu marido (Otávio) sobre trivialidades da Clínica e ele cobra a sua presença, visto que ele já está aposentado e porque, há tempos, ela vem adiando a aposentadoria. Ele diz o que espera dela, uma vez que ela trabalhou a vida toda e nunca teve tempo para se dedicar a ele e ao filho. Essa frase torna-se constante, mostrando que a profissão a absorveu e que a família perdurou ainda graças a sua boa vontade e compreensão, visto que ele foi pai e mãe para o filho único. Ainda é um homem machista que aparece no seriado. E a pouca “dedicação” à família se torna um bordão que traduz uma ambiguidade de entendimento da configuração da personagem da Martha.

OTÁVIO – *...que você cumpra o prometido, que você também se aposente e que também se dedique ao seu maridinho.*

DRA. MARTHA – *Eu vou cumprir o prometido, meu amor, só que, antes, eu tenho que encontrar alguém que me substitua lá na Clínica; me dá só mais um tempo.*

Observa-se que sendo um casal que mantém há mais de trinta anos os laços afetivos, existe, da parte do marido, uma mágoa, que vai crescendo na medida em que ele percebe a importância do trabalho para Martha, com ressentimento.

Provavelmente, os criadores do seriado, seguindo uma linha de pensamento muito afinada com a mídia atual, estavam aí colocando a equação de que uma mulher profissionalmente compromissada não pode cumprir seu papel dentro da família. Também não se discute que o marido, que é também pai, por ter um trabalho com horário determinado, muito diferente de uma médica ginecologista, poderia preencher o espaço afetivo do filho sem se sentir atingido. E surge a cobrança e o ressentimento que terminam ao longo da série por fazê-lo separar-se da mulher após tantos anos de convivência. Confirma-se, portanto, a ideologia patriarcal que rege o seriado, que evidencia a razão da insatisfação do homem, enquanto a postura da mulher é questionada.

Na clínica, Liliana (a funcionária da clínica que foi vítima do estupro) tendo feito o exame de gravidez, que dá positivo, não comenta com ninguém e pega,

em uma das salas da clínica, remédios abortivos. Ao tomá-los, acaba desmaiando e os médicos (Dra. Martha, Dra. Cris e Dr. Samuel) ao cuidarem dela desconfiam de que ela tenha sido estuprada.

DRA. CRIS – *Ela tem uma laceração perineal importante.*

DRA. MARTHA – *Pr'a provar que houve estupro, ela tem três, quatro dias, no máximo; agora, é muito difícil provar que ela foi violentada.*

DRA. CRIS – *Mas isso é a “idade das trevas”; a mulher estuprada prefere morrer a procurar a ajuda, morre por medo de se expor, de ficar marcada.*

DRA. MARTHA – *Assim que ela acordar e [es]tiver se sentindo melhor nós vamos conversar com ela.*

Tudo bem que ali se trata de uma clínica de saúde, mas, já que a Dra. Cris toca no ponto de que a mulher vítima do estupro prefere morrer a pedir ajuda, por medo de se expor, de ficar marcada e de todo o imaginário que circula sobre o estupro de uma mulher adulta (inclusive insinuando com roupa de festa), fica claro que o problema não está restrito apenas à saúde, que é também um problema social, ético e moral do “senso comum”, mas isso não vai ser discutido.

Por que as questões ficam inconclusas? Por que não dizer que “a violência sexual revela o complexo contexto de poder que marca as relações sociais entre os sexos”? (OLIVEIRA, 2005). É sabido que um dos fatores responsáveis pelo aumento da procura dos serviços públicos de saúde por mulheres com diversos problemas com o aborto ou mental é devido em grande parte à violência nas relações de gênero e, particularmente, à violência sexual.

(Mais tarde, Dra. Cris e Shirley, advogada e amiga, conversam sobre o aborto no caso do estupro.)

SHIRLEY – *A lei é clara. São arcaicas, segundo o Código Penal de 1940, de 57 anos atrás, a lei diz que a mulher que foi estuprada tem o direito de fazer aborto, no caso de gravidez, mas, primeiro, elas têm que provar que o aborto é justificado, e, na maioria das vezes, leva tanto tempo que acaba passando o período seguro para poder fazer o aborto.*

DRA. CRIS – *Mas isso é ridículo! E todas as mulheres que morrem nas mãos desses carneiros, só porque não resolvem ser operados dentro da lei?*

SHIRLEY – *Eu disse que a lei é clara, não que a justiça é justa.*

Na fala das duas amigas, apesar do espanto e da revolta da Dra. Cris com a lei, há uma tendência ao conformismo; elas não colocam a possibilidade da mudança, que seria o caso dessa lei ser revista ou questionada. Cris e Shirley saem à noite, mas continuam a pensar no caso de Liliana, embora a sensação de conformidade com a situação permaneça e seja ainda mais forte da parte da advogada.

SHIRLEY – *Tá aborrecidinha, né? A menina já foi violentada Cris, você não pode fazer mais nada.*

DRA. CRIS – *Podia ser eu, podia ser qualquer um e tem mais, ela já mostrou que não quer o bebê, ninguém pode condenar, não.*

SHIRLEY – *Me diz uma coisa, se ela fosse tua paciente, você faria o aborto? Mesmo sendo contra a lei?*

DRA. CRIS – *Eu faria sim.*

SHIRLEY – *Ainda bem que tu não trabalhas nessa clínica, porque eu duvido que alguém além de mim fosse te defender nesse caso.*

No dia seguinte, Liliana é interrogada na Clínica pelo Delegado de Polícia.

DELEGADO – *E a senhora afirma que não conhece o estuprador... Você estava tentando funcionar o carro que estava enguiçado, certo? E como é que a senhora conseguiu chegar em casa com o carro enguiçado?*

LILIANA – *Depois o carro pegou.*

DELEGADO – *Certo... (com tom irônico) E então, recapitulando, nós sabemos que a senhora estava vestida de uma maneira sensual e provocante para ir a uma festa, que não pediu companhia para ir até o estacionamento, que...*

DRA. SHIRLEY – *Ela é uma vítima, detetive, que quase morreu nas mãos de um maníaco e agora você está piorando o estado dela.*

DELEGADO – *Essa situação é tão ruim pr'a ela quanto pr'a mim, ou alguém acha que eu gosto de andar investigando violência sexual com tanto bandido solto por aí?*

Nota-se o descaso do Delegado, que não considera o estupro algo tão sério que mereça fazê-lo perder seu tempo “*investigando violência sexual com tanto bandido solto por aí*” (grifos nossos). O Dr. Samuel se aborrece com a situação e manda o Delegado sair da sala.

As falas do Delegado mereceriam ser discutidas e analisadas criticamente, mas não são questionadas no seriado, quando este seria o momento de desmistificar a visão que se tem da vítima, de seu comportamento e moralidade, como se a mulher fosse sempre culpada pela violência que lhe acontece.

(No outro quarto, Fernando, que havia decidido morar com Tereza e a filha, chega trazendo flores para Tereza).

TEREZA – *Olha o papai, meu amor; ele agora decidiu que quer uma família e vai ter um montão de coisas pra ensinar pra gente.*

FERNANDO – *Tetê? Eu que tenho um montão de coisa pr'a aprender com você.*

No final dessa história romanceada, tudo termina bem, o casal fica junto com a filha, pois, como a própria Tereza diz: o papai “*agora decidiu que quer uma família*”. A mulher aceita, ela não tem desejos, só não se discute como eles viverão.

Fica, então, evidente que a maternidade e a família são os objetivos principais do episódio, no qual, em nenhum momento, se questiona a gravidez na adolescência ou se enxerga qualquer ponto negativo quanto à maternidade e o casamento nesse momento da vida dos jovens em formação, quanto às suas consequências para o futuro deles ou da criança, ou, até mesmo, quanto à possibilidade dela ser mãe solteira, pois logo a Dra. Martha tratou de encontrar o pai da criança, ou, ainda, a possibilidade do aborto, que foi mencionada, mas não discutida, como se essa não pudesse ser uma opção. A forma como as questões são explicitadas ou excluídas evidencia a intenção do seriado tratar os temas de forma mais leve possível, como se pode detectar pelo diálogo abaixo.

(No berçário, enquanto a Dra. Martha observa os bebês, pensativa, a Dra. Cris se aproxima).

DRA. MARTHA – *Tão pequenininhos, tão indefesos: um milagre cada um. Com tudo que pode dar errado, eles nascem, crescem e se multiplicam.*

DRA. CRIS – *Dra. Martha, eu voltei aqui por causa da Liliana, se a senhora me permitir, eu faço o aborto dela, assumo toda a responsabilidade.*

DRA. MARTHA – *Você arriscaria a sua carreira, sua liberdade por causa de uma estranha?*

DRA. CRIS – *Se eu, como médica, não posso ajudar, sirvo pr'a que então?*

DRA. MARTHA – *Nós vamos brigar muito: você se prepare.*

DRA. CRIS – *Como assim?*

DRA. MARTHA – *Nós somos muito diferentes, de vez em quando, vamos chegar às vias de fato.*

Nesse momento, Dra. Cris descobre que vai trabalhar na clínica Machado de Alencar e, também, como ela e a Dra. Martha pensam diferente em determinados assuntos.

Logo no primeiro episódio do seriado, fica claro que a maternidade e a constituição da família são carro-chefe do seriado, sendo a reprodução uma intenção que permeia, basicamente, grande parte senão todos os episódios do seriado (principalmente, os episódios do DVD). Assim, não importam os motivos que possam existir para o não acontecimento desses dois eventos, pois a trama sempre é desenvolvida de maneira que o final seja “feliz”, que tudo dê certo, desprezando questões que deveriam ser discutidas e enveredando por um caminho que, na maioria das vezes, não condiz com a realidade, porque os finais desse tipo, “felizes”, são aqueles esperados pelo público. Enquanto Malu levantava questões que não finalizavam no episódio, exigindo reflexão, no caso do *Mulher* isso não acontece.

A trama central gira em torno da adolescente Tereza, estudante, que vivia em Paris com uma bolsa de estudos e que a Dra. Martha faz questão de descrever como sendo ainda uma criança, quando diz: – *Pr’a mim, essa menina é uma criança.*

No entanto, essa “criança”, sozinha, porque o seu parceiro, outro jovem estudante, não assumiria a paternidade por ainda não ser independente, vivendo de mesada dos pais, escolhera continuar com a gravidez sustentando-a até o fim, sem medir as consequências que poderia vir a sofrer. A visão tradicional já estava renunciada quando ela, colocando a maternidade em primeiro plano, a qualquer custo, inclusive, largou os estudos, uma atitude pela qual foi muito elogiada pelas duas médicas: em um momento, Dra. Cris afirma que “*no avião, a jovem se comportou como uma mulher*”, provavelmente falando da coragem da moça na hora do parto; e a Dra. Martha, ao conversar com Fernando Antônio, o pai do bebê, diz que “*é nessas horas que a gente vê o caráter de uma pessoa e não quando está tudo resolvido*”, mais uma vez elogiando a decisão tomada pela moça antes uma menina e, agora, mãe, uma mulher.

O segundo subtema gira em torno da violência sexual sofrida por Liliana, a recepcionista da Clínica Machado de Alencar, traz a ideia de que a mulher não

deve medicar-se em questão de abortar e que a lei para as mulheres que sofrem o estupro, têm direito ao aborto, a questão é informativa, mas que não discute se essa lei corresponde às necessidades e direitos das mulheres em todas as perspectivas, não coloca quais seriam os pontos a serem modificados, enfim, não discute a questão.

O mesmo acontece com relação ao discurso do Delegado, através do qual a demonstração de falta de interesse em reprimir mais um estupro, a sua função, mas deixa-se levar pelo discurso da tolerância em relação aos instintos do homem, ele próprio um homem. Preferindo considerar o ato de violência como resultado do comportamento da mulher e questionar a sua moralidade, como se ela fosse a culpada, isto é, a incitadora da sexualidade exacerbada do homem sem nome. Pode-se depreender que a mulher que sofre o estupro não é tratada como a vítima, assim como o estupro parece não ser considerado um crime que mereça que a polícia procure o responsável, respeitando as leis e a própria função da instituição.

Também as colegas e amigas, as Dras. Cris e Shirley, que, por serem mulheres, portanto, passíveis de serem vítimas, e pelas profissões que exercem (médica ginecologista e advogada, respectivamente) reconhecem o assunto, mas não tomam ou ajudam a vítima a tomar alguma atitude cabível, nem discutem (ao final do trabalho, tomando chopp) a injustiça ou em que tipo de sociedade machista se vive e porque não há uma luta por esse direito de todas as profissionais instruídas.⁸⁸

Ao final do dia, temos a conversa entre a Dra. Martha e seu marido, Otávio, casados há quarenta anos, um casal que vive aparentemente “bem”, mas que, no entanto, Otávio, que agora está aposentado, vive cobrando constantemente a presença de Martha que, segundo ele, esteve ausente do casamento e da vida do filho durante toda a sua vida, por causa do trabalho e que agora precisa se aposentar para, como afirma o próprio Otávio, se dedicar “ao maridinho”. Por final, o rapaz é um adulto, separado e independente que mantém boas relações com mulher e filhos, não vemos pela “falta da mãe” nenhum drogado, transviado.

Esse foi o primeiro episódio do seriado e nele já temos uma prévia do teor das discussões a serem tratadas em todo o seriado.

⁸⁸ Provavelmente elas farão parte daquele nº de mulheres que terão condições de fazer abortos em ótimas clínicas – discurso do médico de Malu Mulher.

3.2.2 “Ninho Vazio” (Episódio 3 – Disco nº 1)

Roteiro: Euclides Marinho

Diretor: José Alvarenga Júnior

A cena principal foca a entrevista de Dr^a. Martha, voltada às mulheres que sofrem da “Síndrome do Ninho Vazio”, fato que ocorre quando os filhos saem da casa dos pais para morar sozinhos ou constituir família, e o casal ou um deles, ficam sozinhos. Enquanto isso, a apresentadora do programa, Suzana, ouve (pelo seu áudio) piadinhas sobre ela provenientes do seu ex-marido que também é seu produtor. Ele a chama de velha para a TV.

No programa “Femina”, apresentado por Suzana, Dr^a. Martha responde a perguntas sobre o tema:

DRA. MARTHA – *Pois é, a mulher, geralmente, na faixa entre os quarenta e cinco e cinquenta e cinco anos acaba tendo que passar por uma sensação de perda dos filhos, quando eles vão formar suas próprias famílias, quando eles vão viver suas próprias vidas. O que é mais grave ainda: como, [aparece] estatisticamente, a mulher tem vida mais longa do que o homem, [e] elas vão ter que acabar experienciando a perda do parceiro de vida. Isso faz com que a mulher perca grande parte da sua autoestima e autoconfiança.*

SUZANA – *Bom, mas se a mulher buscar outras alternativas de vida no âmbito pessoal, social, profissional, bom, se ela se sentisse mais útil...*

(Nesse momento, ela percebe que o diretor de seu programa que é seu ex-marido solta piadinhas apontando para ela).

DRA. MARTHA – *Se a mulher tiver um bom aconselhamento médico, acesso a terapia da reposição hormonal, enfim, se ela tiver, principalmente, acompanhamento de profissionais especializados. (grifos nossos)*

A trama se desenvolve com a tristeza de Suzana diante da possível perda do emprego em favor de uma apresentadora mais jovem.

Na entrevista, Dra. Martha inclui a “Síndrome do Ninho Vazio” dentre os sintomas relacionados à menopausa, mas não fala da relação entre a mulher e o marido, que fica bastante complicada nessa fase em que os filhos saíram de casa.

Em muitos casos, o casal percebe que não há mais motivos para continuarem casados, havendo a separação, depois de longos anos de casamento.⁸⁹

Suzana encerra o programa, se despede de Dra. Martha e vai aos bastidores do estúdio, conversar com Hernani, seu ex-marido, e lhe diz que ouviu as piadinhas e lembra-se de ter sido ela quem arranhou o emprego para ele e não esperava aquilo dele,

SUZANA – *Se você acha que eu tô muito velha pra fazer o programa você pode colocar uma Barbie no meu lugar; eu não vou mexer no meu rosto e apagar a minha história, isso eu não vou mesmo.*

As palavras da Dra. Martha e as piadinhas que Suzana ouvira do seu marido sobre a mulher tornando idosa mexeram muito com Suzana, com os seus sentimentos e, apesar de ter convicção de que a sua história e a sua experiência contam mais do que a beleza da juventude, esse é um fato que vai afetá-la, emocionalmente, desestabilizando-a.

É sabido que a nossa sociedade não é muito receptível às pessoas que ultrapassam 50 anos, principalmente na TV que é um aparelho que mostra\ aumenta imperfeições. Uma mulher jovem realmente atrai o público e de fato é isto que o diretor está falando segundo os ditames da sociedade. As mulheres na mídia, na TV, começam a perder papéis a partir dos 40 anos .

No dia seguinte, Suzana, a jornalista, vai à Clínica e procura a Dra. Martha para uma consulta:

SUZANA – *Dra. Martha?*

DRA. MARTHA – *Oi, Suzana!*

SUZANA – *Eu tenho meu ginecologista há quinze anos, mas, no momento, uma mulher pode me ajudar mais. Eu tô à beira de um ataque, oscilando entre o assassinato e o suicídio.*

(Dra. Martha começa a fazer perguntas)

DRA. MARTHA – *Filhos?*

⁸⁹ Nota-se que a síndrome do Ninho Vazio corresponde muito mais ao desacerto de afinidades entre o casal que interpôs entre si a criação e preocupações com os filhos. Ficando sozinhos sabem que são dois estranhos. No caso tratado por Martha é a menopausa, situação já explorada em *Malu Mulher*, que agora torna apenas um sintoma a ser medicalizado independente da visão cultural da mulher, que não é mais reprodutora.

SUZANA – *Um menino, um homem já, vinte e cinco anos, casado, mora em Nova York, morou comigo até os dezessete anos; quando eu me separei foi morar com o pai, o Hernani.*

DRA. MARTHA (espantada) – *Desde a separação até hoje, nenhum relacionamento?*

SUZANA – *Alguns, nada sério, com o tempo foram rareando. Eu já estou há quatro anos sem ninguém e acho difícil começar um romance agora.*

DRA. MARTHA – *Por quê?*

SUZANA – *Idade, né, Martha?*

DRA. MARTHA – *Idade não seria o motivo.*

SUZANA – *Eu sempre fui regular, mas de um ano pra cá começou a desregular, eu acho que é menopausa, não é?*

Como Suzana já está atrasada para a apresentação de seu programa, elas combinam almoçar juntas e continuar a conversa. No entanto, parece-nos que Suzana procurou a Dra. Martha mais para um desabafo do que para uma consulta e a médica não ajudou muito, pois o que está acontecendo com Suzana se parece mais com uma crise de meia idade que coincide também com os sintomas da menopausa. No entanto, mesmo Dra. Martha sendo mulher, não conseguiu diagnosticar o problema ou o seu silenciamento em relação ao assunto faz parte da intenção do episódio.

Já no programa, Suzana, na frente das câmeras, começa a denunciar as discriminações que vem sofrendo por causa da idade.

SUZANA – *Boa tarde... antes, eu gostaria de dar um conselho a todas as mulheres que me assistem: Cuidado, não envelheçam, envelhecer pode ser fatal, esse é o país de mulheres jovens, sem rugas, de peitinhos durinhos e nádegas empinadas.*

HERNANI: *O que ela falou?*

SUZANA – ... Um país onde a experiência e o conhecimento não têm o menor valor. Se você não é uma gatinha... eu mesma estou sofrendo essa discriminação aqui na televisão, porque estão achando que as minhas rugas estão muito visíveis (Grifos nossos).⁹⁰

⁹⁰ A Suzana me parece ser uma mulher que viveu certas agendas do feminismo e tem um discurso alternativo. Seu discurso é de alerta a “nova mulher”.

(Ela vira para a câmera do lado e diz: *Dá um close aqui*, apontando as rugas nos olhos).

A trama central do episódio gira em torno da história dessa apresentadora de um programa *televisivo*. E por não querer mudar ou negociar com a produção a fim de parecer mais jovem, ela denuncia no ar.

Mas as conversas entre Suzana e Dra. Martha sobre os problemas que as mulheres sentem quando estão neste período não foram esclarecedoras, pois a médica diz que não acredita que esse seja o caso de Suzana, isto é, não está na menopausa e elas não chegam a um consenso do que pode estar acontecendo com ela, se seria a “Síndrome do Ninho Vazio” ou a perda da juventude para as lentes da TV.

O segundo tema trata da juventude, plástica e outros procedimentos estéticos. As duas amigas que estão entrando na faixa dos 30 anos apresentam suas insatisfações com o corpo.

SHIRLEY – *Se você fosse um gato, o que você acha? Você acha que eu preciso de plástica no peito?*

DRA. CRIS – *Você tá maluca, Shirley! quem dera eu tivesse um seio assim bélicos... Ai meu Deus, mas será que não tem uma mulher no mundo que esteja satisfeita com o corpo que tem?*

SHIRLEY – *Sharon Stone; esta está satisfeita com o corpo que tem.*

DRA. CRIS – *Eu li que ela acha as pernas dela muito finas.*

SHIRLEY – *Demi Moore já fez lipo.*

DRA. CRIS – *Não tô dizendo? Eu não entendo, a gente não consegue se livrar deste negócio de ter que ser linda, ter que ser jovem o tempo todo, ter que ser maravilhosa, estonteante... Ai, que coisa chata! (ela fica um pouco nervosa).*

SHIRLEY – *E por acaso você não é jovem, bonita, linda e sedutora? Crise dos trinta? Não estou te entendendo.*

DRA. CRIS – *Falta uma semana tá? Olha eu quero ver quando você chegar lá sabia?... Ai... eu não tô satisfeita com a minha bunda.⁹¹*

Essa conversa busca passar uma ideia de descontração ou comédia, mas dá indícios de que, de fato, o que, realmente, importa são os corpos das mulheres, é

⁹¹ Observa-se que a trama se dispõe a falar sobre a “nova mulher” que aperfeiçoa seu corpo nas academias.

o tipo de mulher que é padrão de beleza, o tipo de mulher que os homens irão gostar, porque essa parece ser a finalidade que ambas querem atingir quando Shirley se mostra preocupada com os seios e Dra. Cris fala que não está satisfeita com a bunda. Muito embora a Dra. Cris tenha dito que não entende como *a gente não consegue se livrar deste negócio de ter que ser linda, ter que ser jovem o tempo todo, ter que ser maravilhosa, estonteante... Ai, que coisa chata!*, e ficado nervosa ao falar disso, essa questão pára por aí, quando poderia ter sido desconstruído esse tipo de discurso que dita a beleza padrão de acordo com as atrizes hollywoodianas, e poderiam ter discutido o quanto as mulheres “normais” sofrem pressão da sociedade para atingir esse ideal de beleza ou como são discriminadas quando não conseguem atingir, ou mesmo, quando ficam mais velhas.

O caso da apresentadora, mesmo não sendo uma mulher idosa e o discurso de Cris e Shirley são semelhantes, pois, vivendo numa sociedade que cultua a eterna juventude, a beleza física feminina é uma preocupação constante para as mulheres, ter que enfrentar seu próprio envelhecimento. E aí ela (Suzana) entra em crise mesmo, uma vez que ao se olhar no espelho ela percebe que está envelhecendo e que em nossa sociedade pode não haver um lugar para ela nessa nova fase da vida, como trata Cecília Sardenberg:

[...] para estarmos bem conosco, temos que ‘estar bem’ também com nossos corpos. E é aí que, por assim dizer, ‘a porca torce o rabo’, pois esse ‘estar bem com o corpo’ não depende apenas de uma escolha pessoal. Ao contrário, trata-se também de uma construção social, historicamente específica, no que tange ao corpo ideal. (SARDENBERG, 2002, p. 62).

Paralelo, inesperadamente a mãe da Dra. Cris vem do interior para comemorar o aniversário da filha e uma das suas primeiras falas é sua preocupação pela filha chegar aos trinta anos de idade ainda solteira e sem pretendente fixo.

(Na casa da Dra. Cris, mãe e filha se encontram, pois não se viam há mais de um ano.

D. DINÁ – *Minha filha! Há mais de um ano?*

DRA. CRIS – *Surpresa, hein mãe?*

D. DINÁ – *Você emagreceu...mas o que me interessa é saber uma coisa, e o namorado?*

DRA. CRIS – *Tô com namorado não, mãe.*

D. DINÁ – *Mas, com trinta anos? Ah, minha filha, olha que você pertence a uma família em que todas as mulheres, olha eu tô falando todas, viu? são muito bem casadas ou então viúvas que nem eu e a Izaurinha. Não tem nenhum pretendente?*

DRA. CRIS – *Não, mãe, tô sem ninguém, tá?*

D. DINÁ – *A gente tem que dar um jeito nisso, se tem.*

Percebe-se que em nossa sociedade, que cultua a juventude, há que se preocupar com a idade também para o casamento, decerto por causa da reprodução. D. Diná se preocupa muito com idade da filha que já se encontra com trinta anos e ainda não tem namorado ou pretendente fixo, ainda mais em uma família tradicional como a dela, que foi veemente em afirmar que em sua família todas as mulheres eram casadas ou viúvas, que não existe solteira, o que evidencia a pressão da sociedade para a constituição da família. Portanto pode-se perceber que esse episódio apresenta três perspectivas de vida da sociedade ao longo de 1950 a 2000, a mãe casadoira, a juventude que já pensa em mudanças estéticas e a maturidade e ambas não querem mudar.

É justamente no casamento que surgem as diferenças entre o marido e a mulher e, conseqüentemente, sobre as relações de poder, e se o casal tiver filhos, logo surgem os papéis sexuais e as obrigações que, na maioria das vezes, acabam sobrecarregando as mulheres, que terminam abrindo mão de suas carreiras para cuidar dos filhos ou se não abdicam do seu trabalho, têm a dupla jornada, no espaço público e no privado.

O seriado é muito enfático quanto à maternidade e à constituição da família, porém, as questões que dizem respeito às duas situações, de uma maneira geral, foram apenas insinuadas, ficando inconclusas.

Esse mesmo tema, acerca da idade para as mulheres e do casamento, foi tratado, também, no seriado *Malu Mulher* – Episódio 14 da Primeira Temporada – “Até sangrar”, mas deixou dúvidas no público, tal como na prima de Malu, sobre o fato de que ela poderia não estar fazendo a escolha certa. Esse caso é tratado no seriado como comédia, piada, como se não fosse algo preocupante para a personagem Dra. Cris, mas um ritual tradicional que, de fato, deveria ser cumprido.

3.2.3 “Maternidade” (Episódio 4 – Disco nº 3)

Roteiro: Antônio Calmon e Geraldo Carneiro

Direção: Cininha de Paula

O tema central trata novamente da reprodução e apesar de existir vários métodos anticoncepcionais, parece que essa mulher de classe menos abastada quer ter mais um filho.⁹²

Zilda é uma mulher casada, de classe de baixa renda, mãe de dois filhos e está esperando mais um. O marido, Jonas, está apavorado, porque na empresa em que ele trabalha muitos foram demitidos e ele não sabe quem será o próximo. Ele comenta que essa gravidez não veio em boa hora, relutante Zilda insiste em afirmar que para tudo existe um jeito. Mas a situação se torna um conflito quando o marido perde o emprego e o filho nasce doente.

(Na casa de Zilda:)

JONAS – *Demitiram mais um, Zilda... tá o maior clima de terrorismo lá na firma, ninguém sabe quem vai ser o próximo.*

ZILDA – *Ei, fica assim não, a gente dá um jeito.*

JONAS – *A vida tá tão difícil, né, Zilda? esse filho não veio em boa hora.*

ZILDA – *Quem cria dois, cria três.*

JONAS – *Falar é fácil, mas vai ver o preço da fralda descartável, um absurdo, fora o resto, não sei como vai ser.*

ZILDA – *Eu faço um chá de fraldas, pronto, todo mundo colabora, ainda mais que eu estou no sexto mês ainda, tem muito tempo para essa barriga crescer.*

JONAS – *Você foi muito descuidada... (ele volta atrás e corrige). Nós fomos muito descuidados.*

Zilda não consegue pensar nos problemas que implicam ter outro filho e o pai da criança pensa nas dificuldades financeiras que poderão passar, já que têm outros dois filhos; ela pensa em uma solução para cada empecilho que ele coloca, e ele enquanto provedor do lar se preocupa... Assim, através da personagem de Zilda, vê-se que o papel de mãe é naturalizado na mulher, pois ela nunca concorda com o marido de que este não seja o melhor momento para ter o filho.

Em seu trabalho, Zilda passa mal e é levada às pressas pela patroa (Isabelle) para a Clínica Machado de Alencar. Ela é internada às pressas com problema de pressão alta, e a Dra. Cris faz uma cesariana de emergência. Depois

⁹² O terceiro subtema não será tratado por ter sido considerado irrelevante.

da cirurgia ela passa bem, mas o bebê vai precisar ficar um tempo na UTI. Dra. Cris avisa a Jonas, que se encontra na recepção, e ele fica transtornado, pois não faz ideia de como irá pagar todos os gastos com a clínica.

(No quarto em que Zilda está...)

ISABELLE – *O parto é o meu presente para o bebê.*

ZILDA – *Nem sei como agradecer, a senhora tem sido uma mãe pra mim.*

ISABELLE – *Eu gostaria muito de garantir a UTI do nenê, mas é que as coisas lá na loja, você sabe como estão, e a crise...*

JONAS – *Se você não tivesse vindo pra essa clínica, Zilda...*

ZILDA – *Eu podia ter perdido o bebê, podia ter morrido.*

JONAS – *Olha, a Doutora me disse que o bebê vai ter que ficar mais de um mês na UTI. Você já imaginou quanto eu vou ter que gastar com isso?*

ZILDA – *Só fala de dinheiro... pensa um pouco na vida de nosso filho.*

Jonas, mais uma vez, fala da condição financeira dos dois e Zilda pede que ele seja menos materialista, porque ele fala em dinheiro novamente e ela pede que ele pense um pouco na vida do filho. Esse diálogo confirma a naturalização do papel da mãe, pois enquanto Zilda está completamente comovida e sensibilizada com a situação do bebê, ele consegue se manter livre de emoções, apenas sentindo as preocupações de quem vai manter aquilo tudo.

(Na Clínica, o filho de Zilda e Jonas não está bem de saúde e vai ser operado...)

JONAS – *Eu tenho uma coisa pra te dizer.*

ZILDA – *Eles chamaram um cirurgião muito bom.*

JONAS – *Eu fui demitido.*

ZILDA – *E ele vai sobreviver, vai sim...*

JONAS – *Você está me ouvindo? Eu fui demitido. Me colocaram na rua, eu perdi o emprego Zilda.*

ZILDA – *Por que isso tá acontecendo com a gente?*

Pelo visto, o que Jonas mais temia acabou acontecendo pois, de fato, ele perdeu o emprego e a situação agora, com certeza, seria ainda mais difícil. Mas o seriado parece fugir da realidade, pois, algum tempo depois, as coisas começam a se resolver, como nas novelas que terminam sempre com final feliz. A Dra. Martha volta à Clínica e, ao tomar conhecimento da história de Zilda e do marido, tenta

ajudá-los de todas as formas: arranja um emprego para o marido de Zilda em Teresópolis, interior do Rio de Janeiro, e ainda consegue transferir o bebê para um hospital de um amigo seu, também em Teresópolis. Todos ficam bem e muito agradecidos aos médicos.

Concomitantemente, o segundo subtema trata da depressão de Dra. Martha que sofre por se lembrar do aniversário do filho que havia morrido de acidente há algum tempo atrás e volta a sofrer muito com a culpa, de não ter conseguido ser uma “boa mãe”, que sentiu logo após sua morte.

Na Clínica, Dra. Martha pega o calendário e se lembra que seria o aniversário de Carlos, seu filho, e sente necessidade de fazer uma prece por ele. Ela pede a Dra. Cris que fique no seu lugar até ela voltar.

(Dra. Martha vai visitar o túmulo do filho).

DRA. MARTHA – *Como é que vai você, meu menino? Eu tenho saudades, sinto muito a sua falta, você não imagina quanto. Eu não sabia que seria tão difícil assim viver sem você, eu amo você.*

Nesse mesmo momento, Otávio também aparece para visitar o túmulo do filho. Ele e Martha acabaram se separando depois da morte do filho, porque Martha não suportou ouvir Otávio falando o tempo todo o quanto ela havia sido ausente na vida do filho, fazendo-a sentir-se ainda mais culpada, uma culpa que ela carregara em toda a sua vida. Eles se abraçam e choram juntos.

Enquanto isso, em casa, Dra. Martha fica recordando a infância do filho, os desenhos que ele fez, as roupinhas... ela chora muito e acaba entrando em depressão, e a imagem passa diretamente para Zilda, na Clínica, vendo as roupinhas de seu bebê. Otávio procura o Dr. Samuel para falar que está preocupado com o comportamento de Martha, pois ele percebeu que ela estava muito deprimida no cemitério após a data em que seria comemorado o aniversário de Carlos. O médico pede então à enfermeira Telma que faça uma visita à Dra. Martha e detecta que ela está mesmo com um princípio de depressão, pois está tomando remédios fortíssimos para dormir. Liga para conversar com ela, mas ela não atende ninguém.

Finalmente, a Dra. Martha consegue se animar e levantar da cama, se arruma e vai até à Igreja conversar com um frade, seu amigo. A conversa a reanima e a faz sentir vontade de viver novamente e, até mesmo, de voltar ao trabalho.

Nesse episódio, a trama central, portanto, gira em torno de mães e família, a de Zilda e Jonas, mas o tema transversal que atravessa todas as tramas é

o papel da mãe. Zilda não consegue ser racional, pensar na situação financeira em que se encontra: ela coloca essa nova maternidade acima de tudo e de todos, pois, durante o período em que ficou no hospital não mencionou nem uma vez os seus dois outros filhos.

Já a culpa que a Dra. Martha sente em relação à morte do filho, por ter estado sempre trabalhando e não ter participado tanto da vida dele, está ligada ao fato de, em nossa sociedade, desempenhar o papel de mãe é o que cabe à mulher, como se fosse uma exaltação do papel natural da mulher como mãe. Segundo L. Scavone, a sociedade moderna consagrou este modelo de mãe:

[...] com mais acesso à educação formal e à formação profissional, as mulheres vão, no decorrer do século XX, ocupar gradativamente o espaço público, ao mesmo tempo em que mantêm a responsabilidade na criação do(a)s filho(a)s. Neste contexto, ser ou não ser mãe passou a ter uma dimensão reflexiva, a ser uma decisão racional, influenciada por fatores relacionados às condições subjetivas, econômicas e sociais das mulheres e, também, do casal. (2001, p. 50).

O ser mãe passou a ser uma escolha reflexiva, que leva em consideração muitos outros fatores, o que se acirrou ainda mais com o uso de métodos contraceptivos. A consequência de tudo isso segundo L. Scavone (2001, p. 55) é que, a partir da década de 1990, tem sido constatado, aqui no Brasil, a diminuição do número de filhos por casal ou a opção de não ser mãe. Explica-se, assim, o fato de que a mídia, influenciada por uma classe dominante que insiste em colocar a mulher no papel de mãe para que esta não ganhe os espaços públicos, traga programas com esse teor “de mensagens” com personagens femininas representando mulheres que afirmam o papel natural da mulher como mãe.

A mudança estratégica na sequência da imagem (sem falas), de Dra. Martha, lembrando deprimida do filho perdido, para Zilda vendo as roupinhas do seu novo bebê pode implicar no questionamento: Será que vale mesmo a pena pensar na profissão, carreira e ter um fim como o de Martha, que perdeu o filho jovem e se culpa por não ter se dedicado a ele em vida “como deve fazer uma boa mãe” como acusa seu próprio marido, e sentir-se culpada por uma vida inteira? Ou ser como Zilda que pensa incondicionalmente no filho, sem se preocupar com a sua condição financeira ou profissão, como se aquele fosse o único objetivo e sentido em sua vida? Pelo final feliz que a família de Zilda teve, a questão não deixa escolha.

Através de programas desse tipo, a maternidade continua sendo afirmada como um elemento muito forte da cultura e identidade feminina pela sua ligação com o corpo e com a natureza.

3.2.4 “Grávidas” (Episódio 3 – Disco nº 4)

Roteiro: Álvaro Ramos

Direção: Daniel Filho e Cininha de Paula

A trama se inicia com a Dra. Martha fazendo a ultrassonografia da Dra. Cris que está grávida de três meses do Dr. João Pedro, pediatra da mesma clínica. (Na Clínica...)

DRA. MARTHA – *Cris, está preparada para uma surpresa?*

DR. JOÃO PEDRO – *Martha?!*

DRA. CRIS – *Surpresa boa ou ruim?*

DRA. MARTHA – *Ótima!*

DRA. CRIS – *Que que é?*

DRA. MARTHA – *Cris, você vai ser mãe de gêmeos.*

DRA. CRIS – *O que? Não acredito, que maravilha!*

Quando Carlos, o filho da Dra. Marta faleceu, ela se sentiu muito culpada e, além do vazio da perda, ela teve de suportar as reincidentes acusações do marido de que ela havia sido muito ausente na vida do filho. Ela, então, no momento, pediu a Dra. Cris que não esperasse muito para ter um filho e agora Cris, para a felicidade de todos, realiza o seu pedido engravidando logo de gêmeos.

Shirley, a advogada amiga da Dra. Cris a procura no consultório; ela segura um papel nas mãos e se diz muito feliz por ter descoberto que também está grávida, que, como ela mesma afirma, ela também é “filha de Deus”. Ao saber da notícia de que Cris está esperando gêmeos, ela não se contém e, aos gritos, diz que têm que comemorar colocando-se, assim, a maternidade como se fosse a condição indispensável para completar a felicidade das mulheres.

O segundo subtema traz a história de um bebê que sofre maus tratos.

Em outro consultório, Dra. Anahir e a enfermeira Telma cuidam de um bebê que está cheio de hematomas, cuja mãe, Ruth, é muito jovem e parece não

saber lidar com a criança direito. Dra. Anahir está desconfiada de que o bebê esteja sendo espancado na própria casa.

Dra. Anahir chama a Dra. Martha para ir até o seu consultório dar uma olhada no bebê e opinar sobre os hematomas e fala sobre sua desconfiança. Elas, então, se dirigem até a sala onde Ruth se encontra.

DRA. ANAHIR – *Ruth, essa é a Dra. Martha, a médica que eu chamei pra me ajudar.*

RUTH – *Aconteceu alguma coisa?*

DRA. ANAHIR – *Parece que está acontecendo uma coisa muito grave com o seu bebê.*

DRA. MARTHA – *D. Ruth, por acaso você tem alguma babá em casa?*

RUTH – *Eu tinha, mas as coisas foram ficando um pouco difíceis e não dá pra manter o luxo de ter duas empregadas; eu acabei mandando embora.*

DRA. MARTHA – *Há quanto tempo isso?*

RUTH – *Há mais ou menos um mês.*

DRA. ANAHIR – *E a sua empregada ajuda você a cuidar do bebê?*

RUTH – *Não, eu não deixo nem ela chegar perto.*

DRA. MARTHA – *Seu marido, o pai da criança, você acha que ele gosta do menino?*

RUTH – *Ele adora, acho que ele gosta até mais do que de mim.*

DRA. ANAHIR – *Não sei Ruth, mas tem alguém dentro de sua casa maltratando o seu bebê.*

Algum tempo depois, Ruth volta para casa e, ao não suportar mais o choro do bebê, ela começa a bater muito nele. Essa atitude de Ruth, certamente, se deve ao fato de ela ser muito jovem, despreparada para a maternidade e não ter certeza de ter feito a escolha certa, pois fica muito sobrecarregada com os cuidados com o filho, enquanto o marido trabalha fora de casa o dia inteiro.

Já Dra. Martha, em casa, começa a sentir sinais de cansaço, liga para um médico cardiologista, amigo seu, e marca uma consulta. Otávio desconfia do mal-estar de Marta, achando-a muito abatida.

Enquanto isso, Ruth e seu marido chegam à clínica com o bebê que está chorando muito e Dra. Anahir percebe que, dessa vez, o problema é mais grave.

(No consultório ao lado, Dra. Marta conversa com Rafael, o pai da criança).

DRA. MARTHA – *Alguma coisa de muito estranha está acontecendo em sua casa, seu Rafael.*

RAFAEL – *Coisa muito estranha como?*

DRA. MARTHA – *Eu tinha a esperança de que o senhor pudesse me dizer o que é. O fato é que a pediatra da nossa clínica constatou que seu filho está sendo vítima de maus tratos: os sinais são evidentes.*

RAFAEL – *Maus tratos?*

DRA. MARTHA – *E se o senhor for denunciado tem que responder por isso perante a justiça: maus tratos em crianças é crime previsto em lei.*

RAFAEL – *Denunciado? Eu adoro meu filho, Doutora. É a coisa que eu mais amo no mundo.*

DRA. MARTHA – *A nossa pediatra relatou que, desta vez, o bebê ficou muito machucado e não foi por ter caído do berço, não.*

RAFAEL – *Meu Deus do Céu!*

DRA. MARTHA – *Seu filho vai ter que ficar aqui por alguns dias; nós vamos ter que fazer mais alguns exames e observar bem o menino.*

Na conversa da Dra. Marta com o pai da criança, ele parece estar completamente alheio à situação, o que mostra que talvez ele não seja um pai muito presente, caso contrário, já teria percebido os hematomas da criança. Outro ponto importante é que se falou do bebê, do sentimento do pai em relação ao bebê, mas não se pensou em Ruth enquanto mulher, se ela poderia estar passando por algum problema.

(Os médicos Dr. Samuel, Dra. Cris, Dra. Martha e Dra. Anahir analisam os exames do bebê).

DRA. MARTHA – *Ah, meu Deus, tá aqui, inacreditável que uma mãe seja capaz de uma coisa dessas.* (Grifos nossos)

DRA. ANAHIR – *Bom, gente, o fato é que o bebê está com a perna quebrada e morrendo de dor.*

DR. SAMUEL – *E tem sido maltratado há muito tempo. Na radiografia a gente pode ver a consolidação de várias fraturas, algumas bem antigas.*

DRA. MARTHA – *Nós não vamos poder nos omitir em um caso desses, Cris.*

DRA. ANAHIR – *Bom, gente, eu preciso voltar para ver o bebê; Cris, me dá uma ajuda?*

DR. SAMUEL – *Isso é caso de polícia.*

DRA. MARTHA – *Exatamente.*

A fala de Dra. Martha quando diz que é inacreditável que uma mãe seja capaz de uma coisa dessas, naturaliza mais uma vez, no seriado, o papel de mãe da mulher, pois sugere que qualquer pessoa, até mesmo o pai, seja capaz de espancar, mas a mãe não pode espancar o bebê, pois é uma figura sagrada que tudo deve suportar.

(Em casa, Ruth e Rafael conversam sobre o bebê e ele acaba afirmando para Ruth que sabe que é ela quem está espancando a criança).

RUTH – *Por que você está me olhando assim?*

RAFAEL – *Ruth, a empregada não foi, eu não fui, só sobra você.*

RUTH – *Mas quem você tá pensando que eu sou Rafael?*

RAFAEL – *Eu não sei, eu não tô te reconhecendo mais. Quem é você?*

RUTH – *Eu sou sozinha pr'a dar conta de tudo, o peso da responsabilidade fica todo nas minhas costas; se acontece alguma coisa com o bebê, a culpa é minha, se acontece aquilo outro, a culpada é quem? Eu não aguento mais, Rafael... O culpado disso tudo é você que não enxerga mais nada além desse maldito bebê. E eu? Como é que eu fico? Eu preciso ser bem tratada Rafael, eu preciso de carinho, eu não nasci pra ser burro de carga, não.*

Através desse desabafo, Ruth praticamente assume a culpa pelas agressões, mas também diz que o motivo é seu estresse, pois, nos últimos dias, tem tomado muitos calmantes, o que evidencia a falta de estabilidade emocional para acompanhar esses primeiros meses de adaptação da criança ao mundo. Por fim, acaba acusando também o pai, pela ausência na divisão dos cuidados com a criança, o que a deixa sobrecarregada.

Dra. Martha comunica a Dra. Cris que vai se ausentar, fala que vai resolver algo, mas pede que ela resolva esse caso do bebê que está sendo vítima de agressões, pois acha que pode até ser esse o motivo de seu mal-estar. E, na clínica de seu amigo, Dra. Martha faz os exames e descobre que está com algumas

alterações no coração, desconfia que pode sofrer um infarto e o médico diz que ela precisa reduzir o estresse.

Na Clínica, Ruth chega nervosa para pegar o seu bebê, mas é surpreendida pelas Dra. Cris e Shirley que afirmam que ela não vai poder levar o filho, já que ela como mãe, segundo a Dra. Cris, é responsável pelo bem-estar da criança e não teve a capacidade de cuidar. Agora, o Estado tem o direito de tirar o poder dela sobre a criança.

(No consultório da Dra. Anahir, ela e Rafael, o pai da criança, conversam).

RAFAEL – *Eles vão me processar também? Tirar meu filho de mim?*

DRA. ANAHIR – *Se você conseguir provar sua inocência...*

RAFAEL – *Você testemunharia ao meu favor?*

DRA. ANAHIR – *Eu acho você um excelente pai, no que eu puder ajudar.*

RAFAEL – *Eu vou levar ele comigo, aquela bruxa não vai mais encostar nele. Eu prometo, meu filho.*

Aqui se percebe, claramente, a isenção do pai quanto aos cuidados e a todo o problema que aconteceu com o bebê, do qual somente a mãe foi considerada culpada e condenada por todos, principalmente pelas mulheres, e em uma clínica especializada para mulheres, mulheres que deveriam ter uma postura diferente em relação ao caso, que deveriam tratá-lo de forma diferente, uma vez que a Dra. Anahir e a Dra. Martha também tiveram filhos. Como pode a Dra. Anahir achar Rafael um excelente pai se apenas acabou de conhecê-lo?

O terceiro subtema trata sobre a decisão da Dra. Anahir, pediatra da Clínica Machado de Alencar, de deixar o filho morar com o pai nos Estados Unidos.

(Em sua casa Dra. Anahir e seu filho conversam enquanto esperam a visita de Fred, seu ex-marido. Nesse momento a campainha toca, e é Fred; eles se abraçam.)

FRED – *Sabe, eu andei pensando, Anahir, eu não podia ter escolhido uma mãe melhor pr'o meu filho, viu?*

DRA. ANAHIR – *Você sabe que essa frase é minha com o sinal trocado, né?*

FRED – *Eu tenho muito orgulho dessa escolha, viu?*

DRA. ANAHIR – *Eu sei que você [es]tá com a sua vida toda organizada lá nos Estados Unidos, mas você não acha que estava na hora de você voltar pr'a acompanhar mais de perto o desenvolvimento do João?*

FRED – *A partir de uma certa idade, é muito importante a presença do pai.*

DRA. ANAHIR – *Você sabe que eu sempre achei isso.*

FRED – *Você acha que seria bom pr'a ele se ficasse mais perto?*

DRA. ANAHIR – *Não tenho a menor dúvida. (Ela alimenta um pouco de esperança, pelo sorriso que esboçou).*

FRED – *Eu tenho uma proposta para te fazer. Assim, quem sabe, você vai poder reconstituir a sua vida afetiva, amorosa. Eu me casei de novo e a minha mulher aceita criar o João. Eu tenho certeza de que você, mais do que ninguém, sabe o que é melhor pr'a ele.*

Esse diálogo sugere que obrigatoriamente a mãe é a responsável pelos cuidados com o filho, cabendo ao pai somente no momento em que ele achar oportuno e ele evidencia isso quando diz que a partir de uma certa idade a presença do pai é importante, e o mais espantoso é que a mãe concorda com isso, ao invés de dizer que os deveres tanto do pai quanto da mãe com os filhos são os mesmos.

Depois de um dia de trabalho, em casa, Anahir arruma a bagagem do filho que se prepara para ir morar nos Estados Unidos com o pai e a campanha toca: é Fred, e Anahir faz uma porção de recomendações e se despede do filho aos prantos.

A trama central do episódio “Grávidas” foi a história de Ruth, a jovem mãe que tem um filho e o maltrata, chegando ao cúmulo de espancá-lo até quebrar sua perna. É evidente que isso não é algo concebível, pois ele era apenas um bebê que não podia se defender. Mas, pela maneira como a trama foi desenvolvida, só restou à mãe, a condenação, pois, em nenhum momento foi questionado o porquê daquela mãe estar fazendo aquilo, mesmo tendo a Dra. Martha dito, nesse mesmo episódio, à Dra. Fernanda, médica que irá substituir Dra. Cris durante a licença maternidade:

– *Nós, aqui na Clínica, costumamos valorizar as relações médico-paciente. Muitas doenças aparecem devido ao tipo de vida que a paciente leva, por isso, é muito importante saber ouvir os problemas que, às vezes, não parecem ter nada a ver com os sintomas e na verdade têm.*

Se valorizam a vida que a paciente leva, por que então não chegaram a pensar que Ruth poderia ser uma mãe despreparada, uma jovem que resolveu ser mãe só para agradar o seu marido, ou que poderia estar sofrendo, realmente, de alguma desestabilização emocional? Atualmente, isso tem ocorrido com alguns jovens casais que sofrem pressão e cobrança da família e da sociedade para que tenham filhos. Por que não se discutiu o fato de ela, sozinha, se responsabilizar pela criança? Talvez seja pelo fato de que em nossa sociedade o papel de mãe cabe à mulher e a Dra. Martha deixa isso bem claro quando diz “inacreditável que uma mãe seja capaz de uma coisa dessas”. Ela naturaliza o papel da mãe, como se fosse instintivo, e, em nenhum momento, Ruth é vista enquanto mulher dentro de uma cultura. Com relação ao pai, Rafael, no entanto, elas foram bem maleáveis, pois a Dra. Anahir mal o conhecia e já estava disposta a depor a seu favor, pois o achava um bom pai.

3.2.5 “Mãe” (Episódio 4: final – Disco 4)

Roteiro: Antônio Calmon

Direção: Daniel Filho, Cininha de Paula e Mário Márcio Bandarra.

Três meses depois... Agora, já no episódio “Mãe”, os termos utilizados são muito técnicos, voltados para a área da Medicina e não há mais histórias envolvendo outras mulheres, falando apenas sobre a vida das médicas protagonistas, sobre o enfarto que sofreu a Dra. Martha, sua recuperação e, ainda, do seu sentimento de culpa, pois ela achou que o enfarto fora causado, em parte, pela forma como conduziu a sua vida.

(Dra. Cris vai visitar a Dra. Martha no hospital em que esta foi operada após sofrer um enfarto:)

DRA. MARTHA – *Sabe Cris? Eu devo estar pagando o preço de ter perdido o meu filho, de ter perdido uma parte de meu seio, de quase ter perdido meu marido, também.*

DRA. CRIS – *Estresse, Martha, o teu corpo foi muito maltratado.*

DRA. MARTHA – *Maltratado por mim... Cris, pela primeira vez na vida, eu tô sentindo muito medo de morrer.*

DRA. CRIS – *Você não vai morrer, vai viver muito e pronto, pelos seus netos, pelo seu marido, pelos seus amigos. Eu proíbo você de ficar deprimida de novo.*

Essas palavras da Dra. Marta, esse sentimento de culpa, tornam evidente a intenção de se afirmar que o trabalho, a profissão que a Dra. Martha exerceu durante toda a sua vida, foi responsável não somente pelo estado em que ela se encontra, como também por todos os infortúnios que aconteceram em sua vida, inclusive a morte de seu filho.

Nas cenas seguintes, mostra-se o parto complicado que sofreu a Dra. Cris que, se não fosse pela intervenção de Martha que, mesmo debilitada, foi até a Clínica auxiliar no parto, poderia ter morrido. No final, mais uma vez, tudo acaba bem, os bebês ficaram bem e até Shirley deu à luz, no mesmo dia, a um bebê prematuro. Alguns meses depois, eles batizam as crianças na Igreja Católica e João Pedro pede Cris em casamento.

Com a gravidez da Dra. Cris e da Shirley, o seriado confirma a importância da maternidade na vida das mulheres, o que é perceptível no semblante de felicidade das duas, em como ficam histéricas ao saber do resultado, a Dra. Cris por saber que vai ter gêmeos e a Shirley porque vai ter uma menina. O encerramento do seriado com o parto das duas, ao mesmo tempo, que, mesmo que tenha sido dramático pelo pesadelo que Cris havia tido sobre seu parto nos últimos dias, terminou bem, depois o batizado e o pedido de casamento de João Pedro à Dra. Cris, muito se assemelha ao das novelas brasileiras também produzidas pela Rede Globo que finalizam sempre com partos ou casamentos, como se esses fossem os únicos interesses na vida das mulheres.

Dra. Cris seguiu bem o conselho dado pela Dra. Martha que, por se sentir eternamente culpada pela morte do filho, pede que Cris não espere muito para ter um filho e que não faça como ela fez, sendo tão ausente, para não carregar esse sentimento pelo resto da vida. O episódio é bem incisivo em sua intenção, ou seja: vocês, mulheres, podem trabalhar, mas estejam preparadas para assumir as consequências do que isso pode lhes causar, não deixando escolhas às mulheres, no momento visto que não discute a divisão de papéis entre homens e mulheres, naturalizando, ainda mais, o papel da mãe, confirmando a equação mãe = mulher, que havia sido lentamente desconstruída ao longo do século XX, com o advento dos

métodos contraceptivos, quando as mulheres começaram a ganhar os espaços públicos.

E aí volta-se à velha questão: “Será que o amor materno é um instinto, uma tendência feminina inata, ou depende, em grande parte, de um comportamento social, variável de acordo com a época e os costumes?” (BADINTER, 1980).

4 DIFERENÇAS DE DISCURSOS/COMPORTAMENTOS (1979 A 1999)

4.1 A COMPARAÇÃO ENTRE OS DOIS TEMPOS, COM UM ESPAÇO DE 20 ANOS: O QUE DIZEM OS FEMINISMOS SOBRE AS QUESTÕES RELACIONADAS AOS TEMAS

Ainda que estivéssemos em um contexto de autoritarismo político como foi a década de 1970 no Brasil, por causa do regime militar, o feminismo brasileiro foi marcado por uma forte contestação à ordem política estabelecida no país naquele momento e boa parte das mulheres, principalmente as que pertenciam ao movimento, foram influenciadas pelas experiências de fora, como a europeia, por exemplo, não obstante tenham sofrido, principalmente, influências das norte-americanas, com a chamada “segunda onda feminista”⁹³. Segundo C. Sarti (2004, p. 37), o fato de grande parte das feministas brasileiras estarem articuladas com organizações marxistas conferiu ao movimento características próprias, tornando-o um movimento plural, mas, no entanto, todas estavam imbuídas do mesmo propósito, a emancipação das mulheres.

A luta pela emancipação mudou a vida das mulheres a partir da década de 1970, causando impulso e transformando, em vários setores das instituições sociais e políticas, a mentalidade das mulheres, os costumes, os hábitos cotidianos, grande parte disso devido à sua conquista do espaço público que repercutiu em toda a sociedade. Segundo C. Sarti (2004, p. 37), foram vários os fatores que

⁹³ A segunda fase do feminismo (segunda geração ou segunda onda) ressurgiu nas décadas de 1960 e 1970, em especial nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada. As propostas feministas que caracterizam determinadas posições, por enfatizarem a igualdade, são conhecidas como “o feminismo da igualdade”, enquanto as que destacam as diferenças e a alteridade são conhecidas como “o feminismo da diferença”. (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649).

contribuíram para a eclosão do movimento feminista aqui no Brasil naquela década; por exemplo, a declaração da ONU, de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, como uma forma de reconhecimento da participação das mulheres em quase todos os setores da sociedade, mas, assim como C. Sarti, acreditamos que foi a resistência à ditadura militar que levou o feminismo brasileiro às ruas e conseqüentemente deu visibilidade às questões das mulheres. Observe:

“A memória dos ‘anos de chumbo’, com os depoimentos de mulheres militantes e vítimas da repressão militar, permite confirmar que o caráter radical do feminismo brasileiro foi gestado sob a experiência da ditadura militar e, assim, nomear, hoje, o que naquele início eram mal estares sem nome, na ainda feliz expressão de Betty Friedan⁹⁴ em ‘A mística feminina’, que inaugurou o movimento feminista norte-americano na década de 1960. (SARTI, 2004, p. 37).

A presença das mulheres na luta armada, durante a ditadura, fez com que as mulheres percebessem que deveriam contestar não somente as relações de poder no âmbito social e político, mas, também, as relações de poder que estavam naturalizadas entre homens e mulheres, pois notaram que a igualdade entre homens e mulheres era apenas retórica e que, na prática, não acontecia de fato o que fez eclodir entre as feministas, a questão de gênero (1980), que diferia um pouco das questões emergenciais do projeto das militantes feministas. Entendendo a importância do conceito de gênero como um “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (e como) um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1991, p. 14), não podemos simplesmente falar de homens e mulheres sem analisar *a priori* o contexto sócio-histórico em que estão inseridos em uma análise mais aprofundada que vai além das diferenças biológicas.

Concordando com Lourdes Bandeira, cremos que o conceito de gênero, como aporte teórico-metodológico, acabou “consolidando-se como uma categoria analítica, cuja densidade conceitual tem sido fundamental não apenas para uma nova/outra prática de produzir ciência, mas, sobretudo para as transformações das

⁹⁴ Betty Naomi Goldstein, autora do livro *Mística Feminina*, o livro que se tornou *best seller* nos Estados Unidos, mesmo tendo sido rejeitado, no começo, pela imprensa, discutia a crise de identidade feminina, analisando detalhadamente a construção da imagem da mulher como dona-de-casa perfeita, mãe e esposa que acabou se tornando um dos principais desencadeadores da chamada “segunda onda feminista” que se disseminou por vários países do Ocidente.

estruturas sociais” (2008, p. 211), que era o que se desejava então, e mesmo que destoasse, naquele primeiro momento, a elaboração do conceito foi fundamental para a luta feminista pelo fato de que todas elas estavam envolvidas no mesmo processo de emancipação e igualdade no âmbito público.

Como consequência do processo de modernização que o país estava vivendo e da ação das mulheres em prol de sua agenda, novas oportunidades foram surgindo para elas no mercado de trabalho, no campo educacional e em muitos outros espaços, acrescentando-se a isso o uso dos métodos anticoncepcionais, que oferecia a opção de escolha de ter ou não filhos. Todos esses foram fatores, ainda que de forma excludente, pois há que se considerar as diferenças de classe, raça/etnia, geração, que conferiram maior liberdade às mulheres. E grande parte dessas conquistas foi mérito do(s) movimento(s) feminista(s) que nunca tinha(m) sido bem visto(s) nem pela sociedade, nem pela mídia, pois, “para a esquerda, era reformismo burguês, e para muitos homens e mulheres, independentemente de sua ideologia, feminismo tinha uma conotação antifeminina” (SARTI, 2004, p. 40).

Foi através de muitas lutas e obstáculos que as mulheres seguiram em frente, em busca de seus direitos e de sua cidadania, o que fica claramente perceptível nas revistas editadas nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, e não somente nos jornais feministas, mas nas principais revistas do país, a exemplo da revista *Realidade*, de janeiro de 1967, que foi recolhida das bancas pela censura da ditadura militar e reimpressa em maio de 2010 com o mesmo teor.

Aquela edição especial da revista, cuja capa exibia como título, “A mulher brasileira, hoje”, trazia reportagens sobre as mulheres, que tratavam do seu crescimento no trabalho, em áreas como literatura, televisão, cinema e teatro, além de uma reportagem bastante detalhada que mostrava como as mulheres estavam pensando as diversas questões polêmicas, tabus naquela época, como sexo, métodos contraceptivos, virgindade, aborto, homossexualidade, desquite, divórcio, prostituição, casamento e parto que mostrava que boa parte das mulheres se mostravam conscientes em relação à desigualdade entre homens e mulheres e partiam em busca da igualdade de direitos e de sua cidadania, procurando emprego, qualificando-se, reduzindo o número de filhos ou divorciando-se.

A revista *Veja*, de 12 de outubro de 1977⁹⁵, traz como reportagem de capa o título “Mulher e trabalho”, em um momento em que a quantidade de mulheres que trabalhavam fora de casa chegava a doze milhões contra vinte e cinco milhões de homens. Esse número de mulheres presente no mercado de trabalho acabou forçando as autoridades a elaborarem uma nova legislação sobre o trabalho das mulheres, em que garantiam que trabalhadores da mesma idade, homens e mulheres, mereciam o mesmo tratamento. A revista fala ainda, não somente sobre as mulheres que trabalhavam nas cidades, mas também daquelas que trabalhavam no campo, nas diversas regiões do país, onde muitas delas eram responsáveis pelo sustento de toda a família, inclusive dos homens, como está estampada na reportagem:

[...] na região do babaçu, nos sertões do Maranhão e do Piauí, milhares de ‘quebradeiras de coco’ se dedicam a uma atividade que, embora à margem dos direitos trabalhistas, garante a sua sobrevivência e também a dos homens – ali praticamente não há como ocupar a mão-de-obra masculina. (*Veja*, 1977, p. 87).

Certamente esse é apenas mais um exemplo de inúmeros casos que se espalhavam pelo país. Percebo que havia uma tendência em valorizar e reconhecer as atividades das mulheres onde quer que elas atuassem, não só nas reportagens, mas também no reconhecimento das autoridades.

A revista *Cadernos do Terceiro Mundo*, de julho de 1985, traz como reportagem de capa “1975-1985, A década da mulher”, e fala sobre a participação das mulheres em diferentes níveis do espaço público em todo o mundo, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, mostrando também a importância do Ano Internacional da Mulher, 1975, e do plano de ação elaborado na Conferência Internacional realizada na Cidade do México, que aconteceu também em 1975, que visava melhorar a condição das mulheres. Mas o que consideramos mais importante nessas conferências foi a percepção de que, apesar do reconhecimento da situação de discriminação das mulheres em diversas partes do mundo, as formas concretas que essa assume, os níveis de exploração e os graus de marginalização das mulheres não são os mesmos em todos os casos, principalmente para as mulheres dos países subdesenvolvidos (Terceiro Mundo/países em desenvolvimento), e o

⁹⁵ *Veja* de 12 de Outubro de 1977, pag. 85.

desafio passa a ser pensar as mulheres em suas especificidades, observando, inclusive, as categorias classe, raça/etnia e geração.

Certamente essa repercussão na mídia impressa não aconteceu à toa; era o reflexo do que ocorria na prática, no cotidiano, pois as mulheres estavam ganhando o espaço público, estavam se conscientizando dos seus direitos e as reportagens indicam que havia um reconhecimento e/ou uma preocupação por parte da sociedade, pelo trabalho, pelas atividades desenvolvidas e pelos problemas que elas enfrentavam em seu cotidiano. A televisão, por sua vez, não poderia ficar indiferente e o seriado *Malu Mulher*, exibido em 1979-80 representa bem, na personagem de Malu, essa nova mulher que, ao tomar consciência de que havia apenas se doado em um casamento que não atendera a suas expectativas, pois ela havia se especializado profissionalmente e não tinha reconhecimento, decidiu se separar e começar uma vida nova.

A separação da personagem na televisão foi algo inovador, pois evidenciava a crise da família, uma das mais importantes instituições brasileiras, expondo a vida privada de Malu e Pedro Henrique, denunciando o fracasso da relação e os problemas cotidianos, o que serviu de espelho para muitas mulheres (ou casais) da vida real, por mostrar que não só as mulheres têm suas expectativas frustradas, mas também os homens, embora para as mulheres, como no caso de Malu, o peso seja maior por causa da filha e da dependência financeira.

Os produtores do seriado certamente tinham consciência do que se passava no momento, das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais por que passava o Brasil naquele contexto e procuraram representá-las através da televisão. Pode-se perceber isso nas palavras do idealizador e diretor geral do seriado, Daniel Filho, que diz:

Apesar de o produtor sempre colocar um pouco de sua vivência no que está fazendo, ficar antenado é fundamental. Por exemplo, o tema da mulher separada, usado em *Malu Mulher*, foi um dado pessoal: eu tinha me separado pela segunda vez e achava que seria interessante levar à televisão a questão da relação conjugal: quem é culpado numa separação, a experiência de ser divorciado. Sem falar que, no final dos anos 70, a emancipação feminina estava a todo vapor.

Existe sempre um conceito, um *high concept*, que estrutura a história. No caso, a emancipação feminina, o despreparo da personagem para isso, a pílula, a interrupção dos estudos; ela é uma

peessoa inteligente, mas ainda educada para ser dona de casa. (FILHO, 2001, p. 91).

Embora Daniel Filho não faça referência ao movimento feminista nessa citação, deixa claro que a emancipação das mulheres foi um dos fatores relevantes que levaram à produção do seriado. Além do mais, as abordagens dos temas parecem dialogar com as questões do feminismo, como é o caso do episódio “Ainda não é hora”⁹⁶, que fala sobre o aborto, no qual o discurso de Malu denuncia a hipocrisia da sociedade diante da situação, e sua atitude é favorável à legalização. Como afirma H. B. de Almeida (2007, p. 9), neste episódio, Malu assume uma postura que pode ser classificada como feminista.

Como consequência do movimento de mulheres e do feminismo, as questões sobre as mulheres foram cada vez mais ganhando visibilidade em todos os espaços, como nos programas televisivos e em “plataformas eleitorais de governos progressistas” (SOARES, 1994, p. 18), sendo também consequência dessa luta, a ideia de incorporar as questões e reivindicações das mulheres nas políticas sociais do Estado, pois,

por iniciativa das militantes feministas nos partidos, a partir de 1982, surgiram organismos governamentais, responsáveis por coordenar a ação do Estado visando a igualdade das mulheres, e em decorrência a criação em diversos níveis (nacional, estadual e municipal) dos Conselhos dos Direitos da Mulher.⁹⁷ (SOARES, 1994, p. 19).

Em 1985, surge a primeira Delegacia Especializada da Mulher⁹⁸ e é nesse momento que se percebe que as políticas públicas começam a fazer parte do movimento feminista.

Em relação ao trabalho das mulheres, ocorreram profundas transformações, no que se refere aos padrões de comportamento e ao papel social a elas atribuído, pois o impacto do movimento feminista fez ampliar a sua atuação no

⁹⁶ Episódio 4, 1ª temporada. Roteiro: Armando Costa, Euclides Marinho, Lenita Plonczynski, Renata Pallottini / Diretor: Daniel Filho.

⁹⁷ Com a finalidade de promover, em âmbito nacional, políticas que visem eliminar a discriminação das mulheres, assegurando-lhe condições de liberdade e de igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do País.

⁹⁸ Há 25 anos, São Paulo criava a primeira Delegacia da Mulher e hoje o Brasil tem 421 mas acreditamos que ainda falta uma maior proliferação de unidades pelo país.

espaço público, criando uma nova identidade para as mulheres, que buscavam cada vez mais se qualificar e entrar no mercado de trabalho:

A expansão da escolaridade e o acesso das mulheres às universidades foram aspectos fundamentais desse amplo processo de transformação. A queda da taxa de fecundidade, uma das mais profundas transformações demográficas ocorridas no país desde o final dos anos sessenta [referindo-se ao início da década de oitenta], graças à adoção de práticas anticonceptivas, também desempenhou papel fundamental na ampliação da atividade feminina. Mulheres mais instruídas, de nível sócio-econômico mais elevado e economicamente ativas, passaram a ter menor número de filhos e, ao mesmo tempo, tornaram-se mais disponíveis para o trabalho. (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1996, p. 484).

Percebe-se que as mulheres das décadas de setenta e oitenta do século passado tinham uma meta, que era alcançar a independência e, para isso, procuraram se especializar, entrar nas universidades, diminuir o número de filhos com a finalidade de ingressar no mercado de trabalho com mais facilidade. Malu é um exemplo desse modelo de mulher, mesmo com as dificuldades do casamento, o trabalho doméstico e os cuidados com sua filha, ela, aos trinta anos de idade consegue concluir o curso de Sociologia porque a sua meta era trabalhar e se tornar independente, uma vez que, percebe-se pelo seu discurso, ela não se conformava com as desigualdades de gênero. Vale ressaltar que a presença das mulheres nas universidades não atinge as mulheres de todas as classes, mas, principalmente, as mulheres brancas e de classe média, como é representado na própria personagem Malu.

As mulheres chegaram então aos anos noventa, no Brasil, firmadas no mercado de trabalho, com carreiras até certo ponto promissoras, devido, em boa parte, à mudança ocorrida no âmbito familiar, pois elas reduziram o número de filhos ou optaram por não tê-los⁹⁹, uma vez que a maternidade agora, depois dos métodos contraceptivos é uma escolha; e muitas delas, ao privilegiarem a independência econômica, a liberação sexual e o relaxamento dos costumes, se separaram ou se

⁹⁹ A revista *Veja* de 5 de junho de 1991, traz como reportagem de capa “Menos filhos, mães no trabalho”, são entrevistas que mostram que as famílias brasileiras chegaram aos anos noventa com um número muito reduzido de filhos, com um ou dois filhos no máximo. Vários casais, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, optaram por uma família reduzida para que os dois pudessem trabalhar fora, o número de mulheres que trabalhavam fora chegava a 69%, em relação aos pais cujas mães haviam trabalhado fora, que era de 15%.

divorciaram, tornando-se chefes de famílias, outras continuaram casadas, conciliando filhos e casamento, situação que difere muito de décadas anteriores a 70, em que as mulheres não tinham acesso aos estudos e tinham um número elevado de filhos, como podemos observar no trecho a seguir citado:

Há evidências de que a mulher brasileira, qualquer que seja o estágio de ciclo vital, está aumentando a sua participação na força de trabalho. O aumento da participação feminina na força de trabalho remunerada foi cerca de 16% para 39% entre 1960 e 1990. Verifica-se também uma mudança no perfil da mulher trabalhadora em termos de estrutura etária e *status* marital. Da tradicional predominância de solteiras nas faixas etárias menores de 25 anos até os anos 70, as taxas de participação nos anos 80 mostram que são as mulheres nas idades entre 30-39 anos casadas, separadas/divorciadas e unidas consensualmente as que, respectivamente, mais incrementaram suas taxas de atividade. (GOLDANI, 1994, p. 9).

Independentemente de seu estado civil, as mulheres continuaram em busca de novas oportunidades nos espaços públicos e se empenharam em deixar o lugar tradicional, o espaço privado/doméstico, até mesmo porque era necessário, pois, com a crescente urbanização do país, a cidade demandava mais dinheiro. E mesmo que os salários não fossem e ainda não sejam justos, ainda que fizessem as mesmas atividades que os homens por salários inferiores, elas preferiam trabalhar fora.

São inúmeras as reportagens que trazem as mulheres ocupando lugar de destaque, que mostram que elas estão nas passarelas, nos palcos, votam e podem ser votadas, ocupam cargos políticos, embora sejam ainda discriminadas e precisem ouvir frases preconceituosas como a que Dorothea Werneck¹⁰⁰ ouviu do presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mário Amato, no início da década de 1990: “– A senhora é inteligente apesar de ser mulher”¹⁰¹. Quer dizer, as mulheres chegaram lá, muitas são chefes de família, ocuparam o espaço público, estão em cargos de chefia, mas existe ainda uma mentalidade patriarcal, machista e misógina. Esse discurso misógino é mais claramente perceptível nas relações cotidianas das mulheres.

¹⁰⁰ Economista mineira, secretária Nacional de economia, na equipe do ministro Marcílio Marques Moreira, em 1991.

¹⁰¹ Revista Veja, 5 de Junho de 1991. Ed. 1185.

Parece que a partir dos anos noventa, os ventos tomaram outros rumos: durante toda a década de 1990, a revista *Veja* exibiu reportagens que procuravam diferenciar as mulheres dos homens, como a de 22 de março de 1995, que trouxe uma reportagem com o título “Viva a diferença”, que falava sobre a diferença entre o cérebro masculino e o feminino, e procurava explicar porque as mulheres são mais aptas a fazer determinados tipos de trabalhos do que os homens, por que as mulheres são mais emotivas e os homens mais racionais. Apesar de a revista afirmar que não existe supremacia de um cérebro sobre o outro, acaba naturalizando, através de termos científicos, algumas funções que a sociedade considera feminina, como por exemplo, realizar determinadas tarefas domésticas.

Diante de reportagens desse tipo, a independência das mulheres parece ter começado a incomodar, causando algum rebuliço e, por isso, vai se percebendo um contra ataque a essas conquistas. É, principalmente, através da mídia que se explicitam os discursos contrários às aspirações das mulheres e do movimento feminista. As reportagens começam a falar e valorizar mais os corpos e belezas das mulheres, não se fala mais da emancipação das mulheres, pois já é certo que elas chegaram onde queriam. Segundo Susan Faludi, essa onda antifeminista começou nos Estados Unidos desde o início dos anos 80, “a torcida pseudofeminista da mídia parou de repente no começo dos anos 80 – e a imprensa começou logo a entoar um canto fúnebre. O feminismo está ‘morto’, as manchetes se encarregavam de anunciar por toda parte” (2001, p. 94).

Em 25 de fevereiro de 1998, uma reportagem da *Veja* intitulada “Os homens que se cuidem”, divulga que as mulheres estão avançando sobre os melhores cargos ou ocupando as vagas de trabalho que antes eram só para homens: “dos 228.000 postos de trabalhos gerados no país para candidatos com pelo menos o segundo grau completo, entre outubro de 1996 e setembro de 1997, mais da metade foram conquistados por trabalhadoras” (p. 46). Mas a reportagem é um tanto tendenciosa, pois tenta disseminar a ideia de que o problema com os preconceitos estão superados, quando afirma que

O Brasil é estigmatizado como país machista que afoga a mulher, impedindo o seu acesso a posições sociais importantes e pagando-lhes menos no mercado de trabalho. É uma visão antiga, enraizada no pensamento das pessoas, como uma dessas verdades que não mudam. (p. 47).

Além de não discutir o fato de as mulheres receberem salário inferior ao dos homens, não discutem que elas ocupam, na maioria, os empregos ou funções menos valorizadas, a questão do assédio sexual sofrido pelas mulheres é descartada e a reportagem tenta se desvencilhar das conquistas das mulheres, do movimento feminista, como se toda essa independência não fosse uma consequência dos movimentos, chegando a afirmar que “enquanto a discussão continua em ambientes acadêmicos ou reuniões de feministas, a mulher está destruindo silenciosamente o mito da desigualdade, sem que ninguém precise puxá-la pelo braço. Ela já sabe andar sozinha”. (p. 52).

Como afirma Margareth Rago (1995/1996, p. 1), parece que não se ouve falar mais do feminismo, que todos estão convencidos do seu desaparecimento, principalmente o dito “senso comum”¹⁰². Ela chega a questionar por que nem mesmo as mulheres são capazes de reconhecer que o que se conquistou em prol das mulheres é resultado das pressões das lutas do movimento feminista do passado.

Acreditamos que o avanço das mulheres nos espaços públicos, da conscientização da desigualdade existente entre homens e mulheres, da diminuição do número de filhos ou da opção por não tê-los, desencadeou um movimento contrário por parte da mídia que começou a tentar mostrar para as mulheres, principalmente através da televisão, qual o seu verdadeiro lugar, o que elas devem fazer para não sofrer as consequências do que está acontecendo com suas famílias, ou com os seus filhos, em situações que a mídia desenvolve através de programas televisivos como o seriado *Mulher*, por exemplo, como uma tentativa de culpá-las pelos infortúnios que por ventura venham a acontecer com as suas famílias.

O Seriado *Mulher* (1998/1999) é um exemplo claro do tipo de discurso que tenta levar as mulheres de volta ao lar, pois as representa como independentes e com carreiras bem sucedidas mas, de forma sutil, mostra os problemas causados por essa independência. Nele, as personagens principais são de duas gerações diferentes, a Dra. Martha, que tem por volta de sessenta anos, e a Dra. Cris, que tem trinta anos de idade. Se imaginarmos que a Dra. Martha represente a Malu, aquela mulher que, nos anos setenta, decidiu conquistar sua independência, não se separou, mas conseguiu conciliar a carreira com o casamento, a Dra. Cris poderia

¹⁰² O senso comum é visto como a compreensão de todas as coisas por meio do saber social, ou seja, é o saber que se adquire através de experiências vividas ou ouvidas do cotidiano. Engloba costumes, hábitos, tradições, normas, éticas e tudo aquilo que se necessita para viver.

ser filha dessa geração, da geração da Malu, que colocou a carreira como seu objetivo e hoje é uma mulher independente. A partir daí, o seriado busca apontar os problemas que ambas enfrentam em seu cotidiano, na vida privada e na amorosa, que são frutos dos caminhos escolhidos por elas.

Vimos, no capítulo anterior, como foi difícil para a Dra. Martha suportar a insistente cobrança do seu marido sobre sua ausência no casamento, inclusive em relação aos cuidados com o filho, uma queixa que perdurou por boa parte dos episódios, imprimindo a ideia de que, pelo fato de ter colocado o trabalho – embora ela seja uma ginecologista, faça partos, esse fato não conta – como primeiro plano, em sua vida, não teve tempo para cuidar de sua própria saúde, precisou passar por um câncer de mama e, como se isso não bastasse, sofreu a trágica morte de seu único filho, Carlos, que morreu em um acidente de carro, gerando um tal sentimento de culpa que ela não suportou mais viver ao lado de Otávio, que tantas vezes havia afirmado que, pelo excesso de trabalho, ela havia sido ausente na vida do filho. Por último, sofre um infarto e, novamente, volta a afirmar que tudo o que lhe aconteceu foi por causa da vida que ela levou, como se ela fizesse uma retrospectiva de sua vida e se conformasse de que ela estava colhendo o que plantou. Percebe-se, então, que o seriado imprime uma ideia de que as consequências podem ser muito desastrosas para as mulheres que procuram seguir o mesmo caminho da Dra. Martha.

Do outro lado, temos a Dra. Cris, uma jovem de trinta anos, com uma sólida carreira em Medicina, com Mestrado feito em Barcelona, o braço direito da Dra. Martha, na Clínica Machado de Alencar, que busca o lado afetivo, está sempre à procura de um namorado, uma vez que os seus relacionamentos nunca dão certo; e Shirley, a advogada com quem a Dra. Cris divide o apartamento, que sofre do mesmo mal, da “falta de homens”¹⁰³, além das preocupações de ambas em tentar manter um corpo perfeito e desejável.

Parece-nos que as preocupações, no contexto da década de 1990, são outras, pois a mídia tenta mostrar que as mulheres conseguiram todas as metas, já atingiram sua independência sexual e econômica e, embora não mencione a

¹⁰³ Segundo Susan Faludi, foi a própria mídia “que cunhou os termos que todo mundo passou a usar: ‘falta de homens’, ‘relógio biológico’ (que se refere a hora em que as mulheres acham que devem ser mães), ‘corrida para ser mãe’ e ‘pós-feminismo’”. (2001, p. 95).

“corrida” pelo ou a falta do lado afetivo, explicitamente, isso é evidenciado pelo desenrolar da trama, em cada episódio. Para evitar que a Dra. Cris passe pelos mesmos problemas que enfrentou, a Dra. Martha aconselha que a jovem médica não espere muito para ter um filho e que faça tudo diferente do que ela fez, ou seja, não colocar o trabalho em primeiro plano em sua vida, sinalizando ter feito a escolha errada.

O seriado insinua que as mulheres devem pensar duas vezes, se conseguirão ou não conciliar a carreira com o casamento, passando a ideia de que elas podem escolher os dois, mas vai viver a vida inteira sendo cobrada pelos filhos e pelo marido, principalmente perseguida pela culpa que sente por não conseguir cumprir todas as obrigações que lhe impõe a nossa sociedade ainda baseada nos modelos patriarcais. Acredito que tudo isso faça parte de um movimento contrário às conquistas das mulheres e do movimento feminista que começou na mídia, nos Estados Unidos dos anos oitenta, mas, aqui no Brasil foi mais nitidamente perceptível pelas reportagens de programas televisivos a partir dos anos noventa. Observe o que diz S. Faludi sobre esse movimento nos Estados Unidos:

A verdade é que os anos 80 presenciaram um poderoso contra-ataque aos direitos da mulher, levando a um retrocesso, a uma tentativa de reduzir o punhado de pequenas e sofridas vitórias que o movimento feminista a custo conseguiu. Este refluxo antifeminista, ou *backlash*, é extremamente insidioso: travestido de versão popular da Grande Mentira, enfeita-se pomposamente com um halo de verdade e proclama que as mesmas iniciativas que levaram a mulher a uma posição superior foram responsáveis pela sua ruína. (2001, p. 17).

Esse *backlash*, esse retorno ao antigo que busca levar as mulheres de voltar ao lar, é bastante visível no seriado *Mulher*, pois os discursos parecem ser contrários às aspirações feministas, uma vez que não se discute questões que são mencionadas no seriado, como aborto, menopausa, solteirice, entre outras, ficando essas questões mal resolvidas e, ainda, as mulheres são colocadas como seres passivos, que não questionam as desigualdades de gênero, percebendo-se uma forte tendência à banalização das situações que ficam explícitas no desdobramento das tramas que insistem em “reacender ideais de domesticidade há muito tempo desestimulados” (COSTA, 2004, p. 24).

No seriado do final dos anos noventa, se percebe nitidamente a influência da cultura norte-americana, uma vez que “ao tematizar o binômio saúde e a

medicina, *Mulher* repete a fórmula americana dos seriados de sucesso, a exemplo de *Emergency-room doctors*, *Chicago Hope* e *Plantão Médico*” (RUBIM, 2002, p. 2). Não à toa, os seus produtores foram auxiliados por Lynn Mamet, uma roteirista de Hollywood que foi convidada pela Rede Globo, especialmente, para auxiliar nessa produção, o que pode ter sido um dos motivos do fato de, a partir da década de noventa, presenciarmos, com mais intensidade, produções televisivas com esse teor, ou seja, com dinâmica semelhante à dos seriados norte-americanos.

O seriado *Mulher*, em sua forma de abordar as questões que envolvem o cotidiano das mulheres e de representá-las é bastante tendencioso, apesar de que Daniel Filho afirme que esse seriado seria uma revisão do *Malu Mulher* (FILHO, 2007, p. 93), ou que, como afirma Márcia Coelho Flausino (2001, p. 2)¹⁰⁴, o seriado *Mulher* tenha sido “anunciado como uma espécie de continuação de um produto anterior da mesma emissora: *Malu Mulher*”. Entendendo revisão¹⁰⁵ como uma nova leitura, talvez aquelas questões que, em 1970, mereceram determinado tratamento em *Malu Mulher*, já que este último parece mais comprometido com a busca pela cidadania das mulheres, tenham sido trabalhados em outra clave, já não tão comprometida com as questões das mulheres, que, agora, já se encontram emancipadas, porém com outras demandas. Se é uma continuação, *Mulher* deveria ser abordado de uma forma que continuasse a discussão das questões sociais e dos direitos das mulheres, e não transformando-as em problemas de saúde pública, um enfoque também importante, mas não suficiente, ou transformando a vida das mulheres independentes em um completo caos pessoal e afetivo.

Como afirma Daniel Filho, o seriado *Malu Mulher* foi escrito quando “a emancipação feminina estava a todo vapor” (FILHO, 2001, p. 91), e nele, de fato se percebe a influência dessa emancipação e das ideias feministas; já no caso de *Mulher* não foi diferente, o produtor não o criou de forma aleatória, mas adiantou um pouco a realidade brasileira, pois, boa parte da geração jovem do fim dos anos noventa não reconhece os feitos do feminismo. Impera para essa geração a ideia de que o feminismo acabou e que não há mais nada a se conquistar. Certamente, isso foi desencadeado (esse movimento contrário), pela própria mídia, em fins dos anos

¹⁰⁴ Em um artigo apresentado na Intercom, INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001

¹⁰⁵ Dicionário Aurélio: s.f. Ato ou efeito de rever ou revisar; nova leitura, novo exame: revisão de provas.

setenta e início dos anos oitenta nos Estados Unidos que influenciou outros países, dentre os quais o Brasil.

A televisão, assim, através dos seus programas, utiliza mecanismos para reforçar e estabelecer relações de dominação que outrora se tentou desconstruir, influenciando as gerações jovens em seus determinados contextos históricos e culturais, e vai organizar o futuro de acordo com as necessidades que são convenientes a um determinado grupo, a classe dominante, enquanto o passado fica consagrado apenas em memória, fica esquecido como se já fosse algo superado e que não mais necessitasse de atenção.

Aqui no Brasil foram e ainda são inúmeras as tentativas da mídia de dizer que o feminismo acabou. A autora Simone Pereira Schmidt, afirma, “como alguém que viveu do lado de dentro, o feminismo das últimas décadas” (2000, p. 78), que, no início dos anos noventa ela identificou um clima de guerra contra o feminismo, aqui no Brasil, e para comprovar sua hipótese faz a análise das reportagens a respeito do que se escrevia sobre as mulheres entre os anos 1970 e 1990, nos dois suplementos (cadernos) culturais da Folha de São Paulo, observando que, a partir dos anos 1990, parece que se está vivendo em um outro país, pois, as reportagens são incisivas em afirmar que o feminismo acabou, além de o relacionarem a questões que o desvinculam do seu sentido político. Observe o que ela diz:

Na virada dos anos 90, contudo, essa mesma mídia cultural que esteve ao lado da articulação mulheres/feminista, escolhe como sujeitos do discurso sobre o que consideram um ‘novo feminismo’ figuras como Camille Paglia, e, em termos nacionais, apagando a memória do movimento feminista, exclui tanto as feministas ditas históricas, que deram sua contribuição decisiva aos cadernos dedicados ao tema ‘mulher’ da década de 70, quanto as feministas da academia, com suas contribuições cada vez mais numerosas, e escolhe como vozes autorizadas, para definir os novos sujeitos de um feminismo ‘que abriu as pernas’, *alguns* jornalistas sem nenhuma vinculação com o tema.¹⁰⁶ (SCHMIDT, 2000, p. 83-84, grifos meus).

¹⁰⁶ Camille Paglia tornou-se célebre para o público mundial em 1990 ao publicar o primeiro livro *Sexual Personae: Art and Decadence from Nefertiti to Emily Dickinson*. O sucesso com este livro possibilitou a autoria de outros títulos sobre cultura popular e feminismo. Exibindo enorme erudição, gerou muita polêmica ao desafiar o que ela própria denominou de "elite liberal", incluindo acadêmicos, grupos feministas tais como as *National Organization for Women* (NOW), and AIDS activists ACT UP. É considerada uma das principais críticas do feminismo. (www.google.com.br Acesso em: 10/11/22/010). Segundo Heliana Orneto Nardin em “Natureza, cultura e identidade em Beauvoir e em Paglia”, Paglia entende a origem das realizações culturais do homem como resultando diretamente da sua singular anatomia. A autora entende que nossas

Segundo S. P. Schmidt (2000, p. 81), Camille Paglia, “foi vendida (na década de 90) fortemente como uma acadêmica arrojada, uma ‘neofeminista’ que tinha tudo a ensinar em seu combate ao feminismo ‘fundamentalista e rançoso’ e a partir daí os articulistas e os editores passaram a analisar o feminismo de acordo com sua visão. Certamente, visões de mercado estavam em jogo e as demandas e as críticas do feminismo não interessavam à classe dominante e aos anunciantes, conseqüentemente, as feministas vão ser comentadas por vozes que procuram manchar sua imagem, que, na maioria das vezes, são vozes de homens, mas há, também, mulheres.

Percebe-se ainda que a partir dos anos 1990, a mídia começou a mostrar que as mulheres estavam se preocupando com o corpo, a juventude, a sexualidade e a beleza, pois, começaram a ser mais “valorizados” os “corpos sarados”, relacionando diretamente saúde com a beleza física, tempo em que entra em cena a indústria da beleza. Como afirma Faludi, “a indústria da beleza promoveu um ‘retorno à feminilidade’ como se ele fosse um renascimento da natureza da mulher – o florescimento de todas as qualidades inerentes ao sexo feminino que as feministas dos anos 70 teriam suprimido” (2000, p. 209).

Tornaram-se cada vez mais comuns reportagens que traziam as preocupações das mulheres com o corpo, a insatisfação com a auto-imagem, em uma tentativa de direcionar as preocupações que envolviam o cotidiano das mulheres para questões que não estivessem ligadas a questões políticas, aos direitos das mulheres. E, assim como nos anos setenta, as feministas continuaram sendo vistas como “machonas, feias e mal-amadas” (RAGO, 1995/96, p. 11). Do que se trata aqui? Seria um “pós-feminismo”¹⁰⁷, a terceira onda feminista, na qual todas

vidas como seres físicos dão origem a metáforas básicas de apreensão, que variam entre os sexos, sendo que nesse terreno, não pode haver igualdade (2000: 71).

¹⁰⁷ De acordo com o conceito retirado do Dicionário da Crítica Feminista: “PÓS-FEMINISMO – é um conceito que apresenta variantes na sua definição. Segundo algumas correntes do feminismo, o pós-feminismo encontra-se próximo do discurso do pós-modernismo, na medida em que ambos têm por objectivo desconstruir/desestabilizar o género enquanto categoria fixa e imutável. A génese deste movimento situar-se-á nos finais dos anos 60, em França, entre as teóricas da “diferença” (Julia Kristeva e Hélène Cixous, entre outras), que, tendo por base a teoria psicanalítica, defenderam que a subjectividade masculina e feminina são intrinsecamente distintas, sendo que a natureza do conceito de subjectividade é múltipla e instável (Gamble, 2000: 298). Outras correntes do feminismo, porém, afirmam que esta aproximação do pós-feminismo ao pós-modernismo é problemática. Em vez disso, o pós-feminismo é visto como incorporando um feminismo de ‘Terceira vaga’, que se identificaria mais com uma agenda liberal e individualista do que com objectivos colectivos e políticos, considerando que as principais reivindicações

as questões do feminismo estariam resolvidas e não existiria mais a necessidade de busca pelos direitos das mulheres?

Não concordamos com o uso do termo pós-feminismo porque entendemos que sugere a ideia de que o feminismo acabou e acreditamos que essas mulheres, como Sarah Gamble e Camille Paglia, que são consideradas pela mídia como “neofeministas”, privilegiam outras questões que não estão de acordo com as idéias feministas de um movimento comprometido com as mudanças sociais, em lutar pela cidadania das mulheres. As “neofeministas” parecem estar mais preocupadas com o corpo, o uso da sexualidade e excessivamente com a beleza, assim como com a questão que envolve a maternidade, por exemplo, naturalizando essas questões, disseminando a ideia de que o poder das mulheres sobre os homens provém da beleza que elas possuem, além de afirmar que as reivindicações do movimento feminista não atendem mais aos anseios das mulheres. A mídia é uma das principais reprodutoras desse tipo de discurso que visa a difusão de padrões tradicionais de feminilidade. Cremos que isso ocorra porque, além da independência das mulheres estar, de alguma forma, incomodando, é interessante para os anunciantes que as mulheres se preocupem com o seu corpo para venderem melhor seus produtos.

Existem programas como o “Esquadrão da moda” (*What Not to Wear*), por exemplo, exibido pelo canal fechado *Discovery Home and Health* e pelo canal aberto brasileiro SBT que chegam ao ponto de dizer que as mulheres se tornam mais

de igualdade entre os sexos foram já satisfeitas e que o feminismo deixou de representar adequadamente as preocupações e anseios das mulheres de hoje. Esta visão de um feminismo em versão ‘pós’, isto é, conservadora e acomodada, tem por sua vez sido identificada com o chamado backlash ideológico do feminismo (a que chamaremos contra-feminismo) e defendido por mulheres como Camille Paglia (1990) ou Christina Hoff Sommers (1994). O termo pós-feminista tem, contudo sido ainda reivindicado numa outra acepção, não complacente com as falácias apressadas do ‘contra-feminismo’ e o seu descartar de muitas das questões fundamentais com que as mulheres se continuam a confrontar diariamente, a nível do público e do privado. Esta corrente, focando privilegiadamente a representação e os media, a produção e a leitura de textos culturais, mostra-se empenhada, por um lado, no reafirmar das batalhas já ganhas pelas mulheres, e por outro, na reinvenção do feminismo enquanto tal, e na necessidade de o fortalecer, exigindo que as mulheres se tornem de novo mais reivindicativas e mais empenhadas nas suas lutas em várias frentes, tal como afirmam, entre outras, Germaine Greer (1999), Teresa de Lauretis, Griselda Pollock, Susan Bordo, Elizabeth Grosz, Judith Butler, Donna Haraway. O conceito de pós-feminismo poderá assim traduzir a existência hoje de uma multiplicidade de feminismos, ou de um feminismo ‘plural’, que reconhece o factor da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre outro, sem contudo pretender fazer tabula rasa das batalhas ganhas, nem reificar ou ‘fetichizar’ o próprio conceito de diferença”. (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 153-154).

poderosas e confiantes se vestidas adequadamente nos padrões da moda. Portanto, o “pós-feminismo” como o senso comum entendeu ou quis entender, aparece com características antagônicas ao movimento feminista, misturando o conservadorismo patriarcal com a liberdade conquistada pelo feminismo, passando uma falsa ideia de liberdade, pois as mulheres pós-feministas trabalham, são independentes e donas de si, mas dependem de padrões de beleza, de consumo e da aprovação do sexo oposto. Parece-me que “os avanços da mulher devem ser apenas decorativos, já que sua saída para a felicidade – e igualdade – está sempre dependente do homem” (MESSA, 2006, p. 12).

Essas questões são visivelmente pontuadas no seriado *Mulher*, aquela mulher independente, dona de si, o lhe que atribuía uma ideia (falsa) de liberdade, pois, era cobrada a todo o momento, pelo marido, quando casada, e pela sociedade, quando solteira, pois as jovens Dra. Cris e a advogada Shirley estavam a todo momento preocupadas com homens, em arranjar casamento, fazer dieta para atingir um corpo perfeito e nunca estavam satisfeitas com seus corpos e pareciam ter a certeza de que a receita completa da felicidade era, além de serem ótimas profissionais, o casamento e a maternidade. E, para isso, os produtores trataram de colocar um final bastante auspicioso, típico dos finais felizes das novelas produzidas pela mesma emissora, onde toda essa nova geração (de trinta anos) casa, engravida e tem seus filhos.

É interessante observar, ao compararmos os dois seriados, que, enquanto *Malu Mulher* começa com a separação do casal e a personagem principal vai, a cada dia, vivenciando novas experiências, o que a faz perceber que essa foi uma decisão bem sucedida em sua vida, o outro, *Mulher*, mostra o inverso; as mulheres, que começam livres, têm como destino o casamento e a maternidade, porque é o que elas desejam e é um dos objetivos a serem alcançados nas suas vidas. Mas, se optarem pelo casamento, que não seja como o da Dra. Martha, cheio de cobranças, e sim uma decisão consciente e deve haver também dentro da relação a igualdade de gênero, sem papéis pré-estabelecidos como o de esposa e mãe.

Entretanto, na “telinha” da TV as mulheres são cada vez mais representadas dessa forma, como o modelo ideal, patriarcal, de domesticidade e feminilidade que, ao mesmo tempo que é reflexo de uma sociedade capitalista burguesa que dita o modelo da mulher ideal, também influencia e reforça essa

construção. Percebe-se, através da análise dos dois seriados, em suas imagens, em seus discursos e na abordagem dos temas, que, ao longo dos vinte anos que os separam, o comportamento das mulheres tem sido exibido de forma a negar, a silenciar o movimento feminista em todas as conquistas das mulheres.

Também a abordagem dos temas que, outrora, na década de setenta, pareciam mais comprometidos com as questões das mulheres enquanto sujeito político, e vinte anos depois parecem tender a reforçar a ideologia patriarcal que se tentava desconstruir. Problemas como a legalização do aborto, por exemplo, parecem-nos que já se esteve bem mais próximo da solução do que atualmente. Outro aspecto observado no seriado *Mulher* foi o rumo que levaram as reivindicações do movimento feminista, que passaram de problemas de reivindicação de direito e cidadania das mulheres para problemas de saúde pública, o que está completamente desvinculado da ideia de conquistas sociais que deveriam ser um direito das mulheres e de conscientização da população.

As políticas públicas para as mulheres são imprescindíveis e uma importante conquista, mas corre-se o risco de direcionar os problemas apenas para o âmbito governamental e esquecer-se das práticas sociais discriminadoras, como afirma Leila de Andrade Linhares Barsted, sobre esse diálogo entre o movimento de mulheres e o Estado: “certamente, esse diálogo tem duas faces: de um lado, pode levar a avanços; de outro, a uma perda de radicalidade, na medida em que essas mulheres atuam no campo do possível” (1994, p. 44). Com a implantação das políticas públicas, pode parecer que as questões já estão resolvidas, correndo-se o risco de camuflar o problema, o que causa a impressão de que não mais se necessita de luta nesse sentido.

De fato, muito do que as mulheres reivindicaram, elas conseguiram, mas as conquistas ainda são modestas e as mulheres precisam continuar lutando por seus direitos, principalmente no que tange às relações de gênero dentro do casamento. De forma geral, se pensarmos na aceitação das mulheres no mercado de trabalho, ou mesmo no reconhecimento como profissional capaz de executar os mesmos trabalhos que os homens, a vitória foi magnífica, pois, desde a década de oitenta, as mulheres vêm conquistando o espaço público e mostrando o seu potencial. Em contrapartida, os discursos maldosos que escutamos nas ruas, tornaram-se ainda mais picantes na medida que fomos ganhando esses espaços, como se fosse uma maneira de tentar nos inibir ou uma tentativa (frustrada) de

mostrar que estamos ocupando um lugar que não nos pertence. Tais discursos estereotipados, que circulam principalmente no “senso comum”, são de uma grande violência simbólica e terminam por dificultar o cotidiano das mulheres, uma vez que boa parte delas não consegue lidar com essas questões, o que termina por afetar sua autoestima.

A mídia televisiva é um dos grandes veículos difusores desses estereótipos preconceituosos sobre as mulheres, principalmente quando as coloca em papéis que as reduzem como propriedades dos homens ou amainam as questões e discriminações que as envolvem. Consideramos uma violência simbólica as tramas de determinados episódios do seriado *Mulher* que, de maneira subliminar e às vezes até explícita, atribuem determinados tipos de comportamentos às mulheres, por entendermos que se a mídia televisiva atinge um público considerável, ela deveria ter como função a desconstrução das desigualdades e não disseminar e sustentar as desigualdades de gênero. Daí a intenção deste trabalho, em utilizar a análise dos discursos para perceber a ideologia que está por trás do que está sendo veiculado e quais os interesses que estão sendo atendidos, pois, certamente, não são os das mulheres.

Passamos a concordar com M. Rago (1995/96, p. 41) quando afirma que as conquistas das mulheres talvez não estejam definitivamente garantidas, no momento em que se percebe que boa parte da mídia está tão empenhada em contra-atacá-las, tentando direcioná-las em sentido contrário à sua emancipação, ou quando temas são discutidos de forma a recusar todo um histórico de luta por igualdade e direito, fazendo com que novas conquistas se tornem cada vez mais distantes, causando a impressão de que ao invés de avançar estamos retrocedendo. Ao comparar os dois seriados, os comportamentos das mulheres, os discursos, os interesses, não somente na ficção, mas também no cotidiano de boa parte das mulheres, principalmente da nova geração, de vinte cinco a trinta anos de idade (da qual faço parte), percebe-se que houve um retrocesso, visto que, para essa geração, não há motivos para lutas, pois não há mais nada a se conquistar. Eles e elas não se dão conta de que estão sendo moldados de acordo com os interesses de uma sociedade burguesa, patriarcal e capitalista.

Ainda há muito o que se conquistar, sobretudo agora que as mulheres estão a todo vapor, no mercado de trabalho, assim como, será necessário desconstruir a ideia de que somos nós que ainda temos que dar conta das tarefas

domésticas e dos cuidados com os filhos. É imprescindível trabalhar no sentido de desconstruir a ideia da dupla jornada de trabalho para as mulheres. Acreditamos que essa mudança no comportamento das pessoas, sem intenção de generalizar, decorre de que, na sociedade capitalista contemporânea, os problemas se tornaram muito privados, as pessoas se tornaram muito individualistas, não há mais a preocupação com o outro. Essas são características fundamentais da sociedade na qual vivemos que têm o poder de afastar os indivíduos na direção dos seus desejos pessoais. Mas é esse o objetivo do capitalismo, gerar pessoas individualistas, pois a política neoliberal tem o poder de desagregar os grupos comunitários. Como afirma Marcela Lagarde,

El mercado, las políticas neoliberales privatizadoras y diversas formas de opresión, sojuzgamiento y exterminio, extinguen los mundos comunitarios, desaparecen vastas zonas de redes sociales y desagregan a los sujetos. (1997, p. 51).

E o feminismo, assim como outros movimentos sociais está no meio desse fogo cruzado. Mas, o mais significativo de tudo isso é que o feminismo não acabou, ele sobreviveu e cresceu nas universidades, embora com algumas dificuldades, aumentou também o número de ONGs feministas e, assim como nos anos setenta, durante todo os anos noventa as conferências internacionais continuaram acontecendo, inclusive a partir daí incluindo as discussões de gênero, como ressalta M. Rago:

A ONU se abre para as questões do gênero através das Conferências Internacionais, no que diz respeito à questão dos direitos reprodutivos, como se observa na Eco-92, realizada no Rio de Janeiro; na questão da violência, como se vê na Conferência de Copenhague, realizada em 1994; na Conferência do Cairo, em 1994, que coloca pela primeira vez a questão do direito da mulher na escolha da maternidade e do número de filhos; e na de Beijing, em 1996, que incorpora a formulação de políticas que eliminem a penalização das mulheres que recorrem ao aborto. (1995/96, p. 43).

Mas isso tudo é veiculado de maneira muito sutil pela mídia brasileira, que dá pouca importância ao assunto, sendo apenas discutido nos seminários e simpósios das universidades públicas, em trabalhos como este, nas redes feministas e nas revistas feministas, que são importantes espaços de discussão e de desconstrução de uma ideologia dominante e patriarcal. Se não fossem tais espaços

ficaríamos à mercê de reportagens e programas discriminadores o que faz com que a sociedade volte a antigos valores e se torne ainda mais conservadora.

Há muito que se ter cuidado e que lutar, pois ainda estamos mergulhadas em uma sociedade de hierarquias na qual todos, teoricamente, têm direitos iguais; homens e mulheres, mas as assimetrias de classe, gênero e etnia permanecem como se todos tivessem as mesmas condições objetivas e subjetivas e não sendo consideradas as atribuições aos feitos masculinos em detrimento das desvalorizações dos feitos femininos que incidem diretamente nos baixos salários que as mulheres recebem mesmo que ocupem os mesmos cargos que os homens. Devemos lembrar ainda da desvalorização do trabalho doméstico das mulheres e da valorização do trabalho dos homens.

Portanto, a partir dessa análise é perceptível que a televisão, não só a brasileira, mas, principalmente a norte-americana, de cuja cultura somos consumidores, vêm no caso do Brasil, no início dos anos noventa, exhibir um modelo de mulher que tende a retroceder, abrindo mão da liberdade que há muito custo foi conseguida, tentando imprimir a ideia de que a vida das mulheres livres e independente se torna um caos. Segundo Ivia Alves¹⁰⁸, “esses modelos, quase sempre, passam a interferir no comportamento, conduta, hábitos e até mesmo na maneira de perceber a realidade pela audiência, independente de sua raça, de sua classe e de sua geração” (2005, p. 1).

¹⁰⁸ Parte do projeto “Mulheres em série”. Título do projeto: Imagens e representações... fragmentadas (a representação das mulheres através das imagens e discursos da televisão).

CONFIRMANDO A MINHA HIPÓTESE...

É claramente perceptível o crescimento e a autonomia das mulheres em nossa sociedade, vez que elas podem alcançar as profissões de prestígios, são vistas em capas de revistas, em jornais e na televisão, a exemplo dos seriados analisados. Entretanto, as mulheres não conseguiram toda essa independência sozinhas, o movimento feminista e suas reivindicações em prol dos direitos e da emancipação das mulheres foi responsável, em grande instância, por dar apoio e visibilidade às mulheres, como afirma M. Rago, “em todos os espaços da vida social, política e cultural, nas cidades e no campo, e inclusive no âmbito acadêmico” (1995, p. 17).

Foram as indagações das mulheres ao longo do tempo, principalmente das feministas, através de uma visão política crítica, que levaram as mulheres a se emanciparem e se tornarem independentes. O pensamento feminista negou todo o conservadorismo e a misoginia de discursos científicos produzidos em séculos passados e propôs uma nova maneira de observar a história, desta vez sob o olhar das mulheres, destacando e valorizando todos os seus feitos, que haviam sido postos de lado por uma visão androcêntrica, metropolitana e colonialista. Certamente, é por essa visão crítica que as feministas são tão criticadas por determinados setores da sociedade, por algumas mulheres e, principalmente, pela mídia, quando deveria ocorrer o contrário, “afinal, em última instância, o feminismo tem como objetivo a conquista de uma sociedade menos desigual, promovendo a equidade entre os gêneros” (SOIHET, 2008, p. 191).

A impressão hoje, diz M. Rago (1995, p. 11), é de que ouvimos falar cada vez menos do feminismo e de que se está convencido, principalmente o “senso comum”, do seu desaparecimento. Basta ver as duas séries, para comprovar esse fato. Acreditamos que não são só as reações masculinas às reivindicações feministas que causam a rejeição do feminismo pelas mulheres, mas, também a mídia desempenha um papel fundamental na disseminação de idéias que

desfavorecem o movimento, quando coloca mulheres em papel de submissão, como se isso fosse algo natural, ou constroi discursos que negam as ideias que convergem com o movimento feminista.

Como educadora, vejo nos discursos e ações machistas dos alunos adolescentes o reflexo desse quadro e tendo a sala de aula como lugar de inserção política, tento desconstruir os estereótipos e fazê-los entender que tudo é uma construção cultural, buscando mostrar aos jovens como estamos submetidos, como somos moldados por essa cultura e como a mídia é tão incisiva na colaboração com esse processo.

Outro fato importante que acabou comprovando a hipótese de que os comportamentos das mulheres são afetados pelas representações e discursos da mídia foram os grupos focais realizados com o objetivo de perceber como se dava a recepção (atual) dos seriados aqui trabalhados, em cujos discursos das participantes, em particular, das mais jovens, percebe-se a reprodução de comportamentos que tendem ao *backlash*, ou seja, à volta das mulheres ao espaço privado do lar, a aprovação de “*Mulher*”.

Foram realizados três encontros com dois grupos diferentes, dois com mulheres entre vinte e cinco e trinta e cinco anos (Grupo 1), e mais um com mulheres entre quarenta e cinco e cinqüenta e cinco anos (Grupo 2). O primeiro grupo teve mais participantes, quatro mulheres. No segundo, pelo fato de as mulheres serem muito ocupadas e por estarem envolvidas em muitas atividades, somente duas compareceram ao encontro. O Grupo 1 assistiu e discutiu¹⁰⁹ três episódios do seriado *Mulher* (“Maternidade”, “Grávidas” e “Mães de família”, continuação do episódio anterior) e cada uma das participantes assistiu em casa a um episódio do *Malu Mulher* (“A hora da verdade”) das quais somente três enviaram por e-mail suas impressões sobre o tema tratado e a história desenvolvida, baseadas em orientações dadas por mim. O segundo grupo assistiu e discutiu em grupo ao episódio piloto de *Malu Mulher* (“Acabou-se o que era doce”) e cada uma delas assistiu e enviou por e-mail, com base nas mesmas orientações¹¹⁰, suas impressões sobre o episódio do *Malu Mulher* (“A hora da verdade”), episódio que o

¹⁰⁹ Todos os grupos tiveram as discussões moderadas por mim e somente o encontro com o Grupo 2 não ocorreu em minha residência, mas na residência de uma das participantes.

¹¹⁰ Foi sugerido que as participantes observassem o desenvolvimento da trama, as ações e comportamentos das personagens envolvidas e seus discursos e depois elas poderiam expor suas opiniões sobre as ações e discursos das personagens.

Grupo 1 também assistiu, pois, assim, além de analisar os discursos, foi também possível cruzá-los. Os grupos podem ser caracterizados da seguinte forma:

NOME	IDADE	ETNIA	INSTRUÇÃO/PROFISSÃO	CLASSE	RELIGIÃO	SITUAÇÃO CIVIL/ Nº DE FILHOS
P	32	Branca	Universitária/Analista Sistemas (Carga Horária: 20 hs)	Média	Católica (não praticante)	Casada/ 1 filho
R(1)	32	Mestiça	Universitária/Fisioterapeuta (Carga Horária: 40 hs)	Média	Católica (não praticante)	Casada/ Sem filhos
R(2)	35	Mestiça	Universitária/Assistente Social (Carga Horária: 30 hs)	Média	Católica (não praticante)	Casada/ 1 filho
E	34	Mestiça	Universitária/Professora de Língua Portuguesa (Carga Horária: 40 hs)	Média	Católica praticante	Casada/ Sem filhos

Quadro 1 – Grupo Focal 1: Caracterização das participantes

NOME	IDADE	ETNIA	INSTRUÇÃO/PROFISSÃO	CLASSE	RELIGIÃO	SITUAÇÃO CIVIL/ Nº DE FILHOS
J (1)	46	Mestiça	Universitária/Professora de Língua Portuguesa (Carga Horária: 40hs)	Média	Evangélica	Casada/ 2 filhos
J P	48	Branca	Universitária/Professora de História e Museóloga (Carga Horária: 60 hs)	Média	Católica (não praticante)	Casada/ 2 filhos

Quadro 2 – Grupo Focal 2: Caracterização das participantes

Primeiro Encontro: Grupo 1

Dia: 8 de abril de 2010, às 20:00 horas

Local: residência da mediadora

Seriado: Mulher

Episódio: “Maternidade”¹¹¹

Foi sugerido (por mim) que elas assistissem e anotassem o que quisessem, mas que observassem as personagens, as ações, as decisões, os comportamentos e os discursos. Eu só iria intervir se percebesse que a discussão estava mudando de foco.

¹¹¹ Episódio 4 do terceiro disco do seriado *Mulher* com roteiro de Antônio Calmon e Geraldo Carneiro e direção de Cininha de Paula.

O episódio “Maternidade” apresenta três tramas interessantes e em todas pode-se observar o papel que é desempenhado pela mãe:

a) uma mulher que já possui dois filhos, engravidou sem planejar e deseja ter o terceiro filho, incondicionalmente, mesmo com as péssimas condições financeiras do casal;

b) uma mulher que abandona a filha por não suportar mais a vida infeliz que levava junto ao marido; e

c) uma mulher que, após anos de separação, resolve deixar o filho ir morar com o pai, para tentar refazer a vida.

Discussão:

Não surpreendeu, pelo contrário, comprovou o que eu esperava que acontecesse, pois, nos discursos das participantes eu pude perceber como o comportamento das mulheres se modificou desde o final dos anos oitenta, passando de *questionador e ousado para conservador e passivo*.

Eu acredito que a mídia tem um papel fundamental no processo de veiculação dessas idéias pelo poder que exerce sobre as pessoas. Nas falas das participantes, percebi o quanto elas têm certeza do papel que cabe às mulheres, pois, em seus discursos, percebe-se, claramente, a naturalização do papel das mulheres, o que elas aceitam de forma absolutamente passiva e como se fosse algo imutável.

Vejamos o que foi dito sobre a trama do um casal em que a mulher engravidou sem planejar, mas estava muito feliz, enquanto o marido rejeitava a gravidez da esposa por estarem passando por dificuldades financeiras.

R(1) – *Porque... na verdade, nós mulheres pensamos mais com o coração.*

P – *Mulher se preocupa mais com a questão do carinho, da atenção, do cuidar... E os homens não, os pais, eles estão preocupados em: como que eu vou conseguir dar tudo que minha família precisa?...*

R(1) – *Desde que o mundo é mundo as coisas acontecem assim...*

P – *A gente sabe que funciona assim na sociedade, ambos deveriam se preocupar com a educação dos filhos em todos os sentidos, na questão do dar carinho, do dar atenção..., mas geralmente o homem pensa dessa forma...e a*

sociedade em que a gente vive fica mais voltada pr'a esse lado. A mulher é a que vai cuidar dos filhos, que vai ficar em casa, cuidar da casa e o marido é que vai pr'a rua, pr'o trabalho, que vai prover tudo dentro de casa.

O que se percebe é que existe um conformismo muito grande, elas têm noção de que ambos deveriam se ocupar nos cuidados com os filhos, mas aceitam o contrário, porque, como afirma uma delas, “desde que o mundo é mundo as coisas acontecem assim”. Parece que não há o desejo de mudança, ou que elas não têm conhecimento ou ignoram que o movimento feminista luta justamente pelos direitos das mulheres nesse sentido. Talvez seja pela forte convicção de que devem exercer o papel de mãe que percebi nas falas da maioria delas.

No episódio “Grávidas”¹¹², por exemplo, que discutia o caso de uma mãe que batia em um bebezinho de seis meses, notei como ficaram perplexas diante do fato de uma mãe estar batendo daquela forma no próprio filho, como se isso não fosse admitido para o papel que a mãe deve exercer. Elas até reconhecem que a mãe fica sobrecarregada, mas acham que cuidar dos filhos, dentre outras, é função da mãe. Veja o que diz uma das participantes sobre o fato da mãe espancar o filho.

P – *Olha, a verdade é que nem todo mundo nasceu pra ser mãe, a verdade é essa... Ou mãe ou dona de casa, o papel da mulher é... (olhou pra mim e mudou a fala) na verdade são vários papéis que a mulher exerce.*

Mesmo trabalhando fora, ela tem plena convicção de que o trabalho doméstico e os cuidados com os filhos são tarefas das mulheres. É claro que o episódio não desconstrói isso, pelo contrário, reforça ainda mais, pois vitimiza o pai, que nunca desconfiou do que estava acontecendo, era certamente um pai ausente, no que se refere aos cuidados com o filho, e condena a mulher sem especular quais motivos poderiam tê-la levado a agir daquela forma, assim como as participantes o fizeram, pois o foco é o filho, não a mulher.

Ainda no mesmo episódio, foi possível perceber como elas preferem tomar para si as responsabilidades com os filhos, uma vez que, segundo uma delas, e as outras acabam concordando, os maridos não tem capacidade de cuidar dos filhos como elas cuidam e que no caso de uma separação não abririam mão dos filhos. Falam isso referindo-se à trama em que depois da separação a mulher resolve deixar o filho de onze anos morar com o pai, para tentar refazer a vida.

¹¹² Episódio 3 Disco 4; Roteiro: Álvaro Ramos; Direção: Daniel Filho e Cininha de Paula.

P – *Ah ali é complicado... eu não acho que eu abriria mão do jeito que ela abriria.*

...

P – *Eu não abriria porque eu sei quem é E. [fala o nome do marido], ele não toma conta.*

R(1) – *Eu acho que ela [es]tá pensando também na melhoria de vida que o filho pode ter. [Já que vai para os EUA].*

Elas não conseguem conceber ou aceitar o fato de que o pai possa cuidar dos filhos tanto quanto as mães; é, novamente a naturalização do papel de forma tão intensa que elas procuram um motivo para a separação do casal e uma justificativa para o que está acontecendo, uma vez que, para a sociedade, o ideal é que a família permaneça junta a qualquer custo e elas não somente tendem a seguir o modelo, como especulam que a culpa pode ser da mulher.

P – *Alguma coisa ela deve ter feito que... sei lá..., dando atenção demais ao trabalho, esquecendo da família... então ela foi se afastando da família, [e] ele não, ele tava ali presente, ele era um pai presente, ela talvez fosse uma mãe ausente. Eu não assisti os outros episódios, mas eu imagino assim...*

Pura especulação, pois o episódio não fala sobre o motivo da separação, sequer dá indícios sobre o relacionamento do casal enquanto estavam juntos. Por que a culpa é da mulher e não do homem? O que as leva a pensar assim? Certamente, isso é reflexo do que a sociedade imprime, privilegiando a constituição e a manutenção da família, mesmo que isso custe o sacrifício dos planos e das expectativas das pessoas envolvidas, principalmente das mulheres que não são independentes.

As mulheres que participaram do Grupo 2 têm uma visão diferente não só do papel que lhes cabe enquanto mãe e mulher, como também em relação ao trabalho, ao casamento e à separação. Ao assistir o episódio “Acabou-se o que era doce”¹¹³, que conta a separação de Malu e Pedro Henrique, elas encaram como algo normal, discutem e uma delas acaba se identificando, por ter passado pela mesma situação. Elas, praticamente, relataram as histórias de suas vidas, desde o que as levou ao casamento, a submissão que lhes foi ensinada até a superação desses problemas, mas enxergam tudo isso como algo do passado.

¹¹³ Roteiro: Euclides Marinho - Direção: Daniel Filho

Sobre o primeiro episódio de Malu, que conta a separação, uma delas relembra:

J(1) – *Na minha época, a gente fazia tudo em casa e se programava pr'a estar esperando eles chegarem, cheirosinha, arrumadinha, porque é a esposinha né? (Falou em tom irônico) Bem tranquila aguardando o marido. O que eu pude perceber também foi essa coisa da submissão que me foi ensinada, a gente é educada pr'a casar e pr'a ficar casada a vida inteira e de repente se vê numa situação de tamanha infelicidade e você é obrigada a ficar casada porque a sociedade não aceitava, os pais também não... e... assim, uma série de conflitos tomava conta da gente.*

Ela tem plena consciência de que foi criada para ser boa esposa e boa mãe, mas ela também percebeu, assim como Malu, que a relação não a satisfazia, não era o que ela esperava e, então, era tomada por uma série de conflitos que a levava a tomar decisões que eram consideradas ousadas para a época e que não eram bem aceitas nem pela sociedade nem por suas famílias. Ela continua:

J(1) – *...Casei como se fosse uma válvula de escape, eu queria sair daquela pressão dos meus pais. Aí eu tinha um marido que era “bonzinho” (ela fez sinal de entre aspas) e quando bebia ia tudo por água abaixo. E eu sempre fui boa esposa e boa mãe e [ele] sempre foi um parceirão, mas quando eu me dei conta de que ele não era a pessoa que iria trazer segurança pr'a minha vida... eu tinha deixado de estudar por que fiquei grávida, depois engravidei pela segunda vez, na primeira gravidez eu tinha dezessete, na segunda eu tinha vinte.*

J(2) – *E já tinha essa preocupação com a segurança.*

J(1) – *Me preocupava com isso sim... e aí foi quando eu decidi voltar a estudar, R. (é o segundo filho) estava com um ano e alguns meses, eu levava ele na escola e ia pra escola também... mas fui atrás dos meus sonhos, mesmo porque eu já estava tão tolhida dos meus desejos, eu sonhava em ser delegada, em entrar na universidade, tudo isso.*

A participante afirmou que pediu a separação e foi quando seu marido ficou doente e veio a falecer, mas ela estava firme na decisão de que o que ela desejava era concluir o ensino superior e seguir em frente e, tornando-se viúva, mesmo com a dificuldade de criar dois filhos sozinha e de ter sido muito assediada em todos os espaços em que freqüentava, ela foi em busca de suas realizações

personais. A outra participante não se identificou, pois disse que o seu modelo de casamento era diferente, ambos participavam da mesma forma e sempre trabalharam fora em tempo integral, inclusive já casaram formados.

Se compararmos as discussões dos dois grupos vamos perceber que existe uma diferença imensa entre os discursos das participantes, observa-se claramente o *backlash* (a volta ao lar) nas participantes mais novas, uma vez que elas se formam e trabalham, mas o foco está voltado para a maternidade e parecem não concordar em romper com laços que parecem ser sagrados para elas, como a família, por exemplo, mesmo que suas realizações pessoais sejam suprimidas ou deixadas para um segundo plano, enquanto as mais velhas não abrem mão dessa independência e não se mostram arrependidas por terem optado por esse caminho em suas vidas.

Em relação ao aborto, a questão ficou dividida: no grupo das mais velhas, as duas participantes se posicionaram claramente: uma se posicionou contra, afirmando entender algumas culturas, fazendo um rodeio para explicar as questões que envolvem o aborto, mas não é a favor da legalização. A outra afirmou que era a favor, inclusive ela tem noção de que a mulher que opta pelo aborto está exercendo uma autonomia sobre o seu corpo e a ela cabe o poder de decisão. Ela diz:

J(1) – *Apesar de toda pressão, a personagem Jô exerce sua autonomia decidindo sobre sua vida reprodutiva e uma série de fatores que a envolve simplesmente por ser mulher.*

[...] Do ponto de vista racional sou a favor, pois Jô pertence a uma classe social baixa e provavelmente a situação com uma criança iria piorar, ocasionando sua morte social, então ficam duas questões: como a vida da mãe vai ficar? E como será a vida da criança que já veio ao mundo de forma indesejada?

No grupo das mais novas, embora as quatro participantes tivessem assistido aos episódios, só duas responderam. Uma delas expõe todos os motivos e justificativas que podem ter levado Jô a tomar essa decisão, mas parece ficar bem indecisa ao insistir que, talvez, se ela tivesse comunicado ao namorado, ele estivesse disposto a encarar junto com ela a gravidez. Ela não concebe a decisão de Jô como um direito que a mulher tem de decidir sobre o seu próprio corpo, por isso, acha que Jô não procurou o namorado porque era ela que não se sentia preparada naquele momento que, independente do que o namorado pensasse, ela já tinha feito sua escolha.

P – *Jorginho se mostrou disposto a desafiar os pais para namorar Jô, que era de uma classe social inferior à sua. Talvez estivesse também disposto a encarar uma gravidez indesejada, ao menos foi a primeira impressão que ele deixou até saber que o aborto já tinha sido feito.*

A outra participante afirma claramente a sua opinião que, mesmo que seja legalizado é difícil aceitar o aborto e considera a decisão de Jô “um tanto egoísta”.

R(1) – *A decisão da personagem Jô em fazer o aborto é um tanto egoísta. Uma garota “esclarecida”, com conhecimento, não deveria deixar chegar ao ponto de ter que fazer o aborto.*

Percebe-se que a questão da maternidade é muito intensa nas mais jovens, que elas não param para pensar nas mães enquanto mulheres, que tudo parece estar voltado para os filhos, que as questões que envolvem as mulheres, como o direito e a autonomia sobre o seu corpo, ficaram para trás, estão mais distantes de serem resolvidas. Sendo assim, não se pode comparar um seriado ao outro, porque todas as questões levantadas no tempo do feminismo, na década de 70, foram abafadas ou postas de lado e, nesses vinte anos, lentamente, em nossa sociedade, assistimos ao *backlash* a volta das mulheres ao lar para serem boas esposas e boas mães, assim como evidenciam as entrevistas.

Parece que o seriado *Malu Mulher* retratou uma realidade e influenciou positivamente, de forma decisiva, a geração que fez parte do seu contexto, assim como o seriado *Mulher*, de vinte anos depois, retratou uma realidade em que as mulheres pareciam estar satisfeitas com suas profissões, mas pareciam arrependidas por todas as suas conquistas e isso, com certeza, influenciou muito as gerações seguintes. A prova disso foram os comportamentos e discursos que se presenciou nos grupos.

Do seriado *Malu Mulher* para o seriado *Mulher* viu-se passar, de uma geração de mulheres contestadoras e inconformadas com suas situações para, no seriado *Mulher*, mulheres passivas, conservadoras e conformadas, com uma visão muito romantizada das situações, como a própria música de entrada, que é da década de 40, exprime. Creio que a televisão é uma das grandes responsáveis pela difusão desses modelos de mulheres, pois ela estabelece e sustenta as relações de dominação, uma vez que esse é um modelo conservador e machista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Será mesmo possível ser *Mulher* uma revisão de *Malu Mulher* como diz seu criador?

Será que é possível comparar os dois seriados com a mudança de costumes e ideário? Vamos tentar verificar.

Comparando os dois seriados, percebe-se que há uma grande diferença de discursos e de comportamentos entre as personagens: em *Malu Mulher* temos uma personagem que, ao diagnosticar que o casamento não está bem, que não atende às suas expectativas, opta pela separação e parte em busca de suas realizações pessoais, não se importando em romper com as regras convencionais burguesas, mesmo vivendo em uma época em que as primeiras mulheres separadas ainda não eram bem vistas pela sociedade; já no seriado *Mulher*, temos a Dra. Martha em um casamento de quarenta anos, mas cheio de cobranças por parte do marido, que nunca cansou de repetir, e isso se vê em vários episódios, suas queixas em relação à ausência dela em sua vida e na do filho, e, ainda, as representações da nova geração, nas amigas Dra. Cris e Shirley que, durante boa parte dos episódios, falam de corpo, dieta e relações afetivas. Observe o que diz G. Natanshon sobre as mulheres desse seriado:

Surgem na tela mulheres fortes, questionadoras, que têm relações conflituosas com as figuras masculinas (com o pai, com o marido), que lutam para impor suas idéias e para abrir seus caminhos na vida. É a nova identidade feminina em expansão, na qual as mulheres devem somar às velhas competências, novas capacidades. Mas sempre são sancionadas e, no caso da nossa doutora Martha, até ao exagero: a morte do filho (que lhe reclamava maior atenção), o acidente do marido (também cheio de reclamações), o câncer de mama e por último, um infarto! (2000, p. 58).

Enquanto, na década de 1970, Malu, com cerca de trinta anos de idade, descobre que sua vida pode ser diferente, que pode trabalhar e ser livre, se separa e vai em busca de suas realizações, as mulheres do seriado *Mulher* já estão mais atuantes dentro da profissão, enfrentam mais os homens, questionam suas imposições, entretanto, precisam se desdobrar para conseguir conciliar filhos, casamento e profissão e suas jornadas de trabalho triplicaram enquanto as do homem não.

Aquela Malu que, em 1999, estaria com cinquenta anos, pode ser a mulher que, pela ousadia, teve de suportar o que a Dra. Martha sofreu, que, por ter escolhido trabalhar, unindo profissão e afetivo, sofreu a morte do filho, o acidente do marido, o câncer de mama e o infarto ou esgotamento físico como uma punição. O seriado joga muito bem com essas questões, tentando passar essa visão de que talvez não tenha sido bom para as mulheres procurar o espaço público, se especializar, pois, agora, terão de sofrer as consequências. Observe o que G. Natanshon escreve:

Essa exigência dupla (dupla obrigação, a de ser boa mãe e dona-de-casa e boa profissional) produz, além de certa androginização – no sentido de introjetar os valores masculinos dominantes – sentimentos de culpa, pois enquanto o modelo masculino de vida social se baseia no desempenho no mundo do trabalho, a incorporação acelerada da mulher a esta esfera se realiza com muitas contradições e no meio de tensões entre os papéis tradicionais e os modernizantes atribuídos a elas. (2000, p. 58-59).

Apesar de essas mulheres, atualmente, serem questionadoras e enfrentarem mais os homens que antes, elas, contraditoriamente, acabam sendo passivas, pois não questionam as relações de poder entre os homens e as mulheres no privado; pelo contrário, acabam seguindo os mesmos modelos de casamento que outrora Malu rejeitou.

As imagens das personagens também são focalizadas de forma diferente, pois, enquanto, no *Malu Mulher*, temos as imagens focalizadas no rosto e nos olhos das personagens, quando proferem seus discursos longos e amplos, em tom de depoimento e de denúncia, preocupados com as questões sociais que envolviam cada tema, no seriado *Mulher*, temos conversas mais curtas, com os personagens em movimento, muitas vezes com piadinhas, para dar o tom de leveza (dramédia), como pensou o diretor. São conversas circunscritas ao ambiente familiar, não se

leva nenhuma questão para o social, não se discute o problema de uma forma ampla, permanecendo na individualidade e, muitas vezes, silenciando-os.

O título dos seriados é algo que também merece análise, pois o título *Malu Mulher* traz a história de uma mulher, Malu (personagem principal) e que, pela sua história de garra e coragem, poderia servir de modelo e espelho (ou não) para que outras mulheres se identificassem, como, de fato, ouvi uma aluna comentar em uma das minhas aulas no tirocínio docente¹¹⁴: “– *Me lembro de Malu, foi um seriado muito bom, na época todo mundo queria ser uma Malu*”. Já o título *Mulher* naturaliza a identidade cristalizada, essencializando-a em uma única mulher, como se todas as mulheres fossem iguais e tivessem os mesmos problemas (FLAUSINO, 2001, p. 107).¹¹⁵

Falar das profissões das personagens principais é imprescindível para entender a direção que as discussões foram seguindo, pois, a personagem Malu era formada em Sociologia, o que permitia que se encontrasse brechas para que os temas sociais fossem discutidos ao longo dos episódios. Já no segundo seriado, o cenário escolhido, uma clínica para mulheres, e as personagens principais, duas médicas ginecologistas, Dra. Martha e Dra. Cris, conduzem as discussões em torno das questões relacionadas à medicina, aos cuidados preventivos para as mulheres e aos cuidados com o corpo, portanto, os temas foram deslocados para a saúde da mulher.

Como já referido, a estrutura narrativa utilizada no seriado *Mulher* muito se assemelha ao *merchandising social* utilizado nas novelas da mesma emissora, para H. B. Almeida, que descreve *merchandising* como “termo usado no Brasil para a colocação de anúncios comerciais em meio à narrativa ou ao programa”, enquanto *merchandising social* “refere-se à promoção de ‘valores sociais’, considerados informativos e educativos” (2009, p. 1). Além do mais, os discursos são trazidos por personagens médicos, os quais, de acordo com as narrativas, são os detentores da ciência e do saber naquele espaço, trazendo informações “corretas” e indicando os procedimentos a serem seguidos (ensinamentos que se tornam verdades

¹¹⁴ Estágio realizado, como requisito parcial para o Curso de Mestrado do NEIM/UFBA, para a disciplina “Gênero e Linguagem” do curso *Gênero e Diversidade*, sob a responsabilidade do Professor Clebemilton G. do Nascimento, no período de 11 de maio a 17 de junho de 2010.

¹¹⁵ Não se deve esquecer das músicas iniciais, “Começar de novo”, criada especialmente para o seriado *Malu Mulher*, e “Mulher”, criada nos anos 40, retornando a edificação do que seja uma mulher, no seriado *Mulher*.

absolutas). Mas, mesmo quando algumas mensagens não são verbalizadas, o desenrolar da narrativa deixa explícita a intenção.

Para G. Natanshon, o seriado *Mulher* deixa transparecer, em seus discursos, que os fatos, os acontecimentos são comuns, acessíveis, cognoscíveis e compartilháveis a populações inteiras, como se as pessoas tivessem a mesma classe social, a mesma geração, a mesma etnia e... isso não existe! Esse mundo, com essas características, não existe em nenhum outro lugar, portanto, não é um reflexo da sociedade, de forma que fica claro que o seriado se apresenta mais interessado “no imaginário e nos desejos das audiências sobre o charme e a ‘missão social’ da profissão médica do que mesmo nas rotinas e cotidiano do trabalho clínico, tal como se dá no domínio da prática institucional” (NATANSHON, 2000, p. 50-51).

E é nessa estrutura narrativa que o seriado *Mulher* difere muito de *Malu Mulher*, que utilizava dados reais para discutir as questões, devido à profissão de socióloga (não regulamentada na época) da personagem título que tem acesso, através de pesquisas, a dissertações e teses, a valores percentuais de diversas questões relacionadas às desigualdades sociais no Brasil e que permitiram que fossem discutidas nos episódios.

Embora nenhum dos dois seriados trate sobre o tema das mulheres negras, as questões e discussões, embora generalizadas nos problemas das mulheres brancas (preferencialmente de classe média), também atinge, em parte, a população negra. Mas, ainda, naquela época, não havia se aberto o leque de todas as categorias que poderiam particularizar as mulheres.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGUADO, Ana. La historia de las mujeres como historia social. In: VALDIVIESO, P. et al. *La historia de las mujeres: una revisión historiográfica*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2004. p. 57-71.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Educação do corpo: o seriado Mulher e a promoção de mensagens médico-preventivas na tela da Globo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33. *Anais...*, 2009. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/component?option=com_docman/task,cat_view/gid,58/Itemid,85/>. Acesso em: 23 abr. 2010.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Gênero e sexualidade na mídia: de “Malu” a “Mulher”*. ENCONTRO ANUAL ANPOCS, 31. *Anais...* 2007. Disponível em:

ALVES, Ivia. *Imagens e representações... fragmentadas: a representação das mulheres através das imagens e discursos da televisão*. Projeto: “Mulheres em série”, 2005.

ALVES FILHO, Aluizio. A ideologia como ferramenta de trabalho e o discurso da mídia. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 15, p. 86-118, ago./dez. 2000.

ARAÚJO, Raffaella Andressa; UTTA, Bergson Pereira. Esclarecimento e indústria cultural. *Cad. Pesq.*, São Luís, v. 17, n. 1, p. 83-90, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/167/115>>. Acesso em: 22 jun. 2010.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado, o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 1, p. 207-228, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a20v16n1.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. Televisão brasileira: uma (re)visão. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, ano 4, v. 4, n. 2, abr./maio/jun. 2007, Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/ARTIGO.4.SECAO.LIVRE-MARIA.LUIZA.BARACHO.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

BARSTED, LEILA DE ANDRADE LINHARES. *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO Mulher e políticas públicas no Brasil 1983-1993*. Jornal UFSC, 1994.

BARRETT, Michèle. As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, v. 7, n. 1/2, p. 109-125, 1999. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-111954barret.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2010.

BLAY, Eva. Violência contra a mulher e políticas públicas. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, São Paulo, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300006>. Acesso em: 17 jun. 2010.

BORELLI, Silvia Helena Simões; PRIOLLI, Gabriel. *A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo: Summus. 2000.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Congresso Internacional Software Livre e Governo Eletrônico, III – Consegi 2010. *Comunicação Consegi: Penetração da TV no Brasil é maior que a da geladeira*. 19 ago. 2010. Disponível em: <<http://www3.consegi.gov.br/comunicacao/noticias/penetracao-da-tv-no-brasil-e-maior-que-a-da-geladeira-1>>. Acesso em: 23 jan. 2011.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. O trabalho da mulher brasileira nos primeiros anos da década de noventa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10. *Anais...* Caxambu, MG, out. 1996. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1996/T96V1A24.pdf/>>. Acesso em: 23 out. 2010.

CAMPOS, Veridiana Parahyba. Beleza, construção do self e reflexividade entre as mulheres. In: DOSSIÊ: contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais, Pernambuco, 2009. *Mediações*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 145-161, jul/dez. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4511/4142>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

CASTRO, Beatriz Caliman de. *Representação, imposição e negociação: a sociedade brasileira nas minisséries da Globo*. Rio de Janeiro: Contemporânea, 2007.

COELHO, Vera; DINIZ, Gláucia. Vida de mulher: lidando com a meia-idade e a menopausa. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 2003.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. In: DOSSIÊ: feminismo em questão, questões do feminismo. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 13-30, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a02.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Labrys, Estudos Feministas*, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/liberdade/anaalice.htm#_edn2>. Acesso em: 13 mar. 2010.

COSTA, Cláudia de Lima. O tráfico do gênero. *Cadernos Pagu*, n. 11, p.127-140, 1998. Disponível em: <[http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/1998\(11\)/Costa.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/1998(11)/Costa.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2010.

COSTA, Suely G. Movimentos feministas, feminismos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, número especial, p. 23-36, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/381/38109903.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2000.

DEBÉRTOLIS, Karen Silvia. *Brasil Mulher*. Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista. Porto Alegre, 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2002.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990. v. 2: A Idade Média.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Tradução Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Boitempo, 1997.

ESCANDÒN, Carmem Ramos. La nueva historia: el feminismo de la mujer. In: _____. (Org.) *Gênero e história*. México: Instituto Mora/UAM, 1992. p. 7-37.

ESCANDÓN, Carmem Ramos. Historiografia: apuntes para un debate en femininos. *Debate Feminista*, ano 10, v. 20, p. 131-157, out. 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FALUDI, Susan. *Backlash, o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 2003.

FILHO, Daniel. *O circo eletrônico: fazendo TV no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre, 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10281/000188015.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. *Revista Estudos Feministas*, ano 9, n. 2, p. 586-599, 2 sem. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

FLAUSINO, Márcia Coelho. *A construção do feminino: representações do feminino no seriado Mulher (1998-99)*. Brasília, 2001. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2001.

FURTADO, Ana Maria. Um corpo que pede sentido: um estudo psicanalítico sobre mulheres na menopausa. *Rev. Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, v. 4, n. 3, p. 27-37, 2000. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/set1/2.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2010.

GLOBO.COM. Memória Globo. *Seriados: Malu Mulher*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5273-p-19388-M-A,00.html>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

GLOBO.COM. Memória Globo. *Seriados: Mulher*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249917,00.html>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 7-22. nov. 1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/743.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2010.

GOMIDE, Silvia del Valle. *Representações das identidades lésbicas na telenovela "Senhora do Destino"*. Brasília, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2006. Acesso em: 23 out. 2010.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. *Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos*. Salvador: UFBA, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Revista: Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25 nov. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/117/118>>. Acesso em: 7 mar. 2010.

GROSSI, Mirian Pillar. Novas/velhas violências contra a mulher no Brasil. *Estudos Feministas*, ano 2, número especial, p. 473-483, Florianópolis, 2 sem. 1994. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16179/14730>>. Acesso em: 7 mar. 2010.

HAMBURGER, Esther Império. A expansão do “feminino” no espaço público brasileiro; novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 153-175, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/7742/7111>>. Acesso em: 7 mar. 2010.

HARAWAY, Donna. ‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, n. 22, p. 201-246, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2010.
HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano I, n. 1, p. 7-31, 1 sem. 1993. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984/14483>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

HARDY, Ellen; REBELLO, Ivanise; FAÚNDES, Anibal. Aborto entre alunas e funcionárias de uma universidade brasileira. *Revista Saúde Pública*, v. 27, n. 2, p. 113-6, 1993. Disponível em: <<https://sistema.planalto.gov.br/spmulheres/textos/SCIELO/aborto6.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito (Orgs.). *Vozes femininas: gêneros, mediações e práticas da escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, Fundação Casa Rui Barbosa, 2003.

IDICIONÁRIO AULETE. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>.

JAMBEIRO, Othon. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: EDUFBA, 2001.

KELLNER, Douglas. *Cultura da mídia*. Bauru: EDUSC, 2001.

NARVAZ, Martha G.; KOLLER, Silvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

LAGARDE, Marcela. *La organización patriarcal del mundo e Las relaciones de poder intergenéricas e intragenéricas*. In: _____. *Gênero e feminismo: desarrollo humano y democracia. Cuadernos Inacabados*. Madrid: Instituto de la Mujer. 1997. p.50-88

LEIS, Héctor Ricardo. A tristeza de ser sociólogo no século XXI. In: XXIV ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2000. *Anais...* Petrópolis, RJ, 23-27 out. 2000.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. *Brasil mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 234-241, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9497/8721>>. Acesso em: 27 jun. 2010.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento, 2005. p. 153-154.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2005.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 107-125, São Paulo, Unicamp, 1998. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/pagu11.10.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2010.

MACHADO, Micheli. Minisséries históricas: dispositivos midiáticos mediadores entre fatos e personalidades históricas e a sociedade contemporânea. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 14. *Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 14*, Rio de Janeiro, 2009. Unisinos, 2009. p. 1-12.

MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o Projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. *Cadernos AEL*, n. 3/4, 1995/1996. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-2-p45.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2010.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. Mulher e Trabalho*, v. 5, p. 51-63, Porto Alegre, mar. 2005. 2004. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/download/mulher/2005/artigo3.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2010.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Discursos e práticas do Movimento Feminista em Porto Alegre (1975-1982)*. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10921>>. Acesso em 30 set. 2010.

MESSA, Márcia Rejane Postiglioni. *As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo*. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006a. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=383>. Acesso em: 3 mar 2011.

MESSA, Márcia Rejane Postiglioni. A cultura desconectada: sitcoms e séries norte-americanas no contexto brasileiro. *UNI revista*, v. 1, n. 3, jul. 2006b. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Messa.PDF>. Acesso em: 3 mar 2011.

MORAIS, Osvando José de. Teorias do discurso televisivo: uma introdução. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, Brasília, 2006. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2006.

MÜLLER, Karin. Rede Globo; 26 anos de minisséries. Universidade Metodista de São Paulo, 2008. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGACIÓN DE LA COMUNICACIÓN – ALAIC. *Anais...* México, out. 2008. Disponível em: <http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Telenovela/ponencias/GT22_1MULLER.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2010.

MUNGIOLI, Maria Cristina P. Minisséries brasileiras: um lugar de memória e de (re)escrita da nação. In: COLÓQUIO BINACIONAL BRASIL-MÉXICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO 2, São Paulo, 2009. *Anais...* São Paulo, 2009. p. 1-16.

NARDIN, Heliana Orneto. Natureza, cultura e identidade em Beauvoir e em Paglia In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. 338p. (Coleção Bahianas, 5).

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NATANSOHN, Graciela. Medicina, gênero e mídia. *Revista Estudos Feministas*, Salvador, 2000.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de et al. Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual: um estudo qualitativo. *Rev. Saúde Pública*, v. 39, n. 3, São Paulo, jun. 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? feminismo e (pós) modernidade no Brasil. *Cadernos AEL*, n. 3/4, 1995/1996.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998. p. 21-41.

RAGO, Margareth. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. *Labrys, Estudos Feministas*, n. 3, jan./jul. 2003.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. A contemporaneidade como idade mídia. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, n. 7, p. 25-36, ago. 2000.

RUBIM, Linda. A representação feminina na TV Brasileira. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Compós XI, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1324.pdf>. Acesso em:

RUBIM, Antonio Albino; RUBIM, Lindinalva. Televisão e Políticas Culturais no Brasil Contemporâneo. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; RAMOS, Natália (Orgs.). *Estudos da Cultura no Brasil e em Portugal*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 183-213.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SANTOS, Luciene. *Os seriados brasileiros, tentativas de apontar o lugar do gênero na produção televisual*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO, 26, Belo Horizonte/MG, set. 2003. *Anais eletrônicos*. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br>>. Acesso em:

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. A mulher frente à cultura da eterna juventude: reflexões teóricas e pessoais de uma feminista “cinquentona”. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo (Orgs.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002. 268p. (Coleção Bahianas, 7).

SARDENBERG, Cecília M. B. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? In: COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília (Orgs.). *Feminismo ciência e tecnologia*. Salvador: NEIM/REDOR, 2002. p. 89-120. (Coleção Bahianas, 8).

SARTI, Cynthia. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 64, p. 38-47, fev. 1988.

SARTI, Cynthia. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. *Cadernos Pagu* [online]. n.16, p. 31-48. 2001.

SARTI, Cynthia. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.

SARTI, Cynthia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, maio./ago. 2004.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Revista Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, 2001.

SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 440, maio/ago. 2008.

SCHMIDT, Simone Pereira. O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 aos 90. *Revista Estudos Feministas*, ano 8, n. 2, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero; uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez.1991.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. A censura durante o regime autoritário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 4, n. 10, p. 21-43, jun. 1989.

SOARES, Vera. Movimento Feminista: paradigmas e desafios. *Rev. Estudos Feministas*. ano 2, n. esp. p. 11-24, 2 sem. 1994.

SOIHET, Rachel. Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de Violência simbólica? *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 13, n. 24, p. 191-207, 2008.

SUTTI, Paulo; RICARDO, Sílvia. *As diversas faces do terrorismo*. São Paulo: Harbra, 2003.

THOMPSON, John B. *Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

WOITOWICZ, Karina Janz. A violência contra a mulher na pauta da imprensa feminista: traços de uma trajetória de lutas e conquistas do Movimento de Mulheres no Brasil, entre os anos 1970/80. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5. São Paulo, 31 maio/2 jun. 2007.

REVISTA VEJA:

Mulher na Vida: uma socióloga combativa depois do desquite. n. 559, 23 maio 1979a. Televisão, p. 68.

A viajante Solitária. n. 567, p. 44-49, 18 jul. 1979b.

Os anos 70. n. 590, 26 dez. 1979c. Edição Especial.

BARROS, Andréa; SANTA CRUZ, Angélica; SANCHES, Neuza. *Nós fizemos aborto*. ed. 1.513, ano 30, n. 37, 17 set. 1997.

Globo. com/Memória Globo

Malu Mulher. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249902,00.html>>.

Mulher. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249917,00.html>>.

APÊNDICES

APÊNDICE A	CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL 1	198
APÊNDICE B	TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL 1 – Encontro 1	199
APÊNDICE C	TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL 1 – Encontro 2	207
APÊNDICE D	RESPOSTAS ENVIADAS POR E-MAIL – Grupo Focal 1	213
APÊNDICE E	CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL 2	219
APÊNDICE F	TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL 2 – Encontro Único	220
APÊNDICE G	RESPOSTAS ENVIADAS POR E-MAIL – Grupo Focal 2	227

APÊNDICE A

CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL 1

Encontro 1	Seriado: <i>Mulher</i>	Episódio: “Grávidas”	
Encontro 2	<i>Mulher</i>	“Maternidade” “Mães de Família”	
Por e-mail	<i>Malu Mulher</i>	“Ainda não é hora”	
Participantes: 4	Faixa Etária: 25-35	Gênero: Mulheres	Classe: Média

Perfil das Participantes

1	E.			
Idade	33 anos	Etnia	Mestiça	
Formação	Licenciada em Letras			
Religião	Católica praticante; vai à missa regularmente e reza todos os dias			
Trabalho	Exerce a profissão; escola pública e particular; 40 hs/sem			
Estado Civil	Casada	Diarista (X)	Empregada ()	Não tem ()
Filhos	Não. Engravidou três vezes, mas perdeu espontaneamente			

2	P.			
Idade	32 anos	Etnia	Mestiça	
Formação	Analista de Sistemas			
Religião	Católica, reza todos os dias, mas, raramente vai à missa			
Trabalho	Tutora de uma faculdade à distância; 20 hs/sem			
Estado Civil	Casada	Diarista (X)	Empregada ()	Não tem ()
Filhos	Tem um filho			

3	R(1)			
Idade	32 anos	Etnia	Mestiça	
Formação	Fisioterapeuta			
Religião	Não tem religião, mas disse que os pais são evangélicos			
Trabalho	Trabalha em um hospital três dias na semana			
Estado Civil	Casada	Diarista (X)	Empregada ()	Não tem ()
Filhos	Não. Já engravidou, mas perdeu espontaneamente			

4	R(2)			
Idade	35 anos	Etnia	Mestiça	
Formação	Assistente Social			
Religião	Católica, reza todos os dias, mas raramente vai à Igreja.			
Trabalho	Trabalha no fórum. Todos os dias.			
Estado Civil	Casada	Diarista ()	Empregada (X)	Não tem ()
Filhos	Tem um filho			

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL 1 – Encontro 1

Local	Residência de Cristiane Ferreira de Sá		
Data/Hora	29/04/2010	Início: 21:00h	Término: 23:00h
Seriado	Mulher (1998/1999)	Episódio	“Grávidas”
Participantes: 4	Faixa Etária: 25-35	Gênero: Mulheres	Classe: Média

P – *Sobre o caso da menina que estava lá batendo no menino... olha... pr’a uma mãe!... [indignada]*

E – *Ela é muito egoísta, isso sim.*

P – *É ela é egoísta.*

R(1) – *Ela é doente...*

P – *Ela é doente... não tem depressão pós-parto?*

R(1) – *É, mas só que o dela, Priscila, é ciúmes, porque depressão pós-parto é pós-parto, como o nome já diz.*

P – *É, mas pode ter sido uma depressão pós-parto retardada... por que o que é que aconteceu? Ela só começou a perceber que a criança ia tomar o tempo dela depois que a criança cresceu; e também eu acho que o que ela tava sentindo falta era do... dele, do marido com ela. Era na verdade do que ele tava sentindo falta, ou: ela.*

R(1) – *Era... porque, na verdade, o dia a dia... depois que Day começou a viver lá em casa, eu comecei a ter uma noção, e não é minha, e não é bebê... realmente, tem que dividir sua atenção... e o problema tá sendo esse; então, ela tinha que aprender a cuidar da criança e do pai, em casa durante a noite, e se a criança tivesse tranqüila, ia ficar tranqüila dormindo e ia continuar a vidinha dela...*

R(2) – *Tem que aprender a dividir o tempo [balançando a cabeça].*

E – *A verdade é essa, a parte ruim só sobra pr’a mulher... a parte boa de carinho, tudo, sobra pr’o homem, quando ele chega já está tudo pronto.*

R(1) – *É tudo no lugar.*

P – *Não, e, na verdade... quando começa a chorar..., é eu passei o dia todo trabalhando aí a criança começa a chorar... a! não quero mais trabalho, aqui ó, vá lá*

atrás de sua mãe e, principalmente, é a mãe que fica o dia todo com a criança e se chorou 'Ah! vá lá pr'a sua mãe, que eu estou cansado, trabalhei o dia todo...' é a questão do machismo, mulher toma conta do filho, da casa...

R(2) – *E o homem provém o sustento.*

P – *O sustento tá suficiente, mais nada vai precisar... [como se fosse o homem falando] complicado né?*

R(1) – *Ela é doente... Até a médica mesmo que já teve uma perda [se referindo a Dr^a Cris, que está grávida, mas disse que já perdeu um bebê] fica sentida, mesmo não sendo dela...*

P – *O pior é que ela tem o filho como um fardo, é um fardo, na verdade, é um fardo pr'a ela; olha, a verdade é que nem todo mundo nasceu pr'a ser mãe, a verdade é essa... Ou mãe ou dona de casa, o papel da mulher é... [olhou para mim] na verd... são vários papéis que a mulher exerce.*

E – *Não sei por que, mas eu sempre acho que é egoísmo, só olha pr'o próprio umbigo, acha que o bebezinho vai tomar o espaço dela, vai tomar o lugar dela no coração do pai, não acho que é doente não, acho que é egoísta.*

R(2) – *Mas, egoísmo demais é uma doença.*

R(1) – *O ciúme dela...*

R(2) – *É doentio, é uma coisa doente... porque a gente tem ciúme, mas não é uma coisa que vá machucar, que vá maltratar o outro.*

E – *O ódio dela era tão grande que ela bateu nele até quebrar a perna? [indignada].*

R(2) – *Que horror!*

P – *São tantos casos, fazer o que?... E o homem, sacana [se referindo a Afrânio].*

(Algazarras, risadas...)

E – *Eu acho que ele não queria uma coisa séria, sabia?*

R(2) – *Eu acho assim, ele tem medo de ter uma relação a dois...*

P – *Não... com ela, porque ele acha que ela é uma pessoa assim, em se tratando de relacionamento, perita. Vocês viram o que ele tava falando; ela sabe demais... terapeuta sexual, uma coisa assim... ela sabe demais, e eu tô voando nessa relação.*

R(2) – *E, aí, ele tá pulando de galha em galha, porque quando ele foi apresentar a outra médica, ele simplesmente abraçou... e então ele quer ficar pulando de galha em galha... e não quer ter um...*

R(1) – *O medo da relação séria. É, na verdade, porque ele foi pedir opinião à médica [Dr^a Marta], a chefe... né... a médica, foi pedir opinião a ela e... ela disse, mas você não estava se sentindo sozinho, não queria alguém na sua vida? E ele: é, mas não assim, uma Psicóloga.*

E – *Uma mulher que ia querer discutir relação heim? toda hora.*

P – *O que teve mais?*

R(1) – *Mas o homem, na verdade, tem medo de assumir uma relação séria...*

R(2) – *O afastamento da mãe e do filho [da Dr^a Anahí e do filho que foi para os EUA com o pai].*

P – *Ah! ali é complicado, olhe, eu acho assim... que, às vezes, por amor, abre mão, mas tem que ver; eu, numa situação dessa, não teria coragem de abrir mão... ela sabe do pai, que ele era para o filho dela, tanto que ela fala que ele [o menino] tá sentindo falta. Eu não acho que eu abriria mão do jeito que ela abriria, mas se fosse uma situação do jeito que está, talvez eu abrisse.*

R(1) – *Como assim? Ela é completamente apaixonada por ele, P.*

P – *Não, se eu tivesse na situação dela, mas, na minha, eu não abro, porque eu sei que Eduardo não toma conta de Mateus.*

R(1) – *Que situação dela que você fala? Na situação dela, como?*

P – *Ele é um pai presente, pelo que eu vi, ele é um pai presente, foi um relacionamento que terminou e ela não sabe por que...*

R(1) – *Quanto? Por que ele mora fora do Brasil.*

P – *Agora ele tá morando, mas quando ele estava com ela, ele era um bom pai.*

R(1) – *Mas a situação é a presente, ele tá morando nos EUA. Ela, dá pr'a perceber que gosta dele, porque antes dele chegar já foi se preparando, se arrumando... acho que até na esperança de que ele olhasse pr'a ela.*

P – *Acho que você não entendeu minha opinião.*

R(1) – *Eu acho que o amor dela é tão grande por ele, abdicando até dela mesmo, de ficar com a criança, pr'a ver se ele consegue ficar com o pai.*

P – *Eu entendi que a intenção dela era ficar com ele [o pai]; eu não sabia que ele tinha casado de novo, quando ele disse, eu casei de novo...*

R(1) – *É... ele deu um banho de água fria... e ela gosta dele.*

P – *E ela deixou bem claro... seu pai se separou de mim*

R(1) – *Mas aí existe dois tipos de amor, talvez seja esse tipo, o que quer ver ele feliz, que ele estando feliz é melhor pr'a ela. Tem gente que ama assim, sabia?*

E – *O marido sendo feliz?*

R(1) – *Não, a pessoa que ama, ele estando feliz, você também tá, tem gente que ama assim.*

R(2) – *Mas abrir mão de meu filho, eu não sei não...*

P – *Não, você pensa que você não abriria porque você se imagina na sua situação.*

R(1) – *Se imagine você na situação dela.*

P – *Eu não abriria, porque eu sei quem é Eduardo; ele não toma conta, agora, ele [se referindo ao pai no seriado] era um pai diferente, pelo que eu vi, ela gostava dele porque ele tinha as qualidades dele e ela deixou bem claro, seu pai que me largou, eu não larguei ele... alguma coisa ela deve ter feito que... dando atenção demais ao trabalho, esquecendo da família... então, ela foi se afastando da família, ele não, ele tava ali presente, ele era um pai presente, ela talvez fosse uma mãe ausente. Eu não assisti os outros episódios, mas eu imagino assim, o que acontece: ela sabe que ela agora tem que se sustentar ou vai ter que botar alguém pr'a ficar, pr'a tomar conta do filho dela, então, por amor, o que que ela faz... sei que, geralmente, a justiça dá a guarda pr'a mãe; eu vou preferir que meu filho esteja sendo criado por uma babá, por uma pessoa dentro da minha casa, por que eu quero tá perto dele a estar com o pai dele, que é uma pessoa presente... dá atenção e tudo e é o pai... pela idade que ele tem...*

R(1) – *Eu acho que ela tá pensando também na melhoria de vida que ele pode ter.*

P – *E na maturidade também, porque você vê que é um relacionamento... eles se abraçaram... [Drª Anahi e o ex-marido].*

R(1) – *É, mas ele deu uma afastada nela na hora que ela abraçou... é um balde de água fria aí, pr'a mim é. Ele pegou os braços dela, abaixou e afastou ela.*

P – *Você vê que algum ressentimento deve ter com relação a esse relacionamento, entre ele e ela, alguma coisa teve, a gente só pegou... ela deve ter feito alguma coisa que ele não gostou no relacionamento e ele deve ter tentado, tentado, tentado e ela agora... não vou mais usar meu filho pr'a estar me aproximando dele porque eu vou prejudicar a criança.*

R(1) – *É, faz sentido...*

P – *Ela foi sensata, né? Talvez por amor, ela abriu mão, eu já perdi mesmo... vá ficar com seu pai, porque agora eu vou ter que me sustentar...*

R(1) – *Não, mas tem um trecho que ela fala que talvez lá seja melhor pr'a ele, ele fala, que é melhor pr'a ele [para o menino] e comparando Brasil e...*

R(2) – *...e Estados Unidos.*

R(1) – *A gente sabe que a diferenç,a né?... a qualidade de vida dele é bem melhor, então é nisso que ela deve também tá pensando.*

E – *É, e ela não vai ser egoísta.*

R(1) – *E ele insinuou que ela reconstruísse a vida dela, reconstrua a sua vida que eu já reconstruí a minha.*

P – *E já que eles estão assim, numa separação amigável, vá reconstruir a sua vida que quando você estiver estabilizada e puder, ele [o filho] volta.*

E – *Porque ela falou pr'a ele ir, mas se não quiser, você volta.*

R(1) – *O que mais...*

(Risos, gargalhadas, muitas conversas)

R(2) – *O caso do bebê que morreu no trabalho de parto.*

P – *Do bebê que morreu, que ela [Drª Cris] ficou sentida? Aquilo ali é... gestante... aí, a perda pr'a cada um é de um jeito, você ver que pr'a aquela que batia na criança, ali, se aquela criança morresse ia ser um alívio.*

E – *Com certeza!*

R(1) – *Uma mãe tem o filho e não quer e a outra tem o medo de perder.*

E – *Acho que juntou tudo, as coisas que estavam acontecendo e aí, ela [Drª Cris] ficou emocionada.*

Cristiane – *Vocês não acham que também... é, eu acho que a médica que falava assim, a Drª Anahí, que é pediatra...*

P – *Sim, a pediatra mãe do menino, sei.*

Cristiane – *No caso do bebê que sofre maus tratos, o pai perguntou se ela [Dra Anahí] poderia depor a favor dele, ela disse: ‘É, você é um bom pai’.*

E – *É, ela disse, ‘Você é um bom pai’.*

P – *Eles não se conhecem, não? Pr’a mim, eles se conheciam.*

Cristiane – ***Cada episódio desses é uma história separada.***

P – *Mas ali fala que continua.*

Cristiane – *Mas não continua essa história.*

P – *Ah!*

R(2) – *Eu acho que, pela conversa que eles dois tiveram... pela segurança, pelo jeito que ele se comportou perante Martha, quando Martha falou que o filho deles estava sendo maltratado, ele se mostrou surpreso, como se ele nunca tivesse percebido, então deu pr’a entender que ele não sabia.*

P – *Ele não sabia, talvez por que ele trabalha pr’a suprir as necessidades de dentro de casa... ele só chega de noite em casa.*

Cristiane – ***Não, mas, assim... eu sei que ela agrediu a criança, não pode fazer isso, mas, veja como ela é sobrecarregada com as coisas... e não foi citado isso...***

R(2) – *Ela [apontando para Eliana] falou isso.*

E – *Que sobra sempre pr’a mulher o trabalho, e a parte boa do carinho sobra pr’o homem.*

Cristiane – ***Por que não é fácil cuidar de criança... é complicado... aí você não entende por que ela quis ter a criança...***

P – *Porque, quando você casa, é um pacote*

R(1) – *Talvez tenha sido até uma gravidez indesejada, né? Ou ele queria ter o filho... porque, muitas vezes, acontece isso...*

P – *É, ele queria tanto ter o filho e, por amor a ele, e, de repente, quando ela se vê na situação: ‘Eu dei um filho a ele e eu fui, assim, a fôrma que dei o filho e, dali em diante, ele só se dedica àquela criança e me esqueceu’.*

R(1) – *Eu falo a vocês... eu não tenho essa gana de mãe, não... eu e E., a gente conversa muito sobre isso... Porque J., também, [falando de um casal de amigos] às vezes, cobra isso dela; a ginecologista dela disse que agora vai ter que... agora é o ultimato, ela vai ter que...*

P – *Engravidar?*

R(1) – *É, e ela, poxa... sempre conversando comigo... não sei o que é que eu faço. É bem complicado, porque, às vezes, por desejo dele... aí, a gente acaba... eu mesmo, se... é mais pela vontade de R. do que a minha... penso justamente nisso, o trabalho que se tem de ter uma criança em casa.*

P – *É...*

R(1) – *A gente tem uma vida tranqüila, viaja pr'a onde quer, vai pr'a onde quer, dorme até mais tarde...*

Cristiane – ***E mesmo você querendo, é muito difícil.***

R(1) – *Pois é, e ainda é difícil.*

P – *Uma coisa é você querer, saber da teoria, você imaginar, você ver uma pessoa cuidando de uma criança, ali, não é o tempo todo e só naquele momento, aí você vai pr'a casa 'Ah! deve ser bom ter filho e tudo...' agora, na prática... com o bebê? Gente, vocês não tem... você abrir mão, você dizer assim... 'Ah! quando tiver enchendo meu saco...' não tem como, é seu.*

R(1) – *Não, e tem pai que não tem nem capacidade de cuidar de uma criança por um momento, enquanto a mãe descansa, porque tem pai que quando junta com a criança dá mais trabalho pr'a mãe... deixa a mãe nervosa... do que se estivesse sozinha dentro de casa.*

Cristiane – *No caso da pediatra que o menino foi pros EUA... foi também egoísmo do pai... tudo bem que ela deve ter pedido pr'a ficar com ele, ficar com o menino, mas, até aquela idade? Aí, agora ele quis ir com o pai e agora é a hora dela pensar nela, porque esse momento todo que ela estava sendo mãe, ela ainda não tinha pensado nela enquanto mulher.*

Todas – *É só a mãe.*

Cristiane – ***O outro [o pai], já refez a vida dele.***

P – *É, tanto que a amiga dela até falou.*

R(1) – *Mas ele foi bem taxativo...*

E – *Talvez isso tenha ajudado ele a refazer a vida, por causa disso, né Cristiane? o fato dele não ter o filho com ele, tenha possibilitado ele a refazer a vida dele.*

R(1) – *Mas, normalmente, o homem, às vezes, sai da relação com outra, ele não tem nem que esperar pr'a fazer a vida dele, porque a carga, não dizendo que os*

filhos são um peso, não é isso, mas eu digo, a carga, assim, o dia a dia, o cotidiano de cuidar, de educar, é a mulher.

E – *Então, é isso que estou falando.*

R(2) – *...de levar pr'o médico, a escola...*

R(1) – *Isso! levar pr'o médico, tudo é a mãe, então, o homem já se sente livre e tem homens que saem da relação já pr'a outra relação.*

E – *'Oh! meu pai', adoram os pais.*

P – *É, minha filha, ficam o dia inteiro com a mãe e a mãe é chata, não deixa fazer isso, não deixa fazer aquilo.*

E – *É e quem educa realmente é a mãe.*

R(1) – *Menina, Dayane, P. sabe, mais ou menos, assim, da vida dela: os pais são separados, a mãe é quem é a batalhadora e o pai é aquele que não liga, que não dá as despesas, não dá nada, e ela: 'Ai! tô com saudade do meu pai'. Eu disse: 'Rapaz, dê valor a sua mãe, porque seu pai é um zero a esquerda'.*

P – *É, precisa ouvir, é, como E. falou, só dão valor ao pai.*

APÊNDICE C

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL 1 – Encontro 2

Local	Residência de Cristiane Ferreira de Sá		
Data/Hora	Início: 21:00h	Término: 23:00h	
Seriado	Mulher (1998/1999)	Episódio	“Maternidade” “Mães de Família”
Participantes: 4	Gênero: Mulheres	Faixa Etária: 25-35	Classe: Média

P – *A primeira coisa que eu percebi foi a questão da preocupação do pai né? Foi o primeiro caso que foi exibido... a preocupação do pai com a gravidez com a esposa dele né? Que era mais um filho pr'a ele ter que criar...*

R(1) – *Não... acho que a preocupação dele também seria porque... por conta do emprego, tudo focava no desemprego, ele estava imaginando o que poderia acontecer com ele desempregado, então isso acabou causando a rejeição da criança. Porque é como você até comentou que na verdade nós mulheres pensamos mais com o coração.*

P – *Não... mulher se preocupa mais com a questão do carinho, da atenção, do cuidar... E os homens não, os pais eles estão preocupados em: como que eu vou conseguir dar tudo que minha família precisa...*

R(1) – *Desde que o mundo é mundo as coisas acontecem assim...*

P – *É... tem que ter um emprego bom, porque a gente sabe que filho gasta, que filho precisa de escola, que filho fica doente. Então, a preocupação toda, não digo nem dele, dos homens... é essa, isso quando é homem [ênfatisou], porque tem homem que não está nem aí nem está chegando. A gente sabe que funciona assim na sociedade... ambos deveriam se preocupar com a educação dos filhos em todos os sentidos, na questão do dar carinho, do dar atenção..., mas geralmente o homem pensa dessa forma... e a sociedade em que a gente vive fica mais voltada pr'a esse lado. A mulher é a que vai cuidar dos filhos, que vai ficar em casa, cuidar da casa e o marido é que vai pr'a rua, pr'o trabalho, que vai prover tudo dentro de casa.*

R(1) – *Você vê que já se passaram muitos anos e continua assim.*

R(2) – *O homem continua com o mesmo pensamento e algumas mulheres também.*

P – *Por mais que a gente queira pensar diferente, a gente sabe que o mercado de trabalho pr'a mulher é mais complicado, porque o mesmo serviço que o homem faz, a mulher faz e ganha menos...*

R(2) – *É, existe o preconceito.*

P – *Então quando toca neste assunto envolve várias coisas... tá o pai preocupado em... pôxa eu tenho que vender meu carro... e pr'a ela não, o importante era a vida do bebê...*

R(2) – *E pr'a completar... com a gravidez... ainda teve um parto prematuro, a criança ainda teve que fazer uma cirurgia, ele está prestes a ficar desempregado...*

P – *Agora é uma questão também, existe a irresponsabilidade dentro do casamento. Por que a gente diz assim são jovens irresponsáveis, mas a gente vê aí casais de namorado, de noivos que fica assim... uma vida e não tem filho, porque não quer, porque está prevenindo. Então se eles sabiam, eles já tinham dois filhos, eles sabiam da complicação que era... do gasto que era ter filho, então assim... eles já tinham visto que era daquela forma, mas eles não se cuidaram, tanto que ele falou assim, você se descuidou e ela depois ela corrigiu, não... nós nos descuidamos. Se eles não queriam... eles procurassem evitar. Então a gente vê a irresponsabilidade até dentro do casamento, o que é pior ainda, porque quando é um casal que não tem filhos e acontece... há aconteceu e foi por acaso...*

R(1) – *vai criando muita expectativa porque não se sabe o que é que vai ser né? E aí fica... há meu filhinho... mas quando já se tem um filho e que já se sabe qual a responsabilidade de ter um filho, qual o peso que tem...*

P – *É um pecado ainda maior... porque você está colocando uma criança no mundo e que não está sendo esperada e que está sendo muito rejeitada, porque aquela criança ali..*

R(1) – *Aquela rejeição dele ali... de certa forma estava até... refletindo de forma negativa na recuperação da criança. Ele também foi muito egoísta, eu achei... ele também é pai, ele não pode esquecer... ele ficava o tempo todo enfatizando os dois filhos e aquele ali era como se não existisse. Parece que não era a questão material... parece que ele estava rejeitando também esse filho. Pr'a ela naquele momento a prioridade era aquele filho... não é que ela não ame os outros filhos, ele estava colocando como se ela não amasse os outros filhos e pr'a ela só fosse existir aquela criança.*

P – Na verdade o que ela estava pensando é assim se eu que sou a mãe não for por ele quem será? Eu não sei... acho que quando a gente se imagina na situação do outro... olha eu iria dizer pr'a ele... o que tiver que fazer aí faz, como eu vou pagar depois eu não sei... quando chegasse na frente do juiz eu dizia assim: eu não tenho como pagar, o bem maior que eu tenho, que eu lutei pr'a que estivesse aqui com saúde é o meu filho.

R(1) – E você vê que ele estava se preocupando tanto com isso... mas as providências foram tomadas sem que ele tomasse conhecimento... porque aquela senhora mesmo [a dona da loja que Zilda trabalha que a levou para o hospital e pagou o seu parto] e ele ainda achou ruim e a mulher falou você já agradeceu a ela? Ela está ali como uma mãe pr'a eles ou mais que uma mãe, às vezes até uma mãe não faria o que ela fez.

R(2) – A poupança dela... deu toda pr'a eles.

R(1) – E depois ainda ajudou a pagar a conta do hospital, quer dizer, ele se preocupou tanto com a parte financeira e agora isso tudo estava sendo providenciado...

P – E bem assim é na vida da gente e às vezes a gente fica se preocupando tá acontecendo isso tá acontecendo aquilo, se você deixar as coisas acontecerem parece que depois tudo vai se encaixando.

R(2) – A outra situação foi a mãe que deixou a filha, foi embora...

P – Que é outra situação também muito complicada, eu acho que aconteça o acontecer, por mais que ela estivesse se sentindo sufocada não era pr'a ter ido embora. Era pr'a ter sentado... conversado... As vezes eles podem até ter conversado mas a gente fala pelo que a gente ver... mas ela largou a filha [indignada]. Parece um caso de uma moça que estuda lá na EADCOM, a mãe dela foi embora, deixou ela pequena, ela era a mais velha, ela cuidando dos outros irmãos, mas abandonou, disse que o pai era violento que colocava ela pr'a trabalhar como escrava... hoje ela não quer nem ver a cara da mãe, a mãe e qualquer pessoa na rua pr'a ela é a mesma coisa.

R(2) – É porque é uma situação muito complicada ir embora e largar... você pode assim se separar, mas levar.

R(1) – Vai ver ela não tinha como né? Ou ela optou fugir com outra pessoa...

P – Ela fugiu com outra pessoa, olha pr'a isso?

R(1) – *eu acho que nada justifica o abandono... de uma criança não. E também essa coisa de chegar assim a esse extremo de magoar o outro...*

Cristiane: Mas vocês perceberam quando ela falou que não estava mais se sentindo bem na relação?

R(1) – *Mas às vezes Cris a conversa resolveria. E ela foi ao extremo traiu ele... e depois fugiu com o cara. Ela perdeu toda a razão... ela se relacionou com outra pessoa, ela poderia ter conversado, ter dito não dá mais pr'a mim e pronto, nem que depois ela arranjasse outro. Eu acho que o pecado maior dela, pecado entre aspas, foi a traição.*

P – *E pior do que a traição foi o abandono da filha.*

R(1) – *E você viu? Ela ia desistir novamente, pr'a ela é muito fácil deixar, ela já ia embora.*

P – *Dois casos extremos, uma que a mãe ama demais o filho que não abandona por nada...*

R(1) – *Duas né? Porque a médica também Martha ficou depressiva depois da morte do filho...*

P – *Uma que não abandona o filho por nada e a outra que abandonou por causa de um homem? Só porque estava se sentindo presa?*

R(1) – *Não, por qualquer coisa, primeiro porque a vida que ela não tinha ela foi tentar com outro homem... uma vida diferente era o que ela queria e depois novamente no primeiro empecilho... ah eu vou embora porque eu achei que iria ser fácil mas não foi. Quer dizer você fica anos e anos distante de sua filha e aí de repente você aparece e já quer que a menina sorria pr'a você, diga mamãe eu te amo e sente no seu colo? Aí fica difícil né? Ela tinha que tentar mais um pouco e nenhuma das duas vezes ela fez questão na verdade.*

P – *E o bom do relacionamento dele com a filha foi que assim... pareceu que ele nunca mentiu pr'a ela, ele falou não se aproxime de pessoas estranhas por esse estranho pode ser a sua mãe que te abandonou. Ele foi sincero com ela.*

R(1) – *É ela sabia que foi abandonada.*

P – *É tanto que pr'a ela a mãe era uma estranha, foi uma pessoa que teve ela, colocou ela no mundo e foi embora.*

R(2) – *É quem criou foi o pai.*

P – *Então ele advertiu ela de não se aproximar de estranhos justamente por causa da mãe. Era da mãe que ele queria proteger ela. Mas assim, quando ele viu que ela estava querendo se aproximar... enxergou o lado dela... percebeu que no início do casamento ele queria que ela só ficasse em casa cuidando da filha, cuidando dele, presa e viu que ela estava sufocada, por mais que não justificasse o que ela fez de ter fugido com outro, ele procurou entender, ele deve ter pensado... se eu tivesse feito diferente talvez eu hoje estivesse com ela. E aí então foi um passo pr'o relacionamento entre eles porque já tinha a doutora Cris na história, uma pessoa que também entendeu o abandono da criança, procurou ajudar e tudo... então pr'a ele era bom estar com a doutora Cris e ela ao mesmo tempo estar se relacionando com a mãe porque ele não podia tirar isso também. Porque ruim de todo ela não era...*

R(1) – *É ela tinha as qualidades dela. Mas a criação dele contou bastante pr'a criação da filha, ela é uma menina bem resolvida, no momento em que ela saiu no carro ela ficou olhando pr'a ele [para o pai] e pr'a Cris, como se estivesse pensando assim, eu estou deixando minha base, eu estou indo, mas a minha base está ficando ali. A Cris também tem um papel importante na vida dela, vocês viram que na hora em que ela precisou, ela foi o porto seguro, correu pr'a lá. Eu nem imaginava que ela iria pr'a lá fiquei imaginando pr'a onde será que esta criança vai?*

P – *E pr'a criança eu acho que o importante é isso, olhar pr'a um adulto e dizer assim eu posso contar, no dia em que precisa, que nem aquele outro caso... ah quem tem que cuidar de repente tá batendo, tá machucando, tá maltratando. Se os pais estão maltratando quem vai cuidar?*

R(2) – *Teve mais o que?*

P – *Teve a questão também... acho que foi a menos tocada, da depressão da Doutora Martha, eu acho assim... a perda de um filho é que nem ela falou mudou o curso natural da história... de repente deve ser uma dor... Ave Maria.*

R(1) – *Isso é verdade, eu conheço um senhor que... inclusive eles até se separaram... quando eu o conheci ele já tinha seus quarenta e oito, quarenta e nove anos... isso tem uns nove ou dez anos atrás, e eles perderam um filho, eles tinham uma estrutura de vida...*

P – *Eles só tinham um filho?*

R(1) – *Não eles tinham três filhos, agora um faleceu andando num helicóptero deles, caiu lá no Estado de Goiás e o filho pilotando morreu. Todos os dias dia de aniversário do menino e dia de morte ele [pai] ficava arrasado... ele disse que não tem como aceitar e a dor é muito grande porque não é a ordem natural das coisas.*

P – *Por mais que a gente que tem filho tente imaginar eu acho que nunca vai conseguir. E quando os pais estão juntos é mais fácil, depois da perda... acho que não pode culpar ninguém, não existe culpado.*

R(1) – *É eles se separaram depois disso...*

R(2) – *É porque fica um vazio aí ficam procurando uma justificativa, por que isso? O foi que eu fiz de errado? Ali foi um acidente, ninguém teve culpa, mas o casal fica procurando... se não tivesse viajado, se não tivesse... feito diferente.*

P – *E até o casal entender que não tem culpado vai ficar um culpando o outro e não vão se entender, vai acabar assim sofrendo mais ainda.*

R(2) – *O relacionamento acaba se desgastando.*

R(1) – *Esse é o caso que a gente tem, mas também pode ser o contrário né? Os pais podem se apegar ainda mais um ao outro para que a dor não aumente.*

APÊNDICE D

RESPOSTAS ENVIADAS POR E-MAIL – GRUPO 1

Seriado	<i>Malu Mulher (1979/1980)</i>	Episódio:	“Ainda não é hora”		
Tema	Aborto				
Objetivo	Observar os personagens, descrever como elas agiram e o que você achou de suas atitudes, ações e decisões diante das situações				
Grupo	1	Faixa Etária	25-35	Participante	R(1)

ABORTO – CERTO OU ERRADO?

Aborto é uma questão muito polêmica, mesmo nos dias atuais. Aqueles que são contra o aborto reclamam o direito à vida. Há uma grande discussão em relação a quando a vida tem seu início ou que, em certos números de semanas de gestação não haja vida... E a ciência? Essa afirma que a vida existe desde a concepção. E o debate é Interminável! Engloba moral e ética, religião, costumes, motivos diversos. Um estupro, por exemplo, uma gravidez gerada de um ato tão brutal é correto que seja feito um aborto ou não? Em alguns países não é legal em outros é legalizado e até comum se fazer, a exemplo a China. O aborto lá é liberado para que se haja um controle de natalidade. Um absurdo? Talvez não, levando em consideração a quantidade da população existente. Enfim os motivos, as opiniões são muitas, uns são contra outros a favor, eu particularmente sou contra.

Malu Mulher – Episódio: “Ainda não é hora”.

Observar os personagens, descrever como elas agiram e o que você achou de suas atitudes, ações e decisões diante das situações.

JÔ

A decisão da personagem Jô em fazer o aborto é um tanto egoísta. Uma garota “esclarecida”, com conhecimento, não deveria deixar chegar ao ponto de ter que fazer o aborto. Ela poderia ter evitado, existem muitas formas de prevenção. Em nenhum momento ela parou pra pensar na vida que estava se gerando dentro dela, pensou muito nela e no Jorginho e nas consequências que essa gravidez poderia trazer. Muitas vezes imaginamos que não está na hora de se ter um filho. Mas

quem determina isso? Se acontece por acaso creio que a melhor forma é deixar que essa criança se gere, aos poucos tudo vai pro seu devido lugar. O despreparo pode até trazer algumas dificuldades no início, porém aos poucos tudo vai se encaixando.

JORGINHO

Esse por sua vez não teve muito que opinar, quando ele soube da notícia o aborto já havia sido feito, porém, ele aceitou facilmente a ideia. Como se no fundo também desejasse isso. Seria mais cômodo pra ambos que essa criança não nascesse.

MALU

Achei a atitude dela muito imatura, ficou todo o tempo do lado da garota (Jô) sem dar muita opinião. Ela por já ter mais experiência, poderia ter tentado de alguma maneira convencê-la a mudar de ideia. Sabemos que uma gravidez indesejada não é fácil, que para se ter filhos é necessário toda uma estrutura, um preparo até psicológico, mas, já que aconteceu a melhor forma seria deixar que a criança nascesse. Não concordo que Malu esteja neutra, ela poderia argumentar. Se não se argumenta é porque no fundo concorda com a atitude. E isso sem pensar nas consequências na responsabilidade com a vida de Jô. Como sabemos a prática do aborto é ilegal em muitos países, como no Brasil, por isso se procura na maioria das vezes clínicas clandestinas (como mostra no episódio) colocando em risco a própria vida. Inúmeras vezes as consequências são terríveis. Hoje em dia o aborto é considerado um problema de saúde pública. Milhares de mulheres fazem aborto em clínicas clandestinas, colocando sua vida em risco. As consequências destes abortos malsucedidos são inúmeras. O serviço público acaba tendo que atender as mulheres que fizeram tais abortos por causa de seus efeitos colaterais. Gastam se bilhões e grande parte delas vai a óbito. É muito difícil se tomar uma decisão acerca desse, assunto todos opinam de maneiras diferentes.

O Médico de Malu, por exemplo, apega-se a religião. Mostra que não tem opção senão opor se ao aborto por ser condenado pela igreja. Os conservadores religiosos defendem que o feto é um ser humano desde o momento da concepção, e por isso afirmam que se comete um crime quem pratica o aborto. Eu concordo que seja um crime, não defendendo o ponto de vista religioso e sim o de que pode ser evitado antes que aconteça. Cientificamente uma vida humana completa é formada no momento em que o espermatozoide fertiliza o óvulo. Esse poderia ser um

argumento para o médico de Malu, mas ele defendeu fielmente a religião. O médico de Malu defende a religião e o pai de Jô defende a moral e a ética.

PAI DE JÔ

Um senhor de meia idade, criado com costumes bem diferentes dos nossos. Ao saber que a filha havia perdido a virgindade, que tinha se tornado mulher, ficou muito aborrecido. Para ele o que importava era o que os outros iam pensar. Como isso poderia ter acontecido? Essa é outra opinião acerca desse tema tão polêmico. Havia antes, talvez na época de nossos pais e avós uma grande satisfação a ser dada a sociedade. Uma preocupação com o que iriam pensar ou falar sobre nossas famílias. A reputação nessa época tinha que ser impecável. Essa foi a preocupação do pai de Jô, até a atitude dele em colocar a filha para fora de casa, como que dizendo para a sociedade “Eu não concordo com isso.” Para ele naquele momento o importante era mostrar para todos que não estava certo o que a filha havia feito., e que ele não concordava. Jô por sua vez argumentou o que a sociedade hoje em dia pensa, ou as pessoas que são favoráveis ao aborto. “Que são donas do seu próprio corpo e que fazem com ele o que lhe convém.” Mas do ponto de vista moral e ético? A moral e a ética caminham juntas. O aborto pode até para alguns serem legal e até moral, mas, nunca ético. Cada um na sua individualidade faz o que quiser do seu corpo, porém não mudamos nossas concepções morais, é difícil aceitar o aborto, mais uma vez pode ser legal mais jamais será ético.

Seriado	Malu Mulher (1979/1980)	Episódio:	“Ainda não é hora”		
Tema	Aborto				
Objetivo	Observar os personagens, descrever como elas agiram e o que você achou de suas atitudes, ações e decisões diante das situações				
Grupo	1	Faixa Etária	25-35	Participante	R(P)

A questão de uma gravidez não planejada envolve várias consequências, tanto no levar à diante quanto no suspender a gestação. Quando se trata, então, de adolescentes envolvidos, a situação é mais delicada ainda.

O levar à diante e criar o filho exige cuidados com uma nova vida, noites mal dormidas, gastos com remédios, roupas, escola, abrir mão de planos, sonhos, enfim, tudo o que um adolescente não está preparado para encarar, mesmo porque ele não tem estrutura. Já o interromper, pode deixar sequelas que um corpo em

formação física e psicológica não está preparado para enfrentar. Cada caminho dá lugar aos seus prós e contras.

Malu: foi extremamente racional no caso de Jô dando total apoio e em momento algum sequer cogitou ao lado da amiga a ideia de levar a diante a gestação, apenas apoiou a decisão do aborto.

Acredito que Malu incentivou Jô na questão do aborto porque ela também muito cedo engravidou (aos 19 anos), casou e teve que abrir mão dos seus sonhos e planos para se ver numa casa como esposa e mãe. Mais tarde o marido preferiu dar continuidade aos planos dele, deixando a filha com Malu. Infelizmente na maioria das vezes é assim: as mulheres (mães) é que abrem mão dos seus planos para criar e educar os filhos. E, quando a mulher se vê sozinha com o filho (ou com os filhos), ela descobre que é capaz de muito mais, descobre que consegue viver de si mesma, como foi o caso de Malu, só tem que lutar dobrado porque infelizmente a sociedade, quando o assunto é mulher, é cruel e implacável.

Malu se viu em Jô e, portanto, mesmo sem pensar nos riscos que a amiga correria ao se submeter ao aborto numa clínica clandestina (lógico, uma vez que o aborto ainda hoje é uma prática ilegal) incentivou. Ela, melhor do que ninguém, sabia o quanto um filho àquela altura do campeonato iria mudar totalmente os planos que Jô pretendia para o seu futuro.

Jô: Por querer ter um futuro melhor do que o das mulheres da sua época, inclusive melhor do que o de suas irmãs que foram educadas para serem “Amélias”, estudava e procurava se destacar enquanto mulher, criada apenas pelo pai, conservador e de classe média baixa. Apesar das informações que recebia sobre métodos anticoncepcionais, mesmo porque tinha acesso à pílula, mostrou-se inconsequente juntamente com o namorado à partir do momento em que assumiram o risco de um envolvimento sexual, automaticamente assumiram o risco de uma gravidez. Se não pretendiam ter filhos isso deveria ser um assunto de ambos e não apenas dela que se prevenia e muitas vezes esquecia-se de tomar a pílula. Ou seja, a questão do lembrar do método contraceptivo também te que ser de interesse do homem, afinal a consequência da gravidez recai sobre ambos, não somente sobre a mulher.

Mais um erro gravíssimo que perdura na sociedade em que vivemos. “- Ah, se ela engravidou foi porque quis, poderia ter evitado, os métodos estão aí, agora que assuma sozinha e crie a criança ou tire, se achar melhor!”, infelizmente

ainda há homens que pensam assim e, o pior de tudo, mulheres também quando apontam as outras. Não existem regras de comportamento, as coisas acontecem, os seres humanos são de momento e falhos, o que os jovens e até adultos precisam é abrir a porta para o diálogo. O relacionamento homem x mulher não é unilateral, ele possui dois lados, duas opiniões, dois desejos, em cada cabeça há um mundo e se não houver uma interação entre esses mundos a probabilidade que ocorra um conflito mais tarde é maior.

Jô acabou agindo com a razão. Tinha planos para o futuro e uma criança naquele momento iria atrapalhar tanto os seus ideais quanto os de Jorginho.

Jorginho: Se mostrou disposto a desafiar os pais para namorar Jô, que era de uma classe social inferior à sua. Talvez estivesse também disposto a encarar uma gravidez indesejada, ao menos foi a primeira impressão que ele deixou até saber que o aborto já tinha sido feito. Ao saber, aceitou tranquilamente a decisão tomada unicamente por Jô, sem consultá-lo. Pareceu que ele deixava que ela assumisse todo o risco do relacionamento entre eles. Não se preocupava em prevenir a gravidez e também não se interessou muito em ser pai. Acredito que por não ter noção, por causa da pouca idade, do que é assumir uma criança, talvez ele tivesse incentivado Jô a ter o filho caso fosse consultado sobre o que fazer. Os homens geralmente não tem noção do que é assumir a responsabilidade de criar um filho, eles fantasiam muito sobre o tema, mas na hora da realidade deixam toda a responsabilidade da educação para as mulheres, raros são os casos inversos.

Pai de Jô: Agiu como um pai machista e conservador, conforme a sua época. A questão do expulsá-la de casa era previsível. Hoje sabemos que nada adianta marginalizar uma filha por causa de uma gravidez. O que os pais precisam é ser amigos dos seus filhos e não tratar determinados assuntos como tabu, porque a informação que eles não recebem dentro de casa, de pessoas que os amam, eles irão buscar nas rodas de amigos, e é aí que mora o perigo. Nunca se sabe quem dá conselhos bons ou quem quer prejudicar. Ainda hoje vemos pais que não conseguem se aproximar dos seus filhos e manter um relacionamento aberto para o diálogo. Diálogos previnem e consertam erros. E o mais importante, e que infelizmente não vai mudar: a gravidez não planejada sempre aconteceu, desde a existência do sexo, ou seja, desde sempre, e continuará acontecendo.

Médico de Malu: Muito ético e católico, ao menos aparentemente. Não estava disposto a arriscar uma carreira de anos para realizar um aborto, mesmo

sendo a pedido de uma paciente dele de muitos anos, que era Malu. Ele não pareceu adepto à prática do aborto e para se justificar utilizou tanto a ética profissional quanto os princípios religiosos que condenam tanto os métodos contraceptivos quanto o que Jô estava tentando fazer (o aborto). Ele ficou visivelmente sem palavras quando Malu o questionou sobre o método anticoncepcional que ele recomendava a ela porque isso também era contra os princípios da Igreja.

A religião não dá soluções para os problemas que surgem com o crescimento desenfreado da população e, para piorar, condena os métodos contraceptivos que servem para controlar esse crescimento. As igrejas deveriam “tirar a venda dos olhos” e arregaçar as mangas propondo algo para melhorar o estado caótico em que a sociedade se encontra por causa das muitas crianças inesperadas vindas ao mundo.

APÊNDICE E

CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL 2

Encontro 1	Seriado: <i>Mulher</i>	Episódio: “Acabou-se o que era doce”	
Por e-mail	<i>Malu Mulher</i>	“Ainda não é hora”	
Participantes: 2	Faixa Etária: 45-55	Gênero: Mulheres	Classe: Média

Perfil das Participantes

1	J. S. – J(1)			
Idade	47 anos	Etnia	Mestiça	
Formação	Letras. Mestrado Lit. Contemporânea			
Religião	Testemunha de Jeová			
Trabalho	Professora de Português; 40 hs/sem.			
Estado Civil	Casada	Diarista ()	Empregada ()	Não tem ()
Filhos	Dois filhos do primeiro casamento			

2	J. C J(2)			
Idade	46 anos	Etnia	Mestiça	
Formação	Museologia			
Religião	Católica reza, mas não vai à igreja com frequência.			
Trabalho	Professora de História/Geografia; 40 hs/sem.			
Estado Civil	Casada	Diarista ()	Empregada ()	Não tem ()
Filhos	Dois filhos			

APÊNDICE F

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL 2 – Encontro Único

Seriado	<i>Malu Mulher (1979/1980)</i>	Episódio	<i>“Acabou-se o que era doce”</i>
Local	Residência de Jaciara		
Data/Hora	31/05/2010	Início: 19:00h	Término: 21:00h
Participantes: 2	Faixa Etária: 45-55	Gênero: Mulheres	Classe: Média

J(1) – *Teve uma coisa que eu registrei aqui, quando ela falou assim... hora de esperar marido né... antigamente [risos], na minha época, a gente fazia tudo em casa e se programava pr'a estar esperando eles chegarem, cheirosinha, arrumadinha, porque é a esposinha né? [falou em tom irônico], bem tranqüila aguardando o marido. O que eu pude perceber também foi essa coisa da submissão que me foi ensinada, a gente é educada pr'a casar e pr'a ficar casada a vida inteira e de repente se ver numa situação de tamanha infelicidade e você é obrigada a ficar casada por que a sociedade não aceitava, os pais também não... e... assim, uma série de conflitos tomava conta da gente.*

J(2) – *Agora Jaci, você casou muito cedo não foi?*

J(1) – *Casei, eu casei com treze anos.*

J(2) – *Treze anos? Meu Deus... Então essa minha noção de casamento foi bem diferente da sua viu? Eu não tinha esse negócio de estar arrumadinha não. Até hoje eu não tenho esse negócio de estar arrumadinha não... eu continuo fazendo o que estou fazendo, não paro pr'a nada.*

J(1) – *Isso porque hoje nós temos novos espelhos, nos resignificamos.*

J(2) – *Eu já casei formada... outra cabeça.*

J(1) – *A minha mãe ficou casada quarenta e cinco anos... e eu só saí de casa por que eu tinha um pai muito violento, fugi de casa várias vezes, até quando resolvi casar e casamos mesmo... justamente por causa da nossa educação da época... casei como se fosse uma válvula de escape, eu queria sair daquela pressão dos meus pais. Aí eu tinha um marido que era “bonzinho” e quando bebia ia tudo por água abaixo. E eu sempre fui boa esposa e boa mãe e sempre foi um parceirão, mas quando eu me dei conta de que ele não era a pessoa que iria trazer segurança pr'a minha vida... eu tinha deixado de estudar por que fiquei grávida, depois*

engravidei pela segunda vez, na primeira gravidez eu tinha dezessete, na segunda eu tinha vinte.

J(2) – *E já tinha essa preocupação com a segurança.*

J(1) – *Me preocupava com isso sim... e aí foi quando eu decidi voltar a estudar, Ramon [é o segundo filho] estava com um ano e alguns meses, eu levava ele na escola e ia pr'a escola também.*

J(2) – *E ele estudava também? Seu marido?*

J(1) – *Não ele não, ele ficava sempre me ameaçando, principalmente quando ele bebia, ele dizia vai ficar com a casa ou a escola? E eu dizia: posso ficar com os dois, eu dizia bem assim, tapeando, brincando, mas fui atrás dos meus sonhos, mesmo porque eu já estava tão tolhida dos meus desejos, eu sonhava em ser delegada, em entrar na universidade, tudo isso.*

Cristiane – *E você se formou em que?*

J(1) – *aí eu tirei o segundo grau... e não deu pr'a fazer muita coisa, eu tinha que estudar bastante por que eu gostaria de estudar na universidade pública, era o meu grande sonho. Aí naquela época eu não podia, também por que não tinha tantas universidades particulares.*

J(2) – *Também não tinha como pagar não é?*

J(1) – *É, e eu também não tinha condições. Aí pronto, foi quando ele ficou doente e eu fiquei viúva, e logo depois da morte dele, três meses depois da morte dele, eu decidi, já estava morando lá em Salvador...*

J(2) – *E esse casamento durou quantos anos?*

J(1) – *Durou 25 anos, mas eu há tempos observava que meu casamento não ia durar muito tempo... ia me separar, mas aí nesse espaço... ele ficou doente e morreu e eu voltei aos meus estudos logo no terceiro mês depois. Fiz cinco vestibulares, passei nos cinco e dois foram na universidade pública, o primeiro resultado que saiu foi da Uneb, eu voltei pr'a cá [Pojuca], e fui estudar. Depois de alguns meses um amigo ligou e disse e aí está fazendo Direito? E eu disse não, tô fazendo Letras na Uneb, ele disse: não você passou também em Direito na UEFS. Eu não sabia e fiquei muito chateada porque também era uma coisa que eu queria muito... mas eu estou na área de educação e gosto muito. Mas assim... não foi uma coisa muito fácil, assim... essa questão de ser viúva, era uma mulher sozinha, fui muito assediada, os meus vizinhos, amigos também é... amigos nossos, meu e dele*

começavam com um discurso de... você precisa ser tratada como rainha, você não precisa trabalhar tanto... porque eu tive que ir pr'a rua trabalhar né? E uma coisa que me chamou a atenção, que eu não tinha na época, engraçado né... a questão da submissão, até os meu quatorze anos de casamento, eu ainda era aquela mulher que estava dentro de casa, mas mesmo assim eu vivia gritando com algumas coisa que eu não concordava, do tipo... por exemplo, ele beber e chegar em casa querendo fazer sexo de madrugada, então eu comecei ameaçar ele, até eu começar a dizer não e a sustentar o meu não e a não permitir mais que ele tocasse em meu corpo quando ele chegasse daquele jeito. Me chamou a atenção no filme essa questão de... vou me separar... isso já permeava os meus pensamentos e a minha mãe e o meu pai diziam não, não pode, mulher tem que estar casada, a sociedade não vê muito bem... realmente me senti numa selva de pedra lutando pela sobrevivência, né... quando fiquei sozinha lutando pela sobrevivência.

Cristiane – E você encontrava outras mulheres que também tinha o mesmo desejo seu, de separar por que também não vivia bem no casamento?

J(1) – Bem pouco...

J(2) – Existia, mas elas não tinham coragem de fazer.

J(1) – Inclusive as pessoas me achavam louca, muito pr'a frente, por conta de estar defendendo essa minha vontade de sustentar minha identidade, meus desejos...

J(2) – As pessoas são diferentes... eu conheço um casal em que ela fica idealizando umas coisas assim..., querendo fazer viagens, passear e ele só pensa em trabalhar, receber dinheiro...

J(1) – Agora eles foram educados pr'a isso, os homens foram educados pr'a isso, olha a cultura...! para manter a sua casa, sustentar a sua fêmea, proteger [com tom irônico], mas ele podia ir pr'a rua, chegar tarde, ele poderia o momento que ele quisesse. Você vê que no filme ele [se referindo a Pedro Henrique, marido de Malu] fala que é biológico, eu faço, eu posso, a gente ouve muito isso... Eu dizia você quer que eu saia, que eu chegue em casa de madrugada? Por que também passava isso em minha cabeça. E a gente acaba até... com a carência tão grande, idealizando tal príncipe, porque a agente foi educada pr'a ter esse príncipe e esse príncipe não é príncipe, é sapo.

J(2) – *Eles são educados pr'a ter uma esposa empregada, porque normalmente é assim.*

J(1) – *Imagine você... imagine esse impasse, quando você desconstrói essa cultura, esse comportamento... você sofre.*

J(2) – *Olha que eu tenho um filho homem já rapaz e ele é extremamente machista, e lá em casa é assim, eu sempre trabalhei, Ângelo sempre trabalhou, Ângelo não mexe no meu dinheiro, eu não dependo de Ângelo pr'a nada, absolutamente nada e meu filho é extremamente machista.*

J(1) – *Mas na hora de educar os dois você dá a mesma permissão que dá pr'a um dá pr'o outro também?*

J(2) – *Pr'a menina?*

J(1) – *Sim, pr'a menina, porque às vezes indiretamente a gente acaba...*

J(2) – *Sim, mas eu esperava que meu filho tivesse uma visão... assim de ... respeitar melhor as mulheres que fossem independentes, que as mulheres que saíssem de casa... para trabalhar... sabe? Não, ele não dá muito valor não, na cabeça dele as mulheres tem que ser aquelas... certinhas, obedientes, submissas.*

J(1) – *Agora uma coisa que me chama a atenção, mesmo pensando assim, do jeito que eu estava pensando naquela época e assim, meus filhos depois vendo que eu fui pr'a rua, trabalhar, batalhar, ser o homem e a mulher da casa, matar o meu lado feminino, deixar aflorar o meu lado macho, no momento em que eu ia trocar uma lâmpada, trocar um gás, buscar o sustento da casa, é... eu pude perceber que os meus filhos também não absorveram isso, por que eles querem a mulher... aquela... em casa, cuidando do marido, submissa... todos os dois [ela tem dois filhos].*

J(2) – *É porque as informações lá fora são mais fortes, são mais consistentes do que em casa, a televisão diz, os filmes dizem, o amigo diz e até a namorada diz... e o que nós dizemos se torna pouquinho diante dessas diferenças. Agora lá em casa sempre fui eu que troquei lâmpada, lá em casa eu resolvo tudo.*

J(1) – *Agora... pr'a casar de novo, outra coisa que eu fiz né? Casei com um homem negro, vinte anos mais novo que eu, isso foi um titi, todo mundo me olhava de um jeito e eu dei muitas respostas ousadas.*

J(2) – *Agora, como no episódio, a situação pode estar difícil pros dois, os dois estarem descontente, mas é sempre a mulher que toma a iniciativa de conversar... e da separação também.*

J(1) – *Da separação só não, ela tomando iniciativa o tempo inteiro pr'a resgatar o casamento... mas voltando para o filme... ela [se referindo a Malu] foi educada também para esse casamento pr'a vida toda... mas no momento em que ela estava só com a filha, ela disse... ah filha é duro, tem que reagir...*

Cristiane – *Mulher não tem que ser frágil [acrescentei].*

J(1) – *È, mulher não tem que ser frágil, porque há esse discurso de uma fragilidade que é inexistente... não existe, na verdade nós somos a cumeeira.*

Cristiane – *Na verdade é um discurso construído sobre nós mulheres.*

J(1) – *Isso... construído, só pr'a dominar, pr'a tirar proveito, o que está nas entrelinhas é justamente isso, pr'a se tirar proveito da situação, ela é frágil, eu que mando, eu que posso sair, eu que posso beber, ter outras mulheres... Aqui em casa a gene conversa muito sobre isso, se você me trair eu te traio também...*

J(2) – *Pr'a mim... essa história de traição assim... eu acho o fim, o fim ... porque a gente é tão companheira, tão amiga, é melhor chegar... olhe não dá mais.*

J(1) – *Ah ainda tem esse discurso... que com a mulher da rua pode fazer tudo e com a esposa... é a moça de família, tem que resguardar.*

J(2) – *Se eu descobrisse uma traição eu me separaria... agora lá em casa, meus filhos, nem um dos dois se oporia... olhe minha mãe não tá dando não? Vá cuidar de sua vida. Eu acho que hoje os filhos aceitam mais essa questão de separar...*

J(1) – *No caso ali... [se referindo ao seriado] não houve um consenso ele estava no discurso dele de provedor da casa e ela estava no discurso dela de discutir a relação... e ambos achavam que estavam com a razão.*

Cristiane – *Mas acho que o caminho é discutir a relação, ou não vai dar certo.*

J(1) – *Claro, é óbvio... Ah outra coisa que eu queria falar... é a questão da liberdade, eu não tinha mais o meu pai pr'a ficar dando satisfação da minha vida, das minhas ações, das minhas idas e vindas e não tinha mais marido, aí eu disse o Senhor é o meu limite... Mas acho que a ausência do pai influencia na construção de identidade dos filhos, eu precisei da ajuda dos tios.*

Cristiane – *Mas vocês perceberam que a carga de cuidar dos filhos sempre fica pr'a mãe?*

J(1) – *Isso eu também vivi muito... a mãe é que ser a heroína.*

J(2) – *E até quando eles dizem que vão cuidar, no primeiro problema devolvem...*

J(1) – *Eles não conseguem... Uma outra coisa também... é que ninguém estava preocupado em que o outro estivesse feliz, os próprios pais dela, a mãe dele, a preocupação era com a questão material, o que é que vai dividir, o que vai ficar pr'a você... e uma coisa que a gente observa é que o homem acabava ficando sem nada, hoje em dia é que é diferente, mas antes a mulher ficava com a casa, mas também com todos os filhos.*

J(2) – *Hoje é diferente, vende, divide... ou às vezes até mora na mesma casa, dependendo da separação...*

J(1) – *E assim, mesmo nesta idade, com relação a preconceito, tudo, pela idade... já tenho oito anos com meu atual marido e estou com ele porque está valendo a pena, ele sabe, a gente sempre conversa sobre isso, enquanto tiver valendo a pena, enquanto houver respeito, cumplicidade, amizade, a gente fica junto. No momento que qualquer uma dessas coisas quebrar... numa boa, eu consigo sobreviver tranqüila.*

....

Cristiane – *E em relação a mulher sair, trabalhar fora, porque hoje em dia você vê muitos casais em que as mulheres não estão mais querendo sair pr'a trabalhar, elas estão querendo ficar em casa mesmo, cuidando dos filhos...*

J(1) – *Ou então engravidar e viver sendo sustentada...*

J(2) – *Ângelo geralmente fala que eu trabalho demais, mas assim... ele queria que eu desse mais atenção a ele, só que ele também sai demais, ele viaja muito, vai ver a família dele, tem muitos amigos... mas ele sempre quer que eu tenha um tempo pr'a ele, e como eu sou muito caseira, quando não estou no trabalho estou em casa e quem resolve tudo em casa sou eu... o que ele me cobra é essa atenção com ele, mas com os filhos está tudo bem, isso ele não cobra, por ele até que podia dar menos atenção. Quando eu falo que vou largar um trabalho, ele diz que não... fique com os seus trabalhos. Lá em casa é tudo dividido certinho, a parte financeira... A parte do trabalho doméstico tem empregada, mas é tudo por minha*

conta... Ah hoje estou inaugurando uma nova fase em minha vida porque eu mandei a moça que trabalhava em minha casa ir embora, hoje foi o último dia dela, aí estou inaugurando agora uma nova fase, também pr'a fazer as coisas dentro de casa...

J(1) – Que escravidão amiga...

J(2) – Vou voltar a isso...

Cristiane – Isso não vai te atrapalhar não? Por que você trabalha muito e ele também trabalha, então a mesma obrigação que você teria dentro de casa e com os filhos, ele também teria que ter.

J(2) – Teoricamente...

J(1) – Vocês estão ouvindo ele lavando os pratos aí? [falando do marido, que estava na cozinha]. Todas as noites a gente faz a mesma coisa, acabamos de construir uma casa e não podemos pagar a ninguém pr'a ficar em casa, e no momento nós dois estamos tomando conta das coisas da casa, ele cozinha, lava os pratos, eu lavo as roupas... às vezes não faço nada, chego tão cansada que ele me deixa sentada e ele faz tudo.

J(2) – Agora tem outro lado..., o trabalho de Ângelo é muito estressante...

J(1) – Sabe o que é isso? Discurso de mulher submissa.

J(2) – Ou de mulher que seja mais forte... não sei... eu sou muito forte.

J(1) – Não é não...

Cristiane – Eu não quero esse discurso pr'a mim.

J(1) – Eu também não vi?

J(2) – Não é isso... eu quero ver uma nova fase... minha filha precisa ter um pouco de responsabilidade... ela não tem nenhuma.

J(1) – Você vai se sobrecarregar.

Cristiane – Você quer que eu te diga uma coisa? Vai sobrar pr'a você.

J(2) – Tem dezenove anos essa convivência com essas pessoas que trabalham em minha casa, preciso dar uma mudada.

J(1) – Tomara que você não fique muito tempo, porque você vai envelhecer rápido...

J(2) – Não, mas eu tenho um segundo plano.

J(1) – Ah sim... vamos ver... Pronto!

APÊNDICE G

RESPOSTAS ENVIADAS POR E-MAIL

Seriado	Malu Mulher (1979/1980)	Episódio:	“Ainda não é hora”		
Tema	Aborto				
Objetivo	Observar os personagens, descrever como elas agiram e o que você achou de suas atitudes, ações e decisões diante das situações				
Grupo	2	Faixa Etária	45-55	Participante	J(2)

O tema central é o aborto, mas traz também, outros conflitos que perduram em diversas gerações:

A mulher é a única responsável pela decisão do aborto, os homens em muitos casos só sabem depois da intervenção e dependendo da situação financeira da mulher ele é quem arca com as despesas, e em muitos casos é motivo de rompimento da relação, no filme Jorge manteve o relacionamento, mas em momento algum verbalizou sua opinião, Jô argumentou que um filho traria mudanças de planos nos estudos e financeira, o pai se colocou (apresentou sua decepção, insistia em ver a filha como uma criança, e com relação ao aborto, falou de sua religiosidade) Malu colocou sua opinião, até a filha de Malu se colocou positivamente sobre a gravidez, mas Jorge não argumentou com relação a nada, é deprimente, acho que o filme acertou em cheio sobre a posição da maioria dos homens;

A clandestinidade do aborto (essa prática milenar e que existe na maioria dos lugares).

Todos (poder público (sanitário, médico e policial), famílias, entidades religiosas, etc.) sabem dessa prática desde medicamentos vendidos livremente nas farmácias, chás de raízes e folhas (ambos sem conhecimento científico das seqüelas) até clínicas (para pessoas de maior poder aquisitivo e menor) médicos formados (que por algum motivo optou pela clandestinidade até pessoas auto de data). E as conseqüências são as mais variadas possíveis, morte de paciente por infecção, problemas na anestesia, resguardo e medicamentos não indicados, e a imposição do silêncio de ambas as partes, pois é crime para quem realizou e quem praticou o aborto, qualquer coisa errada não se pode reclamar.

A gravidez indesejada (Malu diz para Jô com relação a esquecer de tomar o anticoncepcional que “só se esquece o que não é importante” essa fala reflete a falta de “educação” das mulheres (em todos os tempos inclusive hoje) com relação a sua sexualidade, o planejamento seja familiar ou mesmo de projeto de vida não é uma prática consciente entre as pessoas (o filme se refere a controle de natalidade como se fosse o mesmo que planejamento familiar, e para a representação de uma socióloga, faltou conceituar corretamente). Malu disse também que a gravidez de Jô poderia ser uma opção e agora ela estava arrependida (questões de imaturidade e de fantasias como acontece hoje, eu conheci umas adolescentes que achavam lindo as meninas grávidas e que em casa isso era um passaporte para a liberdade, já que comprovadamente elas não eram mais virgens (muitos indicadores de vida sexual das adolescentes são negligenciados pelos pais, que preferem a ilusão delas serem virgens, situação que atualmente as meninas não se preocupam em esconder) e então poderiam sair e voltar à hora que quisesse, dormir fora, etc, uma deturpação total de situações, visto que tomar conta de criança requer responsabilidade e tempo, noites perdidas etc.;

A proteção com relação aos homens (como se eles sempre tivessem mais problemas que as mulheres, então elas guardam e resolvem sozinhas) Jô não contou da gravidez para Jorge, pois ele tinha muitos problemas na família inclusive por causa dela que era de uma classe social inferior e os pais dele não concordavam com o namoro, então ela não podia compartilhar o “problema” com ele, ainda hoje as mulheres fazem isso inclusive eu, poupo o máximo o meu marido, não escondo os problemas, mas na medida do possível resolvo tudo só;

A questão de qual à hora e qual o estado civil “certo” da mulher perder a virgindade e começar a ter uma vida sexual (visto que é aceitável adolescentes com 12, 14 anos, contanto que casem) ao homem é imposto que a relação deve ser o mais cedo possível (e ai fica um problema com quem ele vai se relacionar? Com prostitutas? Visto que as meninas não podem) No filme Jô começou com 16 anos, até os 18 conseguiu evitar a gravidez usando anticoncepcionais e hoje passamos por outro problema além de qual a idade, da gravidez indesejável, das doenças sexualmente transmissíveis, que é o sexo pelo sexo, ou o sexo como afirmação em um grupo, ou como resposta a tantos apelos da mídia, o que acontece é sexo entre adolescente sem amor, sem tesão, sem compromisso, sem nada, uma banalização do corpo e dos sentidos;

A questão religiosa visto que a igreja católica condena o aborto e o uso de anticoncepcionais (o médico é contra o aborto, mas receita os anticoncepcionais o que Malu questiona e não obtém resposta). Outra observação é que o filme apresenta apenas os personagens mais velhos (o médico e o pai) religiosos como se a novas gerações não tivessem referências religiosas.

Concordo com o aborto quando estritamente necessário, porém tenho receio de quando legalizado ser banalizado, principalmente nos países com problemas educacionais, porém acredito que se houver maior boa vontade dos meios de comunicação e escolas na divulgação evitar a gravidez é o ideal.

Seriado	Malu Mulher (1979/1980)	Episódio:	“Ainda não é hora”		
Tema	Aborto				
Objetivo	Observar os personagens, descrever como elas agiram e o que você achou de suas atitudes, ações e decisões diante das situações				
Grupo	2	Faixa Etária	45-55	Participante	J(1)

Apesar de toda pressão a personagem Jô exerce sua autonomia decidindo sobre sua vida reprodutiva e uma série de fatores a envolve simplesmente por ser mulher. Tomar ou não essa decisão esbarra em um Código Penal que tipifica essa decisão como crime contra a vida.

E é na clandestinidade sujeita a todos os riscos inclusive a sua morte que se vê obrigada a ir para uma clínica sem respaldo legal, sujeita a várias consequências.

Em respeito ao seu corpo toma a decisão que lhe é própria, e em meio às tensões enfrentar tudo de cabeça erguida se mostrando mulher, que não se deixou influenciar pela opinião dos outros, inclusive do médico, a decisão era só dela.

É bom lembrar a classe social de Jô, pois a gravidez iria empurrar ela para mais baixo ainda, sem nenhuma condição de vida digna.

O médico de Malu em acordo com suas referências religiosas só se preocupa com o feto e não com Jô; o médico que fez a cirurgia do aborto não se preocupa com ninguém, nem o feto nem a mãe.

Do ponto de vista racional sou a favor, pois Jô pertence a uma classe social baixa e provavelmente a situação com uma criança iria piorar, ocasionando sua morte social, então ficam duas questões: como a vida da mãe vai ficar? E como será a vida da criança que já veio ao mundo de forma indesejada?

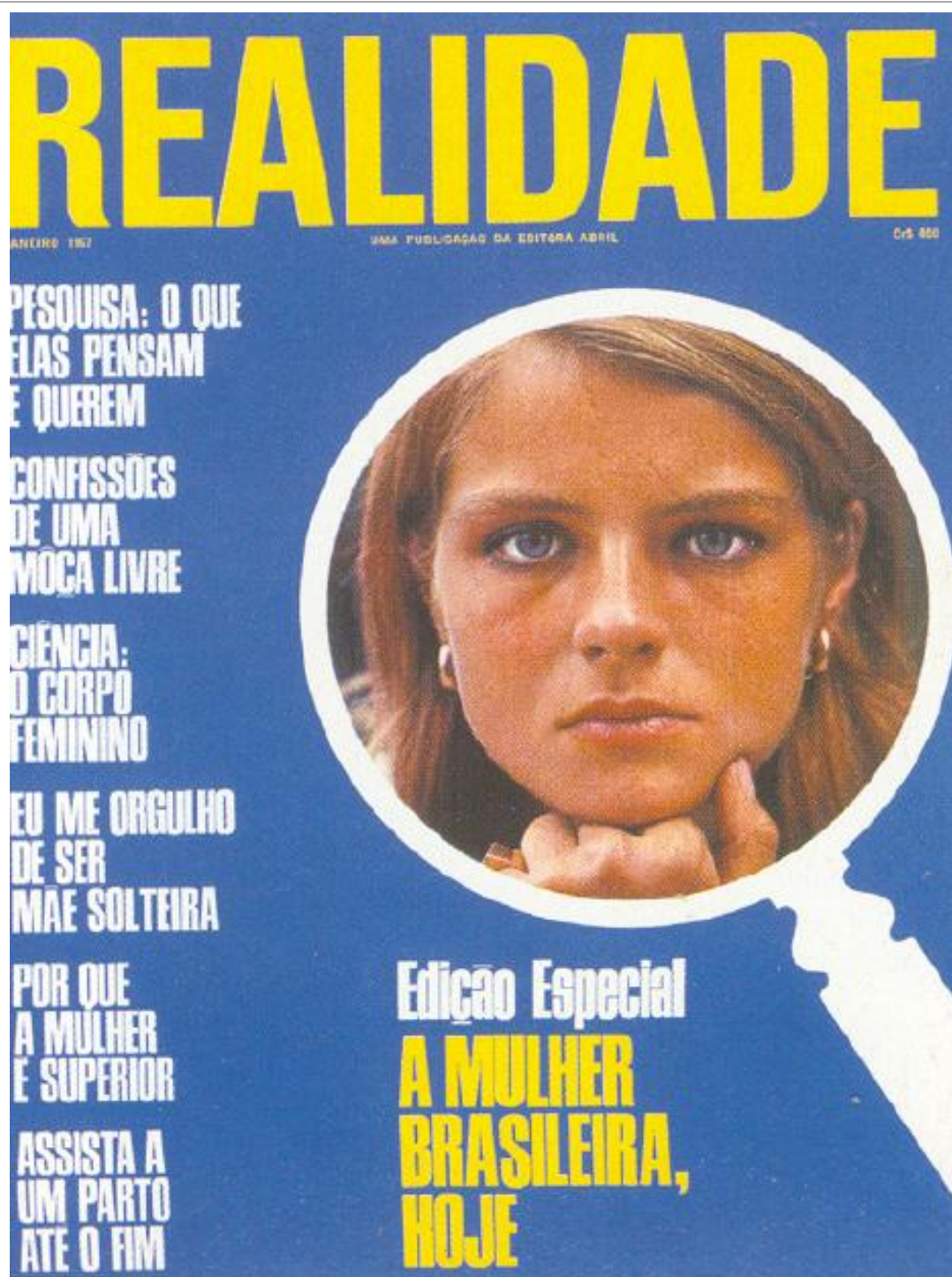
ANEXOS

ANEXO A	REVISTA REALIDADE, N° 10, JANEIRO 1967 – A EDIÇÃO PROIBIDA	231
ANEXO B	A QUESTÃO DA MULHER NAS DÉCADAS DE 70-80 DO SÉC. XX	234
ANEXO C	JORNAL “BRASIL MULHER”	236
ANEXO D	AS CAPAS DE REVISTAS A PARTIR DOS ANOS 90 DO SÉC. XX... ..	238
ANEXO E	NO SÉCULO XXI... ..	239

ANEXO A

REVISTA REALIDADE, Nº 10, JANEIRO 1967 – A EDIÇÃO PROIBIDA

O perfil da mulher brasileira



Caindo na real: a revista estava a frente do seu tempo. Até demais para os juizes da época, quando mostrou a foto de um parto

(continuação)

A edição proibida

Uma das edições mais polêmicas da revista *Realidade* foi a de janeiro de 1967 sobre "A Mulher Brasileira, Hoje". Esta edição foi proibida de circular por ordem do Juizado de Menores. Na edição, compuseram: uma pesquisa para saber com pensava a mulher brasileira, a descrição do corpo feminino, um ensaio fotográfico sobre o amor materno, freiras, uma parteira, uma mãe-de-santo, uma entrevista com a atriz brasileira Ítala Nandi (considerada a Ingrid Thulin nacional), três mulheres desquitadas, uma mãe solteira e uma alta executiva.

O Juizado de Menores de São Paulo foi o primeiro a se manifestar contra, atendendo ao pedido do curador Luiz Santana Pinto, logo que a revista chegou às bancas. Dizia o requerimento, de 30 de dezembro, acolhido pelo Juiz de Menores de São Paulo: Sr. Artur de Oliveira Costa:

"O curador de Menores infra-assinado, cientificado dos termos de determinadas "reportagens" da publicação *Realidade*, nº 10, janeiro de 1967, hoje posta à venda nas bancas de jornais e revistas da Capital, reportagens essas, algumas delas obscenas e profundamente ofensivas à dignidade e à honra da mulher, pela presente e com base no artigo 53 da atual Lei da Imprensa, requer: I.: a imediata e sumária apreensão dessa publicação, onde seja encontrada à venda nessa Comarca; II.: a remessa do exemplar anexo à Comissão de Revistas e Publicações, cuja manifestação se pede".

No dia seguinte, Alberto Cavalcanti de Gusmão, Juiz de Menores da Guanabara, o mesmo que censurou a pesquisa sobre a juventude, toma medida idêntica.

Cerca de metade dos exemplares foram apreendidos, aproximadamente 231.600, nunca deixaram a gráfica, que foi cercada pela polícia. O motivo? Uma foto de uma mulher dando a luz - na posição natural de todas as mulheres neste momento - pernas abertas, ângulo frontal. Carlos Azevedo conta que "na verdade a revista incomodava no conjunto. Eles apreenderam essa revista porque tinha um contexto, a revista tinha um nascimento, uma foto de parto, em que dava pra ver a criança nascer. O juiz considerou isso obsceno, contra a imagem da mulher brasileira. Mas isso foi um pretexto, um gancho, porque o que incomodava era o conjunto, aquele universo de idéias que representavam uma nova face do país. Questionavam a questão do divórcio, a questão do casamento, da virgindade, etc. O que eles apreenderam ali não foi por causa daquela foto, eles tentaram apreender a idéia, o conceito que a gente tinha da sociedade e as propostas que estávamos fazendo de transformação. Estávamos falando com as mulheres e com os homens sobre esta questão de soberania, da discriminação, da diferença, do sexismo todo. Isso que eles não suportavam. Ao longo destes 40 anos, como as mulheres caminharam! A gente fica feliz de ver que contribuímos de alguma maneira. De uma maneira ou de outra isso ia aparecer, a sociedade ia se questionar. Mas a revista *Realidade* desempenhou um pouco este papel."

(continuação)

Os leitores

Na edição seguinte de fevereiro a revista publicou editorial na edição seguinte, defendendo a liberdade de imprensa. A seção de leitores veio repleta com manifestações contra e a favor da edição da apreendida. O leitor Luis Andrés, de São Paulo, ameaçou "sr. diretor: quem semeia a prostituição e o adultério no seio das famílias honestas e no coração das mocinhas puras, terá de receber resposta à altura". A paulistana Clementina Soares Mintorino acusa a Realidade de estar "vendendo pornografia, mas isso vai acabar! Palmas para os srs. Juízes de Menores que saíram em defesa da Moral brasileira".

De fato, algumas pessoas não gostaram da revista liberalzinha demais que propunha temas como o orgulho de ser mãe solteira, sexo antes do casamento e histórias de mulheres depois do desquite (o divórcio ainda era proibido). Porém, muitos leitores entenderam a proposta crítica do grupo da Abril e não economizaram elogios a iniciativa revolucionária. Nicola Labate de São José dos Campos mandou uma carta ao diretor da redação, "escrevo-lhe cheio de profunda tristeza pela apreensão da edição de janeiro. Meus filhos lêem comigo Realidade. Autorizo a publicação e peço a deus que esclareça às autoridades respeito das diferenças entre obscenidade, sociologia e educação sexual", Hernani Furtado, de São Paulo, diz que "com satisfação, li num jornal que o número 10 da realidade foi lido num colégio de freiras com consentimento da Madre Superiora".

Sobre a foto que motivou a censura, Henrique Fernandes S. Cruz "se o Juizado de Menores considera a mulher, o corpo da mulher e o parto como coisas obscenas então não há qualificativo para defini-lo, pois homens que consideram obscena a maneira como vieram ao mundo obscena não devem sentir respeito por nenhuma mulher. Sou casado e tenho quatro filhos e jamais deixei de levar a Realidade para o meu próprio lar. Inclusive a edição de janeiro."

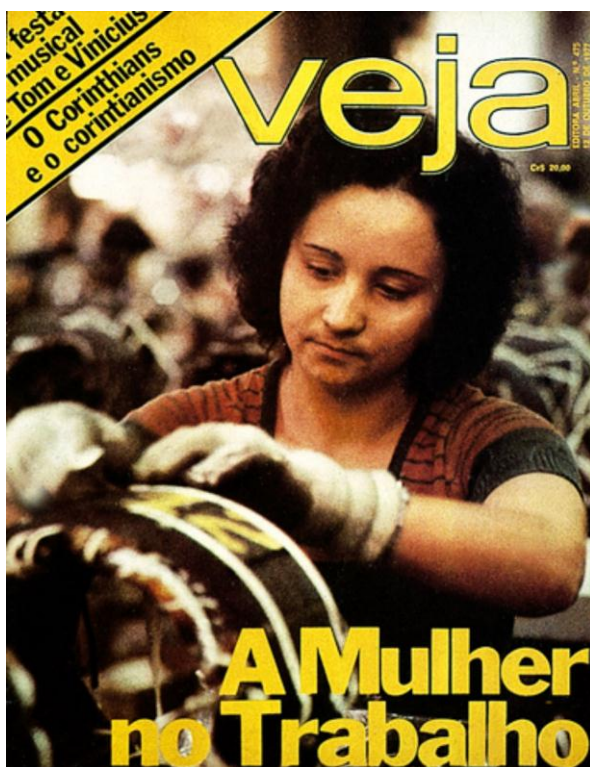
A liberação da edição só veio dois anos depois, em outubro de 1968, quando o Supremo Tribunal Federal deu seu parecer a favor do ministro Aliomar Baleeiro, que discordou da decisão do juiz paulista. O AI-5, que repreenderia ainda mais a imprensa, só seria decretado dali há dois meses.

A apreensão da edição número 10 causou muito prejuízo para a Editora Abril, mas Carlos Azevedo relembra a aventura como uma "revolta ambígua" que trazia em si uma vitória também, pois ao incomodar a Delegacia de Costumes, escandalizava e chamava atenção para a mensagem, "como foi apreendida ninguém vai esquecer, né?". De fato, não foi esquecida.

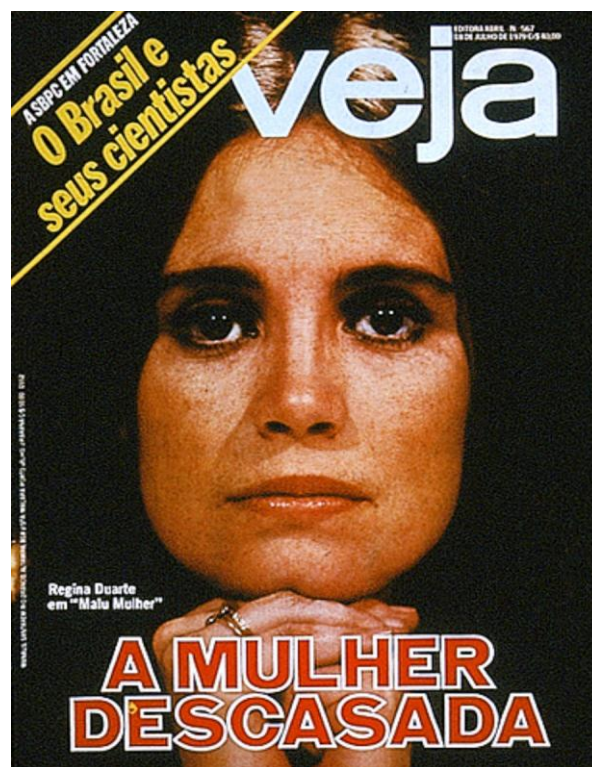
http://www.jorwiki.usp.br/linmat07/index.php/O_perfil_da_mulher_brasileira

ANEXO B

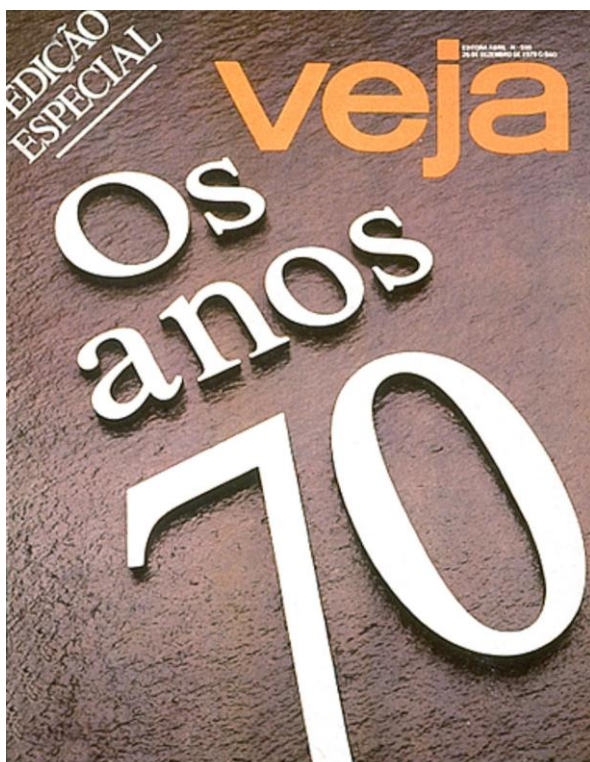
A QUESTÃO DA MULHER NAS DÉCADAS DE 70-80 DOSÉC. XX



Ed. 475, 12 out. 1977



Ed. 567, 18, jul. 1979



Ed. 590, 26 dez. 1979



Ed. 629, 24 set. 1980

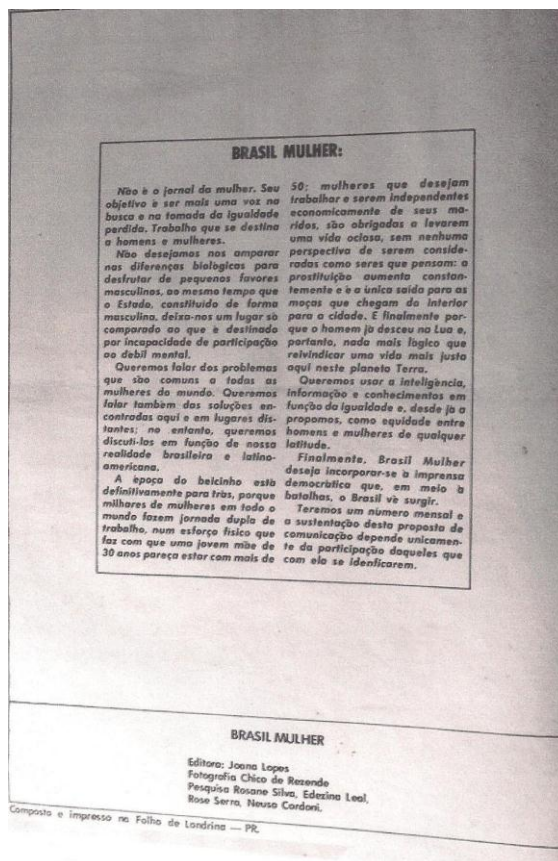
ANEXO B – A QUESTÃO DA MULHER NAS DÉCADAS DE 70-80 DO SEC. XX

(continuação)



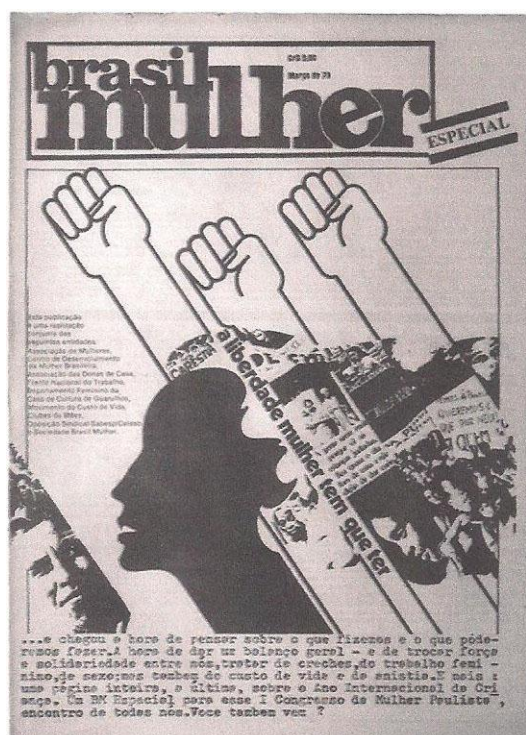
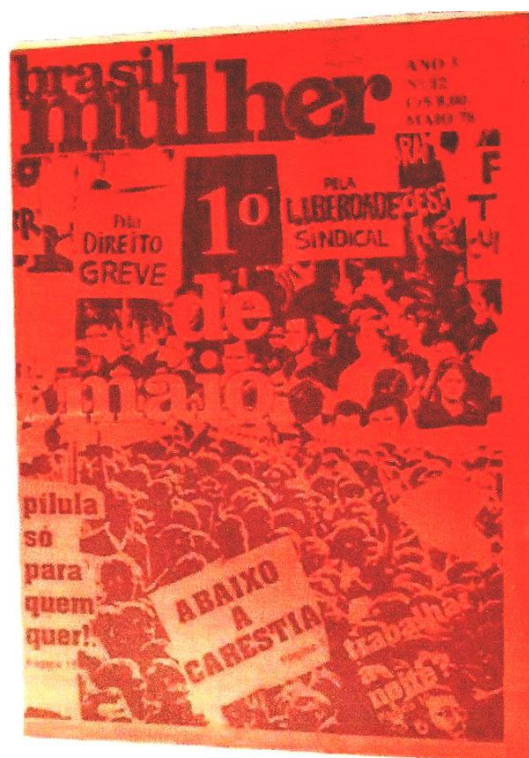
ANEXO C

JORNAL "BRASIL MULHER"



ANEXO C – JORNAL “BRASIL MULHER”

(continuação)



Aqui são exibidas algumas edições do jornal “Brasil Mulher” nos quais se pode perceber alguns temas da agenda feminista das décadas de 70 e 80

ANEXO D

AS CAPAS DE REVISTAS A PARTIR DOS ANOS 90 DO SEC. XX...

...parecem sugerir que as mulheres venceram e conseguiram tudo o que almejavam



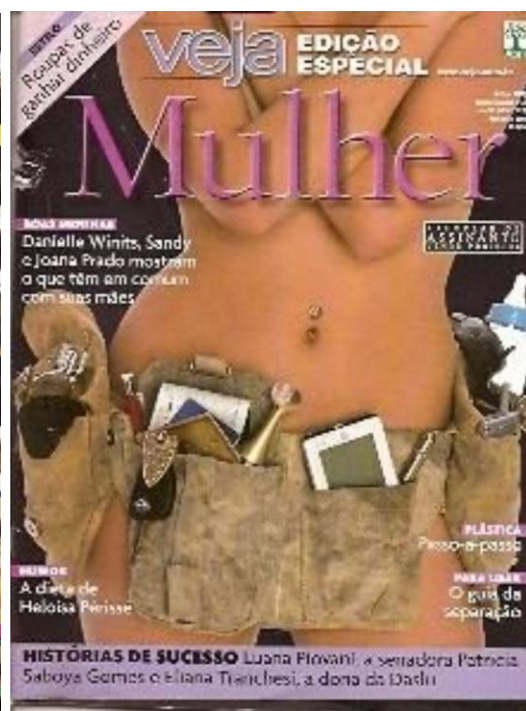
Ed. 1513, 17 jul. 1997



Ed. 1535 25 fev. 1998



Ed. 1674, 8 nov. 2000



Ed. Especial, ago. 2003

ANEXO E

NO SÉCULO XXI...



Ed. 250, 3 mar. 2003



Ed. 1984, 29 nov. 2006

...porém, tanta independência diminui as chances de elas se casarem e as reportagens sugerem que a independência pode ter sido a causa da solidão